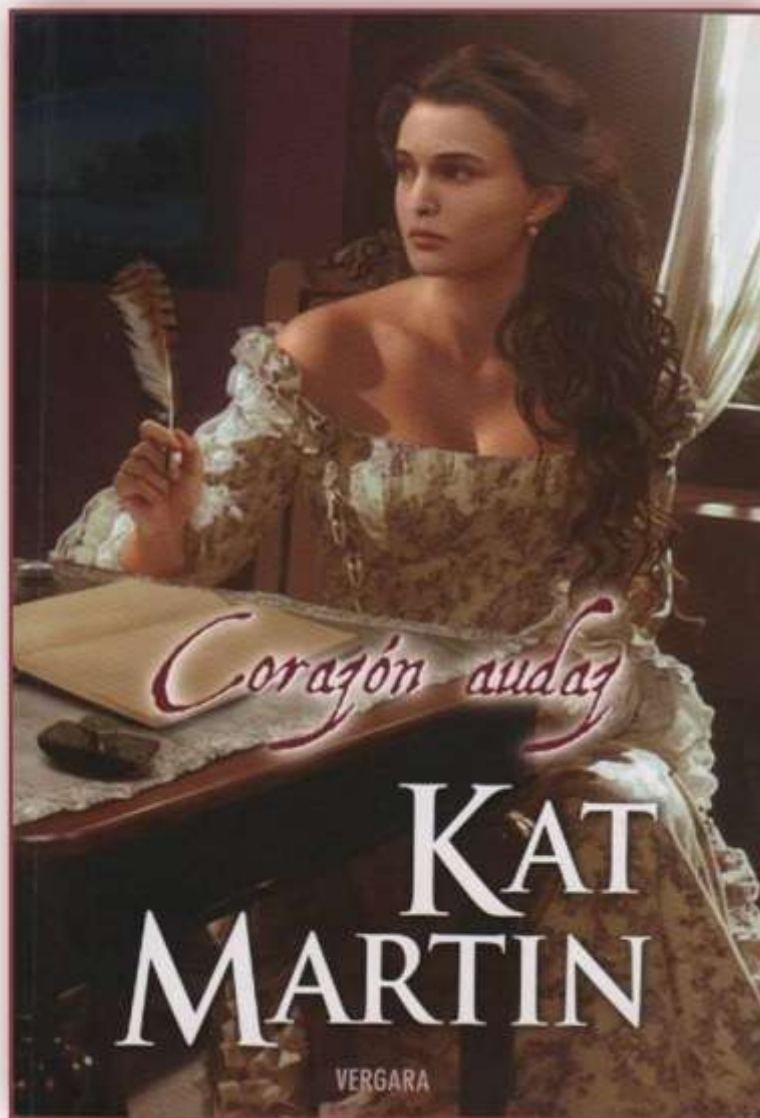


GRH

Kat Martin

Coração Audaz



Trilogia Coração 3

Tradução/Pesquisa: GRH
Revisão Inicial: Maria Emilia
Revisão Final: Ana Júlia
Leitura Final: Ana Mayara
Formatação: Ana Paula G.





Resumo

Sob o impertinente apelido de atrevida e teimosa, **Lindsey Graham** lidera uma cruzada em favor da mudança entre a elite londrina, escrevendo a gazeta feminina *De Coração para Coração*. Mas o maior desafio de Lindsey começa quando seu irmão Rudy, um célebre libertino, é acusado de uma série de assassinatos de prostitutas. Sua crença na inocência de Rudy se vê reforçada com a chegada de umas cartas anônimas nas quais se acusa ao visconde Merrick de ser o assassino.

Lindsey inicia sua própria investigação, entrando nos duvidosos interesses dos cavalheiros, numa arriscada aventura que lhe traz um guarda-costas: **Thor Draugr**. No começo, Lindsey resiste à proteção do cunhado de seu empregado. Eles são como água e azeite, mas mal consegue ocultar a atração que sente pelo rude eslavo. Mas uma tentativa de acabar com sua vida revela não só até onde alguém está disposto a chegar para impedir que interfira nos sórdidos assuntos do visconde, mas também já não pode negar que deseja ter o guerreiro ao seu lado...



SOBRE A AUTORA:

Kathleen Kelly Martin: Pseudônimos: Kathy Lawrence, Kasey Mares e **Kat Martin**. É autora de numerosas novelas românticas de êxito, que foram traduzidas em uma dúzia de idiomas e venderam mais de três milhões de exemplares em todo mundo. Vive entre Missoula, Montana e Bakersfield, Califórnia, e ama a história, as viagens e o esqui.

Kathleen Kelly, descendente de pioneiros, nasceu em 14 de julho de 1947 no Vale Central do estado da Califórnia (Estados Unidos). Kathleen passou sua infância em um rancho, imersa no mundo rural e boiadeiro. Sempre foi uma ávida leitora e apaixonada pela história. Licenciou-se em Antropologia e História pela Universidade da Califórnia em Santa Bárbara.

Viveu na Costa Leste durante vários anos, e ali trabalhou como relações públicas e agente imobiliário. Foi ali onde conheceu seu marido Larry Jay Martin, também escritor além de fotógrafo. Ambos retornaram para Bakersfield, Califórnia.

Em 1980 Kathleen finalmente passou para o papel as narrativas que sempre tinham povoado sua imaginação, escolhendo o romance, já que sempre adorou os finais felizes. Demorou um ano e meio para finalizar sua primeira novela (A aventureira), depois outros seis meses para conseguir que uma editoria se interessasse por ela e uma vez vendido teve que esperar outro ano para vê-la finalmente publicada. Desde então vem publicando novelas históricas com grande êxito.

Casada com Martin se mudou para Missoula, estado de Montana. Ambos se centraram em suas carreiras de escritores, dedicando-se a viajar procurando locações para suas novelas, gostando em especial de visitar pousadas afastadas e antigas. Membros da Romance Writers of America, seus livros foram traduzidos com um notável êxito em muitos idiomas.

A maior parte de seus livros foi escrito sob um diminutivo de seu nome e seu sobrenome de casada: Kat Martin. Também usou o pseudônimo de Kathy Lawrence, em um livro no qual teve a colaboração de seu marido. E finalmente usou como sugestão de seu editor, o pseudônimo de Kasey Mares, para suas duas primeiras novelas contemporâneas.

Comentário da Revisora Inicial Maria Emilia:

Está é minha primeira revisão de um vitoriano. Mas eu tive sorte: o herói descendente de vikings é alto moreno e TDB, a mocinha não é uma coitada, sabe o que quer e vai atrás (apesar de uma pequena bobeadas, mas também se não acontecesse algo cadê o romance?) e fora isso ainda tem o mistério dos assassinatos que eles investigam. Livro leve, quente na medida, sem ser hot. Resumindo: gostei.

Comentário da Revisora Final Ana Julia:

Livrinho bom, gira em torno de uma investigação particular que a mocinha e o mocinho fazem em busca de um assassino de mulheres para libertar o irmão da mocinha, e no meio disso o amor que cresce entre eles.

Comentário da Revisora Final Ana Mayara:

Sobre o livro, eu gostei da história. O meu problema é que, por ser um pouquinho grande, lá pelo meio já estava meio cansada. Mas o final fica bem mais interessante, principalmente em relação à investigação do assassinato.

CAPITULO 01

Londres, Inglaterra, setembro de 1844.

“O ASSASSINO DE CONVENT GARDEN ATACA DE NOVO

Cresce o temor entre os londrinos.”

Thor leu o artigo na primeira página do London Times sobre os detalhes do segundo e brutal assassinato ocorrido nos últimos seis meses no distrito de Covent Garden.

Ao contrário de seu irmão mais velho, Leif, Thor não gostava de ler. Acreditava que o jornal só servia para embalar pescado, mas admitia que era importante saber o que ocorria ao seu redor, então se esforçava em entender aquelas palavras inglesas, um idioma que tinha começado a aprender dois anos atrás. Antes disso, tinha vivido em uma ilha no norte, em um mundo isolado, cuja existência só era conhecida por um punhado de pessoas.

Com a ajuda de seu mentor, o professor Paxton Hart, tinha aprendido a ler e a escrever, assim como vestir-se e mover-se na sociedade inglesa. Leif e sua esposa também o tinham ajudado, e agora era tudo mais fácil. Mas apesar disso, Thor gostava de estar ao ar livre, e não de ficar em casa lendo.

-Então foi você quem roubou o meu jornal! -Uma voz feminina e indignada reclamou sua atenção - Eu estive o procurando por toda parte. -Com as mãos na cintura,

Lindsey Graham cruzou o escritório como uma ave de rapina mergulhando sobre sua presa.

Sustentando a prova de sua culpa em uma mão enorme, Thor permanecia de pé na porta da parte de trás de Coração para Coração, a revista para damas da qual eram proprietários a mulher de seu irmão, Krista Hart Draugr, e seu pai - e mentor de Thor-, sir Paxton Hart. Era quinta-feira, o dia anterior à saída semanal do jornal, e os escritórios ferviam de atividade.

-Não, eu não o roubei – ele disse ao anjo vingador que avançava ameaçadoramente para ele - Eu o peguei emprestado. Queria me informar sobre o assassinato.

Ela o fulminou com o olhar, com uns olhos de cor amarelada como os da gata que era.

-Houve um segundo assassinato?

Ele assentiu com a cabeça, levantando o jornal para que ela pudesse ler o título.

-Em Covent Garden. Como da vez anterior.

Lindsey pegou o jornal e leu o artigo. Era mais alta que a média das mulheres, mas muito mais baixa que o metro e noventa dele. Era magra, com o cabelo dourado escuro. Tinha os traços finos e delicados. Uma mulher bonita, mas não era seu tipo.

Como seu irmão, ele gostava das mulheres voluptuosas, com muito busto e quadris amplos, dessas que pareciam ter nascido para satisfazer um homem. Leif tinha encontrado em Krista sua alma gêmea. Thor ainda estava procurando a dele.

-Mataram outra mulher - Lindsey disse com seu olhar âmbar cravado na página -a estrangularam, como aconteceu da última vez. A polícia acredita que o mesmo homem a assassinou.

Lindsey era a editora da seção de sociedade do jornal, e também escrevia a crônica de sociedade chamada «O batimento do coração ». Era uma trabalhadora nata, Thor sabia, uma qualidade que admirava dado que trabalhava tão duro como ele. Quando não estava no cais, controlando os estivadores que carregavam os navios da companhia de seu irmão, Valhalla Shipping, Thor trabalhava na *De Coração para Coração*. Estava economizando para comprar uma propriedade no campo, longe do ar asfixiante de Londres.

-Isto traz algo novo - continuou Lindsey, que seguia com seu altivo nariz enterrado nas linhas impressas - diz que as mulheres assassinadas eram «damas da noite».

-Prostitutas - disse Thor com franqueza.

Lindsey corou.

-Mas isso não é um motivo para que alguém as mate.

-Eu não disse isso.

Ela suspirou.

-Eu tenho pena das pessoas que vivem naquele bairro. Dois assassinatos nos últimos seis meses. Devem estar aterrorizados. Espero que a polícia capture logo o assassino.

-O jornal diz que encontraram algumas pistas. Acreditam que logo terão um suspeito. Possivelmente o peguem desta vez.

-Eu me pergunto o que terão descoberto.

Thor não respondeu, já que nenhum dos dois sabia a resposta. Absorta no jornal, Lindsey caminhou para sua mesa, sentou-se e continuou lendo. No meio da sala, a enorme imprensa Stanhope permanecia em silêncio, embora logo estivesse funcionando para imprimir a próxima edição.

Thor gostava de observar como funcionava a imprensa. A verdade era que havia se sentido fascinado pela pesada máquina desde sua chegada a Inglaterra, e por outras máquinas como as que convertiam o algodão em tecido, ou as que davam forma e tamanho ao vidro. Havia inclusive máquinas de vapor chamadas locomotivas que podiam levar as pessoas a lugares longínquos em questão de horas em vez de dias.

Na remota ilha de Draugr onde Leif e ele tinham nascido e crescido não havia nada semelhante. As pessoas viviam em Draugr tal como se fazia a centenas de anos. Eram guerreiros e agricultores, não eram pessoas civilizadas como os londrinos.

Dirigindo um sorriso de modelo para Bessie Briggs, uma mulher de meia idade que o tratava como a um filho, Thor retornou para sua tarefa na parte de trás da loja, de empilhar as caixas e pacotes de jornais antigos em um lado e dar lugar para a edição do dia seguinte.

Só uns minutos mais tarde soou a campainha da porta principal. Um homem magro, com nariz aquilino e cabelo escuro, entrou no escritório. Vestia uma jaqueta escura de boa qualidade, calças da cor de café claro e uma dessas estúpidas cartolas que levavam os cavalheiros londrinos e que Thor se negava completamente em usar.

Voltando a centrar-se no trabalho, Thor se esqueceu do homem até que ouviu umas vozes iradas. Agradecendo para si mesmo não ser desta vez o alvo da fúria de Lindsey, olhou em direção ao escritório através da porta aberta e viu o homem de pé ao lado da mesa de Lindsey. Observando o ar duro da mandíbula do homem, o olhar ameaçador em seus olhos, Thor ficou alerta.

Lindsey pôs as mãos na cintura.

-Não penso em me retratar, goste ou não. Se você não tivesse enganado a sua esposa, eu não teria sabido e não teria escrito nada na minha coluna!

-Cadela! Minha esposa quer o divórcio. Sou o conde de Fulcroft, um Whitfield, e os Whitfield não se divorciam! Escreverá imediatamente uma retratação ou me encarregarei pessoalmente de arruinar sua reputação!

-E como, posso saber, pensa em fazê-lo?

Um sorriso cruel curvou os lábios do conde.

-Fuçarei em seu passado até encontrar algo que escandalize as pessoas que leem sua coluna. Vai haver algo, sempre o há que possa destruir a uma jovem inocente como você. E não pararei até encontrá-lo! Veremos então se vai se retratar ou não!

Thor já tinha ouvido suficiente. Ao ver que Lindsey ficou um pouco pálida, encaminhou-se para Fulcroft, agarrou-o pelas lapelas daquela cara jaqueta e o ergueu no ar.

-Já chega de ameaçar à dama. Vai se desculpar por havê-la insultado e depois partirá daqui.

-Me abaixe imediatamente!

Ignorando o olhar aturdido de Lindsey, Thor o sacudiu como o rato que era.

-Eu disse que se desculpe. Já.

O conde continuava suspenso no ar, com os pés oscilando e os brilhantes sapatos de couro a vários centímetros do chão.

-Está bem, está bem. Lamento havê-la chamado de cadela. Agora me abaixe!

Thor deixou o homem sobre seus pés e o conde se dirigiu cambaleando para a porta. Dirigiu a Lindsey um olhar fulminante.

-Apesar de seu bulldog, pense em minhas palavras. Espero ler uma retratação na próxima edição.

-Pois pode esperar sentado! - Lindsey gritou enquanto ele se virava e saía a toda pressa do escritório.

Thor se sentia contente consigo mesmo quando ela se virou para ele.

-Nem pense em voltar a fazê-lo!

-Do que você está falando?

-Não se meta em meus assuntos. Posso me ocupar sozinha de meus problemas.

Não necessito de sua ajuda.

Thor apertou os lábios.

-Talvez tivesse preferido que esse homem tivesse continuado a te insultar? Você gosta que a chamem de cadela?

Lindsey arregalou os olhos. Logo torceu a boca.

-Não, eu não gosto. Mas poderia ter cuidado dele sozinha.

-Estupendo. Da próxima vez que um homem a insulte, irei me fazer de surdo. Isso parece bom para a dama?

Os olhos femininos sustentaram seu olhar um instante.

-Parece-me bom. Eu não necessito da ajuda de ninguém muito menos da sua.

Thor negou com a cabeça.

-É teimosa como uma égua.

-Teimosa como uma mula – ela o corrigiu.

-Muito bem. Teimosa como uma mula.

Lindsey o fulminou com o olhar uma última vez, deu a volta e partiu.

Mulher condenada, ele pensou, tentando não fixar-se nos quadris que se balançavam sob as saias, perguntando-se se sua cintura seria na verdade tão estreita que poderia rodeá-la com as mãos. Era magra como um junco. Não podia entender por que atraía sua atenção.

Mesmo assim, tinha que admitir que tinha um rosto bonito e a pele suave e branca como o creme batido. Seu cabelo, da cor de madeira escura, brilhava sob os raios de sol

que entravam pela janela. O corpo de Thor se endureceu. Apertando os dentes para controlar o golpe de luxúria que ela despertava nele, dirigiu-se para a parte de trás e continuou com seu trabalho.

Ele não se sentia atraído por Lindsey Graham. Era justo o tipo de mulher que menos atraente lhe parecia. Mas enquanto via como se movia pelo escritório daquela maneira tão provocadora, Thor encontrou a si mesmo observando-a uma vez mais.

Lindsey terminou de revisar as notas que tinha feito para a coluna dessa semana. Podia ouvir o ruído que Thor fazia nos fundos enquanto empilhava os pacotes, preparando o lugar para a edição que estaria nas ruas na manhã seguinte.

Lindsey sabia que Krista desejava que esse artigo em particular se tornasse público. Sua amiga levava a cabo uma dura campanha contra as casas de acolhida de bebês, uma horrível prática nas quais se levavam os meninos ilegítimos para viver em um lugar onde geralmente encontravam a morte, desfazendo-se dessa maneira de problemas indesejados.

Coralee Whitmore Forsythe, amiga comum de ambas, tinha descoberto essa terrível prática enquanto procurava o homem que tinha assassinado sua irmã. Enquanto Corrie se ausentava com tal propósito, Lindsey tinha assumido a responsabilidade de escrever a crônica de sociedade da gazeta. Embora Corrie estivesse nesse momento de lua de mel com seu marido, o conde de Tremaine, assim que retornasse a Inglaterra, tanto ela como Gray acrescentariam sua parte à campanha de Krista.

Lindsey deu uma olhada à porta que conduzia aos fundos. Podia ver Thor trabalhando, seu corpo robusto se esticava e inclinava enquanto carregava os pacotes de jornais como se não pesassem nada. Era um trabalho para um peão, mas Thor parecia gostar do trabalho físico.

Não estava obcecado aprendendo como seu irmão Leif.

Leif, que tinha chegado uns anos antes a Inglaterra e abriu um caminho por si mesmo.

Não sabia muito sobre ele, só que provinha de alguma ilha diminuta ao norte das Orcades. Falava bem inglês, com apenas um ligeiro sotaque muito parecido com o norueguês. Sabia ler e escrever, embora não dominasse tão bem a escrita como falava e Krista e seu pai lhe tinham ensinado noções básicas para poder mover-se na sociedade.

E mesmo assim, a maior parte do tempo aquele homem parecia um bárbaro. Não tinha interesse pelas artes, nem pelo teatro, nem pela ópera, nem desejo de ir às noitadas, bailes e festas que tanto Lindsey gostava. Como editora e colunista de *Coração para Coração*, era necessário que se relacionasse com a elite social. Por ser filha de um barão, Lindsey se desenrolava nesse campo com perfeição.

Gostava de seu trabalho e da independência que lhe proporcionava. É obvio que seus pais se horrorizaram a princípio de que sua filha de vinte e dois anos estivesse trabalhando, mas tinham falado disso e Lindsey tinha insistido em que precisava fazer algo. Finalmente, como quase sempre, tinha conseguido o que queria.

Uma vez mais, seus pais tinham viajado para o Continente, deixando Lindsey em casa sob o cuidado da irmã mais velha de sua mãe, Delilah Markham, condessa de Ashford. Lindsey gostava de sua tia, uma mulher extremamente progressista que, aos quarenta e seis anos, tinha vivido uma vida excitante e tinha intenção de seguir fazendo-o nos anos vindouros.

O que queria dizer, basicamente, que Lindsey estava à vontade.

Nesses dias de começo de setembro, fazia calor no escritório. Lindsey se abanou com o jornal que estava lendo, depois voltou a dirigir o olhar para o fundo do edifício, onde Thor se inclinava para pegar outro monte de jornais. Ele sempre se vestia com simplicidade, jamais usava colete, gravata ou lenço.

Lindsey aumentou os olhos quando viu que o homem tirou a jaqueta e desabotoou os botões da camisa até o umbigo. Podia ver seu enorme peito, um largo V de pele morena que cobria os grossos músculos, inclusive podia ver os músculos de seu ventre plano. O trabalho era pesado e o suor escorria pelo cabelo escuro e a nuca, grudando a camisa a esse corpo incrível. Tinha os braços musculosos, e quando se virou, pôde observar os músculos que cobriam aquelas costas largas.

Lindsey sentiu um tombo no estômago. A única coisa interessante que tinha aquele enorme bruto era um corpo que parecia ter sido tirado do deus escandinavo que lhe dava seu nome e um olhar azul que, quando a observava, a fazia querer desaparecer.

Não era justo que um homem tão bonito por fora não tivesse uma vida interessante por dentro.

Simplesmente não era justo.

Mesmo assim, Lindsey não podia fazer outra coisa que cravar os olhos nele, incapaz de afastar o olhar fascinada até que ele se virou e a pegou olhando-o.

Ele elevou a cabeça escura e aqueles incríveis olhos azuis pareceram furá-la.

-Eu não estou vestido decentemente - ele disse - uma dama não deveria olhar.

Ela ergueu o queixo.

-E um cavalheiro não deveria despir-se em público!

Com o pulso acelerado, fez girar a cadeira lentamente, pegou a pena de seu porta plumas prateado e a molhou no tinteiro antes de começar a escrever, deixando uma mancha púrpura sobre o papel quando tentou riscar o primeiro parágrafo da coluna que estava escrevendo.

Thor resmungou baixo e voltou para sua tarefa.

-Vai tudo bem?

Lindsey elevou a cabeça e se ruborizou com ar culpado ao ver sua patroa e melhor amiga, Krista Hart Draugr, aproximando-se de sua mesa. Ia dizer que tudo ia estupidamente até que Thor decidiu despojar-se da metade da roupa, mas se conteve quando se deu conta de que Krista se referia à discussão que tinha mantido antes com o conde de Fulcroft, e não a sua troca de palavras com Thor.

-Bessie me contou o que aconteceu com o conde - Krista continuou - Lamento não ter estado aqui.

Era uma mulher alta, mais alta que a maioria dos homens, exceto claro, seu marido e Thor. Com seus enormes olhos verdes e seu cabelo dourado, era uma mulher bonita. E tinha encontrado o homem perfeito para ela ao conhecer Leif. Tinham um filho de nove meses que ambos adoravam, e já que os dois irmãos pareciam muito viris, era provável que logo houvesse mais algum membro na família.

Lindsey olhou para Krista e sorriu.

-Estou bem. Fulcroft só estava desabafando.

-Seja o que for com o que a tenha ameaçado, nós a apoiaremos. Não tem por que escrever uma retratação se não quiser.

Lindsey pensou na ameaça de Fulcroft de devassar seu passado até encontrar algo com o qual pudesse arruiná-la. Podia fazê-lo, se o propunha. Lindsey sempre tinha sido uma mulher independente e bastante imprudente. Não era necessário investigar muito para descobrir sua pequena indiscrição com o jovem visconde Stanfield. Mesmo assim, duvidava que lorde Fulcroft levasse adiante sua ameaça e de todo jeito não estava disposta a se deixar chantagear.

-Como já disse, só tentava me assustar. Depois da não muito sutil advertência de Thor, duvido que me cause mais problemas.

Krista olhou para os fundos, e viu a camisa empapada em suor de Thor e a abertura que revelava seu peito musculoso.

-Espero que não se sinta ofendida. Meu marido e meu cunhado são homens difíceis de controlar.

-Isso é um rodeio.

-Se quiser fecho à porta, mas ali dentro faz um calor horrível.

-Não seja tola. Já vi antes o peito de um homem.

Krista lhe dirigiu um olhar que dizia «não como esse». O que, claro, era verdade.

Quando sua amiga retornou a seu escritório, Lindsey fixou o olhar na folha de papel que tinha diante de si e tentou bloquear a imagem da suave pele dourada e dos músculos ondulantes, mas fracassou miseravelmente.

Eram perto das três da madrugada quando Lindsey desceu da carruagem com ajuda de um laçao e esperou enquanto sua tia Delilah descia atrás dela, antes que ambas alcançassem o interior da mansão que seus pais possuíam em Mayfair.

Assim que entraram no vestíbulo de mármore, Lindsey entregou a capa para o mordomo, um homem magro de cabelo prateado que trabalhava a mais de vinte anos com a família.

-Obrigado, Benders – ela disse.

Dirigiu-lhe um sorriso e logo pegou a capa de sua tia.

-Necessita de algo mais, milady?

-É tudo por esta noite - disse tia Dee.

O mordomo partiu arrastando os pés e Lindsey se dirigiu a saleta rosa para comentar com sua tia os fatos acontecidos nessa noite, um ritual que tia Dee e ela compartilhavam sempre que esta estava na cidade.

Lindsey estava exausta, e se deixou cair no sofá de veludo rosa, desejando poder ir para a cama de uma vez.

-Querida, não posso lembrar quando foi à última vez que tive uma noite tão maravilhosa.

A condessa de Ashford, viúva do último conde de Ashford, passeou pela sala como se fossem seis da tarde e não várias horas depois da meia-noite. Como se não tivessem estado dançando até que os pés de Lindsey doeram e ela sentiu dores no pescoço. Como se não tivessem sorrido e conversado sobre banalidades até que Lindsey pensou que quebraria seu rosto.

Embora na maioria das vezes ela desfrutasse dos eventos sociais como o baile do marquês de Penrose, essa noite tinha desejado estar em outro lugar que não fosse aquele salão abarrotado, outro lugar onde o ar não estivesse impregnado com aquele aroma adocicado de betume.

Tia Dee se serviu de uma taça de xerez e ofereceu outra a Lindsey, que a recusou com a cabeça. Retornando junto a sua sobrinha, Delilah se sentou no outro extremo do sofá.

-O conde de Vardon esteve muito atento esta noite – ela tomou um gole de xerez - acredito que está interessado em você.

Sua tia era tão alta como ela, mas um pouco mais robusta, com uma figura exuberante. Com o cabelo negro e espesso, e os olhos cinza escuro, parecia ao menos dez anos mais jovem que a idade que tinha; a metade dos cavalheiros de Londres competia por reclamar sua atenção, mas só uns poucos privilegiados desfrutavam de sua companhia.

-Bom, eu não estou interessada em lorde Vardon - Lindsey disse. - E se formos continuar com isso, em nenhum outro homem. Ao menos por enquanto.

Delilah se recostou no sofá.

-Suponho que não deveria encorajar sua independência, mas na verdade, não posso estar mais de acordo contigo. Uma mulher deveria desfrutar de sua juventude enquanto possa. Há tempo de sobra para o matrimônio e os filhos.

Tia Dee era das que acreditavam que uma mulher tinha direito a desfrutar das mesmas liberdades que um homem. Era assombroso que os pais de Lindsey a considerassem uma companhia adequada para ela. Por outro lado, seus pais; os barões de Renhurst, sempre tinham estado mais preocupados com seus próprios assuntos do que pelos de sua filha.

-Eu gosto de minha vida - Lindsey disse - eu gosto de poder fazer o que quero sem que nenhum homem me dê ordens.

-Tal e como deve ser, querida. Uma mulher tem que ser um pouco mais cuidadosa e discreta, mas se for o suficientemente astuta, poderá encontrar numerosas maneiras de se divertir.

Lindsey suspeitava que sua tia tinha seguido seu próprio conselho em mais de uma ocasião. Lindsey a admirava, era necessário muita coragem para viver a vida tal e como ela queria. Lindsey voltou a pensar na noite que acabava de terminar e se recostou no sofá.

-Pergunto-me se Rudy já estará em casa.

Seu irmão tinha estado por um tempo no baile, mas tinha partido cedo com uns amigos.

-Duvido que tenha chegado. Seu irmão é reconhecido como uma coruja. O mais provável é que não o vejamos em casa até o meio-dia.

Lindsey se levantou.

-Isso é porque gosta de divertir-se – ela defendeu-o - Todos os jovens passam por essa etapa.

Embora Rudy fosse só um ano mais novo que Lindsey, era o caçula da família e herdeiro do título, por isso sempre tinha sido muito mimado.

-Seu irmão é muito imprudente. É um esbanjador que bebe muito e se relaciona com gente pouco recomendável. Seu pai deveria ter tomado conta do assunto faz anos. Agora é muito tarde.

-É jovem ainda - Lindsey argumentou - Com o tempo, irá amadurecer.

Pelo menos era isso que ela esperava. Tinham permitido ao Rudy descontrolar-se desde que era um menino. Tinha uma reputação terrível, e Lindsey não estava certa de que isso fosse mudar em um futuro próximo.

Tia Dee terminou o xerez.

-Bom, suponho que é hora de deitar-se.

Lindsey suspirou com alívio e se levantou do sofá.

-Acredito que tem razão. Boa noite, tia Dee, até manhã.

Com passo lento, abandonou a saleta e se dirigiu ao andar de cima. Quando chegou a seu quarto, pensou em Rudy e se perguntou se sua tia não teria razão em parte.

CAPITULO 02

Rudy chegou em casa às dez da manhã. Lindsey estava acabando de tomar o café da manhã quando ouviu um ruído na entrada. Esperando que fosse Rudy, aproximou-se para verificar quem tinha chegado.

Seu irmão lhe dirigiu um amplo sorriso enquanto se aproximava dela cambaleando. Tirou a cartola, mas ela caiu de seus dedos e rodou pelo chão de mármore.

-Bom dia, irmãzinha.

O mordomo, que esperava a uns metros, inclinou-se e recolheu o chapéu. Fingindo não perceber o estado embriagado de seu irmão, deixou a cartola em uma mesinha auxiliar.

Lindsey se dirigiu para seu irmão.

-Santo Deus, Rudy, está bêbado como um gambá!

Ele riu. Era um jovem alto e sardento com o cabelo castanho claro.

-Deu-se conta, né? -Tropeçou e caiu contra a parede. Tentou levantar-se, mas voltou a cair de novo.

-Benders, pode me ajudar a subir meu irmão a seu quarto?

-É obvio, senhorita.

O ancião se adiantou, mas Rudy se afastou cambaleando.

-Não necessito de ajuda. Só vou me limpar e trocar de roupa, depois voltarei a sair. Irei ficar com Tom Boggs e o resto dos caras no clube.

Lindsey se voltou para ele com as mãos na cintura.

-Você ficou louco? Não pode aparecer no White's desta maneira. Vai ser ridículo.

Rudy franziu o cenho.

- Estou tão mal?

-Pior. Mal fica em pé.

Seu irmão deu de ombros. Lindsey observou que tinha a sobrecasaca enrugada e manchada, e só Deus sabia com que, em alguns lugares.

-Possivelmente seja melhor que eu tire uma sesta. O quarto não para de girar.

-Sim, sem dúvida será melhor.

Lindsey se colocou ao seu lado para que passasse um braço pelos seus ombros. Esperou enquanto Benders o segurava pelo outro lado. Dirigiram-se a escadaria curva com os pés de Rudy tropeçando em cada degrau enquanto subiam para o segundo andar. Benders respirava com dificuldade quando o soltaram como um pesado fardo sobre uma enorme cama de colunas. No momento em que caiu contra o colchão, Rudy fechou os olhos e começou a roncar.

-O senhor parece ter se excedido um pouco esta noite.

-Sim, e não é a primeira vez.

-É um jovem animado, isso é tudo.

-Mesmo assim, deveria aprender a controlar esse «ânimo» antes que acabe metido em problemas.

Benders só assentiu com a cabeça. Cruzou o quarto para chamar o senhor Peach, o valet de Rudy, a quem correspondia à ingrata tarefa de despi-lo e colocá-lo na cama.

Lindsey suspirou enquanto saía do quarto. Menos mal que a tia Dee havia perdido o showzinho de seu irmão. Embora sua tia estivesse a favor da independência, não tolerava o mau comportamento, e comportar-se como um caipira bêbado era um exemplo disso.

Lindsey estava em seu escritório, trabalhando na coluna dessa semana, transcrevendo as notas sobre o baile de lorde Penrose. Estava a ponto de descrever a suntuosa decoração, os enormes vasos carregados de crisântemos, as colunas ornamentadas e os espelhos dourados que tinham sido colocados na sala para dotar o salão de baile de um esplendor similar ao de Versalles, quando Rudy irrompeu como um ciclone nos escritórios da Coração a Coração, com os olhos cor avelã muito abertos e o rosto um pouco cálido, fazendo ressaltar suas sardas.

-Lissy... Preciso falar contigo. -Era o nome que ele tinha lhe dado quando era muito novo para chamá-la de Lindsey, um apelido que agora raramente utilizava.

Ela levantou a cabeça e cravou os olhos em seu rosto.

-Meu Deus, o que houve? Parece que você está a ponto de desmaiar.

-Eu sou um homem, Lindsey, os homens não desmaiam. Mas... Há algo que preciso te falar em particular.

Havia algo em seus olhos que lhe lembrava o menino que tinha sido antigamente. Lindsey se levantou da cadeira e lhe indicou que subisse as escadas para a sala que o professor Hart utilizava como escritório. Rudy a seguiu ao interior da sala de teto alto e cheia de livros, e fechou a porta.

Contendo-se para não demonstrar sua preocupação, Lindsey se aproximou dele.

-O que é o que o perturbou tanto?

Rudy inspirou fundo, tentando sem dúvida tranquilizar-se um pouco.

-Esta manhã a polícia veio para me ver.

-O que?

- Um agente chamado Bertram veio ver-me. É ele quem cuida do caso do assassino de Covent Garden.

-Que demônios o agente Bertram queria com você?

Como se suas pernas já não o sustentassem, Rudy se deixou cair sobre uma das cadeiras de madeira em frente à antiga mesa de carvalho do professor, deixando Lindsey de pé ao seu lado.

-Queria me fazer algumas perguntas sobre o último assassinato. Na realidade, sobre os dois últimos assassinatos.

-Está me dizendo que a polícia acredita que você tem alguma informação sobre os assassinatos?

-Não só acreditam. Eles... Acreditam... Eles parecem pensar que eu poderia estar envolvido de algum jeito neles.

Aquelas palavras a deixaram gelada. Isso não tinha sentido.

-Como você estaria envolvido em um assassinato?

Rudy a olhou com o rosto cheio de pesar. Tinha gotas de suor na testa.

-Acredito que me consideram suspeito, Lindsey. Agiram como se acreditassem que eu poderia ser o homem que cometeu esses crimes.

Lindsey se deixou cair na outra cadeira de madeira, com o coração pulsando pesadamente.

-Por que... – ela umedeceu os lábios - Por que razão eles iriam acreditar que você está envolvido?

Rudy afastou o olhar, dirigindo-se à janela pela qual só se via um pedaço de céu nublado. O outono tinha chegado finalmente. A temperatura tinha descido e parecia como se fosse estourar uma tempestade.

-Eu a conhecia - ele disse - conhecia a mulher que mataram.

Lindsey franziu o cenho.

-Mas acreditava que a mulher era uma... «Dama da noite».

Ele pareceu ainda mais constrangido.

-Ela se considerava mais uma atriz. Nós... Eu a conheci uma noite em uma festa na casa de Tom Boggs.

Tom Boggs. Era o filho caçula de um conde, um menino mimado que sempre andava metido em problemas. Desde que seu irmão tinha começado a sair com Tom e seus amigos inúteis, não era o mesmo. Agora estava envolvido com uma prostituta. Estava começando a conhecer um lado de seu irmão que não sabia que existia.

Mas claro, supunha-se que uma jovem como ela não deveria conhecer tais coisas e que um jovem como ele não deveria andar com prostitutas.

-Estava... Você esteve com ela quando foi assassinada?

-Eu estive com ela... Humm... Um pouco antes que a matassem.

Lindsey não queria fazer a seguinte pergunta, pois temia a resposta. Seu irmão estava a um tempo comportando-se de maneira inapropriada. Tinha a preocupado que cedo ou tarde acabasse metido em problemas.

-Fale-me da outra mulher... A que assassinaram há uns seis meses. Você também a conhecia?

Ele concordou com a cabeça e baixou o olhar abatido.

-Estive com ela uma vez e acredito que foi mais ou menos quando a assassinaram.

-Oh, Rudy.

-O que vou fazer, irmãzinha?

«Na verdade, o que ia fazer?» Lindsey inspirou fundo para tranquilizar-se, repassando mentalmente tudo o que ele havia lhe dito, tentando decidir qual era a melhor maneira de agir.

-O primeiro que faremos é falar com o advogado de papai, o senhor Marvin. Saberá te aconselhar sobre o que deve dizer ou não à polícia.

-Eu não matei essas mulheres. Assim simplesmente lhes direi a verdade. Não vejo por que...

-Se você quisesse fazê-lo, não teria vindo aqui me pedir ajuda.

Ele afastou o olhar e limpou garganta.

-Eu admito que esteja um pouco preocupado. Não é como se todo dia a polícia viesse me ver.

-Mais uma razão pela qual não devemos correr riscos. Temos que marcar uma entrevista com o senhor Marvin. Vejamos o que ele tem a nos dizer.

Rudy concordou a contra gosto. Falaram uns minutos mais antes de voltar para baixo. Assim que seu irmão abandonou o escritório, Lindsey foi ver Krista.

-Se não estiver muito ocupada, eu gostaria de te pedir um conselho.

-Nunca estou muito ocupada para você. Entre.

Lindsey se sentou na cadeira ao lado da mesa de Krista e estendeu ordenadamente as saias a seu redor. Brevemente, informou sua amiga, o que seu irmão lhe tinha contado e de que a polícia o tinha interrogado como suspeito dos crimes de Covent Garden.

- Santo Deus.

-Exatamente o que eu disse. Eu ainda não consigo acreditar. Pode ser que meu irmão esteja passando por uma fase difícil, e que às vezes aja de maneira imprudente, mas não seria capaz de matar alguém.

-Algo que a polícia não demorará em descobrir.

-Eu espero – ela suspirou - Desconfio que, no momento, não podemos fazer muita coisa. Só podemos esperar, e ver se as autoridades apresentam uma acusação formal.

-O que é bastante improvável. Rudy é, afinal, o herdeiro de seu pai. O barão de Renhurst é um dos membros mais respeitados da câmara dos lordes.

-Tem razão, é claro. Não tenho por que me preocupar.

-Com certeza. Embora eu me alegre de que aconselhasse seu irmão a falar com o advogado de seu pai.

Lindsey pensou que era o melhor que tinha podido fazer. Disse a si mesma que tudo aquilo seria apenas um susto e esperava que fosse a verdade.

Na manhã seguinte, Lindsey retornou ao escritório. Tentou centrar-se no artigo que estava escrevendo, mas seus pensamentos se desviavam continuamente para seu irmão. No dia anterior, tinha falado com o senhor Marvin, que o tinha aconselhado a não falar com a polícia a menos que ele estivesse presente.

Por sorte, as autoridades não voltaram a se pôr em contato com ele.

-Mesmo assim, estou preocupada - Lindsey havia dito a Krista - Afinal, meu irmão conhecia as mulheres.

-As conhecer e as assassinar são duas coisas totalmente diferentes.

Lindsey suspirou.

-É claro que são.

Mas nesse mesmo dia, um pouco mais tarde, Rudy apareceu de novo no escritório. Lindsey não pôde reprimir um estremecimento de temor. Ele se afundou na cadeira junto à mesa de sua irmã.

-Eles vieram ver-me de novo.

-A polícia? Eu achei que não falaria com eles tal qual o senhor Marvin te aconselhou, não?

-Disseram que só tinham que me fazer um par de perguntas mais. Já que não tenho nada a ocultar, pensei que não importaria.

Lindsey apertou os dentes.

-O que eles queriam saber?

-Eles queriam... Humm... Queriam saber onde me encontrava nas noites nas quais foram cometidos os assassinatos.

Lindsey sentiu que se fez um nó em seu estômago. A polícia estava considerando seriamente Rudy como suspeito dos assassinatos.

-O que você disse?

-Contei que não me lembrava.

-Rudy!

-É a verdade, irmãzinha. Embebedei-me com Tom e os caras. Tudo o que lembro é que despertei na manhã seguinte com uma terrível dor de cabeça na parte de trás do Faisão Dourado.

- Faisão Dourado?

Seu irmão afastou o olhar acanhado.

-É um estabelecimento de jogo. Estou acostumado a ir ali com meus amigos.

-Me diga que esse lugar não fica perto de Covent Garden.

Seu irmão não respondeu, só baixou o olhar para seu colo.

-Rudy. Em que demônios você se meteu?

Ele levantou o olhar para ela.

-Em nada, irmãzinha. O único que tenho feito foi beber muito.

-E jogar?

Ele deu de ombros como se aquilo não tivesse importância.

-Perdi alguns guineis aqui e lá.

Mas por sua expressão de culpa Lindsey sabia que tinham sido mais que alguns guineis, e pensou na decepção que seu pai sentiria quando se inteirasse das atividades esbanjadoras de seu filho.

-O importante é que não sou um assassino. Mas... Simplesmente, não sei como vou prová-lo.

Tampouco Lindsey sabia. Apesar do quanto mimado e convencido que era seu irmão, ela gostava dele. Os dois pecavam por ser imprudentes e um pouco impulsivos. Mas, no mais profundo de seu coração, Lindsey sabia que Rudy era inocente daqueles brutais assassinatos.

E ela faria tudo o que estivesse em suas mãos para limpar seu nome.

Thor observou como o jovem Rudy Graham se afastava do escritório de Lindsey e abandonava o escritório. Embora não tenha sido sua intenção escutar a conversa, tinha ouvido o suficiente para saber que o moço se encontrava com problemas.

Sabia que essas coisas aconteciam. No começo de sua estadia em Londres, quando mal conhecia o idioma, ele mesmo tinha tido uma topada com a lei. Tinha estado brigando na rua com um par de vândalos, defendendo uma jovem a qual estes tinham estado acoassando.

No momento em que a polícia chegou, a mulher desapareceu. Thor foi incapaz de explicar o ocorrido, por isso o tinham metido na diligência de polícia com a escória local e levado para a delegacia de polícia. Leif tinha sido obrigado a pagar sua fiança. Thor tinha se informado mais tarde que aqueles agentes tinham sido recriminados por seus superiores pela maneira rude com a qual o tinham tratado.

Olhou para Lindsey, que continuava sentada com a cabeça inclinada e o olhar fixo na pena imóvel entre seus dedos finos. Aparentemente, a polícia tinha decidido que o jovem Rudy Graham tinha assassinado aquelas duas mulheres.

O rapaz estava com sérios problemas. Preparando-se mentalmente para a reação que sua oferta pudesse provocar, Thor caminhou para o escritório. Lindsey estava muito bonita nesse dia, com aquele simples vestido de musselina e o cabelo castanho afastado do rosto com fivelas de tartaruga. Perguntou-se por que sempre parecia perceber até o menor detalhe dela, e em seguida se amaldiçoou por tê-lo feito.

-Não se zangue – ele lhe disse - mas sem querer ouvi parte da conversa que teve com seu irmão.

Lindsey levantou a cabeça.

-Você esteve escutando às escondidas?

-Eu sempre tive bom ouvido.

Ela torceu os lábios, uns lábios carnudos e rosados.

-Desconfio que não seja sua culpa - ela disse - Deveríamos ter subido para o escritório, mas Rudy estava tão alterado... – ela negou com a cabeça - Estou preocupada com ele.

-Ele tem problemas com a polícia.

-Eles o consideram suspeito dos assassinatos de Covent Garden. Mas Rudy jamais faria mal a alguém. Ele não é desse tipo de homem.

-Não conheço muito seu irmão, mas se puder a ajudar em algo, só tem que me pedir.

Ela arqueou aquelas sobrancelhas douradas.

-Por que você quer me ajudar? Você sequer gosta de mim.

Isso não era totalmente verdade. Só era que ela sempre encontrava uma maneira de incomodá-lo.

-Você é amiga de Krista e de Coralee. Elas são minhas amigas, assim que a ajudarei.

Ela o olhou com esses grandes olhos de gato e pareceu que ficava sem respiração.

-Obrigado pela oferta, mas não necessito sua ajuda. Meu irmão é inocente. Com o tempo, a polícia encontrará o culpado desses crimes horríveis.

Thor assentiu com a cabeça, esperando que ela tivesse razão. Ela podia ser irritante, mas não queria que lhe fizessem mal, e se algo estava claro era o quanto se preocupava com seu irmão.

-Ele é um bom menino - ela disse - Embora ultimamente Rudy perdesse o rumo, acabará por encontrar o caminho correto.

-É bom que alguém se preocupe com ele.

Ela esboçou um sorriso.

-Obrigado.

A gratidão que mostravam em seus olhos o fez sentir um nó no peito. Thor teve o estranho desejo de estender a mão e tocá-la, para apagar as linhas de preocupação de sua testa. Era uma loucura. Como a dama havia dito com razão, ele nem sequer gostava dela.

Ao menos não gostava de mulheres que eram como ela, aquelas que trabalhavam em um escritório em lugar de ficar em casa ocupando-se de seu marido e de sua família, aquelas que pensavam que eram iguais aos homens. Leif tinha se casado com uma mulher assim, e embora Thor tivesse chegado a apreciar muito Krista, ainda a considerava muito independente, e muito franca na hora de expressar suas opiniões. Não era o tipo de mulher que ele queria como esposa.

De onde ele vinha, as mulheres trabalhavam tão duramente quanto os homens, mas sempre sabiam qual era seu lugar, sabiam que tinham sido postas na Terra para servir aos homens. Uma lição que Lindsey Graham nunca aprenderia.

A menos, claro, que algum homem estivesse o suficientemente louco para tentar ensinar-lhe.

Ignorou o interesse que sentia por ela, assim como ignorou a onda de luxúria que o atravessou diante a certeza de que Lindsey era o que ele necessitava. Ele zombou de si mesmo. Um simples beijo, e ela sairia correndo na direção contrária. A paixão seria tão estranha para ela como a ideia de que era o homem quem devia mandar na casa.

Negando com a cabeça, Thor deixou Lindsey refletindo sobre seus problemas e retornou para suas obrigações na parte de trás do escritório. Pelo resto da semana, Thor trabalharia para seu irmão no cais, descarregando os carregamentos recém chegados e voltando a carregar os navios que mais tarde partiriam rumo a outros portos das Ilhas Britânicas.

Pode ser que no dia seguinte a noite fosse visitar as damas de Red Door, um bordel que aparecia de vez em quando.

Através do escritório, olhou para Lindsey. Quando ela inclinou a cabeça sobre os papéis que tinha na mesa, seu cabelo de cor acobreada se moveu para um lado, expondo à suave e branca pele da nuca.

Thor sentiu uma tensão na virilha. Por razões que não podia compreender, cada vez que estava com ela, a garota o deixava ardendo de necessidade por uma mulher. De novo pensou no bordel, e disse a si mesmo que tinha chegado o momento de ter sexo.

Leif Draugr estava de pé sobre o atracadouro do cais observando como seu irmão descarregava e carregava os navios que acabavam de chegar ao porto. Uma forte rajada de ar açoitou o mastro do União Jack, e as gaivotas desceram sobre ele, gritando enquanto voltavam o voar sobre o agitado mar azul. Leif adorava a vista, adorava a sensação de realização que o embargava cada vez que contemplava sua crescente frota de navios. Desde sua chegada a Inglaterra, tinha fundado a Valhalla Shipping, uma empresa que tinha acabado por ser extremamente bem-sucedida, e embora seu irmão

se negasse a admiti-lo, Leif sabia que Thor tinha tido muito a ver com o êxito da companhia.

Observou como seu irmão ria com um par de homens enquanto se esforçavam na tarefa de subir uma rede carregada com utensílios domésticos que seriam levados para o norte, à costa escocesa.

Seu irmão era muito hábil em lidar com os homens. Tinha facilidade para ganhar sua confiança e admiração, o que fazia com que trabalhassem bem sob suas ordens, possivelmente porque ele mesmo frequentemente lhes dava uma mão, sem importar que ele fosse o chefe, nem quão duro ou sujo era o trabalho.

Embora Leif e ele acreditassem no trabalho árduo e amassem o mar, os dois irmãos eram tão diferentes como o eram na aparência. Leif era loiro e de pele clara, Thor era moreno e de cabelo escuro. Enquanto Leif fazia todo o possível para aprender as normas da sociedade britânica, Thor tinha aprendido pouco mais que o básico.

Sabia ler e escrever é claro, e falava o idioma inclusive com menos sotaque que Leif, mas se negava a vestir outra coisa que não fosse os objetos mais simples, jamais tinha ido a um baile, e ria diante a ideia do que ele chamava «andar pavoneando-se» sobre uma pista de dança.

Embora não pensasse retornar à ilha de Draugr onde tinham crescido, não gostava de viver na cidade, razão pela qual tinha dois trabalhos. Queria economizar o suficiente para poder comprar uma propriedade no campo. Leif tinha lhe assegurado que seus negócios na companhia lhe dariam, com o tempo, ganhos suficientes para conseguir as terras que queria, mas Thor queria ganhar o dinheiro ele mesmo. Parecia ter algo a provar, parecia procurar algo que não conseguia encontrar.

Leif acreditava que o que seu irmão procurava era o mesmo que o próprio Leif tinha encontrado junto a sua esposa e aquele filho que tanto adorava. Cada dia rezava aos deuses para que benzessem Thor da mesma maneira que tinham benzido a ele, e o

conduzissem a sua alma gêmea. Possivelmente, então, a inquietação que via em seu irmão desapareceria, e Thor poderia encontrar finalmente a satisfação que agora parecia o evitar.

Não havia dúvida, eram diferentes em muitos aspectos, mas no fundo eram iguais: homens com fortes crenças na lei e no dever, na honra e na coragem. Leif não duvidaria em confiar sua vida a seu irmão, e sabia que Thor faria o mesmo.

Olhou para o cais onde seu irmão permanecia de pé com as pernas separadas, com o cabelo escuro agitado pelo vento. O olhar de Thor se dirigiu para o atracadouro e, ao vê-lo, sorriu e saudou com a mão. Leif lhe devolveu a saudação.

Era só questão de tempo. A companheira de Thor acabaria por aparecer. Não tinha dúvida de que o futuro de seu irmão estava tão destinado como o seu próprio. Leif não acreditava que os deuses demorassem. Apesar disso, sentiu-se um pouco preocupado ao observar o olhar ofegante no rosto de seu irmão.

CAPITULO 03

Lindsey ignorou o zumbido das atividades do escritório e tentou concentrar-se em terminar as revisões de seu artigo. A gazeta seria imprensa nessa manhã e ainda restavam solucionar alguns pontos em aberto.

Levantou a vista quando soou a campainha da porta e viu entrar dois homens no escritório. A maquetista, Bessie Briggs, uma mulher gordinha de cabelo grisalho, aproximou-se para recebê-los.

-Posso ajudar?

O que era mais alto colocou a mão no bolso de sua jaqueta escura e tirou o que parecia ser algum tipo de credencial. Lindsey se deu conta de que eram policiais e sentiu um arrepio de inquietação nas costas.

-Sou o agente Bertram e este é o agente Archer. Nós gostaríamos de falar com uma de suas empregadas, a senhorita Lindsey Graham.

Bessie arregalou os olhos. Virou-se e apontou para Lindsey, que se esticou em sua cadeira.

-Essa é a senhorita Graham. Irei dizer-lhe que desejam falar com ela.

-Não é necessário.

Os dois homens se dirigiram para ela. O que se chamava Bertram, aquele que seu irmão tinha mencionado, era alto, com penetrantes olhos escuros e cabelo castanho. Archer era mais baixo e corpulento, tinha sobancelhas grossas e o rosto marcado pela varíola. Ela olhou para Thor, que se encontrava no fundo da sala, e tinha se aproximado um pouco ao observar que os dois homens se encaminhavam para seu escritório.

Como seu irmão Leif, parecia ser um homem protetor. Deveria lhe dizer para sair, que os policiais não eram seu problema, mas foi incapaz de fazê-lo. Ele apoiou os largos ombros contra a parede e a observou em silêncio, fazendo-lhe saber sem palavras que estava ali se por acaso o precisasse.

Era ridículo. Aquele homem não sabia nada sobre a lei britânica nem sobre o que fazer com dois policiais.

Lindsey voltou sua atenção aos homens que acabavam de parar diante de sua mesa com os chapéus nas mãos.

-Em que posso ajudá-los?

-Somos...

-Sim, os agentes Bertram e Archer.

-Correto - Bertram disse - Nós gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas, senhorita Graham. Possivelmente poderíamos falar em algum lugar mais privado.

Lindsey não queria ficar a sós com eles. Não sabia por que. Todos, exceto Thor, estavam trabalhando e lhes davam pouca atenção. Por outro lado, mesmo se alguém ouvisse algo sem querer, os empregados da Coração a Coração formavam como uma família, e sabia que não sairia nenhuma palavra daquela sala.

-Pode dizer o que tiver que dizer aqui mesmo.

Bertram assentiu com a cabeça, agitando seu escasso cabelo escuro.

-Bem, como queira. Como certamente sabe, seu irmão se encontra sob suspeita com respeito aos assassinatos de Covent Garden. Como ele parece desconhecer onde se encontrava nas noites dos assassinatos, esperamos que você pudesse lançar alguma luz sobre o tema.

Seu pulso disparou. Disse a si mesma que deveria manter-se calma.

-Meu irmão é adulto. Vai aonde gosta. Mas, mesmo que tenha estado nessa zona nas noites em que ocorreram os fatos, não é o tipo de homem capaz de cometer uns crimes tão horrendos.

-Sabia você que ele conhecia as duas mulheres?

-Sim, estou ciente.

-E sabia que foi visto em companhia da senhorita Phoebe Carter, a última vítima, na mesma noite em que a mataram?

Lindsey notou como o sangue fugia de seu rosto.

-Isso... Isso não é possível.

-Um amigo de seu irmão... – ele baixou o olhar para um papel que acabava de tirar do bolso da jaqueta - um cavalheiro chamado Thomas Boggs, informou-nos que o senhor Graham abandonou sua casa em companhia da mulher e que não retornaram à festa.

Rudy tinha estado com a vítima na noite em que a mataram? Por que não havia dito? Tentou se recordar com exatidão o que ele tinha contado «estive com ela... Humm... Um pouco antes que a matassem». Céus! Tinha pensado que se referia há dias, não há horas! Lindsey não disse nada, só permaneceu ali sentada mantendo suas emoções cuidadosamente controladas.

-Eu sei que falamos sobre seu irmão - disse o agente Bertram - mas a lei é a lei, e se você souber de algo, deveria nos dizer isso antes de...

Lindsey se levantou de um salto.

-Sei que meu irmão é inocente de qualquer coisa. De fato... Ele... Ele não pôde matar a senhorita Carter porque nessa noite chegou cedo em casa. Deve ter deixado a mulher em algum lugar antes de voltar diretamente para casa.

O agente Archer arqueou uma de suas grossas sobrancelhas.

-Está certa disso, senhorita? Estava acordada quando ele chegou?

-Sim, estava. Não falamos muito, porque ele tinha estado bebendo e eu sugeri que fosse à cama.

-Não viu sangue na roupa ou alguma outra coisa que fosse suspeita?

-Não observei nada.

Bertram lhe dirigiu um olhar sinistro.

-A que horas foi isso?

-A que horas? -repetiu ela lentamente.

-Exato. A que horas seu irmão voltou para casa?

A que horas seu irmão teria deixado a festa com aquela mulher? Não tinha maneira de saber.

-Algo depois de meia-noite.

-E você se lembra dessa noite em particular por que...?

-Porque foi à noite do baile dos Kentwells.

Isso sim era verdade. Tinha chegado ao trabalho no dia seguinte e tinha lido sobre o assassinato no jornal, aquele que Thor tinha pegado emprestado. Provavelmente essa era a razão pela qual se lembrava. Thor não era fácil de esquecer.

-Há leis contra quem encobre aos criminosos, senhorita Graham - o agente Bertram a advertiu - Se estiver mentindo, só piorará a situação de seu irmão.

-E você mesma se verá metida em uma confusão - Archer adicionou.

Ela se esticou em toda sua altura.

-Meu irmão jamais faria mal a alguém, nem muito menos cometeria um assassinato. Isso é tudo o que tenho a dizer sobre o tema, e, agora, se me desculparem, agradeceria que partissem.

Lindsey não viu como Thor se aproximou, mas de repente ele estava ali, pairando sobre os policiais.

-A senhorita Graham já lhes disse tudo o que sabe.

-E, podemos saber quem é você? - Bertram perguntou.

-Sou um amigo... Um que pode ver o quanto contrariaram a dama.

-Se a senhorita Graham for sua amiga, faria bem em lhe recomendar que nos diga toda a verdade sobre seu irmão.

Thor não disse nada. Quanto mais calado permanecia, mais intimidador parecia.

-Boa tarde, cavalheiros - Lindsey disse.

-Boa tarde, senhorita Graham.

Bertram colocou o chapéu sobre seu cabelo escasso, e Archer e ele desapareceram pela porta. Thor a olhou com dureza.

-Não se atreva a me dizer que poderia haver lidado com isso sozinha.

-Eu estava me arrumando com isso muito bem até agora, obrigada. - Estava mentindo e eles sabiam.

- Por todos os deuses, Lindsey, não ajudará seu irmão contando histórias que, obviamente, não são verdadeiras.

-Estava ganhando tempo. Em um par de dias, irei dizer-lhes que me equivoquei de dia, que confundi as datas, mas ainda não. Tenho que averiguar quem matou essas mulheres. É a única maneira de salvar meu irmão.

Thor estreitou seus olhos azuis.

-Se a polícia não é capaz de encontrar o verdadeiro assassino, quer me dizer como diabos você pensa em fazê-lo?

-Sou jornalista, não sou? Meu trabalho consiste em coletar informações. E isso é precisamente o que vou fazer.

-Quer você goste ou não, Lindsey, é uma mulher. E já mataram duas mulheres.

-Quer você goste ou não, Thor, eu vou ajudar meu irmão!

Dando-lhe as costas, recolheu seu chapéu e se dirigiu à porta.

Thor a agarrou pelo braço.

-Você vai para casa?

-Por enquanto.

- Sua carruagem está aí fora?

-Geralmente, nesta época do ano, eu vou andando.

-Está alterada e preocupada. Vou acompanhá-la para me assegurar de que irá chegar bem em casa.

Lindsey abriu a boca para protestar, mas ele já estava a guiando para a porta. Sem deter-se, pegou o casaco dela do cabide e a conduziu ao exterior, ajudando-a a descer as escadas. Levantou uma de suas enormes mãos, e um carro de aluguel se deteve imediatamente a uns metros deles. Thor a ajudou a subir ao interior e se sentou no assento ao seu lado, antes que o condutor pusesse o veículo em marcha.

-É uma mulher problemática - Thor disse.

-E você é um bruto intrometido.

Ele apertou os lábios.

-Uma mulher problemática e irritante.

Ela o fulminou com o olhar.

-E você um bruto intrometido e arrogante.

Thor só grunhiu e se recostou no assento. Lindsey tentou não notar o poderoso ombro que pressionava contra o seu, nem o aroma apenas perceptível de sabão e homem. Tentou não sentir-se agradecida por acompanhá-la até em casa quando acabava de mentir à polícia.

Quando havia a possibilidade de que fosse ela quem acabasse na prisão, ao invés de seu irmão.

Tia Delilah andava de um lado para o outro da saleta quando Lindsey chegou em casa.

-Lindsey! Graças a Deus que chegou! A polícia acabou de sair. Em nome de Deus, o que aconteceu?

Lindsey suspirou.

-Lamento tia Dee, eu devia ter lhe contado. Suponho que esperava que todo este assunto se solucionasse por si mesmo e que você não se inteirasse nunca.

-Todo este assunto? É assim que você chama o fato de a polícia culpar seu irmão pelos assassinatos dessas pobres jovens?

Lindsey pegou a mão pálida de sua tia e as duas se sentaram em um sofá.

-Ele não o fez. Sabe que Rudy jamais faria algo assim.

-Claro que não. Oh, como eu gostaria que seu pai estivesse aqui.

Não era a primeira vez em sua vida que Lindsey desejava o mesmo. Mas, assim como quando era menina, seus pais estavam fora quando mais os necessitava.

-Bom, mas não está, e a tarefa de restabelecer o bom nome de Rudy recai sobre nós duas.

-O que quer dizer?

-Já que a polícia parece incapaz de encontrar o verdadeiro assassino, nós deveremos fazê-lo.

-Você ficou louca? Você não sabe como encontrar um assassino.

-Acho que a primeira coisa é conseguir informação. E isso sim eu sei fazer muito bem.

Tia Dee negou com a cabeça, agitando seu lustroso cabelo negro sobre os ombros.

-Não sei, Lindsey... Se algo der errado, se algo te acontecer, seus pais jamais me perdoariam por isso.

-E como você pensa que eles vão se sentir quando descobrirem que seu filho está no cárcere acusado de assassinato?

Tia Dee gemeu.

-Só vou fazer umas perguntas para ver o que posso averiguar. Falarei com Rudy outra vez. Tentarei descobrir mais coisas sobre sua relação com essas mulheres. Talvez possa apurar onde ele estava quando as mulheres foram assassinadas. Isso lhe proporcionaria um álibi e já não suspeitariam dele.

Tia Dee lhe dirigiu um olhar ameaçador.

-Aquele policial das sobrancelhas grossas me disse que você falou que Rudy estava aqui na noite do assassinato. E isto querida, é uma mentira evidente. Cedo ou tarde, a polícia descobrirá a verdade e tanto Rudy como você estarão envolvidos em graves problemas.

Lindsey ignorou o tremor que a atravessou dos pés a cabeça.

-Naquele momento não me ocorreu outra coisa. Em um par de dias, direi que estava enganada. Isso nos dará ao menos um pouco de tempo.

-Espero que saiba o que está fazendo, querida.

-Espero que sim, tia Dee. Espero que sim.

Na manhã seguinte, Lindsey falou com Rudy. Ele estava sóbrio e bem dócil. Era uma mudança agradável. Rudy tinha lhe contado que havia conhecido Molly Springfield, a primeira vítima assassinada, seis meses atrás, em um bar de Covent Garden. Não

podia recordar em qual. Além de um breve encontro em um dos quartos do andar superior, não tinha tido mais contato com a mulher.

-E a segunda vítima... A senhorita Carter?

-Eu já lhe disse isso, a conheci em uma festa na casa de Boggs. Era atriz no Drury Lane.

-Por que não me disse que esteve com ela na noite em que a mataram?

Um rubor de culpa cobriu as bochechas de seu irmão.

-Eu disse que a tinha visto um pouco antes que a matassem.

-Nunca imaginei que você tinha querido dizer com «um pouco antes»!

-Naquele momento... Bem, não parecia importante.

Lindsey revirou os olhos.

No geral, a conversa não tinha revelado nada novo. Rudy tinha estado tão bêbado que não tinha ideia do que tinha acontecido nas noites em que as mulheres haviam sido assassinadas.

Lindsey necessitava de mais informação. Tinha que falar com Tom Boggs e com algum dos outros supostos amigos de Rudy e ver se algum deles podia lhe dar alguma pista sobre onde tinha estado seu irmão nas noites dos assassinatos. Tinha que apurar em que lugar exato se cometeram os crimes e entrevistar as pessoas da área para ver se alguém tinha visto ou ouvido algo que pudesse ser útil.

Nos últimos dias, tinha indagado discretamente, tentando dar com algo que fosse mais que um mero rumor. Não tinha descoberto nada. Até agora ninguém sabia que Rudy era suspeito, ou se sabiam guardavam silêncio sobre isso. Com o tempo, aquela informação sairia à luz. Não tinha ideia do que ocorreria uma vez que isso acontecesse.

Estava sentada atrás da mesa, fazendo uma lista das coisas que queria fazer, quando Krista se aproximou dela.

-Alguma novidade sobre seu irmão?

-Eu temo que não. Estou fazendo uma lista daqueles lugares nos quais poderia conseguir alguma informação. Embora pareça mentira, acredito que o primeiro que deveria fazer é falar com a polícia.

-Com a polícia?

-Eu preciso saber que tipo de provas eles têm contra Rudy. Possivelmente apenas que ele conhecia as mulheres, e não acredito que isso seja suficiente para prendê-lo.

-Já vejo. Na realidade, eu vim falar com você sobre uma ideia que me ocorreu.

-Uma ideia?

Krista assentiu com a cabeça.

-Depois de nossa conversa no outro dia, procurei meu amigo, um investigador particular chamado Randolph Petersen. O senhor Petersen foi de grande ajuda para mim há uns anos, quando tivemos problemas com a gazeta. Também ajudou Coralee a investigar o assassinato de sua irmã. Por desgraça, o senhor Petersen está ausente a negócios. Em seu escritório ninguém sabe com certeza quando retornará a Londres.

-Um investigador particular... É uma boa ideia. Eu gostaria de acreditar que tudo isto se resolverá antes que o seu senhor Petersen retorne, mas se não for assim, eu gostaria de falar com ele.

-Possivelmente possamos encontrar outra pessoa.

-Eu prefiro esperar por seu amigo. Pode ser que, enquanto isso, o assunto se resolva por si só.

Krista assentiu com a cabeça.

-Você dizia que tem a intenção de começar com a polícia?

-Sim. Esta noite, a associação de damas auxiliaadoras celebrará seu jantar anual a favor dos órfãos, uma obra benemerita que é apoiada pelo Comissariado da Polícia de

Londres. Minha tia Delilah tem uma amiga cujo filho é tenente da polícia. Os agentes mais antigos da corporação policial comparecerão a esse jantar e o tenente Harvey estará entre eles. Ela prometeu nos apresentar.

-Este tipo de investigação pode ser muito perigosa, Lindsey. Sei por experiência.

-Mas não acredito que haja nada mais seguro que um baile onde estará toda a corporação de polícia.

-É claro. Mesmo assim... Leif e eu pensamos que, se você de verdade quer investigar os assassinatos, possivelmente o mais prudente fosse que tivesse alguém contigo em caso de problemas... Já sabe uma espécie de guarda-costas, alguém que pudesse te dar uma mão se...

-Não necessito de um guarda-costas.

-Não, claro que não, mas seria aconselhável ter algum tipo de amparo se por acaso se meter em problemas.

Lindsey refletiu sobre isso um momento. Não acreditava que fazer algumas perguntas fosse causar problemas, mas...

-Em quem pensou?

-Tínhamos pensado em Thor. É muito capaz e...

-Nem pensar!

-É o que eu disse quando meu pai me sugeriu que Leif me protegesse, mas uma noite ele me salvou a vida.

-Esta situação é totalmente diferente.

-Não estou tão certa. Não tem ideia de quem é o verdadeiro assassino, nem a que classe social pertence, nem em que círculos se move, nem se poderia chegar a inteirar-se de suas atividades. E você já começou a fazer perguntas, não? Pode estar pondo sua vida em perigo, Lindsey.

Ela considerou a questão. De tola, Krista não tinha um fio de cabelo, e Lindsey respeitava muito sua opinião.

-Inclusive, embora dissesse sim, não posso imaginar que Thor estivesse de acordo.

-É uma amiga. É obvio que estará de acordo.

O que queria dizer que, até esse momento, Thor não sabia nada do escandaloso plano de Krista. Deveria ter adivinhado.

-Sim, bom, eu pensarei. Esta noite, entretanto, estarei perfeitamente a salvo na companhia de minha tia.

-Estou certa disso. Além disso, Leif e eu pensávamos em ir também ao jantar beneficente, assim não estará sozinha.

Lindsey sentiu uma inesperada sensação de alívio. Seus amigos podiam ser muito protetores, mas era bom saber que podia contar com eles, com pessoas que realmente importavam.

-Então a verei esta noite - ela disse.

Krista esboçou um sorriso, mas Lindsey tinha certeza que estava muito preocupada.

Entretanto, no que dizia respeito a ela, sua maior preocupação era não poder provar que seu irmão era inocente de assassinato.

Krista se apressou a ir para casa em busca de Leif. Ele ofereceu-se como voluntário para ir com ela ao jantar beneficente dessa noite, mas agora não podia encontrá-lo.

-Você viu meu marido? -Perguntou ao mordomo, Simmons, um homem de meia idade com o cabelo cinza e tão magro que dava a impressão de ser translúcido - eu esperava que já tivesse chegado em casa.

-Sinto muito, milady, encarregou-me que lhe desse isto assim que chegasse.

Entregou-lhe uma nota com seu nome escrito no dorso com a elegante letra de Leif. Abriu o selo de lacre e leu as palavras que explicavam sua demora. Tinha uma reunião com seus sócios da Valhalla Shipping: Dylan Villard e Alexander Cain. Como ele tinha pensado, Krista tinha se esquecido da reunião por completo.

-Obrigado, Simmons.

Golpeando a nota com os dedos, dirigiu-se ao andar de cima. Tinha prometido a Lindsey que Leif e ela compareceriam a festa, mas Leif não podia ir. Não devia preocupar-se, disse a si mesma. Lindsey, certamente, estaria a salvo com tantos policiais ao seu redor.

Mesmo assim, sua amiga começaria a fazer perguntas embaraçosas, e uma vez que começasse, o rumor se estenderia. E então, alguém que soubesse de sua investigação, alguém que considerasse que mexer em seus assuntos podia enviá-lo à força, tomaria medidas sobre o assunto.

Caminhando para o escritório, deixou de lado a nota de Leif e escreveu uma rápida missiva para Thor, lhe pedindo que passasse em sua casa quando retornasse do cais. Leif e Thor eram parecidos o suficiente em estatura e tamanho para que Thor pudesse usar as roupas de Leif, incluindo colete e lenço, objetos que até esse momento ele se negou a usar, ou qualquer outra coisa que pudesse necessitar. Ele iria se queixar e protestar, claro, mas no final, Krista estava certa de que aceitaria se vestir apropriadamente para o evento.

Descendo rapidamente as escadas, deu a mensagem a um lacaios para que a entregasse a Thor no cais.

CAPITULO 04

Caminhando atrás de tia Dee, que estava esplêndida em um elegante vestido de noite prateado e negro, Lindsey abriu caminho através da elegante multidão. Uma estranha mistura de convidados assistia ao acontecimento: matronas da alta sociedade envolvidas em diversas obras de caridade, patrocinadores de orfanatos locais, juízes, advogados, o prefeito, ricos comerciantes e agentes de polícia.

-Ali - tia Dee disse com suavidade - A senhora Harvey... A mulher com aquele incrível cabelo prateado. Justo à direita da poncheira.

Deixando de lado seus brilhantes cachos prateados, Emma Harvey era uma mulher insignificante de mais de sessenta anos. Nada a ver com Delilah, que estava acostumada a ofuscar mulheres vinte anos mais jovens.

Então a senhora Harvey sorriu e todo seu rosto se iluminou. Era uma mulher bonita, com traços suaves e femininos, o tipo de pessoa com a qual sabia que se daria bem uma vez que a conhecesse.

Emma Harvey se dirigiu para onde elas estavam.

-Lady Ashford, é um prazer voltar a vê-la.

-Igualmente, Emma. Posso lhe apresentar minha sobrinha, a senhorita Lindsey Graham?

-É um prazer conhecê-la - a mulher disse.

-O prazer é meu, senhora Harvey.

A mulher lhe dirigiu um de seus maravilhosos sorrisos.

-Sua tia me disse que estava escrevendo um artigo sobre o trabalho policial para a gazeta.

Lindsey olhou para sua tia, surpreendida. Possivelmente o talento para a mentira fosse um traço familiar.

-Sim, essa... Essa é a razão pela qual esperava conhecer seu filho.

-É claro. -A mulher esticou o pescoço para olhar por cima do mar de homens e mulheres elegantemente vestidos, e Lindsey seguiu a direção de seu olhar.

Avistou Krista, que parecia ter acabado de chegar, e em seguida procurou Leif com a vista. Havia um homem enorme ao seu lado, mas não era seu marido. Durante um instante, Lindsey se esqueceu de respirar. De pé ao lado de Krista, com um elegante traje, estava o homem mais atraente que ela já tinha visto.

Sob a imaculada casaca negra, ele vestia um colete prateado e umas calças negras e uma elegante gravata que combinava com a pele morena da garganta. Era o mesmo homem que via vários dias da semana e, ao mesmo tempo, um que jamais tinha visto antes.

Não podia afastar o olhar dele. Lindsey conhecia aqueles ferozes olhos azuis, reconhecia os largos ombros que enchiam a jaqueta feita sob medida. Sua tia lhe deu uma não tão sutil cotovelada nas costelas para lhe recordar onde estava e Lindsey com muita dificuldade conseguiu arrancar o olhar dele.

-Ai vem o filho da senhora Harvey.

Tia Dee assinalou com a cabeça um homem de uns trinta anos com o cabelo castanho claro, um pouco mais claro que o seu, e que atravessava a sala direto para elas. Caminhava com um propósito, com um sorriso no rosto. Lindsey notou, conforme ele se aproximava delas, que era um homem muito atraente.

Lindsey deu uma última olhada à porta, só para assegurar-se de que era Thor a quem realmente tinha visto. Ele levou a mão à garganta e puxou a gravata como se ela estivesse o estrangulando, e ela soube sem sombra de dúvidas que era ele. Era o homem mais alto do evento, o mais viril e masculino; com aqueles traços perfeitamente cinzelados e esses olhos tão azuis, as mulheres do salão não podiam afastar os olhos dele.

Lindsey conteve um baque de irritação. Pela primeira vez, percebeu que estava contendo a respiração, e justo quando o tenente Harvey chegava até elas, soltou o fôlego. Conseguiu tranquilizar-se, esboçar um sorriso e esperar as apresentações.

O tenente se inclinou e beijou sua mãe na bochecha.

-Vi um amigo e me detive um momento para saudá-lo. Espero não a ter feito esperar.

-Não, querido. - A senhora Harvey olhou para tia Dee - Espero que se lembre de lady Ashton.

-Claro que sim. - inclinou-se cortesmente sobre sua mão - É um prazer voltar a vê-la, condessa.

A senhora Harvey dirigiu seu cálido sorriso para Lindsey, que repentinamente se sentiu culpada de estar utilizando a mulher para obter informação.

-E esta é a jovem da qual te falei, a senhorita Lindsey Graham. Escreve uma coluna em *De Coração a Coração*, uma gazeta para damas.

O tenente tinha herdado o mesmo sorriso cálido de sua mãe.

-Eu conheço a gazeta. É um prazer conhecê-la, senhorita Graham.

-Igualmente, tenente Harvey.

Eles iniciaram uma conversa educada falando sobre o clima, e depois descobriram que tinham vários amigos em comum. Aparentemente os Harveys estavam relacionados com o duque de Linfield, o que concedia ao atraente tenente uma linhagem aceitável.

Pouco a pouco, tia Dee conduziu à senhora Harvey entre as pessoas, para que Lindsey pudesse falar com maior liberdade com o tenente. Decidida a não procurar Thor com o olhar, Lindsey se aproximou da poncheira de braços dados com o policial. Ele serviu duas taças de ponche de frutas, e logo procuraram um par de cadeiras vazias entre as que estavam contra a parede.

-Minha mãe me disse que está escrevendo um artigo sobre o trabalho de investigação da polícia. No que posso ajudá-la?

Lindsey lhe dirigiu o que esperava fosse um sorriso encantador.

-Estou particularmente interessada em como a polícia faz a investigação de um crime. Como os assassinatos de Covent Garden, por exemplo. Eu me perguntava quais são as provas que reuniu seu departamento e apoiando-se nelas, o que têm descoberto sobre os assassinatos.

Ele franziu o cenho.

-É um tema desagradável para uma dama.

Ela aguentou seu olhar.

-Sim, é. Infelizmente, também sou jornalista e neste momento nossos leitores estão muito interessados nos assassinatos. Esperava que você pudesse me ajudar.

-Temo que, como na maioria dos casos, os detalhes são secretos, não estão disponíveis para o público. Manter a informação confidencial é essencial para rastrear os suspeitos.

-Já vejo. Oh, eu gostaria de ter aqui meu caderno de notas. Essa sim é uma informação interessante. – ela lhe dirigiu um sorriso açucarado, rezou para que ele se

sentisse lisonjeado e não percebesse sua verdadeira intenção. Fletar não fazia parte dela, mas estava desesperada o suficiente para tentar - Poderíamos algum dia nos encontrar para tomar chá e falar sobre o assunto?

Ele assentiu com a cabeça; parecia encantado com a ideia.

-Imagino que poderíamos arrumá-lo; entretanto, como já lhe disse muita informação não é de domínio público.

-Eu entendo. Apesar de tudo, eu agradeceria. Há uma pequena cafeteria em Piccadilly, perto de meu escritório... A Pereira. Tem um agradável terraço. Você a conhece?

-A Pereira. Sim, conheço. Seria bom para você a uma?

Ela lhe dirigiu um sorriso amplo o suficiente para marcar covinhas nas bochechas... Se ela tivesse covinhas, o que, por desgraça, não era o caso.

-Eu adoraria.

Falaram um pouco mais e logo o tenente a devolveu para sua tia. Tantas lisonjas e risinhos tolos a tinham deixado esgotada e ela estava preparada para retornar para casa. Nesse momento, Thor e Krista se aproximaram dela. Thor tinha o cenho franzido, suas escuras sobrancelhas quase formavam uma linha.

-Quem era esse homem?

-É um tenente da polícia chamado Michael Harvey. Eu esperava que me desse alguma informação que pudesse ajudar meu irmão.

-Ele deu?

-Ainda não, mas o tenente aceitou reunir-se comigo amanhã. Possivelmente então...

-Olhava-a como se quisesse devorá-la em uma mordida.

Ela negou com a cabeça.

-Está enganado. O tenente só estava sendo educado.

-Está claro que ele a deseja e você o estava animando.

A ideia de que um homem atraente a achasse desejável a agradava, mesmo que isso não fosse certo. Ela não era a típica rosa inglesa de cabelo loiro, nem tão voluptuosa como Krista, mas que Thor acreditasse nisso a agradava ainda mais.

-Já lhe disse, só necessito informação. Obter sua cooperação é importante.

Thor só soltou um grunhido. Lindsey centrou sua atenção em Krista.

-Eu achei que era Leif que ia vir com você.

-Ele tinha uma reunião. Eu me esqueci. – Ela sorriu para seu cunhado - Mas Thor foi muito amável em me acompanhar.

Lindsey elevou o olhar para ele, para esses olhos tão azuis, e disse a si mesma que era ridículo que seu coração palpitasse.

-Está muito elegante.

Ele encolheu os ombros.

-Krista disse que tinha que estar apresentável.

-Certamente, está muito... Bem. -Isso era um rodeio. Não havia nenhum outro homem nessa festa que pudesse se comparar a ele.

-Obrigado.

O olhar masculino passeou pelo seu vestido de seda verde pálido que deixava os ombros descobertos e pelos cachos acobreados que prendeu de um lado do pescoço. Havia algo nos olhos de Thor, algo que jamais tinha visto antes. Lindsey sentiu uma cálida sensação no ventre.

-Você está... Muito bonita.

-Obrigado – ela respondeu quase ofegante.

Tia Dee começou a falar com Krista e Lindsey viu pelo canto do olho que o tenente retornava.

-Poderia me conceder a próxima dança? Quer dizer, se seu cartão de dança não estiver completo.

Lindsey gostava de dançar. E necessitava da ajuda dele. Dirigiu-lhe um sorriso radiante.

-Será um prazer.

Não olhou para Thor, mas pôde sentir sua desaprovação como se irradiasse por todos seus poros. Começou uma valsa. Apoiando a mão enluvada sobre a manga da jaqueta do tenente, deixou-se guiar para a pista de dança. Por cima do ombro do policial, viu Thor fugazmente. Olhava-a com o cenho franzido, assim como ela tinha desconfiado que faria.

Lindsey endireitou as costas. O que aconteceria se ela flertasse escandalosamente com um homem? Era uma mulher. Tinha direito de fazê-lo. E de todas as maneiras, o que importava para aquele bruto arrogante? Mais irritada do que deveria, deixou que seu acompanhante a rodeasse com os braços. Sem afastar o olhar do rosto do tenente, dedicou-se a lhe sorrir durante toda a valsa.

Thor parou em frente do espelho da penteadeira do dormitório em seu apartamento de Half Moon Street. Tinha escolhido aquele andar por sua localização ao lado do Green Park, uma zona coberta de grama, flores e árvores, e com lagos. Um lugar no qual podia respirar ar fresco e fingir que não estava na cidade.

Estava acostumado a ir ao parque muito frequentemente. Se não fosse mais de meia-noite, iria ali agora mesmo.

Cravando os olhos em seu reflexo, levou a mão à gravata e puxou com força o nó, e em seguida abriu o colarinho da camisa branca. Depois tirou a casaca e o colete de seu irmão, e soltou um suspiro de alívio.

«Livre em fim.» Só por Krista ele pôs uma roupa que não necessitava. Mas Krista era a esposa de Leif e se converteu em uma boa amiga. Poria essa roupa se isso a agradava.

E embora odiasse admiti-lo, também estava preocupado com Lindsey.

Resmungou uma maldição em escandinavo antigo, o idioma de sua ilha natal, Draugr. Aquela mulher não era a não ser um problema. Embora, fosse amiga de Krista e se sentisse protetor com ela. Pensou em como ela se comportou nessa noite com aquele policial atraente e sentiu um nó no estômago. Não gostava da maneira que ela tinha se animado com esse homem. Não gostava da maneira que o policial a tinha olhado.

Era uma estupidez, sabia. Lindsey era muito magra e ossuda, muito masculina para ele sentir-se atraído por ela. Apesar disso, quando a tinha visto com aquele vestido de seda verde, quando tinha notado a suavidade aveludada de sua nuca, ou como a luz das velas faziam brilhar seu cabelo cor de mel, o sangue tinha fervido em suas veias e se endureceu de maneira dolorosa.

Deveria ter parado no Red Door no caminho a casa. As garotas de madame Fortier eram formosas e sempre estavam dispostas a aliviar as necessidades de um homem. A bem dotada proprietária do estabelecimento não era realmente francesa, como havia dito uma das garotas do lugar, porque tinha passado a noite com ela em sua cama e a mulher tinha gemido em inglês. Ele queria passar pelo estabelecimento aquela noite, mas no fim tinha decidido retornar para casa. Agora lamentava sua decisão.

Necessitava uma mulher, e a necessitava agora. «Logo», disse para si mesmo enquanto terminava de despir-se e subia na enorme cama com colunas.

O apartamento estava silencioso. Diferente de Leif, não tinha um monte de serventes, só uma governanta, um cozinheiro e uma empregada, e nenhum vivia ali.

Não necessitava nem de um valete ou de mordomo. Fazia muito tempo que tinha aprendido a cuidar-se sozinho.

Thor suspirou na escuridão. Tudo que ele precisava era sentir uma pele suave contra a dele, o peso de um seio na palma de sua mão. Seu membro se agitou e endureceu. O desejo o atravessou com o ardor das chamas. Uma imagem de Lindsey irrompeu em sua mente, aquela de quando sorriu ao dançar com aquele atraente tenente enquanto deslizava pela pista com a graça de um cisne.

Amaldiçoando-se e amaldiçoando também a Lindsey, Thor tentou em vão conciliar o sono.

Lindsey despertou ao amanhecer. Tinha dormido bem e se sentia cheia de energia e desejosa de sair de casa. Como costumava, ao menos três vezes por semana, colocou uma roupa de montar: casaca, calças e umas botas de couro de cano alto. Prendeu o cabelo sob uma boina e se dirigiu ao estábulo.

Um dos passatempos favoritos de seu pai era criar puros sangues. A maioria estava em Renhurst Hall, a fazenda da família no oeste de Sussex, mas os cavalos de tiro, assim como um bom número de montarias, estavam no estábulo à beira do Green Park, a umas quadras de sua residência em Mount Street.

Lindsey gostava de montar, montava a cavalo quase desde quando começou a andar. Atendo-se às normas sociais, montava de lado, mas toda vez que tinha oportunidade preferia montar com uma perna de cada lado. Amava a sensação de liberdade, a sensação de controle que lhe dava. O que queria dizer que se via forçada a montar umas horas antes de que a maioria dos londrinos despertasse.

Lindsey percorreu as quatro quadras que separavam sua casa do estábulo com um passo ligeiro, desfrutando da brisa fresca e suave. O sol brilhava sobre sua cabeça,

prometendo um dia ensolarado, muito diferente dos dias nublados que tinha feito durante quase toda a semana.

-Sua montaria já está preparada, senhorita.

O cavaleiro, Artemus Moody, um homem robusto de cara redonda que trabalhava nos estábulos de seu pai desde que ela era menina, esperava-a ao lado de um formoso alazão. Bailarino, um castrado de cinco anos, seu favorito; sentiu seu aroma familiar. O cavalo empinou ansioso pela sessão de exercícios, embora não mais ansioso que a própria Lindsey.

-Tranquilo menino. - Lindsey afagou o pescoço do animal, e apoiando o pé no joelho do senhor Moody, passou a outra perna por cima da sela de couro.

-Ele está muito inquieto esta manhã, senhorita. Precisa correr um pouco.

-Acredito que nós dois necessitamos.

Artemus sorriu quando ela esporeou o alazão para fora do estábulo. O moço a conhecia o suficientemente bem para não menosprezar suas habilidades e permanecer de lado enquanto Bailarino empinava de novo, logo o cavalo soprou e seguiu para o caminho rodeado de arbustos.

-Tranquilo, menino - Lindsey ordenou, e como se o cavalo tivesse entendido, obedeceu-a, adotando um trote constante em busca da pista que rodeava o parque. A essa hora, tão cedo, o lugar estava deserto e, assim que alcançaram a larga pista de terra, Lindsey incrementou o ritmo, instigando Bailarino a um galope solto. Várias voltas mais tarde, corriam a galope rápido, e Lindsey esboçava um amplo sorriso ao sentir o vento nas bochechas e a emoção de controlar um puro sangue.

Apesar do muito que usufruía da vida na cidade, Renhurst Hall era seu lugar preferido. Nos doze mil acres de seu pai se sentia a salvo dos olhares indiscretos, e segura de poder fazer o que queria. Podia montar toda vez que desejava, ou permanecer fora todo o dia se assim o quisesse.

A verdade era que tinha estado muito inquieta naqueles últimos dias. E se não fosse por Rudy teria ido a Renhurst na semana anterior para passar algum tempo longe de sua agenda apertada, relaxando e desfrutando do campo. Mas, até que encontrassem o assassino de Covent Garden ou até que Rudy ficasse livre de toda suspeita, se veria forçada a permanecer na cidade.

Bailarino estava suando e resfolegava um pouco quando o incitou a trotar. Afastou Rudy de seus pensamentos e se obrigou a relaxar na montaria. Era uma tolice danificar uma manhã tão luminosa pensando em assassinatos e intrigas.

Deixando vagar o olhar pelas preciosas flores que salpicavam o caminho, Lindsey cavalgou a passo lento. Antes de devolver o cavalo ao estábulo, o deixaria dar outra volta com o passo altivo que tanto gostava o animal. Depois, voltaria para sua vida e seu trabalho na cidade.

Thor se apoiou contra o banco de ferro sob um frondoso plátano, com o olhar cravado no jovem cavaleiro que estava a um tempo observando. Tinha-o visto várias vezes; sempre que tinha ido ao parque a essa hora da manhã. O menino era um cavaleiro magistral, um que não podia mais que admirar.

E o cavalo não era menos assombroso, grande e magro, com flancos poderosos e umas patas que devoravam os caminhos com um galope diferente de qualquer outro que Thor tivesse visto. Em Draugr, ele tinha montado frequentemente. Tinha ganhado mais corridas que qualquer outro homem, e era considerado o melhor cavaleiro da ilha. Inclusive ele tinha ganhado de seus irmãos, todos os quais eram cavaleiros excelentes.

Mas os cavalos que havia ali não se pareciam com esse. Eram fortes, mas menores e peludos, não possuíam a beleza daquele castrado que ele tinha visto correr a toda velocidade ao redor da pista. Ele morria de vontade de ocupar o lugar do moço, ouvir o

trovejar dos cascos em seus ouvidos, sentir o vento no rosto, o poder do cavalo sob seu corpo.

Desde sua chegada a Londres, Thor tinha caminhado ou se deslocado de carruagem. Agora, enquanto observava o jovem guiar esse magnífico animal de volta ao caminho por onde tinham chegado e se afastar do parque, Thor jurou que algum dia possuiria um cavalo como aquele.

CAPITULO 05

Embelezada com um vestido de seda carmim com a saia ampla sobre as anáguas brancas, Lindsey abriu a sombrinha de seda combinando e cruzou a rua para entrar na pequena cafeteria. A Pereira era uma cafeteria muito respeitável onde também se serviam canapés e doces. Estava decorada em tons de amarelo e verde, com formosas pereiras cujos ramos chegavam até o teto, pintados nas paredes.

Lindsey tinha calculado sua chegada com muito cuidado, chegando dez minutos atrasada para que Michael Harvey a estivesse esperando. Por desgraça, quando entrou no local, o policial não se encontrava ali.

Um jovem garçom loiro a conduziu a uma pequena mesa coberta com uma toalha de linho, e ela pediu uma xícara de chá de jasmim. Enquanto passavam os minutos, Lindsey começou a perguntar-se se o tenente Harvey teria esquecido o encontro ou se teria aparecido algum problema inesperado.

Ela havia bebido a metade da xícara de chá quando o viu entrar pela porta. O sorriso radiante que lhe dirigiu se quebrou diante da dura expressão do rosto masculino.

O tenente se deteve diante dela.

-Deveria me desculpar por havê-la feito esperar, mas nem penso em me incomodar. Acabo de descobrir quem na verdade você é, e posso lhe assegurar senhorita Graham, que não me sinto nada satisfeito.

«OH, Meu deus.» Ele estava zangado com razão.

-Sente-se, tenente. As pessoas estão começando a nos olhar.

Durante vários segundos, ele permaneceu ali de pé, com as bochechas acesas pela cólera. Depois se sentou bruscamente com um ar turvo nos olhos.

-Rudolph Graham é seu irmão.

-Sim é.

-E você se encontra aqui para ajudá-lo, não é? Tudo o que ocorreu na noite passada foi uma completa e total farsa. A única coisa que queria era conseguir informações... Razão pela qual estou aqui hoje, certo? Espera que eu lhe revele algo que possa ser útil para seu irmão... O principal suspeito dos crimes de Covent Garden!

Embora se sobressaltasse interiormente, Lindsey lhe olhou diretamente aos olhos por cima da mesa.

-Meu irmão é inocente! Eu apenas estou tentando achar alguma maneira de limpar seu nome. Se seu irmão tivesse sido considerado suspeito de ter cometido dois assassinatos tão brutais, você teria feito exatamente o mesmo que eu!

O tenente a olhou com atenção, como se estivesse tentando ler seu pensamento.

-Não posso ajudá-la, mas admiro sua lealdade. Poucas mulheres seriam capazes de tentar resolver um assassinato para proteger um ente querido.

Lindsey relaxou um pouco e esboçou um tímido sorriso.

-Lamento tê-lo enganado. Entretanto, devo dizer que desfrutei muito de nossa valsa. Você é dançarino muito bom, tenente.

A tensão da boca masculina diminuiu um pouco. Ainda estava chateado, mas pode ser que de algum jeito a compreendesse.

-Agora que já temos as cartas sobre a mesa - ela continuou, decidindo tentar a sorte - não há nada que você possa me dizer, algo que possa me servir de ajuda sem

revelar nenhum segredo da polícia? Às vezes é difícil saber se o que os jornais contaram é verdade ou não.

Ele deu um suspiro e levantou a mão para chamar o garçom.

-Imagino que sim. Já que estou aqui... Bom, posso ficar o tempo necessário para desfrutar de uma xícara de chá.

Ela sorriu, agradecida de que ele parecesse havê-la perdoado.

-Sim. Certamente.

Um garçom levou a mesa um delicioso e aromático chá do Ceilão, uma mistura de primeira qualidade que Lindsey aprovou. Acompanhou o tenente em uma segunda xícara, e se dedicou a beber seu chá enquanto esperava que respondesse a pergunta que ela tinha deixado cair antes.

-Como já lhe disse ontem à noite, não tenho a liberdade de divulgar informações. Mas sim posso lhe dizer que, ao oferecer um álibi para seu irmão na noite do último assassinato, pôs você em perigo, e que, cedo ou tarde, a verdade sairá à luz sem importar o que você faça.

-Como já lhe disse, Rudy não é culpado. Mas, como ele estava bêbado e não se recorda de onde esteve ou o que fez, necessito de tempo para descobrir qual era seu paradeiro. Não é minha intenção paralisar a investigação, mas quero ter a oportunidade de ajudar se puder.

-Está me dizendo que ele não estava em casa naquela noite?

Lindsey odiava mentir. Ela conteve o desejo de dizer a verdade.

-Não vou retirar a minha declaração. Embora possa ser que no futuro, lembre que os fatos foram um pouco diferentes.

-Você poderia acabar na prisão, senhorita Graham.

-Não será por muito tempo, eu prometo.

Ele tomou um gole de chá.

-Ou você é muito valente ou terrivelmente impetuosa.

-Possivelmente um pouco das duas coisas - ela admitiu.

-O que vou contar é informação pública, embora possa não ter aparecido nos jornais.

-Continue.

-Ambas as vítimas foram achadas a menos de quatro quadras de distância cada uma. A primeira, Molly Springfield, era mãe solteira com um bebê de seis meses. Por não ter marido, prostituía-se nas ruas para alimentar seu filho.

Lindsey estremeceu.

-A segunda mulher era uma atriz medíocre. Atuava em pequenos papéis, mas seu sonho era chegar a ser famosa. Gostava de coisas bonitas e compartilhava seu tempo com homens que lhe compravam quinquilharias... Jóias, roupas, esse tipo de coisas.

-Poderia me dizer em que lugar exato encontraram às mulheres assassinadas?

-Suponho que sim. -O policial tomou um gole de chá - Molly Springfield vivia no sótão de um bar chamado a Raposa e o Javali. Apareceu no beco atrás do edifício. A segunda vítima, Phoebe Carter, vivia com duas prostitutas em um apartamento em Maiden Lane. Foi encontrada a uma quadra de distância. Era tarde, não houve testemunhas. Ao menos, nós não encontramos nenhuma.

-E o que averiguaram sobre os assassinatos? Têm algo em comum?

O tenente se reclinou na cadeira.

-Temo que isso seja confidencial.

-Poderia ao menos dizer se as mulheres foram... Foram violadas?

-Não, não foram.

-E sobre o...

-Sinto muito, já lhe disse tudo o que posso.

-E eu seriamente agradeço.

Ele fez uma careta.

-Eu tentei continuar zangado com você, mas parece que fracassei miseravelmente. Meu tio avô, o duque, tem uma festa programada no teatro. Eu lhe pediria que nos acompanhasse, mas temo que ser visto em companhia da irmã de um suspeito de assassinato poderia pôr em perigo minha carreira. Possivelmente quando tudo isto tiver passado...

Lindsey se sentiu surpresa ao ouvir-se responder:

-Eu acredito que teria gostado de ir. Como você disse, possivelmente quando tudo isto tiver passado... —ela levantou o olhar para ele - Na próxima sexta-feira, lorde Kittridge, um bom amigo de seu tio o duque, organizou um baile em honra do décimo oitavo aniversário de sua filha. Pensava em ir. Possivelmente possa lhe ver ali.

O sorriso do policial aumentou.

-Sim, estou certo disso. —ele levantou-se da cadeira e a ajudou a levantar-se.

-Obrigado por vir, tenente.

-Cuide-se, senhorita Graham. Os assassinatos são assuntos muito sérios.

-Eu levarei isso em conta.

O tenente pagou a conta, depois a acompanhou até a porta do escritório da gazeta. Quando Lindsey começou a subir os degraus, observou uma grande sombra escura na janela. Thor tinha o cenho franzido, e a olhava da mesma maneira que na noite anterior quando tinha dançado com o tenente.

Por alguma razão, ele estava zangado com ela. Lindsey sorriu enquanto abria a porta.

-Comporta-se como uma mulher sem juízo.

-O que!?

-Você realmente desfruta da companhia desse homem ou simplesmente está pondo em prática suas habilidades femininas?

Ela encolheu os ombros. Gostava do tenente. Mas estar em sua companhia não fazia seu coração palpitar como ele estava fazendo nesse exato momento. Esse pensamento a alarmou. Tinha que ser pela admirável atração de Thor, disse a si mesma. Qualquer mulher de menos de oitenta anos se sentiria um pouco tonta se Thor a olhasse com aqueles incríveis olhos azuis.

-Eu gosto dele o bastante. Além disso, é prerrogativa de uma mulher flertar com um homem se esse for seu desejo.

-O que significa «prerrogativa»?

-Quer dizer que tenho o direito de exercer um inocente flerte quando quiser. Além disso, você gosta desse tipo de mulher. Você gosta que uma mulher sorria indefesa, assim deveria estar encantado.

-Pois não estou.

Lindsey levantou o olhar e pestanejou.

-Oh, Thor, poderia me ajudar a chegar a minha cadeira? Sinto-me um pouco fraca. Temo que vá desmaiar.

Ele bufou.

-Eu vi como agem as mulheres que o rodeiam. Talvez de agora em diante eu devesse me comportar dessa maneira.

-Ele irá acreditar que quer levá-lo para a cama.

Um repentino rubor inundou as bochechas femininas.

-Bom, eu não quero, assim não tem por que preocupar-se. – ela dirigiu-se para sua mesa e se sentou. Logo se concentrou em ordenar os papéis que havia ali.

Thor a seguiu.

-Ele contou o que deseja saber?

-Não exatamente. Descobriu que sou irmã de Rudy e se zangou. Ao menos no começo. Espero que com o tempo possa ganhar sua confiança e convencê-lo a me ajudar.

Thor elevou as sobrancelhas com rapidez.

-Você vai voltar a vê-lo?

-Estou certa de que nossos caminhos se cruzarão em algum ponto.

Ele a olhou com dureza.

-Até onde está disposta a chegar para obter essa informação, Lindsey?

Os olhos de Lindsey aumentaram diante da insinuação. A cólera acendeu suas bochechas.

-Você não é... Não é um cavalheiro, Thor Draugr. Nenhum cavalheiro se atreveria a sugerir tal coisa.

-Não, mas pode ser que minhas palavras a recordem como deveria se comportar uma dama.

Lindsey estava a ponto de fazer uma réplica mordaz quando Thor se virou e partiu. Estava claro que não queria que se interessasse por Michael Harvey. Pela segunda vez no dia, Lindsey sorriu para si mesma.

Sentindo uma súbita explosão de energia, acomodou-se na cadeira e molhou a pena no tinteiro, ansiosa por começar a escrever a coluna da semana seguinte.

Lindsey passou os dois dias seguintes entrevistando os amigos de Rudy. Tom Boggs era um menino mimado pelo pai, quarto filho de um conde, e líder de um grupo de dandis ricos que passavam o tempo jogando, relacionando-se com mulheres de má

fama e, no geral, metendo-se em um problema atrás do outro. As mães nunca deixavam de advertir suas filhas sobre Boggs e seus amigos, que não eram considerados uma companhia adequada para uma senhorita decente.

Ao menos Tom teve a decência de passar em sua casa ao receber a mensagem que Lindsey tinha enviado aos quatro homens do círculo íntimo de amigos de seu irmão.

Depois de saudar brevemente a sua tia, Tom a seguiu a saleta onde ambos sentaram. Lindsey não se incomodou em lhe oferecer nenhum refresco.

-Rudy me disse que foi a uma festa em sua casa da cidade na noite do assassinato. Ele se recorda de ter saído dali com a vítima, uma atriz chamada Phoebe Carter, mas aparentemente estava tão bêbado que não se lembra de havê-la levado para casa.

Tom se remexeu no sofá.

-Ele partiu com ela. Lembro que mandou procurar sua carruagem. -Boggs era um homem bonito, alguns anos mais velho que Rudy, com um cabelo castanho escuro e olhos castanhos. Sabia como explorar seu charme e, por causa disso, ela tinha ouvido, tinha seduzido um bom número de esposas e viúvas solitárias - Phoebe era uma coisinha bonita que se conformava com pouco... Já sabe o que quero dizer.

Lindsey sabia.

Graças a seu irmão, estava começando a saber mais sobre as «damas da noite» do que tinha sabido até somente umas semanas antes.

-Assim Rudy a levou para casa em sua carruagem.

- Era para onde se dirigia. Dado que ela foi assassinada, suponho que jamais conseguiu chegar lá.

Lindsey se conteve para não revirar os olhos.

-Suponho que não. Como ambos sabemos que meu irmão não é um assassino, deve tê-la deixado em algum lugar. Tem alguma ideia de onde pode ter sido?

Tom limpou a garganta.

-Naquela noite havia outra festa. Não o tipo de festa a qual iriam suas amigas e você, se me entende. A não ser o tipo de lugar onde um homem pode obter... Bom, algo que queira. As companheiras de quarto de Phoebe tomaram parte. Pensavam que poderiam obter alguns ganhos extras. Acho que Phoebe ia com Rudy para casa, mas possivelmente foram juntos para esta festa.

-Onde aconteceu esta outra festa?

Ele se levantou do sofá, e se aproximou lentamente da janela.

-Não sei se deveria lhe dizer isso. Não desejo contrariar ninguém, entende?

Lindsey se levantou de um pulo do sofá.

-Me escute bem, Tom Boggs. Supõe-se que meu irmão é seu amigo. Por acaso quer que o enforcem?

Ele se virou para ela.

-Não, é obvio que não.

-Então me diga onde se celebrou a festa.

-Em um lugar chamado a Lua Azul. É um clube de jogo. A festa se celebrou em um dos salões do primeiro andar.

Lindsey franziu a testa.

-Rudy me disse que se lembrava de ter despertado na parte de trás de um estabelecimento de jogo chamado o Faisão Dourado. Você acha que pode ter se confundido?

-O Faisão Dourado está na mesma quadra. Pode ser que tivesse ido ali ou possivelmente o fez mais tarde.

Lindsey refletiu sobre a informação, tentando encaixar as peças. Provavelmente Rudy tinha deixado a mulher no Lua Azul e depois tivesse ido ao Faisão Dourado, onde tinha ficado inconsciente até a manhã seguinte.

-Lembra-se de algo mais, Tom? Algo que pudesse ajudar Rudy?

Ele lhe dirigiu um sorriso envergonhado.

-Todos beberam muito naquela noite. Seria afortunado se recordasse o que eu mesmo fiz.

Bêbados e escandalosos. Nenhum recordaria de grande coisa. Mesmo assim, um pouco de informação aqui e lá era melhor que nada.

Repassaria tudo com Rudy para ver se dessa maneira podia melhorar suas lembranças sobre aquela noite.

Quando Boggs saiu, lhe ocorreu que seus amigos e ele também estavam com Phoebe Carter na noite do assassinato. Pode ser que também tivessem conhecido Molly Springfield. Por que a polícia não suspeitava de Tom como fazia de Rudy?

As entrevistas com o resto dos amigos de Rudy foram quase iguais, confirmando o fato de que tanto Molly como Phoebe eram bem conhecidas entre todos os cavalheiros que frequentavam a zona. Por que a polícia se fixou só em Rudy?

Saberiam de algo que Lindsey desconhecia?

Ou era suficiente que Rudy tivesse sido a última pessoa a ver com vida Phoebe Carter?

Decidida a encontrar a resposta, Lindsey, vestida com uma simples saia marrom e uma blusa branca, dirigiu-se na tarde seguinte em busca de Elias Mack, um dos lacaios. Elias era jovem e forte, e sempre estava disposto a ajudar. Era um jovem sensato, comprometido com uma das moças que trabalhavam na mansão ao lado.

-Chamou-me, senhorita?

Ele apareceu na porta, vestido como ela tinha pedido: com umas calças escuras e uma camisa ao invés da libré azul pálido de Renhurst.

-Necessito de sua ajuda, Elias. Quero que me acompanhe esta tarde em uma missão.

-O que você quiser senhorita.

As advertências do tenente Harvey e a da própria Krista ressoaram em seus ouvidos. Estava se envolvendo em um assassinato e tinha que ser muito cautelosa. Tinha pensado em pedir a seu irmão que a acompanhasse, mas não gostava da ideia de que o vissem pela zona. E o último que ele deveria fazer era chamar a atenção. Embora o distrito de Covent Garden não fosse o melhor, durante o dia era bastante seguro, desde que levasse um escolta. Elias exerceria tal função.

Às duas da tarde, subiram à carruagem de Lindsey e se dirigiram à zona onde se cometeram os assassinatos.

Nessa hora, as lojas ainda estavam abertas, e os vendedores ambulantes seguiam oferecendo suas mercadorias. Nos bares da zona, se degustavam bebidas diferentes, mas ela não tinha ido ali para beber. Tinha localizado o apartamento que Phoebe Carter compartilhava, mas nenhuma de suas companheiras de quarto abriu a porta. Afinal eram prostitutas e, indubitavelmente, dormiam durante o dia.

Averiguou onde se encontrava o bar a Raposa e o Javali, em cujo sótão tinha vivido Molly Springfield, mas sabia que não poderia entrar ali sem despertar suspeitas. Ocorreu-lhe enviar Elias para que levasse a cabo às investigações, mas ela mesma queria falar com as pessoas, avaliar se o que lhe diziam era verdade ou não. Pediu ao cocheiro que parasse primeiro no estabelecimento o Faisão Dourado, e depois visitou o Lua Azul, mas nenhum desses estabelecimentos estava aberto a tarde e, ainda que estivessem, não eram o tipo de lugar que uma dama pudesse frequentar.

Lindsey suspirou quando a carruagem se misturou com o tráfego da rua pavimentada. Ser uma mulher tinha suas desvantagens. Por um lado invejava as prostitutas que se moviam de um lado para o outro com a mesma liberdade que os homens. Não é que quisesse estar em seu lugar. Imaginou a cara de horror que Thor poria se lhe dissesse isso e se descobriu sorrindo. Com aquelas atitudes antiquadas com as mulheres, esse homem deveria ter vivido na Idade Média. Inclusive sua linguagem tinha certo ar medieval.

-Nos leve a casa, senhor McTavish – ela pediu ao cocheiro depois de apoiar-se no assento de couro vermelho.

O dia tinha sido um fracasso absoluto. Teria que tentar de outra maneira, tinha que conseguir que as pessoas do bairro falassem com ela.

Em seu interior, tinha sabido desde o começo o que tinha que ser feito. Lindsey imaginava que tudo seria diferente quando retornasse vestida de homem.

CAPITULO 06

-Está louca? Como lhe ocorreu fazer isso!?

De pé ao lado do escritório de Krista, Lindsey pôs as mãos nos quadris.

-Eu achava que era minha amiga, Krista, e sabendo algumas das coisas que tem feito, pensei que ninguém melhor que você para compreender.

Krista se afundou na cadeira. Era impossível esquecer a noite que tinha ido ao baile dado por Milhares Stoddard, um rico comerciante. Embora tivesse sabido que podia ser perigoso, Krista estava determinada a enfrentar aquele homem que achava que estava atrás dos cruéis ataques sofridos pela gazeta e por ela mesma.

-Lembro muito bem, e se não tivesse sido pela inesperada chegada de Leif... -A voz de Krista foi desaparecendo aos poucos. As duas sabiam o perigo que tinha corrido naquela noite.

-Não irei sozinha - Lindsey prometeu - Levarei comigo um dos criados, Elias Mack.

-Se está tão decidida a ir leve Thor com você. É um guerreiro. Sabe lutar, e é grande o suficientemente para te defender se algo sair errado.

Lindsey a olhou com interesse.

-Como que é um guerreiro?

Krista poucas vezes falava sobre seu marido e, muito menos, sobre seu cunhado, nem tampouco eles falavam de si mesmos. Dizer que Lindsey sentia curiosidade era pouco.

-É uma história muito longa. Basta dizer que no lugar de onde vêm Leif e Thor, os homens lutam frequentemente para proteger suas famílias. Pediria ao Leif que fosse com você, mas está viajando. Deixe que eu fale com Thor e lhe pergunte se...

-Não necessito da ajuda de Thor.

De fato, era a última pessoa que queria que a acompanhasse. Thor a enervava e desconcertava como nenhum outro homem tinha feito. Não podia pensar claramente quando ele a olhava com aqueles admiráveis olhos azuis, não podia concentrar-se quando ouvia aquela voz masculina profunda e rouca com aquele suave sotaque nórdico.

O certo era que se sentia muito atraída por esse enorme bruto arrogante. Tampouco deveria surpreender-se. Era simplesmente a atração física de uma mulher saudável por um homem extremamente bonito. Mas morreria de vergonha se ele descobrisse, e, nessa aventura, ela precisava ter a mente limpa.

-Estarei a salvo com o senhor Mack. Irei antes da meia-noite e não ficarei por muito tempo, só o suficiente para conseguir algumas respostas.

-Eu não gosto disso, Lindsey.

-Possivelmente não, mas, por favor, não diga a ninguém. Você promete guardar segredo do que eu disse?

Krista assentiu com a cabeça, mas tinha os dedos cruzados atrás em suas costas. Não o diria a ninguém... A ninguém mais que o único homem que poderia proteger sua amiga.

Lindsey desceu do sótão carregada com algumas roupas velhas de seu irmão. Sua mãe se negava a jogar fora algo e no sótão se podiam encontrar desde roupas de bebê até velhos colchões de penas.

Lindsey tinha mexido em um baú após outro até encontrar a roupa que Rudy tinha usado quando tinha ido ao internato. Nessa época tinha sido de sua altura.

Enquanto levava a roupa pelo corredor, disse a si mesma que esses objetos serviriam para o propósito que tinha em mente essa noite.

-O que está fazendo? -tia Delilah se dirigia para ela com o cenho franzido.

-Eu... Estou descendo algumas roupas velhas do sótão. Pensei em doar para alguma obra de caridade. -O que não era exatamente uma mentira. Estava decidida a dá-las de presente, depois que as tivesse usado.

Tia Dee fez um gesto de aprovação com a cabeça.

-Uma ideia estupenda. Da maneira que sua mãe guarda as coisas, a gente poderia pensar que ela se criou em um asilo para pobres.

-Não vai sentir falta. Jamais sobe ao sótão.

-Bom, não há nenhuma dúvida de que serão mais úteis a alguém que as necessite de verdade do que acumulando pó lá em cima. -Tia Dee continuou caminhando pelo corredor, e Lindsey soltou um suspiro de alívio.

Ela gostaria de poder contar a verdade para sua tia. Mas assim a poria em uma situação comprometedora. Embora sua tia estivesse disposta a ajudar, sendo a dama de companhia de Lindsey, seu apoio seria uma traição à confiança de seus pais.

Lindsey estendeu as roupas - uma jaqueta de lã marrom e umas calças douradas sobre a cama. Não sairia de casa até que Rudy partisse no final da tarde, como estava acostumado a fazer habitualmente, embora ultimamente já não bebesse tanto e retornasse para casa em uma hora medianamente decente. Possivelmente seu encontro com a polícia lhe tinha deixado uma marca. Lindsey provou as calças e a jaqueta, que era folgada o suficiente para esconder sua esbelta figura. Com ar crítico, olhou-se no espelho, e pensou que, ao ser tão alta, poderia passar por um homem. Satisfeita ao ver

que as roupas lhe serviam, escondeu-as no fundo do armário. Assim que terminassem de jantar, subiria a seu quarto, chamaria sua criada, tiraria a roupa e iria para cama. E uma vez que a casa estivesse em silêncio, levantaria e colocaria aquelas roupas masculinas.

Olhou-se de novo no espelho. O que iria fazer com o cabelo? O esconderia sob uma boina de lã. Levar uma boina em vez de um chapéu poderia parecer um pouco estranho, mas o bairro ao qual ela ia não era um lugar onde se seguisse a moda ao pé da letra.

Às onze e meia pôs o plano em marcha. Vestiu-se com as roupas velhas de Rudy, escondeu o cabelo sob a boina e se encaminhou à parada de carruagens de aluguel na esquina. Como já tinham combinado, Elias Mack a esperava ali. O jovem laçao protestou e tentou dissuadi-la, mas como gostava de trabalhar para ela, no final se resignou a ajudá-la.

Tudo estava pronto.

Lindsey só esperava que o plano que tinha inventado funcionasse.

De pé, escondido entre as sombras do jardim, Thor aguardava com os ombros apoiados contra um muro. De sua posição vantajosa, podia observar a porta traseira da casa por onde Lindsey sairia. Ainda lhe custava acreditar que ela fosse capaz de levar adiante esse plano insensato, que se vestiria como um homem e visitaria um dos distritos mais sórdidos de Londres.

Sacudiu a cabeça. Não sabia do que se surpreendia. Lindsey sempre tinha tido uma vontade de ferro e, agora, com a ameaça que pendia sobre seu irmão, não haveria nada que não fosse capaz de fazer.

Tinha passado quase uma hora quando a porta traseira da casa se abriu e uma magra figura saiu à escuridão. Ela estava vestida como um moço assim como Krista havia dito, e ele amaldiçoou em silêncio. Aquela tonta não era mais que um problema.

Compreendia suas preocupações, é claro, embora não estivesse certo de que o insignificante irmão de Lindsey merecesse sua ajuda. Mesmo assim, existiam limites sobre o que uma jovem podia fazer, e correr no meio da noite vestida como um homem ultrapassava a todos. Deixou-a percorrer meia quadra antes de pôr-se a andar atrás dela, detendo-se ao perceber que seu destino era a parada de carruagens de aluguel da esquina. Ali a esperava um homem, o laçao Elias Mack, sobre o qual Krista tinha lhe falado. Parecia muito jovem e inexperiente para poder lidar bem com uma briga. Se Lindsey se metesse em problemas...

Apertou os dentes com força. Graças aos deuses Krista tinha lhe pedido ajuda. Pode ser que não aprovasse o comportamento de Lindsey, mas não queria que acabasse ferida. Esperou que Lindsey e seu acompanhante subissem em um dos cabriolés e seguissem, então se aproximou e subiu em outro.

-Para Covent Garden – ele disse ao condutor - E não perca de vista aquela carruagem.

-Sim, senhor.

Thor observou tenso como a carruagem na frente dobrava uma esquina depois da outra, entrando cada vez mais em um distrito onde abundavam os bares, as casas de jogos e os bordéis que os cavalheiros frequentavam para entreter-se. Certamente, aquele não era o lugar adequado para uma dama.

E isso era o que era Lindsey, ele admitiu a contra gosto, mesmo que às vezes fosse um pouco imprudente.

Observou como a carruagem parava diante do Faisão Dourado, uma conhecida casa de jogo com bastante má fama; um lugar que ela não deveria pisar, com ou sem disfarce. Conteve o desejo de aproximar-se dela e a carregar no ombro para levá-la de volta para casa, onde estaria a salvo.

Não o faria. Com isso só conseguiria que retornasse em outra noite, e da próxima vez ele poderia não estar ali para protegê-la.

Assim esperou entre as sombras do edifício até que ela e seu laçao retornaram quinze minutos mais tarde, e depois os seguiu rua abaixo.

Um quadras mais abaixo, Lindsey bateu na porta de uma casa de três andares, e ao momento, uma mulher muito maquiada lhe abriu a porta.

-Sou amigo de Phoebe Carter - Thor ouviu que dizia Lindsey - estou tentando encontrar sua casa.

Não se incomodou em dissimular a voz e a mulher da porta a olhou de cima abaixo, tomando nota das calças e a jaqueta.

-Phoebe está morta.

-Sim, eu sei. Eu gostaria de falar com as mulheres que compartilhavam o apartamento com ela.

-É no terceiro andar, aqui mesmo, mas suas amigas não estão em casa.

-Voltarei em outra hora.

A mulher fechou a porta e Lindsey se reuniu com o laçao que esperava a uns metros. Procurando permanecer nas sombras, Thor seguiu aos que a primeira vista parecia um par de jovens. O jovem laçao não percebeu que estavam sendo seguidos, e Thor amaldiçoou. Esse moço era muito inocente para exercer a função de guarda-costas.

Lindsey e o laçao dobraram uma esquina, e se enfiaram numa rua que Thor conhecia bem, era ali onde estava situado o bordel de madame Fortier. No meio da rua, as luzes iluminavam a entrada do Lua Azul, uma das casas de jogo mais notórias e com pior fama de Londres. Fechou o punho quando observou que Lindsey e o laçao entravam. Por Odín, será que aquela mulher não tinha nenhum pinga de senso comum?

Thor conteve o desejo de segui-la, sabendo que se o fizesse, iriam descobri-lo. Assim se conformou em ficar aguardando diante da porta principal.

Iria dar-lhe essa noite, mas quando acabasse, tinha intenção de manter uma longa conversa com ela.

Abrindo caminho entre a inquieta e pouco recomendável multidão do interior, Lindsey ouviu o sussurro de Elias Mack em suas costas.

-Está certa disso?

Não, Lindsey não estava certa. Era o pior lugar no qual tinha entrado até o momento: o tapete estava puído, o papel das paredes caía em pedaços e o ar estava tão carregado que mal se podia respirar.

-Esta é nossa última parada - ela respondeu-lhe procurando manter o tom de voz baixo e rouco - Assim que fale com o dono deste lugar, iremos para casa.

Graças ao que tinha aprendido no Faisão Dourado sabia que tinha que perguntar pelo gerente, mas esse lugar parecia muito menos amistoso, e Elias e ela pareciam chamar a atenção. Possivelmente se devesse a que nenhum dos dois tinha estado ali antes enquanto que o resto das pessoas parecia ser de clientes habituais. Talvez fosse prudente jogar um pouco e depois tentar conseguir alguma informação.

-O que? Atiramos uns dados, amigo? -disse a Elias imitando uma voz masculina e fingindo um leve sotaque de um nativo de East End - Vamos ver se nossa sorte mudou. – ela dirigiu-se até a mesa de jogo e Elias a seguiu. Podia sentir como crescia a tensão enquanto abria caminho entre a multidão, à mesma tensão que lhe formava um nó no estômago.

Era alta o suficientemente para passar por um homem magro e o estabelecimento era escuro o suficientemente para ocultar seu rosto entre as sombras. A jaqueta e as

calças eram comuns e estavam enrugadas, e levava a boina enfiada até as sobrancelhas; esperava ter uma imagem insignificante.

Ao redor da mesa de jogo encontraram um amplo repertório de homens de má fama, cigarros fumegantes e linguagem obscena. Algumas espessas costeletas cinza e algum outro homem sem os dentes da frente. Quando se aproximou mais da mesa, quase vomitou com o aroma de suor e a cerveja azeda e lutou para conter um estremecimento.

Os homens gritavam os números nos quais apostavam. Era agora ou nunca. Lindsey tirou a bolsa de moedas do bolso da jaqueta, e assim que o fez se deu conta de seu engano. Ganhou vários olhares avessos e ouviu vários cochichos aqui e lá. Ignorou como pôde os batimentos acelerados de seu coração e tentou parecer indiferente. Não podia voltar atrás agora sem chamar ainda mais a atenção.

Mantendo a cabeça baixa, pegou um punhado de moedas, depois devolveu a bolsa ao bolso da jaqueta, recriminando-se em silêncio por não haver percebido antes o perigo que trazia permitir que esses homens soubessem que levava dinheiro com ela.

Baixou o olhar para a mesa de jogo. Tinha jogado dados com Rudy apesar de quão escandaloso podia ser para uma jovem solteira. Agora se alegrou. Fez uma aposta, perdeu, gemeu como se aquilo fosse mais do que podia permitir-se, mas jogou e perdeu uma vez mais antes de retirar-se da mesa.

Uma garçonete com um corpete escandalosamente decotado abriu caminho pela sala, ganhando vários comentários lascivos dos homens e lhes permitindo liberdades que fizeram Lindsey ruborizar. Pela primeira vez lhe ocorreu que o Lua Azul era, provavelmente, algo mais que uma casa de jogo. Havia muitas possibilidades que fosse, além disso, uma casa de má fama.

A garçonete chegou a sua altura e Lindsey pediu uma cerveja. Os olhos de Elias quase saíram de suas órbitas ao ver os exuberantes seios que ameaçavam arrebentar a roupa gasta da mulher.

-Algun de vocês quer vir comigo, amorzinhos? - a mulher disse piscando os olhos com malícia e ganhando um amplo sorriso de Elias.

Lindsey lhe deu uma cotovelada nas costelas e ele negou rapidamente com a cabeça.

-Não, obrigado.

-Traga-lhe uma cerveja também - Lindsey disse com brutalidade - Além disso, nós gostaríamos de falar com o gerente. Onde podemos encontrá-lo?

-O senhor Pinkard está em seu escritório. Dir-lhe-ei que querem falar com ele.

-Obrigado.

Uns minutos mais tarde, Pinkard se dirigia para eles. Era um homem fraco, com os olhos fundos e o cabelo negro.

-Desejavam ver-me?

-Somos amigos de Phoebe Carter... A mulher que assassinaram a uma quadra daqui. Perguntávamo-nos se você ou alguém daqui poderia ter visto algo naquela noite.

-Talvez tenha vindo aqui... Não saberia lhe dizer. Eu não a vi, nem ninguém comentou que a viu.

-Houve uma festa lá em cima naquela noite. Possivelmente ela compareceu. Possivelmente você ou algum de seus empregados...

Ele a agarrou pelo peitilho da jaqueta.

-Não sei quem é você, mas já chega de fazer perguntas.

Fez um gesto com a cabeça a um par de homens que surgiram das sombras. Um parecia uma montanha andante, o outro era igualmente alto, mas não tão forte, e era careca como uma bola de bilhar.

O homem careca a agarrou pelo braço enquanto que a montanha andante se encarregava de Elias, que tentou liberar-se.

-Hey! Que demônios? -O homem só riu, puxou-lhe o braço e a arrastou para frente.

-Já estávamos indo, certo? - Lindsey disse, lutando para libertar-se.

Mas nenhum dos dois homens os soltou, só os empurraram para uma porta lateral e os fizeram sair em um beco, e ali fora tudo estava negro como alcatrão, exceto pela luz oscilante que lançava uma lanterna pendurado ao lado da porta.

-Me entregue a bolsa - exigiu o careca.

Lindsey virou o estômago. Assim que esses homens tinham visto sua bolsa de moedas. Lindsey não discutiu. Tremia-lhe a mão quando a meteu no bolso e tirou a bolsa de couro que continha o dinheiro. O coração pulsava a toda velocidade, e parecia estar a ponto de sair do peito. Elias tinha os olhos arregalados.

Ela entregou a bolsa, mas quando tentou afastar-se, o homem a reteve pela mão. Sob a tênue luz da lanterna, os dedos Lindsey se viam pálidos e finos, e não parecia absolutamente uma mão masculina. Lindsey ficou rígida quando o homem a puxou e estendendo a mão tirou sua boina de lã, fazendo o cabelo de Lindsey cair sobre suas costas.

-Vá, vá, vá. Jocko, esta é nossa noite de sorte, um pouco de dinheiro extra e, além disso, um salgadinho fresco.

O sangue fugiu do rosto de Lindsey. Começou a lutar e ele perdeu o controle.

-Deixem-na em paz! -Puxando freneticamente os enormes braços que o seguravam, Elias tentou liberar-se.

-Peguem o dinheiro e nos deixem partir! - Lindsey suplicou, mas o homem careca só a olhou de maneira lasciva enquanto que a enorme montanha andante ria.

Elias lutou com mais frenesi, conseguindo libertar um de seus braços e lançar um golpe às cegas que surpreendentemente deu no alvo. O enorme homem grunhiu, o fez girar e começou a lhe golpear sem parar. Lindsey gritou quando Elias caiu no chão. O homem o levantou e o golpeou com os punhos uma e outra vez até que o laçaio fechou os olhos e caiu de novo no chão, inconsciente.

Lindsey lutou contra eles com todas suas forças quando eles lhe arrancaram a jaqueta. As mãos daqueles homens, enormes e calejadas, agarraram a frente da camisa e a rasgaram com facilidade. Um golpe de vento bateu contra a pele nua de Lindsey por cima da regata que a cobria. Soltou um grito quando começou a lutar violentamente contra os homens, que tentavam lhe tirar os sapatos, e que logo rasgaram o resto de sua roupa. Lindsey tentou voltar a gritar, mas a esbofetearam com tal força que tropeçou e caiu de joelhos. Só podia pensar que Krista tinha tentado adverti-la, mas não tinha querido escutá-la. Agora, Elias e ela teriam que pagar caro, talvez com suas vidas.

Thor dobrou a esquina correndo a toda velocidade. O primeiro grito tinha chegado a ele amortecido; tinha pensado que era de uma das prostitutas agradando a um cliente no beco, mas não havia maneira de interpretar mal o segundo grito; um grito feminino horripilante, e que, sem dúvida, pertencia a Lindsey.

Sentiu-se embargado pelo medo quando enxergou os dois homens enormes inclinados sobre uma pequena figura iluminada pela tênue luz de uma lanterna. Um a segurava pelos braços, outro pelos pés... E ela estava totalmente nua.

Um instante antes de alcançá-los, um pensamento passou pela sua cabeça: não havia nada mais feminino que Lindsey Graham. Tinha umas curvas esbeltas e uns peitos

preciosos, uma cintura diminuta e as pernas mais longas e bonitas que tinha visto em sua vida.

E um homem que não era ele a estava tocando; acariciava com sua mão aquela pele suave e branca. Thor deixou escapar um grito furioso. Agarrou ao primeiro homem e o separou de Lindsey. Levantando o punho contra sua cara feia, Thor o golpeou com toda a força que pôde reunir e depois o golpeou uma vez mais.

Com um rugido atroz, o segundo homem inclinou a cabeça e se lançou ao ataque, golpeando Thor duramente no estômago, e o fazendo tropeçar para trás até que bateu contra a dura parede de tijolo. Thor soltou um grunhido e lançou um murro contra a cara do homem, que começou a sangrar quando lhe quebrou o nariz. Ele tentou golpear Thor de novo, mas este se esquivou e voltou a golpear, fazendo-o cair em meio das imundícies que cobriam o chão.

Thor voltou sua atenção ao primeiro homem e começou a dar um golpe atrás do outro sobre o corpulento corpo do homem. O careca rapidamente retornou à briga e começou a lhe dar murros. Thor quase riu ante aqueles golpes inúteis que só conseguiam enfurecê-lo ainda mais. Poucos minutos depois, os dois homens estavam no chão, sangrando, e mesmo assim, Thor não se deteve. Não até que ouviu os suaves soluços de Lindsey.

Tremendo pelo esforço que lhe custava conter-se para não matar esses homens, virou-se para vê-la sentada contra a parede, com uma jaqueta masculina cobrindo seu corpo nu. Tremia de tal maneira que seus dentes batiam. Tinha um machucado na bochecha e o cabelo caía desordenado sobre seus ombros. A jaqueta não era ampla o suficientemente para cobri-la, assim sem perda de tempo tirou seu casaco e o pôs sobre os ombros dela.

Quando se ajoelhou frente a ela, Lindsey o olhou com os olhos nublados pelo medo e a surpresa.

-Thor?

Ele quis abraçá-la, rodeá-la com seus braços e apertá-la contra seu peito, mas se limitou a estender a mão e a colocar o cabelo suavemente atrás de sua orelha.

-Está tudo bem, querida. Não voltarão a te fazer mal.

As lágrimas deslizavam pelas bochechas de Lindsey.

-Não posso acreditar que esteja aqui.

-Eu a ouvi gritar. Vim o mais depressa que pude.

Lindsey ergueu a cabeça ao lembrar-se de seu companheiro de aventura.

-O que aconteceu com Elias?

-Agora eu cuidarei dele. -Embora quisesse ficar com ela, consolá-la e assegurar-se de que estava bem, obrigou-se a virar para procurar o moço, que ouviu gemer entre as sombras - Está ferido gravemente, rapaz? -perguntou-lhe.

Elias abriu os olhos.

-Deram-me uma boa surra, estou dolorido por toda parte. -Tentou levantar-se - A senhorita Graham, está...?

-Não se preocupe. Está a salvo.

O moço lutou para ficar em pé, cambaleou e logo se endireitou.

-Quem é você?

-Um amigo. Eu os segui para o caso de se meterem em confusões.

O jovem assentiu com a cabeça. Tinha o lábio inchado, um olho arroxeadado e quase fechado pelo inchaço.

-Não pode imaginar como me alegro com isso.

-Pode caminhar?

Elias assentiu com a cabeça. Dando uma rápida olhada a Lindsey para assegurar-se de que estava bem, Thor ajudou o moço a percorrer a curta distância que havia do beco à rua. Uma carruagem de aluguel, puxada por um velho cavalo, dirigia-se para eles da porta da casa de jogo clandestino. Thor a deteve e ajudou o rapaz a subir, depois pagou ao condutor e lhe indicou o endereço da casa de Lindsey.

-Não diga nada da senhorita Graham.

Elias sacudiu a cabeça.

-Não, senhor. Ela não esteve aqui.

Thor fez um gesto de aprovação com a cabeça. Assim que a carruagem partiu, correu para junto de Lindsey. Os dois atacantes jaziam ainda inconscientes, atirados de barriga para baixo em meio da sujeira e do lixo do beco. Conteve o desejo de terminar o que tinha começado, e se voltou quando ela pronunciou suavemente seu nome.

Lindsey estava de pé, apoiada contra a parede de tijolos, descalça e tremendo, segurando com força o casaco de Thor, que chegava quase até seus joelhos.

-Eles te fizeram mal?

-Eu estou bem. Só quero... Ir para casa, mas não posso ir... Não posso ir assim.

Debaixo de seu casaco, ela estava nua. Só de pensar o que aqueles homens tinham tido intenção de fazer, Thor se enfureceu de novo.

-Se eu não estivesse aqui, eles os matariam.

Ela arregalou os olhos, que se encheram de lágrimas.

-Mas então não teria vindo me resgatar.

Começou a chorar e ele a levantou nos braços.

-Eu estou aqui. Não tem nada a temer.

Ela deslizou o braço pelo seu pescoço e se apertou contra ele.

-Você me salvou. Oh, Meu Deus, Thor. - Enterrando a rosto em seu ombro, chorou como se não pudesse parar.

-Está bem - ele disse brandamente - não deixarei que lhe façam mal.

Murmurando-lhe palavras de consolo, segurou-a com suavidade contra seu corpo, enquanto se dirigia para a rua a grandes passadas. Não podia levar Lindsey para casa - não sem sua roupa - mas conhecia um lugar onde sim podia levá-la.

CAPITULO 07

Lindsey se agarrou ao pescoço musculoso de Thor. Ele continuou lhe falando uma e outra vez com uma voz tão suave e rouca que ela mal podia entender as palavras. Dizia-lhe que estava a salvo, que não deixaria que nem ninguém a machucasse. Que não havia nada a temer, que ele se encarregaria de tudo.

Às vezes falava em sua língua materna, com aquele sotaque nórdico que ela não compreendia. Mas não importava. Era o tom de sua voz, o ritmo compassado de suas palavras o que a sossegava. Era a forma em que a sustentava contra seu corpo, sua terna consideração, o que falava para Lindsey que ela estava a salvo.

Não tinha ideia de aonde ele a levava. Deveria estar preocupada, mas não estava. Thor a tinha salvado de um destino pior que a morte, e pode ser que inclusive da própria morte. Jamais se esqueceria da maneira que ele tinha ido ao seu resgate, como um anjo escuro e feroz que levava a cólera de Deus sobre seus inimigos.

Agora compreendia o que Krista tinha querido dizer. Thor era um guerreiro, um homem que sabia brigar, que estava disposto a morrer por aqueles a quem protegia. Pensou nos dois homens grosseiros e duros que ele tinha derrotado com uma facilidade arrepiante. Não restava nenhuma dúvida de que se quisesse poderia tê-los matado.

Ela tremeu em seus braços.

-Falta pouco para chegar, querida.

O tom carinhoso a envolveu como uma suave carícia. Tentou ignorar a coceira que sentiu no estômago. Thor estava ali e ela estava a salvo. Deveria ter lhe pedido ajuda desde o começo. Mas a verdade era que ele lhe dava medo. Ela jamais havia sentido uma atração física tão intensa por um homem. Agora essa sensação aumentou com a gratidão que sentia para esse homem por tê-la salvo e pela maneira terna em que a estava tratando.

Ela aconchegou-se mais contra seu peito e fechou os olhos. Estava a salvo. Elias estava a salvo. Por enquanto, isso era tudo o que importava.

Lindsey despertou com o som de risadas femininas e masculinas e o tilintar de copos. Umas luzes tênues iluminavam um quarto com o teto baixo e as paredes cobertas com um papel vermelho.

Ela endireitou-se nos braços de Thor.

-Onde estamos?

-No Red Door - ele disse com simplicidade, pondo-a cuidadosamente sobre seus pés - Madame Fortier é amiga minha.

Havia uma mulher de pé diante deles, uma mulher com os seios grandes, uma figura curvilínea e o cabelo escuro com mechas prateadas. Estava muito maquiada, mas ainda era uma mulher bonita embora devesse ter ultrapassado os quarenta.

-Thor me explicou o que lhe ocorreu - a mulher disse, com um suave sotaque francês que teria enganado a qualquer um que não falasse francês fluente - Eu vou ajudá-la já que é amiga de um meu bom amigo.

Lindsey esboçou um sorriso.

-Prazer em conhecê-la, madame Fortier.

-Thor! É você, amorzinho? - Uma ruiva se dirigia para ele com poucas roupas e muito sorridente.

-É ele! - Duas mulheres loiras se aproximaram rebolando, com uns roupões franceses, um rosa e o outro azul, que apenas cobria seus traseiros. Estava claro que ambas eram gêmeas e igualmente bonitas - É difícil se enganar com um homem tão grande.

-Nele, tudo é grande. - a ruiva riu com um olhar sedutor, um olhar apreciativo que percorreu Thor dos pés a cabeça.

Lindsey só pôde ficar olhando fixamente. Quando seu olhar estupefato recaiu sobre as demais mulheres com pouca roupa na sala, pensou por um momento que estava sonhando. Santo Deus! Dentre todos os lugares, nunca poderia imaginar que Thor a levaria para um bordel!

-Necessita de companhia esta noite, grandalhão? - As gêmeas se aproximaram uma de cada lado, e passaram suas unhas afiadas pelo longo cabelo escuro - Já sabe quanto prazer Greta e Freda podem te proporcionar.

Um rubor inundou as bochechas de Thor.

-Não esta noite.

-Prefere minha companhia? - perguntou a ruiva com os peitos quase saindo do decote de uma camisola tão transparente que se podia ver através dela - É minha noite livre. Pode ficar comigo de graça.

Thor negou com a cabeça.

-Tenho assuntos que atender, mas obrigado pela oferta.

«Santo Deus!» Lindsey sabia que Thor era popular entre as mulheres, mas nunca tinha imaginado que até as prostitutas dariam em cima dele. Uma onda inesperada de

algo que reconheceu como ciúmes a atravessou. Era uma loucura. Deveria estar furiosa por ele a ter levado a um lugar como esse!

Mas por outro lado, estando ela nua, que outras opções ele tinha tido?

Por um bom número de razões, sentiu-se agradecida quando madame Fortier começou a afugentar as mulheres.

-Fora daqui as três. Deixem Thor em paz. Não veem que está ocupado?

«Ocupado? Ocupado com ela?»

«Deus do Céu.» Lindsey viu seu reflexo no espelho de moldura dourada que havia no vestíbulo de entrada. O casaco de Thor caía até seus joelhos, mas tinha as pernas e os pés nus, e o cabelo revoltado sobre os ombros. Santo Deus, por acaso essas mulheres pensavam que era uma delas? Uma prostituta que necessitava da ajuda de Thor? Uma de suas companheiras de cama? Olhou-o brevemente. Com a camisa rasgada e cheia de sangue, o cabelo escuro despenteado e caindo sobre a testa, Thor estava tão bonito que cortava a respiração.

Mas ele não sentia a menor atração por ela. Ele a tinha seguido porque era amiga de Krista. Embora ela estivesse sem uma peça de roupa sob o casaco, não a tinha olhado como os homens olhavam às mulheres seminuas do Red Door.

Tentou convencer-se de que aquilo não a incomodava.

-Ela precisa de algumas roupas - Thor disse para madame Fortier - Eu pagarei com gosto o que custar.

A mulher arqueou uma sobrancelha prateada.

-Trarei roupa para sua amiga, mas está certo de que não quer ficar até amanhã? Eu tenho no andar de cima um bonito quarto que poderia compartilhar com ela durante o resto da noite.

Thor percorreu Lindsey com o olhar, das pernas nuas até os pés. Não era um olhar terno nem de desaprovação, a não ser um tão primitivo e feroz, tão esmagadoramente ardente, que não havia dúvida do que estava pensando: que lembrava perfeitamente a aparência que ela tinha sob o casaco, tão nua como o pecado, e que levá-la acima era exatamente o que ele gostaria de fazer.

Lindsey conteve o fôlego. Aquele olhar dizia, categoricamente, que Thor Draugr a desejava.

Seu pulso acelerou. Não podia afastar os olhos de seu rosto.

Thor foi quem afastou primeiro o olhar.

-Nos proporcione um vestido - ele disse bruscamente - É só o que precisamos.

Madame Fortier pôs-se a andar.

-Venha querida. Verei o que posso fazer.

Thor pegou Lindsey pelo braço.

-Ainda não se recuperou. Provavelmente eu deveria te levar nos meus braços.

Durante um insensato momento, ela quase aceitou só para que ele a segurasse em seus braços de novo. Entretanto, era perfeitamente capaz de caminhar com seus próprios pés. Não estava sob o feitiço de Thor como o resto das mulheres. Era obvio que não!

-Eu estou bem.

Ela se virou bruscamente, negando-se a olhá-lo de novo. Lindsey seguiu madame Fortier, que a conduziu a parte de trás da casa. Uns minutos mais tarde estava vestida com um vestido de cetim laranja, o tipo de roupa que alguém esperava encontrar em um bordel - que era onde eles estavam - com um corpete decotado que deixava os mamilos quase descobertos.

-Lamento - a mulher disse - É o mais discreto que pude encontrar.

-É melhor do que o que estava vestindo.

«Mas não muito.»

Inspirando fundo e tentando não corar, Lindsey seguiu madame Fortier de volta ao salão principal.

Thor se virou ante o som de passos. Para ele caminhava uma mulher de cabelos cor mel e olhos dourados como os de um gato. Era magra, mas não varonil como ele tinha pensado uma vez. Pelo contrário, tinha uma figura esbelta, com curvas graciosas e... Elegantes, essa era a palavra inglesa que lhe vinha à mente.

Por um instante se lembrou dela nua: a cintura estreita, o perfeito arredondado de seus seios, os mamilos rosados, duros como diamantes contra o ar frio da noite. Quase podia vê-los agora, apenas cobertos pela roupa de prostituta que tinham lhe emprestado.

Em sua mente, ainda podia ver os cachos suaves de seu sexo, as longas pernas e os pés esbeltos. Enquanto ela se aproximava de onde ele estava, imaginou aquelas longas pernas lhe rodeando os quadris, a doçura de seus lábios, o sabor de sua pele, o aroma feminino alagando suas fossas nasais quando a fizesse alcançar o êxtase.

Seu membro pulsou e Thor reprimiu um gemido. Quando Lindsey parou ao seu lado, estava duro como uma rocha, dolorido e ansioso por afundar-se em seu corpo. Tinha tentado convencer-se de que ela não era mulher para ele e em seu coração sabia que era verdade.

Entretanto, desejava-a. Podia mentir para si mesmo e dizer que era porque tinha visto seu belo corpo nu, mas a verdade era que a desejava fazia meses. No entanto, por ser amiga de Krista, uma dama, filha de um rico aristocrata, estava tão fora de seu alcance como qualquer das deusas vikings as quais rendiam culto o povo de sua ilha.

Não podia tê-la, assim convenceu a si mesmo de que não o atraía.

Lindsey lhe devolveu o casaco e ele o pôs, esperando que ela não percebesse a reação de seu corpo diante dela, esperando que não visse sua dura ereção. Mas madame Fortier tinha uma grande percepção para essas coisas, e um sorriso malicioso apareceu em seus lábios.

Cravou os olhos diretamente na protuberância que avultava a braguilha das calças sob o casaco e negou com a cabeça.

-Que desperdício. Está certo de que não deseja ficar?

Thor queria ficar ali mais do que queria respirar. Queria levar Lindsey para um dos quartos de cima, arrancar aquelas roupas de prostituta e penetrar em seu corpo tão profundamente quanto pudesse. Queria perder-se entre os sedosos fios de seu cabelo, sentir a dureza de seus mamilos contra seu torso, experimentar o aperto de seu doce sexo em torno dele até alcançar o êxtase.

Thor amaldiçoou em silêncio. Durante meses tinha mantido uma fachada de indiferença, e não só tinha enganado a ela, mas também se a si mesmo. Essa noite, ao vê-la nua e vulnerável, atacada por criminosos que tinham intenção de tomar pela força aquilo que ela não desejava dar, seu frio controle se rachou completamente.

Já não podia mentir mais. Desejava-a como jamais tinha desejado uma mulher.

Thor jurou a si mesmo que não deixaria que Lindsey jamais soubesse disso.

Lindsey estava sentada ao lado de Thor na carruagem de madame Fortier. O que ocorreu a suplantava. Elias e ela poderiam ter morrido se não tivesse sido por Thor. Tentou não pensar em madame Fortier e no Red Door, mas a imagem da bonita mulher não saía de sua mente.

-Deve frequentar o Red Door frequentemente para que madame Fortier e você tenham se convertido em grandes amigos.

Thor a olhou de soslaio.

-Ambos desfrutamos do corpo um do outro.

Lindsey arregalou os olhos e tentou ocultar seu rubor. Era ela, depois de tudo, quem tinha trazido o tema a tona e sabia de sobra quão franco Thor podia chegar a ser. Mesmo assim, sentia curiosidade.

-As demais mulheres também pareciam te conhecer bem.

Ele encolheu aqueles poderosos ombros.

-Um homem tem suas necessidades, e eu não sou casado como meu irmão.

Ela se endireitou no assento.

-Então, Leif não o acompanha?

-Meu irmão encontrou sua alma gêmea. Jamais lhe seria infiel.

Assim pensava que um marido deveria ser fiel. Não era uma filosofia que praticassem os homens ao seu redor.

-Está procurando sua alma gêmea?

-Se os deuses assim o quiserem, vou encontrá-la.

Thor tinha uma estranha maneira de falar. Desejava saber mais sobre ele. Aconchegou-se no casaco de Thor, que voltava a ter colocado, tentando não tremer de frio. Tinha recusado a capa que madame Fortier lhe tinha oferecido. Não queria que Thor retornasse a aquele esgoto para devolver o objeto, embora soubesse de sobra que cedo ou tarde retornaria ao lugar. Como ele havia dito, um homem tinha suas necessidades e um tão viril como ele devia ter mais necessidades que qualquer outro.

No meio da escuridão, as bochechas de Lindsey começaram a arder. Sabia o que acontecia entre um homem e uma mulher. Ela o tinha experimentado de primeira mão

com Tyler Reese quando tinham só dezesseis anos. Naquela época ela era uma tonta cheia de curiosidade que se acreditava apaixonada pelo atraente e jovem visconde.

Estava claro que para Ty, sendo um homem, tinha sido uma experiência satisfatória, mas no que concernia a Lindsey, tinha sido uma absoluta decepção.

-Você disse «se os deuses assim o quiserem». Você crê que há mais de um Deus? – ela perguntou-lhe.

-Muitos anos antes que eu nascesse, chegou a nossa ilha um sacerdote. Pregou ao nosso povo os ensinamentos do Deus cristão, mas não deixamos de acreditar nos antigos deuses vikings.

-Então sua ilha foi uma vez um assentamento viking.

Ele a olhou com dureza.

-Ainda somos vikings. Seguimos vivendo com os mesmos costumes há centenas de anos.

-Não está insinuando que realmente é um...

-Sim, isso sou.

Ela cravou os olhos em seu perfil, tentando convencer-se a de que tinha ouvido corretamente. Pensou em sua força física, na maneira em que brigava, na facilidade com a qual vencia seus adversários.

-Oh, Meu Deus.

-Leif e eu... Não estamos acostumados a comentar. Às pessoas deste país tem dificuldade em acreditar. E não queria vê-lo escrito em sua coluna.

-Claro que não! Jamais me ocorreria escrever algo que traísse sua confiança.

Sob as luzes da rua, ele estudou seu rosto.

-Não, suponho que não o faria. É muito teimosa e franca para uma mulher, mas também é leal e digna de confiança.

Lindsey não soube se se sentia adulada ou insultada, assim decidiu continuar com um tema mais seguro.

-Por que veio para a Inglaterra?

-Para ver o que havia além de nossa ilha. Era o sonho de meu irmão.

Thor começou a lhe explicar como um navio tinha naufragado em sua ilha, e como tinham utilizado sua madeira para construir um veleiro com o qual Leif tinha podido sair da ilha. Tinha-o feito acompanhado de um grupo de jovens, mas quando passaram uns meses sem ter notícias deles, pensaram que tinha morrido.

Finalmente, seu irmão tinha retornado com sua prometida, mas jamais tinha querido ficar.

-Era a vontade dos deuses que meu irmão vivesse na Inglaterra. Eu quis lhe acompanhar. Queria aprender, ver o que o destino tinha me reservado.

Lindsey refletiu sobre suas palavras, tentando assimilar tudo o que ele dizia.

-Você pensou alguma vez em retornar para casa?

-Sinto falta dos meus irmãos. E de minha irmã. Tenho saudades dos espaços abertos e da beleza de minha terra. Mas este também é um lugar bonito, no campo a grama é verde e as colinas estão cheias de flores. Um dia possuirei minhas próprias terras e poderei viver em paz.

Ela queria lhe perguntar mais, mas a carruagem já se aproximava de Mount Street. Tinha que entrar em casa sem ser vista. Podia imaginar a expressão horrorizada de tia Dee ante a visão daquele horroroso vestido de cetim. Avistou a enorme mansão de pedra. Esperava que Elias Mack tivesse retornado a salvo. Sabia que podia confiar que ele guardasse silêncio sobre o ocorrido naquela noite, e se perguntou que história inventaria para explicar seus cortes e machucados.

Thor ordenou ao condutor que parasse no beco atrás da casa.

-Tem sorte de não ser minha mulher – ele lhe disse quando a carruagem se dirigia para a porta arqueada de madeira que dava para o quintal da casa - Eu esquentaria o seu traseiro até que a minha mão doesse por arriscar seu bonito pescoço dessa maneira.

Lindsey o ignorou. Thor não era seu marido e jamais o seria. Observou-o enquanto a carruagem parava.

-Meu irmão se colocou em problemas. Tenho que encontrar o homem que assassinou essas mulheres. Depois do que aconteceu esta noite, percebi que não posso fazê-lo sozinha. Você vai me ajudar?

Ele a estudou durante um longo momento, depois endureceu a mandíbula.

-Se disser que não, voltará a fazer mais tolices?

-É provável.

-Dá mais problemas que duas mulheres juntas.

-É isso um sim?

-Sim, eu a ajudarei.

Ela se aproximou e o beijou na bochecha.

-Obrigado. Jamais poderei te pagar pelo que fez esta noite por mim. -Lindsey começou a virar-se, mas Thor a agarrou pelos ombros e a deteve.

-Vou me considerar recompensado com isto.

Lindsey ficou sem fôlego quando a atraiu para ele e cobriu sua boca com a dele. Durante um instante, o tempo parou e Lindsey pôde sentir o calor do corpo masculino, os poderosos músculos de seu peito, a força de seus braços. Os lábios de Thor eram mais suaves do que pareciam quando se moveram sobre os dela, moldando-os perfeitamente, fazendo-a arder. Foi um beijo sexual, terno e completamente excitante,

que a fez agarrar-se a seus ombros e gemer brandamente quando ele rompeu o contato.

Respirando quase com dificuldade, ele lhe dirigiu um último olhar abrasador antes de descer da carruagem, estendendo os braços para ajudá-la a descer os degraus.

-Entre em casa, Lindsey - ele disse com brutalidade - Antes que me esqueça que somos só amigos.

Lindsey não vacilou, só recolheu as saias do horroroso vestido laranja e correu o mais depressa que pôde através do quintal, para a porta traseira da casa.

CAPITULO 08

Lindsey estava sentada em sua mesa com a cabeça inclinada sobre a folha de papel que tinha na frente, escrevendo a coluna dessa semana.

Ou ao menos era isso que tentava fazer.

Infelizmente, era quase impossível concentrar-se com Thor no escritório. Embora mantivesse os olhos em seu trabalho, ouvia-o mover-se de um lado para o outro, levantando pesadas caixas de madeira e as mudando para a sala dos fundos. Thor tinha chegado ao escritório fazia umas horas, e só tinha falado com ela uma vez, para cumprimentá-la tensamente ao chegar e lhe perguntar como estava depois da terrível experiência da noite anterior. Ela lhe disse que estava bem; entretanto, sentia dores por todo o corpo depois do brutal ataque do beco.

Desde então, não haviam voltado a se falar.

Lindsey suspirou. Estava claro que Thor lamentava o impulsivo beijo da noite anterior. Ela desejava sentir o mesmo, mas não podia tirar da cabeça aquele contato quente e perguntava a si mesma como ele aceitaria se o obrigasse a beijá-la de novo. Recordou-se que eram pensamentos desse tipo que tinham provocado o comportamento impróprio de Tyler Reese. Ela tinha entregado a Ty sua inocência e mais tarde o tinha lamentado profundamente.

Mas uma parte de si mesma lhe dizia que isto não era o mesmo. Não estava apaixonada por Thor, só sentia uma amalucada atração por ele. Agora já estava mais velha, uma mulher adulta que não era suscetível a cair sob a persuasão de um homem.

Não que Ty tivesse necessitado de muito para persuadi-la.

Não podia negar que o aconteceu tinha sido mais uma ideia dela do que dele, assim como a ideia de rejeitar a oferta de casamento que ele havia se sentido obrigado a fazer. Naquele momento tinha descoberto que não estava apaixonada por Ty, nem preparada para o matrimônio.

Tendo cumprido com seu dever, o jovem visconde se retirou, e, finalmente, tinham continuado sendo amigos.

Agora, anos mais tarde, aquela velha curiosidade voltava a aparecer. Beijar Thor tinha sido diferente de qualquer outra coisa que ela tinha experimentado com Ty ou com qualquer outro homem. As quentes sensações que nublaram sua mente, afrouxavam seus joelhos e a fizeram desejar se perder naquele corpo musculoso eram novas e surpreendentes.

Tentou não perguntar-se como seria fazer amor com um homem que fazia seu sangue arder.

Tentou, mas não conseguiu.

Soou a campainha de cima da porta, atraindo sua atenção para o laçao, Elias Mack, que entrou precipitadamente no escritório trazendo consigo rajadas do vento frio de setembro. Várias cabeças se viraram para ele, mas no dia seguinte a gazeta seria impressa e todos estavam ocupados cumprindo com seu trabalho.

Elias se dirigiu diretamente para ela, e Lindsey se levantou da cadeira.

-Céus! Elias, o que aconteceu?

Estava quase irreconhecível com o rosto machucado, o lábio inchado e os olhos arroxeados e inchados. Não o tinha visto desde a noite anterior, e não pôde reprimir uma pontada de culpa ao compreender que suas ações tinham resultado em uma surra tão grande.

-A polícia foi a casa, senhorita. Prenderam seu irmão. O levaram na diligência.

-Oh, meu Deus.

-O que aconteceu? - a profunda voz de Thor atraiu toda a atenção de Lindsey. Por um instante esqueceu que Elias estava ali. Ela se recriminou mentalmente.

-Prenderam Rudy. Tenho que ir à delegacia de polícia. Tenho que encontrar uma maneira de fazê-los entender que ele não é o homem que assassinou aquelas mulheres.

-Esticando o braço, pegou a bolsa de cima da mesa, levantou-se e se dirigiu à porta.

-Eu te acompanho - Thor falou, alcançando-a com uma só passada.

-Não necessito de sua ajuda nisso. Vou à delegacia de polícia, pelo amor de Deus.

-Você me pediu ajuda, e eu lhe ofereço isso. Irei com você.

Lindsey suspirou e pôs-se a andar, parou perto da porta para recolher a capa e o chapéu, e logo saiu em busca de um transporte.

Elias e Thor a seguiram à rua.

-Eu os acompanho? - perguntou o laçao.

-Acredito que será melhor que volte para casa - Lindsey respondeu - Já o coloquei em problemas suficientes.

Elias assentiu com a cabeça.

-Como preferir, senhorita.

-Falando nisso, que explicação deu para o que ocorreu com seu rosto?

Ele sorriu abertamente.

-Pois eu não me desviei muito da verdade. Disse-lhes que fui a uma casa de jogo clandestino chamado Lua Azul e que briguei com um par de valentões.

-Sinto-me mal pelo modo como as coisas saíram. Não deveria ter te pedido que corresse esse risco.

O sorriso de Elias aumentou ainda mais.

-Foi uma noite interessante, senhorita. Não que eu goste de ter recebido uma surra, mas tampouco gostaria de perder a diversão. - despediu-se com um gesto da mão antes de pôr-se a andar rua abaixo e dirigir-se para a casa de Mount Street.

«Homens» Lindsey pensou enquanto o observava desaparecer pela esquina. «Que mulher será capaz de compreendê-los?»

Isso a lembrou de seu irmão E do problema que tinha nas mãos.

-O que vou fazer com Rudy? – ela falou para Thor, enquanto seguiam para a esquina, sem na realidade esperar por uma resposta

-Temos que encontrar o homem que matou aquelas moças.

Até que ele o disse em voz alta, não lhe tinha parecido uma realidade impossível.

Lindsey inspirou fundo para tranquilizar-se.

-Falaremos com a polícia, tentaremos os convencer de que Rudy é inocente. Depois retornaremos a Covent Garden para seguir investigando.

Ele franziu o cenho.

-Você quer retornar ali depois do que aconteceu ontem à noite?

Ela conteve um estremecimento ao recordar do brutal ataque daqueles homens no beco.

-Retornar é a última coisa que quero fazer, mas não tenho escolha.

-Não deve retornar sem mim.

-Não se preocupe com isso. Eu aprendi a lição.

Thor não parecia muito convencido.

Lindsey não tinha esperado encontrar tia Dee caminhando freneticamente de um lado para o outro na frente do escritório do sargento na delegacia de polícia quando passou pela porta de vidro que Thor segurava aberta para ela. Embora não deveria ter se surpreendido. Sabia o quão preocupada sua tia devia estar.

-Lindsey... Graças a Deus que está aqui! Rudy foi preso. Estes ignorantes estão convencidos de que foi ele quem assassinou a essas duas malfadadas mulheres.

-Eu sei. Elias Mack veio ao escritório para me contar.

Tia Dee bufou com desdém.

-O senhor Mack tem sorte de conservar o emprego. Esteve brigando por aí como um rufião. Eu o proibi de se aproximar de casa até que esteja curado. Se algum convidado o vir... Enfim, não quero nem imaginar os boatos que correriam por aí.

Lindsey olhou para Thor, que arqueou uma de suas sobrancelhas escuras como dizendo «se você não tivesse se comportado de uma maneira tão imprudente, seu lacaio não estaria a ponto de perder seu emprego e não o teriam atacado».

Lindsey, simplesmente, ignorou-o. Obrigou-se a sorrir.

-Tia Delilah, eu quero te apresentar a um amigo, Thor Draugr. Você conhece seu irmão, o marido de Krista, Leif.

-Ah, efetivamente, eu o conheço. - Sua tia olhou para Thor de cima abaixo, tomando nota de sua estatura excepcional, e da largura de seu peito e ombros - Apesar de que seja tão moreno quanto seu irmão é loiro, não se pode negar a semelhança familiar.

Com isso ficava claro que sua tia apreciava os encantos masculinos do irmão mais novo de Leif. Afinal, era uma mulher. Como poderia não fazê-lo?

-Thor está me ajudando a encontrar uma maneira de limpar o bom nome de Rudy.

-Sério? - Tia Dee lhe dirigiu outro olhar inquisitivo, como se tentando determinar seu nível de inteligência, algo que Lindsey esteve perguntando a si mesma - Esperamos que consiga.

Um homem com um escasso cabelo escuro se aproximou deles nesse momento. O agente Bertram, Lindsey lembrou, o encarregado de investigar os assassinatos.

-Lady Ashford – ele disse para sua tia - desconfio que esteja aqui para saber mais sobre seu sobrinho, Rudolph Graham.

-Estou aqui por causa das acusações ridículas que lhe atribuem. Meu sobrinho não teve nada a ver com nenhum assassinato e eu exijo que o deixe em liberdade imediatamente.

Ele suspirou como se lamentasse de verdade, algo que - Lindsey tinha certeza - não fazia.

-Eu gostaria que fosse tão simples. Mas no momento, lamento lhe dizer que não há nada que possa fazer para conseguir sua liberação. - Embora definitivamente não parecesse se lamentar parecia era bem satisfeito quando centralizou sua atenção em Lindsey - Me alegro que esteja aqui, senhorita Graham. Eu gostaria de trocar umas palavras com você em particular, por favor.

Lindsey sentiu uma pontada de preocupação. Levantou o olhar para Thor, estranhamente contente de que ele estivesse ali.

-Seja o que for que tenha para me dizer, pode fazê-lo aqui mesmo, na presença de minha tia e do senhor Draugr.

-Como queira. Você deu um falso testemunho no que se refere ao paradeiro de seu irmão na noite do assassinato de Phoebe Carter. Você sabe, e eu também. Eu lhe darei a oportunidade de mudar sua declaração. Se não o fizer, e demonstramos que o álibi de

seu irmão é falso, algo que acabaremos fazendo, significará que você, intencionalmente, tentou paralisar uma investigação policial e nos veremos forçados a apresentar acusações contra você.

-Não há maneira de que possam saber onde meu irmão estava naquela noite. Como disse, ele estava com...

-Diga a verdade - ordenou-lhe Thor.

Ela arregalou os olhos.

-O que... O que acha que está fazendo?

-Evitando que se meta em confusões. Por isso eu estou aqui. Agora, diga ao agente Bertram a verdade.

Lindsey olhou para sua tia, que assentiu com a cabeça. Por todos os demônios do inferno... O que houvesse dito ou não à polícia não era assunto de Thor. Bom, talvez o fosse depois do ocorrido na noite anterior.

Suspirou com resignação.

-Não sei com certeza onde estava meu irmão naquela noite. Pode ser que tenha me equivocado de data. Agora não estou tão segura.

Bertram fez uma careta.

-Isso é o que eu tinha pensado.

-Mas isso não quer dizer que ele seja o homem que matou a senhorita Carter.

-Eu temo que exista uma prova que demonstra o contrário.

Lindsey sentiu um peso no peito.

-Que prova?

-Temos uma testemunha. Uma mulher identificou seu irmão como o homem que viu fugir da cena do crime na noite em que mataram Phoebe Carter.

-Mas isso é impossível! Rudy não mataria ninguém!

Bertram lhe deu um tapinha no braço como um gesto de simpatia.

-Em meu trabalho já vi muitas coisas, senhorita Graham, e cheguei à conclusão de que ninguém conhece realmente bem a ninguém.

As palavras lhe doeram mais do que deveriam. Rudy não era o menino que tinha sido uma vez, o menino curioso que colecionava mariposas e brincava com soldadinhos de chumbo. Agora era um homem que se relacionava com prostitutas e perdia seu dinheiro no jogo. Mesmo assim, ela acreditava em sua inocência.

-Pode ser que seja assim em alguns casos, mas estamos falando de meu irmão, e eu sei que é incapaz de assassinar alguém.

O policial não lhe respondeu, mas em seu olhar se percebia um pingo de piedade.

-Quero vê-lo. Onde está?

-Ele se encontra em uma cela na ala dos nobres da prisão de Newgate.

Lindsey sentiu um nó no estômago. No fundo sabia que era para lá onde o teriam levado. Mesmo assim, sentiu como se uma faca lhe rasgasse as entranhas. Rudy era seu irmão. Quando eram pequenos, ele tinha sido seu melhor amigo. Pensou no amor que ambos compartilhavam pelos cavalos, nas horas que tinham passado montando juntos, nas brincadeiras...

Em silêncio, deu a volta e pôs-se a andar com um enorme nó na garganta. Enquanto descia pelas longas escadas de pedra para a rua, com sua tia de um lado e Thor do outro, a enorme mão deste se posou em sua cintura em um gesto tranquilizador. Estava zangada com ele por havê-la obrigado a dizer a verdade, mas se alegrava de que estivesse ali.

-Esta noite – ele lhe disse em um murmúrio, inclinando a cabeça para ela - ponha o vestido laranja e a pegarei a meia-noite no jardim.

Ela arregalou os olhos.

-O vestido laranja?

-Todos os homens pensarão que é minha esta noite e ninguém a incomodará.

Lindsey engoliu saliva. A ideia de por o vestido laranja lhe trazia a memória o horrível ataque no beco, a sensação daqueles dedos imundos sobre sua pele. Lembrou-se do que poderia haver lhe acontecido se Thor não tivesse estado ali para salvá-la.

«Todos os homens pensarão que é minha esta noite.»

Em lugar de ir à festa de noivado da filha do duque de Pelham como tinha planejado, desempenharia o papel de amante de Thor. Era ridículo. Não era possível que estivesse pensando em fazer tal coisa.

Mas tinha que levar Rudy em conta.

Alegrou-se de não ter queimado aquele condenado vestido.

Lindsey, Thor e tia Dee abandonaram juntos a delegacia de polícia e se dirigiram diretamente para a prisão, um miserável edifício de pedra cinza que parecia tão deprimente como o era de fato. Tanto homens como mulheres estavam encarcerados no interior desses muros, e, desde sua construção, centenas de pessoas tinham sido executadas em público.

Lindsey tinha lido sobre a prisão e uma mulher reformista chamada Elizabeth Fry que tinha começado a lutar para melhorar as condições nas quais se encontravam os detentos. Ao longo dos anos, foram feitas algumas melhorias, mas continuava sendo um lugar apavorante que devia ser fechado. Era um lugar horrível para albergar um jovem rico e de bom berço, e o coração de Lindsey chorou por seu irmão.

Estremeceu quando entraram no interior. Depois de pagar a recompensa solicitada, um dos guardas os conduziu por um corredor comprido, úmido e pouco iluminado. O eco de seus passos os acompanhou enquanto caminhavam sob a oscilante

luz das tochas. No outro extremo da prisão, os criminosos sobreviviam inclusive em piores condições, dúzias de pessoas se amontoavam dentro de celas que nem sequer eram adequadas para os ratos com as quais compartilhavam o alojamento.

-Este não é lugar para uma dama - Thor disse com uma expressão sombria - Sua tia e você não deveriam ter vindo.

-Meu irmão está aqui - Lindsey disse - Tínhamos que vir.

Ele não disse mais nada, mas era óbvio que não estava satisfeito. Chegaram à cela de Rudy, um calabouço sombrio escassamente mobiliado. Atrás de uma grossa porta de carvalho, seu irmão estava sentado com Jonas Marvin, o advogado de seu pai. Os dois homens se levantaram quando o grupo apareceu na soleira da porta.

-Esperarei aqui fora - disse Thor.

Lindsey assentiu com a cabeça.

-Obrigado.

Rudy já tinha muitos problemas em cima para ter que se preocupar que ela se relacionasse com um cavalheiro inaceitável. Graças a Deus, tia Dee tinha evitado, até o momento, fazer qualquer comentário.

-Olá, irmãzinha. - Rudy parecia muito frágil, tanto que Lindsey temeu que começasse a chorar, mas conseguiu esboçar um sorriso trêmulo e o abraçou.

-Como você está? Estão te tratando bem?

-Estou bem. Tia Dee conseguiu localizar o senhor Marvin, e ele veio em seguida. Fez os acordos necessários para que me mudassem para este lado da prisão.

Referia-se à ala da nobreza onde se alojavam apenas prisioneiros que podiam se permitir o luxo de pagar por tal privilégio. As celas eram maiores, e todas tinham uma cama, uma mesa e duas cadeiras. Apesar disso, aquele lugar não deixava de ser deprimente, e Lindsey conteve a vontade de chorar por seu irmão.

Em vez disso, desviou sua atenção para o homem com uns óculos dourados de estudioso que permanecia de pé ao lado de Rudy.

-Muito obrigado por vir, senhor Marvin - ela disse.

-Me alegro de voltar a lhe ver, Jonas - acrescentou tia Dee - Antes tivesse sido em melhores circunstâncias.

-Eu preferia não ter tido que vir - ele disse.

-Isso é o que todos desejávamos.

-O que podemos fazer senhor Marvin? - Lindsey perguntou - Como podemos tirar meu irmão daqui?

Tanto Jonas Marvin como sua tia tinham tentado entrar em contato com seus pais, mas até o momento não tinham conseguido. A decisão a tomar recaía, portanto, neles quatro.

-Faz três dias, Rudolph e eu concordamos em contratar um detetive particular, um homem chamado Harrison Mansfield. Espero que o senhor Mansfield possa encontrar alguma prova que demonstre a inocência de Rudolph.

Ela pensou em Randolph Petersen, o investigador que Krista tinha lhe recomendado, mas ainda não tinha voltado para a cidade.

-Também falei com Avery French sobre a possibilidade de contratar seus serviços, embora espere que não seja necessário. Possivelmente tenham ouvido falar dele: o senhor Avery French é um dos mais renomados advogados de Londres. Assim que saia daqui, irei contar-lhe o que aconteceu para que possa começar imediatamente a formular a defesa de Rudolph.

O estômago de Lindsey revirou. Isso não podia estar acontecendo. Se não encontrassem o verdadeiro culpado, seu irmão podia acabar na forca.

-Por que não se senta, querida? - tia Dee sugeriu ao notar a repentina palidez de seu rosto.

-Estou bem. Só que... É difícil acreditar que tudo isto esteja ocorrendo de verdade.

O advogado assentiu com a cabeça lentamente.

-Infelizmente, está.

Lindsey inspirou fundo para tranquilizar-se. Não era o momento de ter um colapso. Olhou para Rudy.

-Você teve tempo de pensar desde a última vez que falamos. Lembrou de algo mais sobre a noite em que mataram Phoebe Carter?

Rudy negou com a cabeça.

-Sei que estive com ela naquela noite. Lembro que saímos juntos da festa de Tom Boggs.

-Você se lembra de quem estava na festa além de seus amigos habituais?

-Os de sempre. Lembro de ter visto o Winslow e o Fine. Lembra-se deles, certo, irmãzinha?

-É claro. - Edward Winslow e Martin Finch. Uns pirralhos que sempre estavam metidos em problemas - Quem mais estava ali?

-A maioria eu não conhecia.

-Você se recorda de algo mais?

-Não me recordo de onde deixei Phoebe. Meu Deus, eu gostaria de poder fazê-lo.

-Houve uma festa no Lua Azul naquela noite. Poderia ter sido ali?

Ele franziu o cenho.

-Poderia ser eu acho. - Olhou para tia Delilah com cara de sofrimento - Há algo que não disse. Depois de deixar a casa de Tom, Phoebe me levou para um lugar... Eu não recordo o nome. Era um antro de ópio, fica em um porão.

Tia Dee se agarrou ao encosto de uma cadeira.

-Santo Deus, Rudolph.

-Só provei uma vez, tia. E não penso em voltar a fazê-lo.

-Oh, Rudy.

As palavras do agente de polícia ressoaram nos ouvidos de Lindsey «ninguém conhece realmente bem a ninguém». Seria possível que a droga que Rudy tinha tomado tivesse o afetado o suficiente para cometer um homicídio?

Tinha que procurar informações sobre essa substância e ver que efeitos tinha.

-Só estava me divertindo - Rudy disse com suavidade - jamais imaginei que poderia me ocorrer algo assim.

Lindsey se obrigou a sorrir.

-Não deve se preocupar, querido. Resolveremos tudo isto. Unindo nossas forças, encontraremos o culpado.

Lindsey olhou Rudy e observou o medo e a angústia que se refletia em seu rosto. Sentiu-se mais determinada a investigar a verdade. Fosse o que fosse que Rudy estivesse envolvido nos meses passados, no fundo, era o mesmo jovem sério que sempre tinha sido.

E esse jovem não era um assassino.

CAPITULO 09

Vestida com o vestido de cetim laranja, e o cabelo penteado com cachos soltos sobre as costas, Lindsey se olhou no espelho de seu dormitório, tentando armar-se de coragem para sair.

-Santo Deus!

Deu a volta rapidamente diante do tom chocado na voz de Delilah.

-Tia Dee! Pensei que estava dormindo.

-Eu a ouvi se mover pelo quarto. Sabia que estava preocupada com seu irmão, assim vim falar com você. - Delilah apertou os lábios com firmeza - De onde você tirou esse horrível e extravagante vestido? E, por que, em nome de Deus, colocou isso?

-Eu... Bem, eu, isto...

-Quero que me diga a verdade, senhorita. E quero que me diga já.

Lindsey soltou um suspiro.

-Você está começando a se parecer com Thor.

-Thor... Sim, esse é outro assunto sobre o qual temos que falar. Mas no momento eu me conformo em saber por que está vestida como uma, como uma...

-Dama da noite? - Lindsey sugeriu.

-Por dizê-lo educadamente, sim.

-É uma história um pouco longa, tia Dee. Se estiver certa de que quer ouvi-la, deveria fechar a porta.

Sua tia fechou a porta com firmeza.

Sem outra escolha além de contar a verdade para sua tia, Lindsey começou a explicar com a maior simplicidade e brevidade possível os esforços que estava fazendo para limpar o nome de seu irmão.

-Assim foi a Covent Garden - Delilah ratificou.

-Exato. Fui ao lugar onde se cometeram os assassinatos. Queria falar com as pessoas, queria averiguar se alguém tinha visto ou ouvido algo, algo que pudesse me ser útil.

-E descobriu algo?

-Não, por isso vou voltar.

-Voltar? Mas já é mais de meia-noite!

-As mulheres assassinadas eram prostitutas, tia Dee. E as prostitutas não frequentam lugares abertos durante o dia. Eu já o tentei dessa maneira.

-Mas...

-Não tem com o que se preocupar. Thor vai me acompanhar. Eu garanto que estarei a salvo.

-Eu sei que esse homem é tão grande como uma casa, mas...

-Ele salvou minha vida, tia Dee. Provavelmente não deveria lhe dizer isso, mas é verdade.

Sua tia se deixou cair pesadamente no tamborete estofado da penteadeira.

-Como já disse, estava tentando encontrar algo que provasse a inocência de Rudy. Ontem à noite fui a Covent Garden e levei Elias comigo.

-Deus Santo, foi por isso que ele se meteu em uma briga?

Lindsey assentiu com a cabeça.

-E agora vejo que você também tem um machucado na bochecha. -Delilah suspirou
- Conte-me tudo.

Sem ter outra escolha, Lindsey contou a sua tia a ideia de disfarçar-se com as roupas de Rudy. Falou-lhe sobre o encontro que tinha tido com os dois horríveis homens na casa de jogo.

-Krista conhecia meus planos e contou para Thor. Se ele não tivesse aparecido quando o fez, nós dois poderíamos estar mortos.

-Santo Deus. - Sua tia negou com a cabeça - Seu irmão na prisão. E você se dedicando a brincar de correr por aí, vestida, primeiro como um homem, e agora como uma rameira. Não sei o que vou fazer.

-Bem, pois se não fizermos algo Rudy acabará na forca.

Delilah baixou o olhar para seu colo.

-Eu sei.

-Tenho que ir, tia Dee. Com Thor estarei a salvo.

-Como pode estar tão segura?

Lindsey sorriu amplamente.

-Eu o vi brigar.

Tia Dee revirou os olhos.

-É meu dever como sua acompanhante impedir que se ponha em perigo. - Lindsey abriu a boca para discutir - Por outro lado, é uma mulher adulta. E suponho que, a menos que ordene aos lacaios que a amarrem a uma cadeira, não conseguirei que fique aqui.

-Exatamente. De fato.

Tia Dee passou o olhar pelo vestido indecente e chamativo

-Possivelmente poderia levar um lenço – ela sugeriu, assinalando o decote que quase deixava descoberto seus mamilos.

Lindsey riu.

-Eu temo que isso chamaria ainda mais a atenção.

Tia Dee suspirou.

-Sim, suponho que sim.

Lindsey se inclinou e beijou a bochecha de sua tia.

-Tenho que ir. Thor está me esperando.

-Tem ideia de quão inadequado é esse homem para você? Não tem título, nem riquezas e, além disso, nem sequer é inglês. Thor Draugr é o último homem no qual deveria te fixar.

-Só está tentando me ajudar. Thor e eu somos simples amigos.

Tia Dee arqueou uma de suas negras sobrancelhas.

-É difícil ser só amiga de um homem com essa aparência.

Lindsey conteve o desejo de lhe dar a razão.

-No entanto, assim é. - Pegando a capa e a bolsa se dirigiu à porta.

Thor a estava esperando.

Sentiu um comichão no estômago ao pensar.

Thor andava de cima a baixo entre as sombras em frente à porta de entrada do jardim. Passavam dez minutos das doze. Talvez Lindsey tivesse tido problemas para escapular.

Ou talvez, graças aos deuses, a garota tivesse recuperado a cautela.

A pesada porta de madeira se abriu com um chiado e uma figura coberta com uma capa deslizou pela abertura.

-Desculpe pelo atraso - Lindsey disse - Minha tia entrou em meu quarto quando estava pronta para sair. Exigiu saber por que me tinha colocado este vestido horrível. Não sobrou outro remédio que lhe contar a verdade.

-Sua tia a deixou sair vestida como uma prostituta?

Lindsey encolheu seus magros ombros.

-Rudy poderia acabar na forca. Não há outra escolha.

«Não havia outra escolha.» Estava destinado a passar essa noite com uma mulher muito audaz para seu próprio bem. Essa noite escoltaria uma mulher que pensava que era seu dever vestir-se como uma prostituta e visitar uma das zonas mais sórdidas da cidade para proteger um irmão que não parecia merecedor do risco que ela estava correndo.

Ele amaldiçoou para si mesmo, mas não pôde evitar um pingo de admiração.

Pegando o braço de Lindsey, guiou-a para a carruagem. Quando ela viu que no interior havia outro homem, deteve-se diante da estreita escada de ferro.

-Meu irmão virá conosco - Thor explicou. Lindsey tinha contado a Krista o ataque que tinha sofrido no Lua Azul, ela deve ter contado para Leif, que teria insistido em ir com eles - Disse-lhe que não era necessário, mas provavelmente seja melhor que esteja aqui.

Lindsey sorriu.

-Bom, não cabe dúvida que estarei mais segura com os dois que só com você. - Subiu na carruagem e se sentou de frente para Leif. O alto e loiro irmão de Thor era inclusive maior que ele, o que deixava muito pouco espaço no interior.

Thor se sentou ao lado de Lindsey. Seus ombros se roçaram. Uma faísca pareceu saltar entre eles e seus olhos se encontraram. Thor afastou o olhar, esperando que ela não visse a luxúria que esse simples toque tinha desatado.

Enquanto a carruagem avançava sob a luz das luminárias da rua ele pôde vislumbrar o vestido de cetim laranja sob a abertura frontal da capa. Lindsey tinha pintado os lábios e as bochechas, e tinha deixado o comprido cabelo dourado como mel

solto nas costas. Poderia ter tentado parecer com uma das mulheres da noite de madame Fortier, mas não conseguia.

Com essas maçãs do rosto delicadas e esses traços finos, era muito bonita. Olhou-a e, quando ela sorriu, quando aqueles lábios como rubi se curvaram de maneira convidativa, o desejo o golpeou como um soco. Seu membro despertou, e o ardor fez que sua virilha inchasse e palpitasse.

Por todos os deuses, não deveria havê-la beijado. Ainda não compreendia que demônio tinha ocorrido nesse momento para que sua mente ficasse nublada dessa maneira. Só um instante antes tinha prometido a si mesmo que não permitiria que ela soubesse o quanto a desejava. Esse beijo ardente não podia ter deixado mais claro.

Era uma piada cruel que nunca antes tivesse saboreado lábios mais doces, que nunca antes houvesse sentido um desejo tão violento por uma mulher. Incomodava-lhe que tivesse que ser por alguém tão liberada como Lindsey, justo o tipo de mulher que ele mais desprezava.

E isso o preocupava. Essa ardente necessidade que sentia por ela era algo que ele tinha esperado sentir por sua alma gêmea, pela companheira que os deuses tivessem escolhido para ele. Mas Lindsey jamais poderia ser sua mulher. Eram absolutamente incompatíveis. E apesar disso, morria de desejo por ela, não podia tirá-la da cabeça. Pode ser que não compartilhassem um destino comum, mas a desejava. Mais que a qualquer outra mulher que tinha conhecido.

Thor amaldiçoou em silêncio.

A primeira parada que fizeram foi no Faisão Dourado, um dos estabelecimentos mais elegantes de Covent Garden (o que não dizia muito do lugar). Quando entraram, Thor segurou a capa de Lindsey e a entregou ao lacaio que estava parado ao lado da porta.

-Não ficaremos muito tempo - Thor disse.

Lindsey deu uma olhada ao seu redor. Tinha estado ali com Elias vestida de moço, mas o gerente se encontrava ausente naquele momento e ninguém tinha podido ajudá-los. O lugar tinha mais categoria que o Lua Azul, a clientela estava mais bem vestida e, com certeza, muito mais limpa. Thor colocou uma mão em sua cintura e a fez andar. Lindsey podia sentir o calor de sua mão através do tecido do vestido, e o comichão em seu estômago aumentou.

Que a estivesse olhando de esguelha a pegou de surpresa. Podia sentir o ardor desse olhar sobre os seios, provocando que lhe arrepiassem os mamilos. Seus seios não eram muito grandes, mas o corte do vestido os realçava, expondo a pele suave e branca de seu decote até quase deixar os mamilos, repentinamente doloridos, descobertos.

Thor passou o olhar dela para Leif, mas seu irmão parecia não tê-lo notado.

-Aconteceu algo? - perguntou ela com inocência, sabendo muito bem que ele estava preocupado pelo muito que o vestido expunha.

Colocando a mão no bolso de sua jaqueta, Thor tirou um lenço branco e o colocou no peitilho.

-Já podemos continuar.

Lindsey conteve um amplo sorriso. Antes que ela pudesse lhe dizer que cobrir seu peito era algo que uma mulher que vendia seu corpo não faria, Leif se aproximou dela e tirou o tecido de linho branco.

-Ela está interpretando um papel - ele disse.

-Deixa-o aí. - Thor ficou tenso - Não iria tirá-lo se fosse Krista.

-Krista é minha esposa. - Um estranho olhar apareceu no rosto de Leif - Assim que temos isso. Deveria tê-lo percebido.

-Não há nada para ver. – Ele empurrou Lindsey para diante - Venha. É hora de obter as respostas que estamos procurando

Dirigiram-se para o fundo da sala de jogo. Lindsey caminhava entre os dois gigantes, um moreno, outro loiro, ambos com belos e cristalinos olhos azuis. Se em algum momento tivesse duvidado da veracidade da história que Thor tinha lhe contado sobre que tinham vivido em uma ilha viking, só vendo-os juntos já teria dissipado a dúvida.

Era óbvio que os dois homens eram guerreiros. Só vê-los mover-se com aquela confiança lhe dizia que não havia nenhum homem nessa sala que pudesse vencer a qualquer um dos dois. Qualquer temor restante do ocorrido na noite anterior se dissolveu quando as pessoas se afastaram para deixá-los passar como se uma lâmina de corte tivesse dividido a multidão em dois.

-Nós gostaríamos de falar com o senhor Adams - Leif disse a um jovem sentado diante de uma mesa junto à porta que dava acesso ao escritório.

Adams era o gerente.

-Você o conhece? -perguntou Lindsey.

-Estava acostumado a vir jogar aqui. Faz tempo que não venho.

Por todos os céus, como podia ter se esquecido? Antes que se casasse com Krista, Leif Draugr tinha ganhado uma fortuna nas mesas de jogo. Tinha reunido dinheiro suficiente para não precisar da aprovação do pai de Krista e montar uma empresa naval. Comentou-se que jamais tinha existido um jogador melhor que ele.

-Sou o senhor Adams. Desejavam ver-me? - O gerente acariciou o cheio bigode castanho. Sorriu ao reconhecer Leif - Senhor Draugr. Há quanto tempo. Alegro-me de voltar a vê-lo. O que posso fazer por você?

-Nós gostaríamos de lhe fazer umas perguntas sobre a noite em que Phoebe Carter foi assassinada.

Adams negou com a cabeça, agitando os cabelos que penteou cuidadosamente para trás e dividido ao meio.

-Um assunto desagradável. Segundo os jornais, ocorreu a apenas umas quadras daqui; eu estava trabalhando naquela noite.

-Conhece um jovem chamado Rudolph Graham? - Lindsey perguntou.

A detenção de seu irmão ainda não era de domínio público. Na manhã seguinte, apareceria em todos os jornais da cidade.

-Sinto muito, nossa política não nos permite dizer os nomes de nossos clientes.

-Ele despertou em um dos quartos deste local na manhã seguinte ao assassinato - disse Thor.

-Entendo.

-Esteve aqui - Thor pressionou - Sabe se Carter era a mulher que o acompanhava?

-Ela não veio aqui naquela noite. Se tivesse vindo, depois do assassinato teriam me informado de algo. Não esteve aqui.

-Mas Rudy esteve – Lindsey pressionou por sua vez - Sabe se alguém o viu naquela noite?

Lindsey pensou que Adams não responderia, mas a advertência que apareceu nos olhos azuis de Thor o fez mudar de ideia.

-Temos um quarto com camas de armar para quando alguém bebe muito e precisa dormir a bebedeira. Alguém do pessoal de limpeza pode tê-lo visto. Eles começam a trabalhar às três. Se me acompanharem, poderiam falar com o senhor Stubbs.

Seguiram o gerente através da sala e saíram pela porta traseira do clube. Encontraram Stubbs, curvado sobre uma vassoura, varrendo o chão. Era um ancião com

o cabelo cinza e os anos de privação refletidos no rosto. O gerente os deixou na companhia do empregado.

-Houve um assassinato aqui faz um par de semanas - Leif começou - Sabe algo a respeito?

-E quem não sabe? Assassinaram-na aqui ao lado.

-Seu chefe diz que estava trabalhando naquela noite - disse Thor - Viu algum moço dormir em uma das camas de armar?

-Magro, com o cabelo castanho claro? - Acrescentou Lindsey - Estava muito bêbado. Despertou jogado no chão.

Thor deu ao ancião uma moeda. Este se apressou a fechar sua mão sobre ela.

-Vi-o. Estava tão bêbado que mal podia manter-se em pé. Não lembro quando entrou... Possivelmente uma hora ou mais depois que eu cheguei. Já o tinha visto antes por aqui.

Lindsey não gostou de como isso soava. Jogar podia converter-se em um vício. Como herdeiro da baronia Renhurst, isso era algo que Rudy não podia permitir-se.

-Estava sozinho? -perguntou Thor.

O ancião assentiu com a cabeça.

-Há um lugar - disse Thor - Um antro de ópio. Conhece-o?

Quando o ancião vacilou, Thor lhe deu outra moeda.

-Conhece-se como a Casa dos Sonhos. Jamais entrei, lá acontecem coisas más.

-Onde fica? - perguntou Lindsey.

Quando o velho não respondeu, Thor lhe ofereceu outra moeda.

-Onde? - repetiu.

-Em um porão no Strand. O lugar se encontra localizado na esquina entre Strand e Percy. Mas não o deixarão entrar a menos que conheça alguém.

Thor endureceu a mandíbula.

-Entraremos.

Stubbs inclinou a cabeça observando a esse homem que era mais alto que ele mais de trinta centímetros.

-Tenho certeza de que o farão.

-Seu irmão entrou no quarto das camas de armar uma hora depois de que o ancião chegou - Thor disse enquanto se dirigiam de carruagem para Strand.

-O que segundo o senhor Adams foi por volta das três - Lindsey disse - o que coloca a hora de chegada de Rudy ao redor das quatro.

-Temos que averiguar a que hora a testemunha diz ter visto Rudy fugindo da cena do crime - disse Leif - e por que pensa que era seu irmão.

Lindsey pensou no atraente tenente de polícia que já a tinha ajudado antes e no baile que o conde de Kittridge ofereceria, onde provavelmente estaria o agente.

-Possivelmente eu possa averiguá-lo.

Thor a olhou de esguelha, mas não comentou nada. Sentou-se tão perto dela que Lindsey podia sentir seu peito expandindo-se enquanto respirava. Uma imagem de Thor na sala dos fundos dos escritórios, com a camisa aberta expondo aquele tórax musculoso, encheu seu rosto de rubor, e a noite fresca se tornou de repente quente.

-Seu irmão e a senhorita Carter foram à Casa dos Sonhos - disse Leif, atraindo sua atenção e a de Thor - Depois seu irmão foi ao Faisão Dourado.

-Exato, mas Phoebe já não estava com ele. Possivelmente a deixou na festa do Lua Azul.

-Não acredito - Thor disse - Um homem tão bêbado como ele... Se tivesse estado ali, não teria conseguido voltar para o Faisão Dourado.

-Nisso tem razão.

-Temos que averiguar com que outro homem esteve Phoebe Carter - Leif disse.

-Possivelmente alguém que estivesse ciumento de Rudy.

-Deveria ter pensado nisso - Lindsey disse, sentindo uma grande excitação - Um homem ciumento poderia fazer com que Rudy parecesse culpado.

-Possivelmente as companheiras de quarto de Phoebe saibam algo - disse Thor.

-Mas como podemos obrigá-las a nos dizer algo?

Thor arqueou uma sobrancelha escura. Tirou sua bolsa de moedas, e a segurou sob a luz da lanterna da carruagem.

-Pagando-as. Vendem seus corpos. Responder perguntas é um trabalho bem mais simples.

Leif sorriu amplamente.

-Não está errado, irmãozinho. - recostou-se contra as cômodas almofadas de veludo da carruagem; seus ombros ocuparam quase todo o espaço - Acredito que tem uma habilidade inata para este tipo de coisa.

Lindsey estudou os dois homens. Era óbvio que Leif era um homem inteligente. Vestia-se de maneira impecável, tinha maneiras perfeitas. Tinha aprendido todo o necessário para se encaixar perfeitamente na sociedade.

Estudou dissimuladamente Thor enquanto este se reclinava no assento ao seu lado. Era diferente de seu irmão. Falava de uma maneira mais suave, menos educada, vestia-se bem, mas de uma maneira mais cômoda e modesta. Deu-se conta de que ele sempre parecia observar o que ocorria ao seu redor sem que ninguém percebesse isso. Tinha uma maneira de absorver e analisar os detalhes que outras pessoas passavam por cima.

Quanto mais o conhecia, mais certa estava de que se enganou com ele. Tinha menosprezado sua inteligência. E, embora de uma maneira diferente, era tão preparado quanto seu irmão.

-Tenho lido sobre o ópio - Leif disse - É uma droga perigosa e viciante quando se abusa dela.

-O láudano tem ópio, e nós o tomamos para a dor de cabeça - disse Lindsey.

-É verdade - disse Leif - Mas o ópio que se fuma em cachimbo é muito mais forte. Conforme tenho lido, provoca um estado de euforia; uma espécie de devaneio tão agradável que se volta viciante. Seu irmão tem sorte de havê-lo provado só uma vez.

-Percy Street! - gritou o cocheiro justo nesse momento, parando a carruagem de um lado da rua.

Thor esquadrinhou a zona enquanto Leif abria a porta e descia em um pulo. Thor o seguiu, depois ajudou Lindsey a descer, pegando-a pela cintura com suas mãos enormes. Um quente estremecimento a atravessou. Quando a deixou no chão, seus olhares se encontraram. Os olhos de Thor estavam mais azuis que nunca. Algo quente e feroz aconteceu no mais profundo deles um instante antes de soltá-la.

O coração de Lindsey pulsou com força. Santo Deus, desde quando aquele homem fazia surgir àqueles pensamentos tão impróprios somente por tocá-la? Ou por acaso tinha sido sempre assim? Seria essa a razão pela qual Lindsey sempre tinha tentado evitá-lo?

Rodearam o edifício de tijolo até uma entrada lateral que conduzia ao porão. As escadas de pedra desciam até uma porta arqueada de madeira pela qual se chegava ao porão. Um homem grande e musculoso com um pequeno aro na orelha fazia guarda diante dela com os grossos braços cruzados sobre o peito.

-É este o lugar conhecido como a Casa dos Sonhos? - Thor perguntou.

-Quem pergunta?

Lindsey se moveu para colocar-se diante de Thor, abrindo a capa e permitindo que o musculoso homem se recreasse com vista dos pálidos montículos de seus seios.

-Somos amigos de um cliente - ela disse com o que esperava fosse um sorriso sedutor - Conhece o senhor Rudy Graham? Ele esteve aqui faz umas semanas.

Os olhos escuros do guarda se moveram sobre seus seios e o resto de seu corpo. Thor ficou tenso. Ela deu-lhe um pisão de advertência. Maldita seja, estava interpretando o papel que tinha lhe sugerido.

-Esperem aqui. - O guarda desapareceu através da porta, fechando-a com firmeza a suas costas.

Uns minutos mais tarde, apareceu uma mulher alta e surpreendentemente bonita, com um abundante cabelo vermelho e penetrantes olhos verdes. Seu olhar recaiu primeiro em Leif, depois passou por cima de Lindsey como se ela não estivesse ali, para centrar-se finalmente em Thor. Era claro que gostava do que via.

-Então, são amigos do futuro barão Renhurst.

-Sim - Thor respondeu, já que a mulher se dirigiu a ele. - Rudy nos falou deste lugar. Pensou que poderíamos gostar.

O olhar da mulher deslizou pelos traços perfeitamente cinzelados de Thor, por seus assombrosos olhos azuis, tomando nota das longas pernas, dos quadris estreitos, do largo peito e dos ombros maciços. Estava claro que o casaco não tinha enchimento. Lindsey ignorou a pontada de ciúmes que não tinha o direito de sentir.

-Aqui temos certas regras - a mulher disse - Não permito a entrada de desconhecidos, mas já que vocês são amigos do senhor Graham, acho que posso fazer uma exceção.

Deu um passo para trás, lhes permitindo a entrada.

-Meu nome é Sultry Weaver. Bem-vindos à Casa dos Sonhos.

Thor pôs a mão na cintura de Lindsey, fazendo-a andar, e Leif os seguiu. Lindsey se deteve assim que passou pela porta, ela mal que podia ver algo. A sala de teto baixo estava quase na penumbra, só iluminada pelas chamas oscilantes de umas velas. A fragrância de incenso impregnava o ar, junto com um suave aroma da fumaça do ópio. Havia uma dúzia de camas de armar junto às paredes. Só algumas estavam vazias. A maioria estava ocupada por uma pessoa que ou dormia ou fumava pelo comprido e flexível cano do cachimbo. Ao lado de cada cama de armar havia uma mesinha com uma xícara de latão aquecida pela chama de uma vela, onde se convertia a droga em fumaça.

-Gostariam de provar? - Perguntou Sultry - Posso garantir sonhos muito prazerosos.

Seu olhar voltou a deslizar-se por Thor, observando-o como se ardesse de desejos de estender a mão e o tocar, de deslizar os compridos e finos dedos por aquele musculoso corpo masculino.

Lindsey sentiu que se fazia um nó no estômago. Sultry era bonita, possuía uma cintura diminuta e uns seios cheios e tentadores, o tipo de corpo ao qual um homem não podia resistir. Lindsey observou Thor, temendo ver o mesmo olhar ardente que seus olhos tinham quando olhava para ela.

Thor parecia ignorar a estranha beleza da mulher e seu óbvio interesse, e Lindsey se sentiu aliviada. Era ridículo. Não tinha nenhum direito sobre Thor.

-Não viemos fumar - disse-lhe com franqueza - Nós gostaríamos de lhe fazer umas perguntas sobre Rudy Graham. Da última vez que veio aqui, veio acompanhado de uma mulher chamada Phoebe Carter. Mais tarde, naquela mesma noite, a mulher foi assassinada.

-O que fazem nossos clientes é assunto deles. Protegemos sua privacidade. É por isso que se sentem tão cômodos aqui.

-Não estamos lhe perguntando o que aconteceu aqui - disse Leif - Rudy Graham foi detido pelo assassinato de Phoebe Carter. Estamos tentando provar sua inocência.

-Sou a irmã de Rudy - Lindsey adicionou num impulso, esperando de algum jeito que isso influísse na mulher.

O olhar verde e brilhante de Sultry a percorreu de cima a baixo, tomando nota da maquiagem de seu rosto e do decote do vestido laranja, adivinhando o papel que ela jogava nessa charada.

-Apesar de ser filha de um barão está disposta a chegar a extremos perigosos por seu irmão. Deve significar muito para você.

-Gosto muito de meu irmão. Rudy é inocente. Necessitamos de sua ajuda para prová-lo.

-Poderia se lembrar de que hora Rudy e a senhorita Carter chegaram? - Leif perguntou.

Sultry vacilou, logo pareceu tomar uma decisão.

-Chegaram ao redor das duas, eu acredito, mas não estou completamente certa.

-Sabe aonde poderiam ter ido quando partiram daqui? -perguntou Lindsey.

-Seu irmão saiu sozinho. Phoebe ficou um pouco mais. Vinha frequentemente. Nós lhe pagávamos em espécie quando trazia clientes novos.

-Quanto tempo ficou?

-Alguns minutos. Falou de um novo cliente que esperava poder trazer, e depois se foi.

-Disse-lhe o nome do cliente?

-Temo que não, mas se inclusive o tivesse feito, eu não o diria.

-Sabe para onde Phoebe se dirigia?

-Pelo que sei, ia para casa. Não fica longe daqui.

-Mas foi assassinada antes de chegar - disse Thor severamente.

Sultry suspirou e sacudiu a cabeça, fazendo balançar os cachos avermelhados que lhe caíam sobre os ombros nus. Seu vestido de seda de listras negras e douradas era caro, decotado, mas elegante.

-Li no jornal. Por isso lembro havê-la visto naquela noite. Pobre e querida Phoebe. Que horrível final.

-Phoebe saiu sozinha? - Lindsey perguntou.

-Acredito que sim, mas uma vez mais não estou certa. - Sultry se virou para as pessoas das camas de armar. Uma pessoa se moveu, depois ficou em pé. Cambaleando-se um pouco, dirigiu-se para a porta traseira da escassamente iluminada sala e desapareceu no exterior. - As pessoas entram e saem conforme as agrada. Só se permite a entrada pela porta principal, mas podem sair por trás se assim o desejarem.

Sultry deu uma olhada ao redor, impaciente por seguir com o negócio. Lindsey captou a indireta.

-Nos foi de grande ajuda, senhorita Weaver. Estamos em dívida com você.

Sultry olhou para Thor, esticou a mão e lhe acariciou a bochecha.

-Passe se por aqui em alguma ocasião... Inclusive embora não queira fumar.

Thor curvou levemente a boca.

-Possivelmente o faça. - Mas não parecia realmente interessado em aceitar a oferta da mulher.

Embora isso tampouco quisesse dizer que não iria o reconsiderar. Sultry era uma bonita mulher e Thor era um homem muito viril, pensou Lindsey com um novo nó no estômago.

CAPITULO 10

-Podemos provar que Rudy deixou Phoebe Carter na Casa dos Sonhos - disse Lindsey a Thor assim que a carruagem começou a andar - A polícia terá que soltá-lo.

Tinham deixado Leif em casa, que tinha sido a primeira parada em seu caminho. Agora Thor a estava escoltando de volta para casa para depois retornar ao seu apartamento em Green Park.

-A polícia dirá que seu irmão esperou que Phoebe saísse do local e que a assassinou quando ia de volta para casa.

Lindsey suspirou.

-Por que estão tão convencidos de que foi Rudy?

Seus olhares se encontraram.

-Seu irmão é o herdeiro de uma baronia. Tem poder, dinheiro e posição. Acredito que o agente Bertram fica satisfeito em ter a um homem da classe de Rudy comendo em sua mão.

-Você quer dizer presos em suas mãos.

Thor curvou os lábios.

-Você sabe. Você tem um talento especial para manter os homens ao seu redor em suas mãos.

Ela sorriu amplamente.

-Neste caso, sim, se diria «comendo na mão». - Quando ele abriu a boca, ela negou com a cabeça - Não importa. – Ela dirigiu-lhe um sorriso - Obrigado por me ajudar.

Thor se apoiou contra o assento de veludo.

-Nós precisamos de mais provas.

-Eu sei.

-Da próxima vez, sairemos mais cedo, falaremos com as companheiras de quarto de Phoebe antes que saiam de noite.

-Como trabalham exatamente? Quer dizer, sei que são prostitutas, mas elas não trabalham em um bordel como o de madame Fortier. Como conseguem seus clientes?

Thor encolheu seus fortes ombros.

-Às vezes conhecem os homens em uma festa. Outras vezes, são apresentadas por amigos nos círculos adequados. Algumas têm um protetor, e só ficam com esse homem.

-Thor se endireitou e se ergueu no assento até que quase golpeou o teto da carruagem com a cabeça - Este não é um tema adequado para discutir com uma dama.

Lindsey riu.

-Estou disfarçada de prostituta, e acabamos de sair de um antro de ópio. Acho que é um pouco tarde para se preocupar com as conveniências.

Thor suspirou.

-É uma mulher problemática, Lindsey.

Ela o ignorou, e brincou com uma dobra de seu chamativo vestido laranja.

-Na noite passada, quando me levou para casa, você me beijou. Você gostou?

O olhar brilhante de Thor se cravou em seu rosto.

-Esse é outro tema que não deveríamos discutir.

-Você gostou ou não?

Um músculo se esticou na mandíbula masculina.

-Sim, milady, tem uns lábios doces como o mel, tão suaves como as pétalas de uma rosa. Satisfeita?

«Satisfeita?» Essas palavras tinham feito com que seu coração começasse a repicar como a chuva sobre o estanho e que seus seios ficassem inchados.

-Eu só... Só me perguntava isso. Pensei muito sobre o assunto e creio que deveria me beijar outra vez.

Seus olhares se encontraram.

-Não - ele disse sem rodeios.

-Por que não?

Thor soltou um longo suspiro.

-Porque você é virgem. Estou tentando te proteger, Lindsey, mas não sou um santo. Se a beijar, desejarei mais. - remexeu-se no assento, incômodo, recolocando o casaco para cobrir a braguilha das calças - Já a desejo demais e nem sequer te toquei.

Lindsey sentiu uma virada no coração. Thor a desejava. Não era a única em ter desejos secretos.

Estudou o perfil esculpido de Thor, que permanecia sentado ao seu lado na carruagem, pensando no assombroso beijo que tinham compartilhado. Nesse momento, tomou uma decisão. Sua tia acreditava que, se uma mulher era discreta, podia desfrutar das mesmas liberdades que um homem. Lindsey não estava preparada para o matrimônio e, mesmo se estivesse, o mais seguro era que seu matrimônio se apoiasse em aspectos práticos, não na paixão. Seus pais insistiriam em lhe buscar um marido adequado, um homem que provavelmente resultaria em ser mais um companheiro que um amante.

Podia ser que jamais voltasse a experimentar sensações como as que Thor tinha lhe provocado com só um beijo.

-Não posso imaginar o que vai pensar de mim quando eu te disser isto, mas não sou virgem.

-O que?

Ela se esticou. Assim que ele soubesse a verdade, pensaria que era uma perda. Pensaria que ela era o mesmo tipo de mulher que trabalhava no bordel de madame Fortier.

Era um risco que tinha que correr.

-Eu tinha dezesseis anos. Pensei que estava apaixonada e... Sentia curiosidade. Uma noite permiti que meu pretendente... Permiti que tomasse todas as liberdades comigo. Tudo acabou em uns minutos, e acabou sendo muito decepcionante. Ao menos para mim. Jamais fiz de novo.

-Esse homem roubou sua inocência. Diga-me seu nome e o matarei.

Ela conteve um sorriso.

-Não é necessário que o mate. Não foi culpa dele. Eu o instiguei. Foi uma estupidez, eu sei, mas naquele momento achava que estava apaixonada.

-Ele deveria ter se casado com você.

-Ele me pediu. Eu me neguei. Era muito jovem para me casar e sabia que não o queria para meu marido.

Thor considerou o que ela tinha lhe contado.

-Por que está me contando isto?

-Porque agora que sabe que não vai arruinar minha reputação, podemos fazer amor. – Ela estudou-o sob seus cílios, sentindo uma repentina incerteza - Quer dizer, se quiser. O que quero dizer é que não tem por que se sentir obrigado. É claro que sentimos uma atração mútua e pensei que talvez quisesse...

-Pare. Não diga nem uma palavra mais.

-Mas...

-Nenhuma palavra mais.

Ela abaixou o olhar para seu colo. Thor estava zangado. Ela o tinha insultado sem querer. Ou possivelmente se enganou ao pensar que a desejava, quando, na realidade, não era isso. Mordiscou o lábio. Agora que ele sabia a verdade, possivelmente se negaria a ajudá-la. No dia seguinte, Leif partiria da cidade a negócios. Isso só deixaria Elias como seu único protetor, e ele não era muito bom nessa tarefa.

Lindsey olhou para Thor.

-Sinto muito. Não tinha a intenção de contrariá-lo. Eu só... Pensei que... Não sei muito sobre fazer amor, só o experimentei uma vez e não foi precisamente memorável. Pensei que com você seria diferente e eu...

-Lindsey - ele disse com suavidade -Você vai acabar comigo, querida.

Ela só o olhou fixamente.

-Não há nada que deseje mais que fazer amor com você. Mas é amiga de Krista. É uma dama, por mais que queira que não seja assim.

Lindsey engoliu saliva, tinha um nó na garganta.

-Inclusive as damas têm suas necessidades, Thor. -Ela afastou o olhar - Algumas vezes me sinto muito sozinha. Meus pais jamais estão em casa. Rudy sempre está com seus amigos. Minha tia está, é claro, mas não é o mesmo. Algumas vezes, de noite, estou acordada na cama, desejando que me abracem, desejando que alguém com quem eu me importe de verdade esteja ali comigo.

Para horror dele, os olhos dela se encheram de lágrimas. Freneticamente, procurou um lenço em seu bolso. Levantou o olhar ao sentir o toque da mão de Thor contra sua bochecha.

Inclinando-se para ela, beijou-a com muita doçura.

-É muito bonita para se sentir sozinha. Dói-me saber que se sente assim.

Lindsey deslizou a mão pelo seu pescoço e lhe ofereceu os lábios. Thor vacilou só um momento, logo reclamou seus lábios como se lhe pertencessem. Foi um beijo selvagem e voraz, tão ardente como sem dúvida era o desejo que sentia por ela. O corpo de Lindsey ardeu e se derreteu. O desejo se atou em seu ventre e se arqueou contra Thor.

-Thor... -Lindsey lhe devolveu o beijo com doçura, logo aprofundou o beijo, separando os lábios e deixando escapar um suave gemido quando ele deslizou a língua entre eles para saboreá-la.

A necessidade e o desejo a atravessaram com uma onda ardente. Lindsey jamais havia sentido algo assim. Queria sentir a pele de Thor contra a sua, queria sentir seu peso em cima dela, o calor daquele torso maciço contra seus seios. Queria unir-se a ele com tanta urgência que por um momento sentiu medo.

Thor deslizou os lábios pelo pescoço dela, beijando-a com ternura, mordiscando suavemente o lóbulo de sua orelha, como se tivesse lido seus pensamentos e quisesse tranquilizá-la.

-Não te farei mal – ele disse-lhe com suavidade - jamais te faria mal, Lindsey.

E logo voltou a beijá-la, e ela só pôde pensar em Thor e em quanto o desejava. Ele abriu sua capa e Lindsey sentiu aqueles olhos azuis em seus seios. Seus mamilos se retesaram tanto que começaram a palpitar e um calor úmido deslizou por seu sexo.

-Você é linda - ele lhe disse, pressionando a boca contra os pálidos montes que se sobressaíam pela borda do decote do vestido - De noite, quando fecho os olhos, lembro quão bonitos que me pareceram na noite em que a vi nua. Eu me lembro de seus pequenos e endurecidos mamilos e de quanto eu desejei saboreá-los.

Esse vestido, criado para uma dama da noite, foi criado para abrir-se com facilidade e ele o afrouxou com uma rapidez espantosa. Lindsey sentiu as grandes mãos

de Thor deslizando-se por debaixo do tecido para lhe apalpar um seio, depois o viu inclinar a cabeça e levar um dolorido mamilo à boca.

Lindsey gemeu e deslizou seus dedos pelo ondulado cabelo escuro. Santo Deus. Uma onda de calor a envolveu. O sangue palpitou nas têmporas. Queria mais, queria rasgar sua camisa e pressionar seus lábios contra sua pele com tal ânsia que suas mãos tremeram. Só de pensar em parar, ficava doente.

-Thor... -Com os olhos fechados e aquela cálida sensação atravessando-a, mal percebeu que a carruagem parou e que Thor puxava o vestido para voltar a colocá-lo em seu lugar.

-Se pudesse, faria amor com você, Lindsey. Mas nós dois sabemos que isso não pode acontecer. Entretanto, quando estiver na cama esta noite, se lembre de que há um homem que a deseja acima de todas as coisas e não se sentirá sozinha.

Os olhos de Lindsey se encheram de lágrimas.

-Thor...

-Prometa-me que lembrará.

Ela tragou o nó que tinha na garganta.

-Eu vou lembrar.

Thor saiu da carruagem e a ajudou a descer.

Lindsey inspirou fundo para tranquilizar-se, desejando que o louco palpitar de seu coração parasse. Ao seu redor, o ar frio da noite a ajudou a recuperar a atenção. Um mocho ululou na escuridão bem em cima da carruagem.

-Amanhã... Vai trabalhar na gazeta?

-Amanhã trabalharei no cais.

Provavelmente fosse melhor, ou ao menos tentaria convencer-se de que fosse. Endireitou-se, tentou afastar Thor de seus pensamentos e concentrar-se no problema de encontrar o verdadeiro assassino.

-Temos que falar com as companheiras de quarto de Phoebe, averiguar se ela estava vendo alguém em especial. Amanhã tenho que ir a uma festa. Poderíamos ir à tarde seguinte?

-Não deveríamos ficar juntos, Lindsey. Se não tivesse prometido a ajudar...

-Mas o fez.

Ele suspirou.

-E cumprirei minha palavra. Leif me emprestou sua carruagem enquanto está ausente. Eu a pegarei no domingo às seis. É provável que a essa hora as mulheres estejam em casa.

-Vemo-nos no beco de trás?

-Sim. Será melhor que seus vizinhos não nos vejam juntos.

-Eu devo pôr outra vez o vestido laranja?

Thor curvou os lábios.

-Esse vestido tem sua utilidade. Com ele, posso a tocar com prazer, mas como não deveria voltar a saborear seus preciosos seios de novo, acredito que será melhor que ponha outra coisa.

O estômago de Lindsey contraiu e ela corou dos pés à cabeça.

-Bom... Certo. Veremo-nos no domingo então.

Deu a volta e pôs-se a andar para a entrada do jardim. Seu corpo ainda ardia e pulsava como nunca tinha feito antes. Thor estava resolvido a não fazer amor com ela.

Mas quando desejava algo com tanta vontade, Lindsey podia ser tão determinada quanto ele.

Leif estava sentado atrás da mesa em seu escritório da Valhalla Shipping. Tinha uma mala a seus pés. Pela janela, via o Dragão do Mar amarrado no porto. Estava preparado para zarpar com destino ao norte em uma viagem de uma semana com a esperança de acrescentar mais portos a suas rotas.

Levantou o olhar quando um ligeiro golpe soou na porta e esta se abriu. Thor apareceu na soleira.

-Sei que está ocupado, mas esperava que pudesse me dedicar um momento antes de sair.

-Entre. Ainda tenho um pouco de tempo. - Seu irmão que, dos dois, era o de temperamento mais tranquilo, parecia transtornado e preocupado como Leif poucas vezes o tinha visto - Pela expressão de seu rosto, deduzo que o assunto que o traz aqui tem que a ver com Lindsey.

Thor se acomodou em uma cadeira de frente a mesa de Leif.

-Sim, como o soube?

-Soube por que é meu irmão e sei quando algo o altera. Lindsey o faz sem nem sequer tentá-lo.

-Ela quer que faça amor com ela.

-O que!? -Leif se levantou de sua cadeira.

-É difícil de explicar.

-Pois tente.

-Me prometa que não dirá nada a Krista.

-É meu irmão. Não contarei a ninguém. Você sabe.

Thor suspirou.

-Ela sente-se sozinha. Precisa de um homem. Essa mulher deveria casar-se e ter uma família. Em vez disso, trabalha e dorme sozinha.

-Há mulheres que trabalham e também têm um marido e família, como Krista. Eu me acostumei com isso. Você também o fará.

Thor levantou a cabeça.

-Fala como se estivéssemos casados.

-Por acaso ela não é a mulher destinada para você? Ou pensa continuar enganando a si mesmo a respeito?

Thor afastou o olhar.

-Admito que ela me faça sentir coisas que não sinto com nenhuma outra mulher. Mas sempre desejei a outro tipo de mulher, uma que fosse suave e carinhosa, que não se comportasse como um homem. Krista e você... Foram perfeitos um para o outro desde o começo. Sua esposa estava claramente destinada a você. Em troca, Lindsey e eu somos pessoas muito diferentes.

-Possivelmente só o parece.

-Eu acho que não. Estou preocupado com ela. Temo por sua segurança. De noite, desejo tê-la em minha cama. Mas, inclusive se os deuses a tivessem escolhido para mim, isso não mudaria nada. Sabe. Inclusive mesmo que desejasse me casar com ela, seus pais não o permitiriam. Não ganho muito dinheiro. Não tenho um título nem posição social.

-Possui interesses na Valhalla Shipping que valem muito mais do que pensa. Economizou e investiu seu dinheiro. Suas ações na A&H Railway devem valer agora uma boa fortuna.

Ele concordou com a cabeça.

-Parece que a ferrovia vai ter êxito. Há uma grande demanda por esse tipo de transporte nesta zona. Acredito que é um bom investimento. Mas não se trata só de dinheiro. Lindsey é uma dama de berço, e eu nem sequer sou um cavalheiro. Ao menos não sou um desses que gostam de ópera, teatro ou bailes.

Leif sorriu amplamente.

-É algo que se pode aprender irmão. Se provasse todas essas coisas, pode ser que no final você gostasse também. - Thor só grunhiu - Por que não o tenta?

Ele negou com a cabeça.

-Não. Ela não se casaria comigo, mesmo que fosse tolo o suficientemente para pedir-lhe.

Leif se levantou da cadeira e rodeou a mesa até seu irmão.

-Sei por experiência que todas essas coisas têm solução. Confie em seus instintos e em seu julgamento, e tudo sairá bem.

Thor gracejou.

-Não posso confiar em meu julgamento quando estou com ela. E meus instintos sempre parecem ter suas próprias prioridades.

Leif sorriu.

-Quem sabe? Pode ser que isso seja o mais conveniente neste caso. – Ele deu um tapinha no ombro de seu irmão - Basta estar preparado para se casar com essa jovem se seus instintos o meterem em problemas.

Thor pareceu considerar cuidadosamente as palavras.

E se estava enganado, e a garota não era a adequada para seu irmão? Perguntou-se Leif. Thor necessitava de uma mulher a quem amar, e que esse amor fosse recíproco. Necessitava de alguém com quem compartilhar sua vida como Leif compartilhava a dele

com Krista. Mas encontrar a mulher errada poderia fazer com que a vida de um homem fosse um verdadeiro inferno.

O tempo o diria.

Leif só esperava que Thor pudesse manter seus instintos sob controle até que o destino se esclarecesse um pouco mais.

Embelezada com um vestido de seda verde água e os sapatos combinando, Lindsey examinou sua imagem no espelho de corpo inteiro de seu quarto. Como estava na moda, o corpete deixava os ombros descobertos e formava um profundo V sobre seus seios, o corpete com espartilho, também em forma de V, enfatizava a diminuta cintura. Umas fitas de seda dourada adornavam a saia e o corpete do vestido e faziam jogo com as fitas que seguravam os cachos de seus cabelos de cada lado de sua cabeça.

Lindsey se virou diante do espelho, satisfeita com sua aparência. Em um instante, desejou que fosse Thor o homem cuja atenção queria atrair no baile dessa noite em vez da do tenente Michael Harvey. Recriminou-se por sonhar. Thor podia ser o homem apaixonado que despertava seus sentidos, mas não era um cavalheiro. Podia vestir-se como um deles se a ocasião o requeria, mas não podia imaginá-lo conversando apenas para ser agradável, nem ficando até o final de um aborrecido recital só por educação.

Era diferente dos outros homens, mais masculino, mais viril, um autêntico macho. Era o tipo de homem que uma mulher tomava por amante, mas com o qual não tinha nenhum interesse em casar-se.

Saber disso a perturbou mais do que deveria. Não poderia casar-se com um homem como Thor. Sua família jamais o permitiria.

E com toda a razão, disse a si mesma. Ele não era o par apropriado para ela.

Mas mesmo assim, enquanto se olhava no espelho e pensava no quão bem ficava esse tom de verde água com sua pele clara e seu cabelo castanho claro, não podia evitar sentir uma pontada de pesar por Thor não estar ali para vê-la.

Com um suspiro de resignação, virou-se ao ouvir um leve golpe na porta. Tia Dee, sua acompanhante nessa noite, entrou no quarto.

-Querida, está esplêndida.

Lindsey sorriu.

-Você também, como sempre.

Com um sofisticado vestido de seda cor vinho adornado com debruns de veludo verde escuro e pequenas pérolas incrustadas, e o cabelo escuro preso em dois coques um de cada lado de seu longo e elegante pescoço, Delilah Markham estava linda.

Mesmo assim, parecia muito nervosa e não deixava de olhar ocasionalmente para a porta. Lindsey não pôde evitar se perguntar se talvez sua tia tivesse se vestido dessa maneira para impressionar ao homem que as acompanharia essa noite, o recém aposentado coronel do exército de Sua Majestade, William Langtree.

O coronel era um conhecido do marido de Coralee, Gray Forsythe, conde de Tremaine. Gray o tinha apresentado a tia Dee pouco antes que Corrie e ele fossem desfrutar de uma lua de mel atrasada. Depois, tia Dee se encontrou com o coronel em várias ocasiões e sempre tinha recebido com carinho seus cuidados.

-O coronel Langtree deve estar chegando - Lindsey disse para avaliar a reação de sua tia.

Delilah alisou uma ruga inexistente na saia de seda.

-Eu acho que sim. Sendo militar, William é sempre muito pontual.

-Considerando as circunstâncias, é muito amável de sua parte nos acompanhar esta noite.

Lindsey pensou nas manchetes do London Times dessa manhã: «Futuro barão detido pelos assassinatos de Covent Garden.»

O artigo acrescentava que Rudolph Graham, filho mais velho do barão Renhurst, tinha sido detido. O jornal relatava os detalhes dos assassinatos, o fato de que Rudy tinha conhecido as vítimas, e que tinha sido identificado por uma testemunha que o tinha visto fugir da cena do crime.

-Depois do que se publicou no jornal - Lindsey disse - nossa noite será dura. Se ao menos o tenente Harvey quisesse ver-me em particular, não teríamos que ir.

-Mas você sabe que ele não o fará.

-Ele aprecia sua carreira. Não, não acredito que ele queira arriscar-se.

-Então teremos que fazê-lo da melhor maneira possível. Além disso, é importante que demonstremos nosso apoio a Rudy. Queremos que as pessoas saibam que não temos absolutamente nenhuma dúvida sobre sua inocência.

-Tem razão. Por outro lado, necessito de material para minha coluna. Não saí muito nestes últimos dias.

Tia Dee arqueou uma sobrancelha escura.

-É uma pena que não possa escrever sobre suas correrias noturnas. Estou certa de que suas leitoras se mostrariam realmente encantadas com a história de sua visita a um bordel.

Lindsey corou.

-Não me cabe a menor dúvida. Entretanto, depois seria incapaz de voltar a me mostrar na sociedade.

Tia Dee suspirou.

-A menos que provemos a inocência de seu irmão, é provável que isso ocorra de qualquer maneira.

Ao ouvir vozes na entrada, Lindsey se encaminhou à porta do dormitório e a abriu.

-Acho que o coronel chegou.

Os olhos de Delilah se iluminaram.

-Bem, é melhor que não o façamos esperar. - Sem mais demora, as duas mulheres deixaram o aposento e desceram as escadas, para onde as esperava o coronel.

-Senhoras - ele disse com um sorriso apreciativo. Era um homem alto, atraente, com o cabelo loiro salpicado de grisalhos e um bigode que lhe dava uma aparência distinta - Sou um homem afortunado por duas mulheres tão belas me permitirem as acompanhar.

Tia Dee pegou o braço que lhe oferecia o coronel.

-E você, coronel, está impressionante. Terei que vigiá-lo muito de perto.

O coronel riu.

-Não muito de perto, espero. - Mas o olhar de seus olhos dizia o contrário.

Lindsey sorriu para si mesma, esperava que sua tia desfrutasse da noite com o coronel. No que concernia a ela, se conseguisse a informação que necessitava, a noite teria valido a pena. Depois de permitir que o mordomo lhe colocasse a capa de veludo combinando com o vestido sobre os ombros, dirigiu-se à porta, esperando que o tenente Michael Harvey se mostrasse tão útil como tinha sido antes.

CAPITULO 11

Thor se ocultava nas profundas sombras do jardim da mansão do conde de Kittridge. Através das janelas gradeadas podia ver o salão de baile e às pessoas vestidas com roupas de seda e renda. No outro extremo do salão, tocava a orquestra, cujos músicos usavam perucas prateadas e libes de cetim azul. Os garçons, que levavam pesadas bandejas de prata sobre os ombros, ofereciam comida e bebidas aos convidados.

Lindsey estava de pé, ao lado da poncheira, conversando com sua tia. Ele a tinha visto entrar no salão de baile com um belo vestido de seda de alguma cor entre o azul e o verde. Tinha a reconhecido imediatamente, apesar da distância. Tinha reconhecido a maneira em que ela se movia, a maneira em que inclinava a cabeça, o ângulo de seu queixo. Lindsey possuía uma elegância e uma graça naturais que a distinguiam de qualquer outra mulher da sala.

Ele sabia que ela estaria ali. Preocupado como estava pelas pesquisas que ela estava conduzindo e que, de uma maneira inconsciente podiam estar pondo-a em perigo, tinha falado com Krista, que estava tão preocupada quanto ele. Sua cunhada havia lhe dito que Lindsey pensava em ir a um baile em Kittridge House oferecido pelo conde para celebrar o aniversário de sua filha.

Thor tinha chegado um pouco antes que Lindsey e se ocultou nas sombras escuras, entre os arbustos do jardim, em um lugar de onde podia observar o interior da mansão.

Seu olhar ficou mais aguçado quando viu Michael Harvey, o tenente da polícia que nesse momento conduzia Lindsey para a pista de dança. Observou como o tenente segurava Lindsey entre seus braços e iniciavam uma valsa. Quando passaram diante da janela, ela sorriu docemente para o policial, e, pela primeira vez em sua vida, Thor desejou saber dançar e ser o par de Lindsey nessa dança.

«Tolo», ele disse a si mesmo. «Essa mulher não é para você.»

Entretanto, não podia evitar sentir uma pressão no peito enquanto a observava, e o ciúmes retorceu suas vísceras como se tivesse uma serpente na boca do estômago.

Voltaram a dançar uns minutos depois; logo, o tenente guiou Lindsey até o terraço. Thor se aproximou em silêncio, sabendo que não deveria fazê-lo, embora fosse incapaz de resistir.

-As pessoas falam, Lindsey - o agente disse - murmuram sobre seu irmão. Deveria ir para casa. Posso ver o quanto lhe incomoda tudo isto.

-Não me importa o que as pessoas digam. Rudy é inocente. Minha tia e eu queremos que todo mundo saiba que não temos nenhuma dúvida a respeito. Quero que saibam que é só questão de tempo para que Rudy seja declarado inocente desses crimes.

O tenente se apoiou contra a balaustrada.

-Gostaria de poder ajudá-la. Mas tem que compreender que minha posição não me permite isso.

-Eu entendo. É claro que entendo, Michael. - Olhou-o por baixo de seus cílios - Espero que não se importe de estar comigo... Ao menos a sós.

Thor apertou a mandíbula.

O policial pegou a mão enluvada de Lindsey, a levou aos seus lábios, e depositou um beijo na palma. Thor se obrigou a permanecer quieto entre as sombras.

-É obvio que eu não me importo - ele disse.

O temperamento do Thor se inflamou. Condenada mulher. Ele se perguntou se ela estaria representando um papel ou se na realidade se sentia atraída pelo atraente policial.

-Depois que tudo isto terminar - o tenente falou - provavelmente eu poderia visitá-la.

-Eu gostaria muito, Michael. - Thor fechou o punho. Desejava arrastar esse homem para fora do terraço e o golpear até que caísse inconsciente no chão. Queria colocar Lindsey sobre o ombro e levá-la da festa - Como já disse, compreendo em que posição se encontra, mas não há nada que possa me dizer que nos ajude de algum jeito?

-Posso lhe dizer o nome da testemunha, mas só porque vai aparecer nos jornais de amanhã. Algum jornalista descobriu. Não sei como, mas pensa em vender a informação a todos os jornais.

-Quero falar com ela e indagar o que viu exatamente.

-Chama-se Mary Pratt. Vive no apartamento de cobertura de uma casa em Raven Court.

-Ela viu como se cometeu o assassinato?

-Não. Mas sabia que tinha ocorrido algo, embora não soubesse exatamente o que, até mais tarde quando alguém comentou o ocorrido. Aparentemente, viu quando um homem abandonava a cena do crime.

-Por que não contou antes à polícia?

-Disse que tinha medo. Achava que ninguém acreditaria. Eu penso que depois começou a pensar que se não ajudasse a polícia a caçar o homem que cometia esses crimes, ele continuaria matando mulheres, e que ela mesma poderia acabar convertendo-se em uma de suas vítimas.

-Meu irmão chegou ao Faisão Dourado por volta das quatro da madrugada. Essa mulher disse a que hora viu o homem?

-Ao redor das três e meia. Um vigilante encontrou o corpo de Phoebe Carter na manhã seguinte.

Lindsey esticou o braço e lhe tocou a mão.

-Obrigado, Michael.

Cada músculo do corpo de Thor ficou tenso.

-Eu gostaria de poder lhe dizer mais.

-Tenente? - Um homem magro atravessava o terraço em direção a ele - Sinto muito ter que o incomodar, senhor, mas o chefe quer falar com você. Diz que é importante.

O policial olhou para Lindsey.

-Tenho que ir.

-Eu voltarei para dentro em um momento. Preciso tomar um pouco mais de ar fresco.

O tenente apertou sua mão e a deixou no terraço. Assim que ele partiu, Thor saiu das sombras. Estava zangado. Furioso, embora não tivesse motivos para estar. Movendo-se em silêncio, apareceu bem ao seu lado.

-Vejo que encontrou o seu tenente.

Ela deu um pulo ante o inesperado som de sua voz.

-Bom Deus... Thor! Deu-me um susto de morte! Que demônio está fazendo aqui?

-Observando como se comporta como uma prostituta. Você é boa.

Antes que ele pudesse reagir, Lindsey deu um passo atrás e o esbofeteou na bochecha. Parecia tão chocada quanto ele. Seus preciosos olhos verdes estavam cheios de lágrimas.

-Só porque contei o que aconteceu quando eu tinha dezesseis anos...

Ele pressionou um dedo contra seus lábios enquanto sentia como sua cólera se desvanecia lentamente. Seu abrupto comentário não tinha nada a ver com o passado, mas sim com o presente. Ele pegou sua mão e a guiou para as escadas que desceram na escuridão.

-Por acaso você acha que não a considero pura pelo que aconteceu no passado?

-Você disse que eu me comportava como uma...

-Você é inocente, Lindsey. Isso não mudou. O que aconteceu quando era jovem não tem importância. Não diminui o desejo que sinto por você.

Ela olhou para as janelas. Os sons amortecidos de uma valsa chegavam até o jardim. Seguiu com o olhar Michael Harvey, e por fim, pareceu entendê-lo.

-Eu necessitava de informação. Fiz o necessário para consegui-la.

Ele agarrou sua mão e a colocou contra sua bochecha cálida.

-Eu estava ciumento. Sei que não deveria estar. Lamento ter dito essas coisas. Não é uma prostituta.

-E eu não tive intenção de te bater. Jamais tinha batido em alguém.

Thor curvou os lábios.

-Eu mereci isso.

Lindsey não pôde evitar lhe responder com outro sorriso.

-Possivelmente.

-Eu não gosto de como ele a olha. Eu não gosto que ele ache que o deseja.

Ela segurou seu rosto com as mãos.

-Eu não o desejo, Thor. O único homem que desejo é você.

Ele gemeu quando Lindsey ficou nas pontas dos pés e o beijou. Sua boca era úmida e suave debaixo da dele e tinha sabor de champanhe. O aroma de flores o envolveu, embebendo seus sentidos até que só pôde pensar nela.

«Não faça isso», advertiu-lhe uma voz em sua mente. «É inocente, independente daquela tola indiscrição.» Mas quando ela abriu os lábios, a língua de Thor deslizou para dentro de sua boca para saboreá-la. Quando Lindsey se arqueou contra seu corpo, ele colocou a mão dentro do corpete para acariciar um daqueles pálidos e preciosos seios.

Apertou-lhe o mamilo e Lindsey gemeu.

-Thor...

Ele estava duro. Estava tão excitado que seu membro palpitava com cada batida de seu coração. Beijou-a uma última vez e retirou mão à contra gosto.

-Temos que parar querida. Alguém poderia nos ver. - se não parassem agora, ele a penetraria ali mesmo no jardim.

Thor afastou seus braços do pescoço e retrocedeu um passo. Lindsey ficou olhando-o fixamente com um olhar aturdido no rosto, como se só agora se desse conta de onde estavam.

-Oh, meu Deus.

-A paixão é tão poderosa como qualquer droga – ele disse a ajudando a colocar o corpete.

Inclusive na escuridão, ele podia ver o rubor que alagava suas bochechas. Lindsey se virou e olhou para a casa.

-Tenho que entrar.

-Sim.

-Se veio aqui porque estava preocupado, não havia necessidade. Minha tia e eu viemos acompanhadas pelo coronel William Langtree. Esteve no exército. É um homem muito capaz.

Pode ser que o fosse, mas mesmo assim Thor não podia deixar de preocupar-se.

-Estarei bem - ela disse, notando a indecisão em seu rosto.

Ele suspirou.

-Bem, eu a verei amanhã no trabalho.

-Provavelmente possamos ir visitar a mulher que testemunhou contra meu irmão.

Ele assentiu com a cabeça e deu em Lindsey um pequeno empurrão para a casa.

-Vá.

As pesadas saias revoaram ao seu redor quando ela se virou e correu a toda velocidade pelo caminho para o terraço e a porta traseira da mansão. Thor a observou até que desapareceu de sua vista.

Ele a tinha magoado essa noite, embora não fosse essa sua intenção. Sempre tinha acreditado que Lindsey era feita de um material diferente do resto das mulheres, de um que a fazia tão resistente quanto um homem. Mas já a tinha visto chorar duas vezes. E tinha observado que era tão doce e suave como qualquer outra mulher, só que cuidava de ocultar isso de todo mundo.

Essa noite, havia se sentido estupidamente ciumento de Michael Harvey. E tinha se excitado de tal maneira que seu corpo ainda palpitava pelo desejo.

O que sentia por ela era diferente de qualquer coisa que houvesse sentido antes por uma mulher. Cada vez estava mais convencido de que Lindsey era para ele.

Sabendo que essa relação era impossível, Thor implorou aos deuses para estar errado.

Na manhã do domingo, Lindsey recebeu uma nota de Thor. «Surgiu um imprevisto», dizia a mensagem. Tinha que atrasar sua saída. Lindsey estava certa de que esse «imprevisto» tinha a ver com o beijo apaixonado que tinham compartilhado no jardim.

Ela não voltou a vê-lo até a segunda-feira.

Enquanto estava sentada em sua mesa escrevendo o artigo para a edição seguinte da gazeta, Lindsey manteve sua mente centrada no baile que tinha ido à noite de sábado. Descreveu o evento com todos os detalhes: os esplêndidos arranjos de flores, a magnífica orquestra de oito músicos, a brilhante decoração. Escreveu sobre o imponente conjunto de aristocratas ricos e as celebridades londrinas que tinham comparecido, sem esquecer-se de mencionar as últimas intrigas: a senhora Marston estava grávida... Novamente; a duquesa de Weyburn tinha estado doente, mas já estava se recuperando; um tal lorde F parecia voltar a estar bem com sua esposa que ela já não o ameaçava com o divórcio.

Sorriu para o último. Fulcroft havia lhe virado as costas na noite anterior, mas sua esposa tinha sido muito amável, agradecida; ou isso parecia, já que as infidelidades de seu marido tinham saído à luz e tinham esclarecido as coisas. Estava claro que lady Fulcroft estava apaixonada por seu marido e que preferia deixá-lo a compartilhá-lo com outras mulheres.

Lindsey se perguntou se ela sentiria o mesmo pelo homem com o qual se casasse. A menos que fosse um matrimônio por amor - coisa que duvidava - não acreditava que se importasse.

Embora a senhora Fulcroft se mostrasse amigável, as demais convidadas da festa tinham sido menos amáveis. Em cada canto do salão, murmurava-se e especulava-se sobre Rudy. Seria o herdeiro da fortuna e do título de Renhurst realmente um assassino? Ou, como sua irmã e sua tia acreditavam, a polícia só tinha provas circunstanciais contra ele?

Várias pessoas tinham lhe perguntado abertamente sobre a prisão de seu irmão. Em cada ocasião, Lindsey o tinha defendido com firmeza.

-Meu irmão é completamente inocente – ela havia dito à senhora Marchbanks, uma matrona muito conhecida da sociedade - é totalmente injusto que alguém como ele se veja forçado a permanecer entre as grades.

-Como se encontra seu irmão? - lorde Perry, um antigo amigo de seu pai, tinha lhe perguntado.

-Está bem, milord. Tudo foi um desafortunado mal-entendido, mas estou certa de que muito em breve será posto em liberdade.

Lorde Perry assentiu com a cabeça e pareceu sentir pena. Bom, dizer que tinha sido uma noite difícil era pouco.

E, além disso, tinha tido aquele encontro com Thor.

Lindsey corou com o pensamento. O que ele tinha que a fazia perder a consciência? Tinha que ser algo mais que sua intensa atração. Sem dúvida alguma, ela não era tão superficial.

Na verdade, tinha percebido ternura em Thor, uma bondade e preocupação por ela que poucas vezes tinha visto em um homem. Lindsey já tinha chorado duas vezes diante dele, e ela não era das que choravam.

Com seus pais viajando a maior parte do ano e tendo passado grande parte de sua vida em internados, tinha aprendido se cuidar sozinha. Tinha aprendido a ser forte, a cuidar de si mesma e de seu irmão menor e poucas vezes baixava a guarda.

Mas havia algo em Thor que a fazia sentir que podia confiar nele, algo que a fazia querer apoiar-se nele, deixar que ele a ajudasse a resolver qualquer problema que pudesse ter.

De algum jeito isso lhe dava medo.

Seguia sentada na mesa, refletindo sobre isso, quando Bessie Briggs se aproximou de seu lado.

-Esta manhã encontrei isto debaixo da porta. Tem seu nome escrito nas costas.

-Obrigado, Bessie. - Lindsey olhou as letras azuis da nota, depois rompeu o selo e começou a ler:

Se quiser salvar seu irmão, procure o assassino entre o círculo de seus amigos.

Santo Deus! Estudou a nota pela frente e por trás, procurando uma pista que indicasse quem podia haver lhe enviado essa nota, mas o papel estava em branco salvo por seu nome e a advertência direta.

«Procure o assassino entre o círculo de seus amigos.» Sua mente repassou as possibilidades que expunha a mensagem, mas na realidade as palavras lhe pareciam mais uma brincadeira que uma tentativa séria de ajudar Rudy. Era o tipo de brincadeira que Tom Boggs ou Martin Finn podiam achar divertida, obrigar Lindsey a colocar a polícia atrás uma pista falsa.

Observou a nota com atenção. Ao ver Thor na sala dos fundos do escritório, tirou de sua mente aqueles momentos apaixonados no jardim e se aproximou dele para lhe mostrar a nota.

-O que é?

-Bessie a encontrou debaixo da porta quando chegou para trabalhar.

Ele pegou a nota de sua mão e leu o conteúdo. Levantou o olhar para ela e estudou seu rosto.

-Você não acredita no que diz.

Lindsey encolheu os ombros. Thor sempre parecia saber o que as pessoas pensavam.

-Não muito. Acredito que algum dos amigões de Rudy pode estar me pregando uma peça. Pode ser que quem quer que a escreveu pensou que seria engraçado ter a polícia atrás dos passos dos conhecidos de Rudy.

-Não me parece que seja uma brincadeira. – Ele devolveu-lhe a nota - Você acha que algum dos amigos de seu irmão seria capaz de cometer os assassinatos?

-Santo céu, não. Todos são filhinhos do papai, mimados e egoístas, mas não posso imaginar nenhum deles fazendo algo que não fosse inofensivo.

-Bom, é uma possibilidade.

Ela assentiu e o observou.

-Temos que falar com as companheiras de andar de Phoebe como tínhamos planejado.

-Sim, e com essa mulher, Mary Pratt, a testemunha que acusou seu irmão do crime.

-Com ela especialmente.

-Podemos ir agora. Pegaremos a carruagem de meu irmão.

Lindsey tinha que terminar o artigo, mas ainda sobrava tempo e isto era muito mais importante. Fez uma rápida ida a parte dianteira do escritório para recolher sua capa e depois precedeu Thor até a porta traseira que dava para o beco.

A carruagem de Leif estava parada perto. Thor chamou o cocheiro, ordenando que trouxesse o veículo. Este agitou as rédeas e os dois cavalos baios começaram a andar. A brilhante carruagem negra se deteve bem em frente ao beco.

Thor ajudou Lindsey a subir e depois ele subiu, acomodando seu enorme corpo no assento da frente. Quando o veículo se pôs rumo a casa onde vivia Mary Pratt, Lindsey estudou o rosto de Thor, tentando apurar o que estava pensando. A expressão masculina permanecia impenetrável.

-Humm... Pensei que possivelmente poderíamos falar sobre o que ocorreu no jardim.

Thor elevou a cabeça. Seus olhares se encontraram através da carruagem.

-Se o que espera for uma desculpa, muito bem. Comportei-me de maneira inadequada...

-Não seja tolo. Não se comportou de maneira inadequada. Fui eu quem o beijou... E não me arrependo.

Thor suspirou.

-Bom, então não há nada mais a falar. Exceto esclarecer que fui eu quem a tocou e que não deveria havê-lo feito. E não voltarei a fazê-lo.

-Por que não?

Um músculo palpitou na bochecha de Thor.

-Por todos os deuses, mulher, já sabe por que não. Você é uma dama e eu não sou um cavalheiro. Não estamos casados nem nunca o estaremos. Não há outra razão.

-Você se deita com mulheres com as quais não está casado, por que não comigo?

-Essas mulheres são prostitutas. Seu trabalho consiste em dar prazer aos homens.

-E se quero ser eu quem te dê prazer? Eu gosto muito quando me beija e me toca. Imagino que sabe como dar prazer a uma mulher.

Thor apertou os dentes. Moveu-se com tal rapidez que ela ficou sem fôlego. Levantou-a do assento e a sentou em seu colo.

-Sabe tentar um homem, milady. Você percebe o que provoca em mim?

Lindsey arregalou os olhos ao sentir a grossa e dura protuberância sob suas saias. Eram evidentes a largura e longitude do membro de Thor apesar das camadas de saias e anáguas.

-Oh, Deus...

-Não posso me deitar com você, Lindsey. Não somos feitos um para o outro... Sabe. Eu não seria um bom marido para você.

-Não te estou pedindo que seja meu marido. Peço que seja meu amante. -Lindsey se moveu em seu colo e Thor gemeu - É claro que me deseja. Por que não podemos fazer amor?

-Por Odín! -Thor apertou a mandíbula e seus olhos brilharam intensamente como dois carvões ardentes. Com um grunhido surdo, levantou-a de novo e a colocou montada sobre suas coxas. Depois estendeu a mão e baixou as cortinas das janelas da carruagem.

-O que... O que esta fazendo?

-Quer que lhe dê prazer... Pois isso é o que vou fazer.

Segurando-a pela nuca, atraiu sua boca para a dele para lhe dar um beijo profundo e ardente. Os lábios de Thor pareceram fundir-se com os dela e Lindsey se sentiu atravessada por uma ardente onda. O coração pulsou com força como se estivesse tomando parte em uma corrida e a umidade alagou aquele lugar entre suas pernas. Lindsey rodeou seu pescoço com os braços e lhe devolveu o beijo com a mesma paixão ferosa, em seguida ficou rígida ao notar o contato da mão masculina sob as saias.

Thor a beijou de novo, a degustando e saboreando com ternura, acariciando o interior da boca com a língua. Beijou-a até que a tensão abandonou o corpo de Lindsey e ela se derreteu contra ele. Uns quentes estremecimentos subiram por sua panturrilha e joelho quando ele moveu a mão mais para cima. Thor abriu suas coxas, separando-as com força, abrindo o acesso à abertura de seus calções.

Lindsey gemeu ante o toque íntimo de seus dedos, embora o som ficasse amortecido pela pressão esmagadora da boca de Thor e a profunda invasão de sua língua. Durante muito tempo, aqueles beijos viciantes a fizeram perder o sentido; uns beijos ardentes e arrasadores que a fizeram rebolar contra sua mão.

-É isto o que quer Lindsey?

Ela gemeu um sim em resposta. E o peito de Thor retumbou com satisfação masculina.

-Só por esta vez te darei o que quer.

Lindsey fechou os olhos quando ele começou a acariciá-la, suavemente no princípio, tocando-a como nenhum outro homem o tinha feito antes. Não sabia que isso fazia parte de fazer amor. Tyler só tinha aberto as calças, liberado seu membro e, com estupidez e rapidez, tinha a penetrado com ele. Thor a estimulou e acariciou, tocou-a uma e outra vez, e acendeu todo seu corpo.

Lindsey estava muito molhada e se arqueou contra Thor quando este começou a brincar com o palpitante broto de seu sexo. O desejo a percorreu dos pés a cabeça cada vez com mais força e intensidade. Ofegou e, de repente, alcançou o êxtase.

O prazer a inundou, com uma onda ardente, tão doce que ela quase pôde saboreá-lo. Os céus pareceram se abrir sobre ela e viu as estrelas atrás das pálpebras fechadas. Thor amorteceu seus gritos de prazer com um beijo, manteve-a a beira do clímax até que a jovem alcançou o êxtase de novo, em seguida a abraçou enquanto ela se deixava cair contra seu corpo.

Lindsey se apertou contra ele. Podia sentir os rápidos batimentos do coração de Thor e soube que ele estava muito mais excitado do que parecia. Seu próprio coração também não baixava o ritmo. «Santo Deus!»

Nunca tinha imaginado que podia ser assim!

Thor a beijou com suavidade uma última vez.

-Já te dei o que queria - ele disse - Assim que se case, conhecerá este prazer e muitos mais.

Lindsey negou com a cabeça, com um inesperado nó na garganta.

-Não, não será assim. Acabarei me casando com algum aristocrata rico como Tyler Reese que não terá nem ideia de como fazer amor.

-Reese? É esse seu nome?

-Foi há muito tempo, Thor. Ty é agora um homem diferente. O que importa é que o tempo que passemos juntos é tudo o que eu vou conhecer sobre a paixão.

Thor a sentou no assento de frente.

-Não pode saber o que o destino tem reservado. E eu não sou o homem que deve te mostrar essa paixão.

Lindsey não disse nada. Seu corpo ainda palpitava docemente pelo prazer que Thor tinha lhe dado. E ele havia dito que havia mais.

Lindsey queria conhecer mais desse prazer. E queria que fosse Thor quem o ensinasse.

CAPITULO 12

A carruagem entrou em Raven Court, uma zona de blocos de apartamentos não muito afastada da Casa dos Sonhos. Ficava ao lado de Bedford Lane, a rua que Phoebe deveria ter tomado para retornar para casa.

Tiveram que fazer duas paradas antes de constatar qual era o edifício onde vivia Mary Pratt. Lindsey deixou que Thor a guiasse para a porta de um velho edifício de madeira, onde subiram por umas escadas de madeira, estilhaçadas e dilapidadas pelo tempo que conduziam ao apartamento de cobertura. O lugar estava cheio de lixo, e o fedor de esgoto e detritos podres impregnava o ar.

-Se quiser, posso falar sozinho com ela - Thor propôs, percorrendo com o olhar a imundície do chão para depois dirigi-lo a barra da saia de lã cinza de Lindsey.

-Eu prefiro fazê-lo.

Thor não pareceu surpreso. Estava começando a conhecê-la. Lindsey se perguntou se algum dia ele aceitaria seu caráter independente. Descobriu que a incomodava pensar que não fosse assim.

Thor a escoltou escada acima, rodeando sua cintura protetoramente com uma mão. Quando chegaram ao andar, bateu na porta com força, fazendo que caíssem pedacinhos de pintura descascada. Foram necessários mais alguns golpes antes que se ouvissem passos na casa, e que uma pequena mulher com o cabelo cinza cheio de mechas grisalhas abrisse a porta.

-Mary Pratt? - perguntou Thor.

-Essa sou eu. - Deu um olhar cauteloso ao enorme corpo de Thor, e em seguida, ao ver uma mulher atrás dele, pareceu relaxar - O que posso fazer por vocês?

Foi Lindsey quem respondeu.

-Nós gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas sobre o assassinato que ocorreu nesta rua faz umas semanas.

-Quem são vocês?

Lindsey esboçou um sorriso.

-Sou jornalista da gazeta *De Coração a Coração*. Estamos fazendo uma reportagem sobre o assassinato. -Foi à única desculpa plausível que lhe ocorreu nesse momento - Só precisamos que você responda a umas perguntas.

A mulher não fez comentário algum, o que Lindsey tomou como um sinal para continuar.

-Nós gostaríamos de lhe perguntar sobre o homem que viu fugir da cena do crime.

-Não estava fugindo... Não exatamente. Parecia como se estivesse passeando sem nenhuma pressa, como se tramasse algo. Não sabia que tinha cometido um assassinato até que mais tarde ouvi falar disso.

-Que aspecto o homem tinha?

-Era de classe alta. Levava uma elegante cartola, um casaco de boa qualidade e luvas de couro. Por isso me fixei nele. Parecia fora do lugar em um bairro como este.

-Entendo.

-Que mais poderia nos dizer sobre ele? -perguntou Thor.

-Era alto e magro. E tinha o cabelo castanho claro.

-Eu pensei que ele usava um chapéu - disse Lindsey.

-Ele levava o chapéu na mão quando o vi. O pôs quando contornou a esquina.

-Viu seu rosto? - Perguntou-lhe Lindsey - Poderia reconhecê-lo?

-Eu não poderia dizer. - A mulher se virou e apontou a janela e depois à rua abaixo
- Assassinaram-na bem aí embaixo, nesse portal. Debaixo da minha janela. Mas não pude distinguir bem os traços do homem.

O pulso do Lindsey acelerou.

-Então como está tão certa de que foi Rudolph Graham?

Mary encolheu seus ombros ossudos.

-A polícia disse que tinha sido ele. Tem a mesma estatura e constituição, e a mesma cor de cabelo. Eu acho que se eles dizem que é, é.

-Obrigado, Mary. - Lindsey estendeu a mão e apertou um guine contra a palma da mulher. -Você nos foi de muita ajuda.

A mulher sorriu amplamente, deixando à vista um vazio que revelava a falta de um dente.

-Não sei ler. Mas eu gostaria de ver meu nome no jornal.

Lindsey deixou à velha mulher no patamar, e Thor e ela desceram as escadas. Ela mal conseguia conter sua excitação quando ele abriu a porta da carruagem.

-Você ouviu Thor? Ela não viu o rosto do assassino. Poderia ter sido qualquer um.

-Tem que contar isso ao advogado de seu irmão. Possivelmente seja o suficiente para que o soltem.

Lindsey levantou o olhar para ele.

-Acredito que deveríamos ir dizê-lo agora mesmo.

Thor assentiu com a cabeça.

-Qual é o endereço?

Ela deu-lhe o endereço em Threadneedle Street, e um pouco mais tarde a carruagem se deteve diante de um edifício de tijolos de três andares. O advogado, Jonas Marvin, estava em seu escritório. Lindsey apresentou Thor como um amigo da família

que estava ajudando-a a investigar o assassinato e a seguir contou ao advogado o que tinham averiguado com Mary Pratt.

-A testemunha não viu seu rosto - Lindsey explicou-lhe - É a polícia que está convencida de que foi Rudy o homem que ela viu abandonar a cena do crime.

Marvin ajustou seus pequenos óculos dourados sobre o nariz.

-Se o que me está dizendo é certo, o caso contra Rudolph se apoia unicamente em provas circunstanciais. Incriminatórias, sem dúvida alguma, mas Rudy é herdeiro de uma baronia. Se seu pai estivesse aqui, o poriam em liberdade imediatamente.

-Falarei com tia Delilah e lhe pedirei que fale com alguns de seus amigos mais influentes. Possivelmente obtenhamos seu apoio para conseguir a libertação de Rudy.

-Enquanto isso, eu falarei com Avery French. Possivelmente ele possa convencer o magistrado.

-Fale com o senhor Marvin sobre a nota - disse Thor.

Lindsey levantou o olhar para Thor, depois abriu sua bolsa e tirou a nota que tinha recebido nessa manhã.

-Possivelmente se trate de uma brincadeira dos amigos de Rudy.

Marvin tomou a nota e leu a mensagem direta.

-Eu a mostrarei a Harrison Mansfield, o investigador, para ver o que ele acha. Não deveríamos passar por cima de nenhuma possibilidade.

Terminaram a reunião com uma atitude positiva. Lindsey se sentia otimista pela primeira vez desde que tudo aquilo tinha começado. Como a tarde chegava ao seu fim, decidiram postergar a visita as companheiras de andar de Phoebe. Thor levou Lindsey de volta à gazeta e ambos retornaram para seus respectivos trabalhos. Dois dias mais tarde, Avery French conseguiu que pusessem Rudy em liberdade.

Mesmo assim, estava claro que seu irmão seguia sendo o suspeito número um dos crimes de Covent Garden. Tinham que continuar suas investigações, eles tinham que encontrar o verdadeiro assassino.

Seu irmão não estaria a salvo até que o fizessem.

Thor despertou naquela noite de um sonho inquieto com o rosto e o peito cobertos de suor. Estava excitado, com o membro duro e palpitante sob os lençóis. Tinha estado sonhando outra vez, um desses sonhos tórridos com Lindsey.

-Pelo sangue de Odín! – ele amaldiçoou, passando uma mão pelo cabelo úmido de suor.

Com um suspiro se acomodou nos travesseiros, com seu membro ainda grosso e erguido, pulsando por um desejo não satisfeito.

Embora fosse tarde, considerou vestir-se e visitar as mulheres da Red Door. Elas lhe dariam as boas-vindas como sempre faziam, e seu corpo, disso não tinha dúvida, acolheria com agrado seus cuidados.

Seu pênis encontraria alívio, mas sua mente queria algo mais.

Uma imagem de Lindsey na carruagem, com os quadris estreitos montados sobre suas coxas, a cabeça jogada para trás em êxtase enquanto ele lhe dava prazer, inundou sua mente, e ele apertou os dentes ante a nova onda de desejo que sentiu. Não queria deitar-se com nenhuma das mulheres de madame Fortier. Queria fazê-lo com Lindsey Graham.

Mas não podia tê-la.

Como uma feiticeira, aquela pequena bruxa o tinha enfeitiçado. Não podia ser dele, ainda que se oferecesse uma e outra vez. Ela estava convencida de que o homem com o qual acabaria se casando não poderia lhe dar o prazer que encontraria com Thor.

Provavelmente ele deveria lhe dar o que lhe pedia, o que ambos queriam, pensou.

Mas o que ocorreria se a deixasse grávida? Tinha os quadris estreitos, eles não pareciam adequados para levar um bebê do tamanho que ele plantaria em seu ventre. Mesmo se ela se visse obrigada a casar-se com ele, ter seu filho poderia matá-la.

Thor golpeou o travesseiro com os punhos, tentando acomodar-se em uma cama que, de repente, tornou-se dura como uma pedra. Não podia dar mais voltas no assunto. Simplesmente, não podia deitar-se com ela.

Lutando contra os demônios que pretendiam o convencer de que estava se equivocando, Thor tentou em vão conciliar o sono.

Lindsey estava trabalhando em sua mesa quando viu que Krista se aproximava dela. Levava o cabelo loiro preso em um coque na nuca, e seu simples vestido de musselina já estava manchado de tinta. Lindsey se endireitou quando viu o papel dobrado na mão de sua amiga.

-Encontrei isto debaixo da porta quando cheguei pela manhã. Está dirigido a você.

Lindsey pegou a nota, a virou e reconheceu a letra da nota anterior.

-Chegou-me uma como esta faz três dias. Uma tolice para procurasse o assassino de Covent Garden entre os amigos de Rudy. Parece a mesma letra. - Abriu o selo e leu a mensagem:

Você não vê? Só os tolos se deixam enganar. Stephen Camden é seu homem.

-Santo Deus!

-O que diz?

Lindsey mostrou a nota para Krista, que rapidamente leu as palavras.

-Stephen Camden? Não pode estar referindo-se ao visconde de Merrick. Pelo amor de Deus, seu pai é o marquês de Wexford.

-Sua fazenda, Merrick Park, fica em Foxgrove. Uma de suas fronteiras encosta-se a Renhurst Hall. Stephen é uns anos mais velho que Rudy, mas são amigos há anos. Frequentaram os mesmos internados e estiveram juntos por um breve período em Oxford.

-Eu encontrei Merrick em várias ocasiões. Parece ser um indivíduo bastante tranquilo. Não posso acreditar que seja um assassino.

-Nem eu. Por vivermos tão perto, conhecemo-nos muito bem. Meu pai chegou inclusive a mencionar Stephen como um possível pretendente. - Recuperou a nota que Krista lhe estendia - Se for uma brincadeira, a acho de muito mal gosto.

-Eu me pergunto quem a terá enviado.

-Eu gostaria de sabê-lo.

-O que vai fazer com ela?

-Nada.

-Você recebeu outra nota? - A profunda voz de Thor a envolveu quando ele se aproximou de seu escritório, e seu coração deu um pulo.

-Sim. É tão absurda quanto à primeira. Nesta acusam um velho amigo da família, Stephen Camden, filho do marquês de Wexford. Esse homem é um visconde, pelo amor de Deus. É completamente ridículo.

-Seu irmão será barão algum dia e mesmo assim está sob suspeita. Deveria mostrar a nota a Mansfield, e deixar que ele investigue o assunto.

-Não farei nada disso. Não penso em mostrar esta nota a ninguém mais. Rudy se indignaria e isto só envergonharia a nós dois.

-No entanto, deve conservar a nota para uma necessidade.

-Eu o farei. E quando apurar quem a enviou, vou dizer-lhe umas verdades.

Thor não disse mais nada, só se virou e voltou para seu trabalho. Não voltaram a se ver até aquela tarde, quando deixaram a gazeta para visitar as duas mulheres que tinham compartilhado alojamento com Phoebe Carter. No trajeto da carruagem, Thor foi amável, mas se mostrou distante, claramente tentando ignorar a intimidade que tinham compartilhado antes e disposto a recuperar a antiga relação de amizade.

Lindsey estava muito irritada quando chegaram à casa de três andares onde Phoebe tinha vivido em Maiden Lane. Era tarde o suficientemente para que as mulheres estivessem acordadas – mesmo que seu trabalho as tivesse mantido acordadas a maior parte da noite - mas não tanto que elas já tivessem saído de casa.

Thor bateu repetidas vezes na porta. Na segunda rodada, uma ruiva abriu-a embrulhada em um roupão negro de cetim.

-Pare de golpear a porta! Ainda é cedo, não é hora de... - separou os lábios em um O de surpresa enquanto devorava Thor com o olhar. Seus olhos passearam por suas pernas longas e musculosas, seus estreitos quadris e seu peito largo.

O cabelo escuro e ondulado que cacheava na nuca, e os brilhantes olhos azuis que avaliaram imediatamente a mulher e seu ambiente.

-Provavelmente eu falei antes do tempo - ela disse, dando um passo atrás e o convidando a entrar - O que Mandy pode fazer por você, amorzinho?

Para a surpresa de Lindsey, Thor não percebeu a pouca roupa que a mulher usava.

-Nós gostaríamos de lhe fazer umas perguntas.

-Nós gostaríamos de falar com você de sua antiga companheira de andar, Phoebe Carter.

Lindsey tentou não incomodar-se ao ver que a mulher não parecia ter se importado com o fato de que ela também estava ali. A ruiva só via Thor. Embora se pensasse bem, também não poderia culpá-la por isso.

-Não parecem policiais.

-Eu sou a irmã de Rudolph Graham. É provável que o conheça. Foi acusado pelo assassinato de Phoebe.

-Sim, eu ouvi. Eu acho que já o vi por aqui.

-Meu irmão é inocente - Lindsey disse - Se o conhecer, saberá que não é o tipo de homem que sai por aí assassinando mulheres. Estamos tentando prová-lo.

Mandy deu outra olhada em Thor.

-Eu o vi um par de vezes. Phoebe gostava dele. Não parecia um assassino. - Deu um passo atrás e abriu a porta. Virou-se e gritou para a parte de atrás do apartamento - Annie... Temos visita!

O lugar estava bem limpo, mas só estava mobiliado com um sofá puído de veludo rosa e uma cadeira combinando. O chão estava coberto com um tapete persa descolorido, e um dos abajures tinha a cúpula rasgada. Mesmo assim, estava muito melhor do que a maioria dos lares desse bairro. A prostituição era um dos trabalhos melhor pagos a uma mulher que podia exercer.

-Annie!

-Já vou, já vou. - Uma elegante morena se aproximou em um passo lento, vestida com uma camisola rosa pálido que cintilou quando abriu a roupão ao cruzar a sala.

Deteve-se ante Thor, e levantou o olhar para ele.

-Você me parece familiar. Acredito que nos vimos em algum outro lugar.

-Eu acho que não.

-Pode ser que tenha razão. Eu lembraria. - Centrou sua atenção em Lindsey - E você o que faz aqui?

-É a irmã de Rudy Graham - Mandy disse - Lembra dele? Esteve aqui com Phoebe um par de vezes. É o cavalheiro que prenderam por seu assassinato.

Annie ficou rígida.

-Deveria sair daqui.

-Meu irmão não matou sua amiga. Segundo uma testemunha chamada Mary Pratt, Rudy tem o mesmo aspecto que o homem que matou Phoebe, mas Mary não o viu, só viu um homem que encaixava nesta descrição.

-Alto, magro, cabelo castanho claro - Thor adicionou - Conhecem um homem assim?

-Há muitos homens que se encaixam nesta descrição - Mandy disse.

-Seu irmão esteve com ela na noite em que a mataram - Annie assinalou bruscamente.

-Ele a deixou na Casa dos Sonhos - Lindsey respondeu - Ela voltava para casa quando a assassinaram.

Annie arqueou uma sobrancelha.

-Sério?

- Phoebe gostava de ópio - disse Mandy - Pensava que simplificava a vida. Levava clientes para Sultry Weaver em troca de droga.

-Isso nós já sabemos - Thor disse - Ela via algum homem mais que os outros? Alguém que pensasse que ela lhe pertencia?

-Quer dizer se alguém poderia ter ficado ciumento o suficientemente para matá-la? - Annie perguntou.

Thor concordou.

-Não que nós soubéssemos - Mandy disse, depois de trocar um olhar com sua amiga - Ela cumpria com seu trabalho, mas nunca se enrolou com nenhum de seus clientes. Uma mulher preparada nossa Phoebe.

-Me é difícil acreditar que tenha morrido - Annie disse.

-Se lembrarem de algo mais - Lindsey disse - algo que pudesse servir de ajuda, agradeceríamos que nos enviassem uma mensagem. Trabalho na gazeta para damas *De Coração a Coração*. O escritório fica em Piccadilly.

-Vamos ficar de olho - Annie disse - Nós gostaríamos muito de ver o seu assassino pendurado.

Lindsey agradeceu pelo tempo que elas tinham lhes dedicado, e Thor e ela deixaram o lugar. Thor a ajudou a subir na carruagem e a seguir se acomodou em silêncio no assento da frente.

-Não averiguamos muito - Lindsey disse.

-Pode ser que se recordem de alguma outra coisa mais tarde.

-Pode ser. - Lindsey brincou com uma dobra de sua saia - Suponho que não mudou de ideia sobre... Já sabe... Sobre nós.

Thor só grunhiu.

-Não haverá... Humm... Não terá voltado ao bordel de madame Fortier? Refiro-me a estes últimos dias.

Thor se ergueu para diante do assento, com tal rapidez que ela conteve o fôlego. Seus ferozes olhos azuis pareciam furá-la.

-Não estive lá. Mas sou um homem e tenho necessidade de uma mulher. Essa necessidade cresce cada vez que estou com você, Lindsey.

Ela estendeu a mão e tocou sua bochecha, sentindo a dura curva de sua mandíbula.

-O que aconteceu na última vez que estivemos juntos foi... Maravilhoso, Thor. Quero conhecer o resto, quero experimentar tudo. Deixe-me ser a mulher que necessita.

A mão Thor tremeu quando mexeu no espesso cabelo escuro.

-Você faz com que pareça muito fácil, mas não é. E se a deixo grávida? Pensou nisso, Lindsey?

-Deve haver uma maneira de impedi-lo. - Pensou no valete indiano do marido de Coralee, um homem que preparava todo tipo de poções - Tenho uma amiga que poderia me ajudar.

-Não.

Ela baixou o olhar. O casaco de Thor estava aberto, expondo a dura protuberância que pressionava contra a braguilha. Sabendo que não deveria fazê-lo, mas muito curiosa para conter-se, estendeu o braço e o tocou suavemente. Sentiu como o pênis de Thor saltava em consequência de seu toque.

Thor afastou sua mão de repente.

-Pelo sangue dos deuses, mulher!

-Ainda me deseja. Não pode negá-lo.

-Desejo-te. Olho para você e desejo arrancar sua roupa. Quero lambar seus seios e me enterrar em seu interior. Quero a possuir até que nós dois estejamos exaustos demais para nos mover.

O coração Lindsey se descontrolou, e ela sentiu um comichão no estômago. Tinha as palmas das mãos úmidas e a boca seca. Como umas simples palavras podiam fazê-la sentir-se quente e fria ao mesmo tempo, com uma suave dor palpitante entre as pernas?

-Sei onde vive - Lindsey disse-lhe - Krista me mostrou uma vez quando fomos às compras. Irei vê-lo esta noite.

Ele a imobilizou com um olhar.

-Não estarei ali. Estarei ocupado com as mulheres de Red Door.

Foi como se lhe tivesse enfiado uma faca no coração. Suas palavras não deveriam tê-la ferido, mas fizeram. O resto da viagem para casa transcorreu em silêncio. Tinham terminado o trabalho desse dia e não tinham mais pistas para seguir. Lindsey levantou o olhar para Thor. Viu a expressão turbulenta de seu rosto, uma mistura de determinação e arrependimento. E havia algo mais, um desejo tão intenso que a deixou sem fôlego. Armou-se de coragem.

-Eu irei Thor – ela disse com suavidade - Espero que esteja lá.

A carruagem parou bruscamente antes que ele pudesse lhe responder. O cocheiro saltou da boleia e abriu a porta.

-Já chegamos, senhores.

Lindsey segurou a mão do condutor e permitiu que ele a ajudasse a descer. Thor parecia muito atordoado para se mover do assento.

-Lindsey! - chamou-a pela janela enquanto o cocheiro retornava para seu assento.

Ignorando-o, ela recolheu as saias e se apressou para casa.

CAPITULO 13

O sol brilhava como ouro velho sobre o horizonte enquanto a escuridão começava gradualmente a cobrir a cidade. Nas janelas, as luzes dos abajures lançavam um suave brilho amarelo sobre a rua pela qual Lindsey se dirigia para a residência dos condes Tremaine em Mayfair, a tão somente umas poucas quadras de sua casa.

Decidida a não perder a coragem, desceu pela escada metálica da carruagem assim que esta se deteve diante da casa e se encaminhou com rapidez pelo caminho de paralelepípedos que levava a porta da enorme mansão do conde Tremaine. Coralee Whitmore Forsythe e seu marido, Gray, tinham retornado dois dias antes de sua viagem de seis semanas pelo Continente.

O mordomo lhe abriu a porta.

-No que posso ajudá-la?

-Sou amiga da condessa. Esperava...

-Ah, a senhorita Graham. Entre, por favor. Direi a sua senhoria que você está aqui. Se for amável de me seguir...

Conduziu-a até uma elegante saleta decorada em tons de dourados e verde escuro com um papel aveludado nas paredes e abajures dourados nas mesas de mogno polidas. No outro canto da sala, havia uma lareira de mármore branco sobre a qual estava pendurada uma pintura de uma cena campestre.

Coralee chegou uns minutos mais tarde com um amplo sorriso no rosto.

-Lindsey! Como me alegro de vê-la!

-Coralee! - As duas mulheres se abraçaram e em seguida Lindsey recuou um pouco para trás para observar com atenção a amiga que estava há semanas sem ver - Você está com um aspecto maravilhoso. Jamais havia te visto tão radiante.

Corrie era uma mulher miúda e elegante, com espesso cabelo acobreado que tinha prendido em cachos dos dois lados de seu belo rosto.

-Estou casada com o homem mais maravilhoso do mundo e estou apaixonada por ele. Eu penso que isso saltará à vista.

-Sem dúvida nenhuma. – elas moveram-se pela saleta uma ao lado da outra – Como foi a viagem? - perguntou Lindsey.

-Maravilhosa. Vi uns lugares fabulosos. Paris é... Bom, é, simplesmente, uma cidade impressionante. Aproveitei ainda mais por estar com Gray.

-É uma sorte que ambos gostem de viajar. Meus pais viajam juntos muito frequentemente. Inclusive quando Rudy e eu éramos pequenos, viajavam constantemente. Suponho que por isso nunca me senti muito interessada nisso. - Lindsey olhou para a porta que dava para o vestíbulo - Seu está marido em casa? Não os estou incomodando?

-Ele tinha que atender uns assuntos. Ainda não retornou.

Sentaram-se no sofá e Lindsey pegou as pequenas mãos de Coralee entre as suas.

-Lamento muito irromper em sua casa desta maneira quando só faz uns dias que retornou, mas minha vida não faz mais que dar uma guinada brusca atrás da outra e esperava que pudesse me dar uma ajuda.

-Você sempre é bem vinda. Alegro-me muito vê-la depois de todo este tempo, e é claro que a ajudarei no que puder. Vou pedir que nos sirvam um chá, e você me contará tudo o que ocorreu enquanto eu estava ausente.

-Eu adorarei tomar um chá - Lindsey disse, esperando que a infusão a ajudasse a reunir coragem. Embora se pensasse em levar até o fim seus planos para essa noite, necessitaria de algo muito mais forte que um chá.

Coralee tocou a campainha e depois voltou a sentar-se no sofá de veludo verde escuro ao lado de Lindsey.

-Bem - disse Corrie - Por que não começa desde o começo? Diga-me o que é que tanto a preocupa e que motivou essa inesperada e agradável visita.

Lindsey respirou fundo, tentando decidir por onde começar. Durante a meia hora seguinte, Lindsey contou a sua amiga entre goles de chá tudo a respeito dos assassinatos de Covent Garden, a detenção de Rudy e a investigação que ela mesma estava fazendo.

-Meu Deus, eu não tinha ideia. - Corrie levantou a xícara de chá de porcelana debruada em ouro, mas não bebeu dela - Você fez algum avanço? - Abaixou a xícara e a posou sobre o pires em seu colo.

-Conseguimos colocar Rudy em liberdade, mas para a polícia ele continua sendo o principal suspeito. Por isso é tão importante encontrar o verdadeiro assassino.

-Isso pode ser muito perigoso, Lindsey.

-Já aprendi essa lição de primeira mão... É por esse motivo que Thor está me ajudando.

Corrie entrecerrou seus olhos verdes.

-Thor? Pensei que não se davam bem.

Lindsey abaixou o olhar para sua xícara e passou um dedo pela borda.

-Humm... Na realidade, nós não nos conhecíamos muito bem. Agora que o fizemos, as coisas mudaram.

-Continue.

Lindsey deixou a xícara e o pires sobre a mesinha em frente ao sofá e, girando-se para Corrie, voltou a pegar as mãos.

-Krista e você são minhas mais queridas amigas. Ambas são mulheres independentes que vão atrás daquilo que querem. Espero que me compreenda quando eu disser que Thor e eu... Compartilhamos uma forte atração física. Krista e você foram afortunadas o suficientemente para se casarem com os homens que amam, mas para mim isso não vai ocorrer.

-Você não pode ter certeza.

Lindsey suspirou.

-Eu sou realista, Coralee. Acabarei casada com algum aristocrata apropriado, com um título e uma fortuna impressionantes. Jamais conhecerei a paixão... Não a que Krista e você compartilham com seus maridos.

-Aonde quer chegar, Lindsey?

-Quero conhecer esse tipo de paixão embora seja só uma vez. Quero senti-la em meus ossos. Thor me faz sentir coisas que eu não sabia que existiam. Nós não podemos nos casar. Somos completamente incompatíveis. Minha família jamais o aprovaria e mesmo que o fizesse, não acredito que funcionasse. Somos muito diferentes.

-Mas quer fazer amor com ele.

-Sim.

-Eu me surpreendo que Thor esteja de acordo. Embora ele certamente seja um homem muito viril, tem umas ideias muito parecidas com as de seu irmão. Os dois possuem um forte sentido de honra. Se fizesse amor com você, ele se sentiria obrigado a casar-se contigo.

-Por isso necessito de sua ajuda. Thor entende que não podemos nos casar. O qual é, como adivinhou, a razão pela qual se nega a fazer amor comigo. Além disso, se preocupa em me deixar grávida. Esse é o motivo de eu estar aqui.

Corrie se inclinou para frente, agitando seus cachos acobreados sobre seus ombros. Deixou a xícara e o pires sobre a mesinha.

-Está falando de Samir – ela disse com súbita compreensão.

-Krista me falou do valete de seu marido. É da Índia, não?

-Sim.

-E faz todo tipo de poções e elixires?

Corrie assentiu levemente com a cabeça.

-Ajudou Gray a me salvar a vida.

Lindsey arregalou os olhos.

-O que aconteceu?

-É uma longa história e será melhor que lhe conte isso em outra ocasião. Diga-me o que deseja de Samir.

Lindsey alisou a saia.

-Esperava... Queria que fizesse uma poção que me impedisse de conceber.

Corrie procurou seu olhar.

-Vai dar um passo muito grande, Lindsey.

-Pode fazê-lo ou não?

-Eu suponho que sim.

-Quanto demoraria?

-Samir tem uma parede cheia de poções e ervas com propriedades curativas em seu quarto. É provável que já tenha a poção preparada.

Lindsey sentiu um pulo no coração.

-É claro que eu pagarei.

Ela poderia ir ver Thor naquela mesma noite, tal como desejava, ai lembrou a si mesma que possivelmente ele não estivesse ali, que poderia estar com outra mulher, e ignorou o golpe de dor que não tinha direito de sentir. Thor não lhe devia fidelidade. De fato, ele fazia todo o possível para manter-se afastado dela. Embora Lindsey soubesse que a desejava tanto quanto ela o desejava.

-Está certa, Lindsey? Sei por experiência que algumas de nossas melhores ideias acabam sendo, no final, as piores.

-Jamais terei uma oportunidade como esta.

-E sobre Thor? Ele é diferente dos outros homens, mais sensível, mais carinhoso. Se fizer amor com você, ele poderia chegar a considerar que lhe pertence. Isso é o que aconteceu com Krista. Por sorte, ela estava apaixonada por Leif, e afinal, tudo acabou bem.

Lindsey afastou o olhar com uma pressão no peito. Disse a si mesma que não estava apaixonada por Thor. Inclusive embora estivesse jamais poderia casar-se com ele.

-Thor esteve com mais mulheres do que pode contar. Quando o deixar, terá um montão de fêmeas desejosas em ocupar-se dele. Este breve interlúdio é tudo o que eu vou ter. Vai me ajudar, Coralee?

Sua amiga se levantou do sofá.

-Falarei com Samir, verei se tem o que necessita.

Lindsey se levantou e pegou a mão de Corrie. Por um instante as lágrimas brilharam em seus olhos.

-Obrigado.

Coralee só inclinou a cabeça, virou-se e partiu. Corrie não pôde evitar pensar em Thor e no tipo de homem que ele era, perguntando-se como tinha acabado enredando-se com Lindsey.

A única resposta que lhe ocorreu foi o amor.

Estava claro que Lindsey estava apaixonada por Thor, embora ela parecesse não haver se dado conta. Sempre tinha havido algo entre eles, embora ambos tivessem tentado resistir a forte atração que haviam sentido desde o começo.

Era isso amor?

Inclusive se assim fosse, às vezes não era suficiente.

Corrie quase tinha perdido Gray por algumas más escolhas feitas no passado.

Rezou para que Lindsey não estivesse a ponto de cometer o mesmo engano.

Rudy estava na saleta de carvalho com tia Dee quando Lindsey retornou para casa. Ela havia dito a sua tia que ia visitar Coralee e que não estaria em casa para o jantar. Este já tinha acabado quando Lindsey atravessou o vestíbulo de mármore para a saleta de carvalho, que era a mais confortável da casa. Estava preocupada com seu irmão. Acontecesse o que acontecesse em sua vida, libertar Rudy da força era seu objetivo principal.

Sorriu ao entrar.

-Boa noite, tia Dee, Rudy. - Passou o olhar de um ao outro e percebeu a tensão que estalava entre eles.

-Olá, irmãzinha. - Rudy lhe dirigiu um sorriso muito pouco entusiasmado - Agora mesmo eu estava dizendo a tia Dee que pensava ir ao teatro. Mas ela não acha que seja uma boa ideia.

-Ele quer assistir a uma peça no Teatro Royal, em Drury Lane - sua tia disse.

Lindsey centrou a atenção em seu irmão.

-Em Covent Garden? Meu Deus, Rudy, ficou louco? Acaba de sair da cadeia. A polícia está procurando qualquer desculpa para prendê-lo de novo. Acaso quer que o enforcuem?

Rudy empalideceu. Abaixou o olhar para os caros sapatos de couro.

-Eu só... Estive encerrado no cárcere e agora estou enjaulado aqui. Não posso suportar, irmãzinha.

Delilah se levantou do sofá de couro.

-Entendo que um jovem da idade de Rudy não queira passar as noites em casa. Estava a ponto de sugerir a seu irmão que possivelmente deveríamos passar algumas semanas no campo. Os jardins de Renhurst estão esplêndidos no outono. Seria muito bom uma mudança de ar, e pode ser que, durante nossa viagem, acabem-se as fofocas.

Lindsey sentiu uma onda de alívio. Era melhor que Rudy abandonasse Londres, pelo menos por um tempo.

-Acredito que é uma ideia estupenda.

Além disso, Merrick Park era a fazenda vizinha de Renhurst Hall. Era uma loucura pensar que o visconde tinha tido algo a ver com aqueles brutais assassinatos como sugeria a nota que ela tinha recebido. Mesmo assim, enquanto estivessem ali, poderia fazer algumas investigações e ver se descobria algo fora do comum.

-Você acha irmãzinha? Irei se você também for.

Afastar seu irmão dos problemas era sua prioridade máxima. Procuraria um substituto que se encarregasse da coluna da gazeta durante um par de semanas. Possivelmente Coralee pudesse substituí-la como Lindsey fizera quando sua amiga tinha decidido investigar a morte de sua querida irmã. Coralee poderia ocupar-se da coluna

por uns dias, embora não estivesse interessada em voltar a trabalhar em tempo integral.

-Estou escrevendo uma novela - havia-lhe dito Corrie durante sua recente conversa - É uma história romântica sobre uma mulher que viaja a Paris perseguindo o homem de seus sonhos sob uma identidade falsa.

Um pouco parecido com o que tinha ocorrido a ela, tinha pensado Lindsey, embora Corrie só tivesse viajado ao castelo Tremaine e jamais se afastou das costas inglesas antes de sua lua de mel.

Lindsey olhou seu irmão.

-Como disse, acho que é uma ideia estupenda. Necessitarei de um par de dias para me reorganizar. Poderia me reunir com vocês na semana que vem.

-Excelente - sua tia disse - Ocorreu-me que, uma vez que nos tenhamos estabelecido, poderíamos celebrar uma pequena festa campestre. Só alguns amigos íntimos, nada extravagante. Depois de tudo, é melhor manter as aparências, e demonstrar que não estamos preocupados com as falsas acusações que se tem feito contra Rudy. - Arqueou uma de suas sobrancelhas enquanto desviava o olhar para seu sobrinho - Provavelmente assim não se aborreça.

Lindsey seguiu a direção de seu olhar.

-O que acha Rudy?

-Por que não? É melhor que estar aqui esperando o machado cair.

-Rudolph!

Ele deu um sorriso malicioso para sua tia, um vislumbre do menino que tinha sido.

-Sinto muito, tia.

Lindsey quase sorriu. Tia Dee queria celebrar uma festa campestre, e Lindsey apostaria o que fosse que o nome do coronel Langtree seria o primeiro da lista de convidados.

-Uma festa campestre. Como você disse, tia Dee, nós devemos manter as aparências e isso ajudará.

Acabaram de combinar os detalhes. Delilah mandaria um aviso a Renhurst; em seguida, Rudy e ela viajariam no dia seguinte. Lindsey se reuniria com eles uns dias depois.

Enquanto isso, ela tinha planos para essa noite que não incluíam convidados.

Seu estômago encolheu. Ia se encontrar com Thor. Corrie tinha lhe dado a poção que necessitava, e, embora nada fosse cem por cento infalível, podia estar quase segura de que não conceberia nenhum filho de Thor.

A ideia era estranhamente perturbadora. Lindsey adorava crianças. Sempre tinha querido formar uma família, possivelmente porque nunca tinha tido uma própria. Incomodava-lhe estar fazendo todo o possível para impedir algo que desejava com tanto afinho. Vai chegar o dia, disse a si mesma. Iria se casar com um homem aceitável e teria com ele todas as crianças que quisesse. Até então, tomaria esse tempo para si mesma.

Enquanto subia as escadas de sua casa, pensou na noite que tinha a diante. E se Thor não estivesse ali quando ela chegasse? Ele tinha jurado que não estaria, que passaria a noite nos braços de uma das mulheres de madame Fortier. Se ele a tivesse abandonado por uma delas, seria doloroso, mas por outro lado, se ele não estivesse em casa, nunca saberia que ela tinha ido ao seu encontro e Lindsey jamais o diria.

Lindsey inspirou profundamente e entrou em seu quarto. Assim que todos estivessem dormindo, partiria. Green Park não ficava muito longe, e o bairro era seguro.

Acontecesse o que acontecesse, estava resolvida a seguir com seu plano. A meia-noite iria à casa de Thor. Lindsey ignorou o nó de calor e medo que se formou no estômago.

Thor terminou a última cerveja e deixou a jarra sobre o balcão. Não era um homem que gostava de beber, apenas um par de cervejas quando estava deprimido.

Essa noite tinha ido ao Cardo e a Rosa, um bar do porto que os estivadores frequentavam, determinado a beber até perder a consciência. Se conseguisse embebedar-se, possivelmente não se sentiria torturado pelas imagens de Lindsey em sua cama.

-Thor, por que não vamos ao Liga Rosa? Ouvimos que trouxeram um par de garotas novas. Possivelmente poderemos nos divertir um pouco.

Quem falou foi Johnson, um robusto estivador de cabelo loiro e encaracolado e sorriso sagaz. Bender e Schofield também estavam ali, lhe fazendo companhia.

Thor tentou mostrar-se entusiasmado com a ideia, mas ao final negou com a cabeça.

-Talvez em outra ocasião.

Tinha bebido mais cerveja da que acostumava, mas, por desgraça, continuava muito sóbrio. Pegou o relógio que seu irmão tinha lhe dado de Natal do bolso de suas calças e olhou a hora. Eram doze e meia. Se Lindsey tinha sido insensata o suficientemente de ir até sua casa, sem dúvida já teria voltado para a dela a essa altura. Pensar nisso lhe fez sentir um rombo no estômago. Lançou um par de moedas sobre o balcão, despediu-se com a mão de seus colegas de trabalho e se dirigiu à porta. Enquanto percorria a rua em sombras, pensou em Lindsey e na promessa que ela tinha feito. Thor sabia quão imprudente ela podia chegar a ser, mas também sabia que não era tola.

Uma vez que tivesse tido tempo de considerar as consequências, estava certo de que recuperaria a prudência.

Levantou um braço para chamar uma carruagem de aluguel, tinha vontade de retornar para casa. Sentia-se estranhamente cansado. Cada passo ou movimento lhe parecia uma tortura. O pensamento de voltar para uma cama vazia se fazia insuportável. Não queria estar sozinho essa noite. Não queria pensar na mulher que tinha rechaçado e não lhe importavam as razões pelas quais o tinha feito.

«Não tinha alternativa», disse a si mesmo, e sabia que era verdade. Fazia o melhor para Lindsey, o melhor para os dois.

Um cabriolé se deteve ao seu lado. Com ar cansado, subiu ao assento, temendo a noite que tinha por diante e as horas que passaria na cama... Pensando em Lindsey, incapaz de conciliar o sono.

CAPITULO 14

Era mais de meia-noite, a lua não era mais que um gomo no céu, as estrelas mal eram visíveis por cima das luzes da cidade. Lindsey desceu da carruagem que tinha tomado na esquina de sua casa, pagou ao condutor e começou a subir a escada exterior que conduzia ao apartamento de Thor. O coração martelava no peito, tinha as mãos úmidas e pegajosas de suor. Pensou em dar meia volta, mas tinha chegado muito longe e seria uma tolice retroceder agora. Levantou uma mão para bater na porta, mas pensou melhor e decidiu testar o trinco, para o caso de Thor ter deixado a porta aberta para que ela pudesse entrar.

A porta não estava fechada com chave, pode ser que depois de tudo, estivesse lhe esperando. Entrou na casa com as pernas ligeiramente trêmulas. Nela reinava a escuridão, mas através da janela entrava a luz da lua minguante e de uma luz próxima na rua, e podia ver com clareza. Deu uma olhada ao seu redor, cheia de curiosidade pelo lugar onde Thor vivia. Observou que a saleta estava limpa, mas com pouca mobília, embora tenha percebido que mantinha seus quartos muito arrumados.

Havia um sofá e uma poltrona diante da pequena lareira junto à qual havia um escudo de couro pendurado na parede e uma enorme espada apoiada contra a mesma parede um pouco mais abaixo. Desejou examinar esses artigos mais de perto, mas estava muito nervosa e ansiosa para ver Thor.

Rezando para que ele estivesse esperando-a no dormitório, cruzou a saleta até o quarto. O coração palpitava com uma mistura de incerteza e antecipação. Girando a

maçaneta, abriu a porta. O quarto também estava limpo, e a cama feita. Ela sentiu uma pressão no peito ao ver confirmado seu pior temor. Thor não estava ali.

Conteve o soluço que lutava por sair da garganta. Assim como havia prometido, Thor tinha ido ao Red Door. Preferia passar a noite com uma mulher da vida antes que fazer amor com ela. Seus olhos se encheram de lágrimas. Era uma tola. Uma estúpida. Deveria agradecer a Deus que ele não estivesse ali para presenciar sua vergonha, que nunca soubesse a que extremo tinha chegado para que pudessem ficar juntos.

Desejava-o muitíssimo, o suficiente para humilhar-se e ir até um homem que preferia deitar-se com uma prostituta.

Sentiu como se retorcia seu coração. Possivelmente ele a visse dessa maneira. Como a prostituta que tinha fingido ser na noite que tinham ido investigar em Covent Garden. As lágrimas que tentava conter escorregaram por suas bochechas. Atando o xale, Lindsey se voltou e saiu do dormitório. Tinha que sair dali antes que Thor retornasse, tinha que escapar antes que a encontrasse ali ou morreria de vergonha.

Estava atravessando a sala quando a porta principal se abriu e a enorme silhueta de Thor apareceu na entrada.

Santo Deus... Ele havia retornado do bordel de madame Fortier! Tinha ido desfrutar de seu prazer e agora a encontrava em sua casa, como se fosse uma dessas tolas mulheres que andavam atrás dele. Inclinou a cabeça para que não visse as lágrimas que caíam pelas bochechas e tentou passar ao seu lado. Thor bloqueou a saída.

-Pelos deuses... Você veio.

-Me deixe passar – ela exigiu, rezando para que ele não percebesse o leve tremor de sua voz - Se afaste de meu caminho!

Mas ele não se moveu e quando ela tentou escapulir, Thor simplesmente estendeu os braços e a rodeou com eles.

-Lindsey...

Sentia-se humilhada. Thor acabava de abandonar a cama de outra mulher. Não podia suportá-lo. Simplesmente não podia.

-Afaste suas mãos de mim! – ela retorceu-se para escapar de seus braços, conseguiu liberar uma mão e tentou golpeá-lo. Thor esquivou daquele golpe inútil e a atraiu contra seu peito.

-Lindsey... Querida.

Ela estava chorando agora, envergonhando-se e humilhando-se ainda mais.

-Por favor, me solte – ela sussurrou entre soluços - Só quero ir para casa.

Mas ele se limitou a levantá-la nos braços e levá-la até o sofá, onde se sentou e a embalou em seu colo.

-Sinto muito - ele disse, cobrindo seu pescoço com suaves beijos – Perdoe-me por ser um tolo.

-Eu sou a estúpida. – Ela sentia uma profunda dor em seu interior, uma dor que nunca havia sentido antes, empurrou-lhe o peito em um fútil esforço por escapar - Pensei que era especial, acreditava que significava algo para você.

Thor a beijou na têmpora.

-Você significa tudo para mim. Você não sabe?

Ela o olhou através das lágrimas.

-Se te importo tanto, por que saiu? Por que desejava estar com elas e não comigo?

-Eu não fui ao Red Door.

-Eu não acredito.

-Eu não minto, Lindsey. Você sabe.

Ela sabia. De fato, frequentemente era muito sincero.

-Eu acreditava que me desejava.

-Eu estava tentando te proteger.

Lindsey afastou o olhar e tragou o nó que tinha na garganta.

-Eu gostaria de ir para casa.

Ele acariciou sua bochecha com um dedo.

-É muito tarde para isso, querida. Ficou muito tarde assim que atravessou minha porta.

Ela sentiu seus dedos sob o queixo, girando suavemente seu rosto para que o olhasse, em seguida, a boca de Thor caiu com delicadeza sobre a dela. O beijo foi terno e úmido, e tinha um leve sabor de cerveja. Thor tinha estado em um bar e não na Red Door. O nó da garganta de Lindsey começou a afrouxar-se.

Thor aprofundou o beijo, e Lindsey sentiu encolher o estômago. O coração palpitava a toda velocidade com selvagem antecipação.

E mesmo assim, Lindsey se afastou.

-Não posso... Não posso fazê-lo. - Negou com a cabeça sentindo uma pressão no peito - Pensei que poderia, mas não posso.

-O que houve?

-Você necessita uma mulher que alivie suas necessidades. Pensei que poderia ser essa mulher. Agora... Já sei que não posso ser como as demais, não me importa o que me faça sentir.

Os olhos azuis de Thor perfuraram os dela.

-Você não é como as demais. Jamais conheci uma mulher como você. Não há um só dia em que não pense em você, que não suspire por você. Não desejo nenhuma outra mulher, Lindsey, só a você.

Lindsey o olhou, lendo a sinceridade em seu rosto. Para ele, ela era algo mais, não só uma mulher que lhe esquentasse a cama. O quanto mais, não podia dizê-lo, mas por agora era suficiente.

-Thor... - lhe segurando o rosto entre as mãos, atraiu sua boca para a dela para lhe dar um beijo trêmulo. Os lábios masculinos reclamaram os seus com rapidez e destreza, movendo-se sobre eles com ardente necessidade. O desejo inundou Lindsey.

Era ela a mulher que Thor desejava, ela e não outra.

E Santo Deus, Lindsey também o desejava.

Thor a beijou outra vez, profunda e lentamente, deslizando a língua na boca, enredando-a com a sua, fazendo com que seu corpo estourasse em chamas. Mordiscou-a e a saboreou, jogou com ela e a provocou até que Lindsey se retorceu em seu colo, apertando-se contra a grossa protuberância de seu sexo.

Thor gemeu.

Lindsey o beijou de novo e Thor lhe devolveu o beijo, beijando-a até que se nublou sua mente e seu corpo pareceu fundir-se com o dele. Um último beijo, e Thor a pôs em pé e começou a despi-la lentamente. O cáldo olhar azul do viking percorreu cada centímetro de pele que deixava exposto, fazendo com que Lindsey ficasse sem respirar. Ela estremeceu quando ele tirou seu corpete e afrouxou a saia e as anáguas para deixá-las cair em um atoleiro a seus pés. Depois, pediu que ela saísse do meio das macias dobras de roupa.

Lindsey fez o que ele pedia com uma mistura de ansiedade e desejo, desfrutando da apreciação que lia nos brilhantes olhos azuis. Thor estendeu as mãos ao cabelo de Lindsey e tirou os grampos. Colocou os dedos entre os cachos de cabelo da cor do mel e abriu a espessa massa dourada sobre os ombros.

Lindsey conteve o fôlego quando ele soltou as fitas do espartilho afastando o objeto e jogando-o a um lado. Então a girou para vê-la vestida tão somente com a regata, os calções, as ligas e as meias

-É a mulher- disse ele - a mais doce do mundo. Como eu não tinha me dado conta antes?

Ela não teve tempo de considerar suas palavras, pois ele já estava beijando-a de novo com beijos tão profundos que seu ventre se contraiu de prazer. Thor deslizou sua regata pelos ombros encheu as mãos com seus seios, acariciando os excitados topos até que ficaram duros e palpitantes, em seguida encaixou a boca sobre o dolorido mamilo.

Lindsey deixou cair à cabeça para trás, oferecendo-se a ele. Ela segurou sua cabeça com firmeza e deslizou os dedos entre as escuras e espessas mechas do cabelo de Thor. Gemeu quando ele sugou e saboreou, quando ele mordiscou suavemente a ponta dolorida, quando rodeou a tensa crista rosada com a língua. O prazer a alagou de maneira profunda e intensa com desejo e ardor, e alguma outra sensação a qual não podia dar nome.

-Thor - ela murmurou, desejando poder lhe acariciar como ele a estava acariciando.

Como se tivesse lido seu pensamento separou-se dela e tirou a jaqueta, a seguir tirou a camisa pela cabeça. Nu até a cintura voltou-se para ela. Era o homem mais magnífico que Lindsey alguma vez tinha visto.

Ela colocou uma mão trêmula sobre o poderoso torso, sentindo como se contraíam os músculos sob sua palma.

-Eu quero te tocar - Lindsey admitiu brandamente - Eu quero conhecer o sabor de sua pele, sentir a textura de seus músculos. Eu quero te beijar como você me beijou.

Inclinando a cabeça, Lindsey pressionou os lábios bem em cima do coração de Thor, e rodeou um dos bicos planos, cor de bronze com a língua, sentindo como uma

líquida excitação brotava em seu próprio sexo. Inspirou o aroma viril de Thor, e o desejo fez com que suas pernas fraquejassem.

Thor a levantou em seus braços e se dirigiu para o dormitório como se não pudesse esperar nem um minuto mais. Um instante depois, Lindsey estava nua sobre a enorme cama de colunas. Thor a beijou com ferocidade, beijou-a até que ficou louca de necessidade, desejosa de alcançar o prazer que ele tinha lhe mostrado antes.

Afastou-se dela por tempo suficiente para tirar a roupa. As bochechas de Lindsey arderam quando o observou caminhar para ela, com o membro masculino comprido e grosso totalmente ereto contra seu ventre.

Lindsey pensou em quão pequena ela era e em como se uniriam. Embora tivesse se deitado antes com outro homem, Thor não se parecia absolutamente em nada com ele.

-Não tenha medo - Thor disse com suavidade - Não temos por que nos apressar. - Esticou a mão para tocar a umidade do sexo de Lindsey e começou a acariciá-la - Não a tomarei até que esteja preparada.

A respiração de Lindsey ficou ofegante. Recordou o prazer que ele tinha lhe dado naquele dia na carruagem e fechou os olhos, permitindo que a excitasse até que todo seu corpo se estremeceu como antes. Em questão de segundos, Lindsey estava tremendo, com a pele ardendo. Mal notou quando ele se uniu a ela na cama, quando sua dura longitude substituiu sua mão e começou a deslizar o pênis no interior de seu corpo.

O membro de Thor era comprido e grosso, tão grande que Lindsey temeu por um momento que a partisse em dois.

-Thor...?

-Calma querida. Foi feita para mim. Eu sei. Encontraremos um caminho. - E imediatamente a beijou e a acariciou com aquelas mãos enormes, e Lindsey se

esqueceu do aperto de seu sexo, do enorme tamanho de Thor, e esqueceu-se de seu medo.

Em seu lugar, centrou-se na maravilhosa sensação daquele maciço torso contra seus seios quando ele se inclinou sobre ela, nos suaves músculos que roçavam seus rígidos mamilos. Lindsey se deleitou no calor das longas pernas que roçavam contra suas panturrilhas, no peso que a apertava contra o colchão.

Thor a beijou profundamente, deslizando a língua dentro de sua boca; seus lábios quentes e tentadores cobriram os dela. Através da neblina de desejo, Lindsey se deu conta de que sua dura longitude estava empalada quase por completo em seu interior. Tinha esperado sentir a mesma dor que teve na primeira vez, mas só havia uma deliciosa plenitude, uma gloriosa sensação de ser uma com ele.

Lindsey se contorceu embaixo dele, comprovando o peso e a amplitude, a incomum sensação do corpo de Thor unido ao dela. Thor gemeu.

-Não se mova.

Mas Lindsey não podia ficar quieta. Gostava de senti-lo em seu interior, precisava mover-se com tal intensidade que não podia conter-se. Arqueou-se para cima, tomando-o ainda mais profundamente, e Thor amaldiçoou entre os dentes. Então, ele investiu nela com firmeza, bombeando com os quadris, entrando e saindo em profundas estacadas que enviaram selvagens ondas de prazer por todo seu corpo. Algo se esticou no interior de Lindsey, enchendo-a de uma necessidade tão intensa que lhe escapou um grito.

Thor a penetrou uma e outra vez, despojando-a de qualquer pensamento coerente. Os doces estremecimentos de prazer a fizeram arquear-se para cima para receber as profundas estacadas de Thor, e ela cravou as unhas em sua larga e musculosa costas.

Durante longos momentos permaneceram unidos perdidos em uma espiral de êxtase. Depois Thor apoiou a escura cabeça contra o ombro feminino, e ela rodeou seu musculoso pescoço com os braços. Lindsey levou um momento para dar-se conta de que tinha os olhos cheios de lágrimas. Durante anos se negou a derramá-las. Com Thor, pareciam surgir sem ser consciente disso. Bom, pois já tinha chorado o suficiente por uma noite e piscou para fazê-las desaparecer antes que ele pudesse vê-las.

Thor a beijou suavemente e a liberou de seu peso, deixando-se cair a um lado antes de aconchegá-la entre seus braços.

-Eu a machuquei?

Lindsey negou com a cabeça.

-Foi maravilhoso, Thor. Tudo o que eu imaginava e muito mais.

Ele curvou levemente a boca.

-Me alegro de que tenha gostado.

Ela rodou e se apoiou em um cotovelo para o olhar e viu que aqueles formosos olhos azuis estavam cravados em seu rosto.

-Não tem com o que preocupar-se... Já sabe... De que haja um bebê. Fui ver Coralee. O valete de seu marido é da Índia. Deu-me uma poção para impedir que eu fique grávida.

Thor afastou o olhar.

-Eu penso que é o melhor.

Mas Lindsey já não estava tão segura. Não podia pensar em nada mais maravilhoso do que ter um bebê de Thor.

-Eu acho.

Thor não disse nada mais nem ela tampouco. Possivelmente amanhã lamentaria a decisão de ter ido ali. Mas esta noite estava com Thor, e não havia outro lugar no mundo aonde quisesse estar.

Logo amanheceria. Exausta depois de haver passado a maior parte da noite fazendo amor, Lindsey dormia tranquilamente. Thor estava acordado e enquanto a observava, passou-lhe um dedo pelo ombro nu, baixando o olhar por seu corpo e pensando em quão linda ela era. Havia-a possuído três vezes esta noite, e, em cada uma delas, Lindsey tinha respondido com inocente abandono. Estava claro que sua única experiência com outro homem não tinha servido para instruí-la nesses aspectos.

Mas ele tinha descoberto que era uma mulher de grandes paixões, algo que já tinha adivinhado na primeira vez que a beijou.

Thor olhou o relógio da parede. Tinha chegado a hora de Lindsey retornar para casa. Ergueu-se sobre um cotovelo e a sacudiu brandamente, despertando-a de seu tranquilo sono, desejando poder fazer amor com ela uma vez mais.

Lindsey abriu os olhos e bocejou.

-Já é de dia?

-Sim, está quase amanhecendo.

Ela olhou para a janela.

-Que horas são?

- Hora de que retorne a casa. Não acredito que queira que sua tia descubra que passou a noite fora.

-Não. - Mas em lugar de levantar-se, voltou-se para ele e depositou um suave beijo em seu peito.

O corpo de Thor voltou a vida. Ela só tinha que o tocar para que ele a desejasse.

-Não brinque comigo, raposinha. Poderia se encontrar com mais do que pode dirigir.

Ela riu.

-Raposinha? É isso o que sou?

-Sim, milady, tímida como qualquer raposa, mas pronta e linda como elas.

Ela se sentou na cama.

-Se eu for uma raposinha, então você é um grande lobo negro.

Ela fez uma série de roucos grunhidos e riu provocando o sorriso de Thor.

-Em Draugr, me chamavam de Thorolf, o lobo. Ulfr significa lobo em nosso idioma.

-Sério?

-Sim. - Para prová-lo, ele se colocou em cima dela e agarrando seus punhos com uma mão, segurou-os por cima de sua cabeça - Agora vai ver o quão perigoso é rir de um lobo. - E a seguir, começou a beijá-la profundamente e a devorá-la como se realmente fosse aquele formoso animal.

Depois de um longo momento fazendo amor apaixonadamente, Lindsey abandonou a contra gosto o quente lugar ao lado de Thor e começou a vestir-se. Thor a observou da cama, magnificamente nu, fazendo com que suas bochechas se ruborizassem quando ele se levantou e se aproximou dela.

-Eu a acompanharei até sua casa – ele disse-lhe, começando a vestir-se também.

Lindsey tinha chegado ali sem sua ajuda, não o necessitava para retornar para casa, mas, quando abriu a boca para discutir com ele, Thor a olhou de maneira ameaçadora e ela, simplesmente, concordou com a cabeça.

-Virá trabalhar na gazeta? - Ela perguntou-lhe quando a fez virar e começou a fechar os botões nas costas.

-Hoje trabalharei nos cais.

-Eu só estarei um tempo no escritório e voltarei na segunda-feira. Depois irei ao campo.

Thor levantou a cabeça.

-O que vai fazer ali?

-Minha tia deseja levar meu irmão para longe de Londres por algum tempo. Pensei que era uma boa ideia.

Thor franziu o cenho.

-A fazenda de sua família, Renhurst Hall, fica ao lado de Merrick Park, não é?

-Sim, mas não tem por que preocupar-se com lorde Merrick. É loucura pensar que Stephen tenha algo haver com os assassinatos.

-Mesmo assim, vai dedicar-se a fazer perguntas e não recuará até conseguir as respostas. Pode ser perigoso, Lindsey.

Thor começava a conhecê-la muito bem. Ela ficou nas pontas dos pés e lhe deu um rápido beijo nos lábios.

-Não me acontecerá nada.

-Se fosse minha mulher, eu a proibiria de ir.

Ela fugiu de seu olhar enquanto sentia uma estranha pressão no peito.

-Não sou sua mulher, e mesmo se o fosse, não obedeceria a uma ordem tão ridícula.

-Então teria que obrigá-la.

Lindsey lhe dirigiu um amplo sorriso.

-Eu não acredito.

Thor resmungou uma maldição. Ela também começava a conhecê-lo, e não acreditava que fosse capaz de machucar uma mulher.

-Jamais te faria mal - ele admitiu - mas eu deveria fazê-lo se pões a si mesma em perigo como fez antes. Antes de permiti-lo, deixarei seu traseiro como um tomate.

Lindsey corou. Com muita clareza, recordou como a tinha beijado ali, a sensação de suas enormes mãos amassando suas nádegas nuas como se fosse algum tipo de tesouro.

Ela ignorou o golpe de desejo que lhe atravessou o ventre e terminou de vestir-se. Uns minutos depois se apressavam pela rua em direção à parada de carruagens de aluguel, subindo em um cabriolé que os conduziu, através da escuridão, até o beco atrás da casa de Lindsey.

Thor mal falou durante o trajeto e quando chegaram à porta de madeira do jardim, Lindsey se sentiu insegura.

-Deseja... Deseja que eu vá a sua casa esta noite?

Ele riu.

-Está me perguntando se quero voltar a fazer amor contigo?

Ela assentiu com a cabeça.

- O sol sai a cada manhã?

Lindsey lhe dirigiu um sorriso.

-Então irei a seu apartamento de novo.

A carruagem se deteve diante do beco, e Lindsey abriu a porta. Antes que ela pudesse levantar-se de seu assento, Thor pegou seu punho.

-Eu a acompanharia à porta, mas não devo fazê-lo. Eu não gosto de me sentir assim, Lindsey. Não posso me casar com você, e temos que nos esconder como se o que fizéssemos estivesse errado.

-Sou sua amante, Thor, não sua esposa. Não temos nenhuma outra escolha.

Soltando-a, seguiu-a quando desceu da carruagem.

-Eu a esperarei na esquina a meia-noite.

Ela sorriu satisfeita por ele ter cedido tão rápido.

-De acordo.

-Me envie uma nota se finalmente recuperar a sensatez.

Ela riu. Ficou nas pontas dos pés e lhe deu um beijo leve nos lábios. Thor a atraiu para si e a beijou.

Lindsey levantou a mão e lhe acariciou a bochecha.

-Deixou-me atordoada na primeira vez que me beijou dessa maneira.

E virando-se, correu para a casa.

CAPITULO 15

Thor bateu na porta da casa de seu irmão, a seguir retrocedeu um passo quando o mordomo apareceu na entrada.

-Senhor Draugr. Alegro-me em o ver.

-Eu digo o mesmo, Simmons.

-Se for amável de me acompanhar a saleta, direi a seu irmão que você está aqui.

-Obrigado.

Thor seguiu o mordomo a saleta que sua cunhada tinha decorado recentemente. Embora estivesse muito lotada de móveis para seu gosto, obrigou-se a acomodar-se em um sofá de couro. Felizmente, só passaram um par de minutos antes que Simmons retornasse.

-Seu irmão está no estúdio. Deseja que se reúna com ele ali.

Thor assentiu com a cabeça e seguiu o mordomo pelo corredor. Leif ficou em pé atrás da mesa quando Thor entrou.

-Bem-aventurados os olhos que o veem, irmão. –Apontou-lhe uma das duas poltronas de couro em frente à lareira - Minha esposa ainda não chegou do trabalho, e meu filho está dormindo, o que faz sua companhia duplamente bem-vinda.

Thor se uniu a ele e ambos se sentaram ante o fogo da lareira.

-O que o traz aqui em uma chuvosa tarde de sábado?

-Terminamos cedo nos cais. Eu esperava te encontrar em casa.

-E eu me alegro de estar aqui. É um bom dia para passar à tarde em casa. Sei que você não gosta muito de brandy, mas faz um frio do demônio aí fora. Um bom brandy...

-Tudo bem. Tomarei uma taça com você.

Leif arqueou uma de suas sobrancelhas loiras. Serviu as bebidas, e ofereceu uma das taças de cristal para Thor. Depois se sentou na outra poltrona de couro ao seu lado.

-Eu suponho que para você estar aqui e, além disso, beber um brandy é porque Lindsey está dando problemas.

Thor assentiu com a cabeça.

-Isso mesmo.

-Os problemas com as mulheres são sempre os piores.

Thor suspirou.

-Você tinha razão. Ela é minha alma gêmea.

Leif sorriu largamente, e elevou a taça.

-Felicidades, irmãozinho.

Thor tomou um gole de brandy e fez uma careta quando o líquido âmbar lhe fez arder à garganta.

-Ela veio ontem à noite a minha casa. Eu não pude recusá-la. - Por um instante, Thor fechou os olhos, sentindo uma onda de desejo ao lembrar o que tinha acontecido entre eles - Mas nada mudou. Ela é o mais importante para mim, e mesmo assim não posso reclamá-la.

-Ela não teria se oferecido a você se não sentisse o mesmo.

-Lindsey é filha de um barão. E não há maneira de mudar isso. Está acostumada com roupas elegantes e casas de luxo. Não posso lhe oferecer nada disso.

-Não é pobre, Thor. Você possui uma parte da Valhalla Shipping e, além disso, comprou ações da ferrovia.

-Está acostumada a viver em uma mansão. Não possuo dinheiro suficiente.

-Provavelmente essas coisas não sejam importantes para ela.

-Ela gosta das festas e dos bailes da alta sociedade. Gosta de dançar. Eu não gosto de nada disso. Não há lugar para mim em seu mundo e nunca haverá.

-Eu aprendi a me mover nesse mundo. Se você se propuser a isso, também poderá fazê-lo.

Thor negou com a cabeça.

-Você é diferente. Você gosta de viver na cidade. Eu não. Eu não poderia fazê-la feliz.

Leif exalou lentamente, reclinou-se e se apoiou nos descansos de braços da poltrona de couro.

-É bom que saiba. Eu tentei forçar Krista a viver uma vida que não lhe correspondia. Se fizer isso com Lindsey, não acredito que ela fosse feliz.

-O que eu posso fazer?

-Eu não posso lhe dizer o que fazer. Mas acredito que se os deuses a escolheram para você, não deveria se render antes do tempo. Talvez um caminho se abra para você, como se abriu para mim. Se o tempo passar e não acontecer nada, então terá que tomar uma decisão.

Era um bom conselho, e o ajudou a sentir-se um pouco menos preocupado. Lindsey desejava estar com ele. Thor desejava mais que tudo no mundo tê-la em sua cama. Por agora, fecharia a mente à culpa que sentia ao tomá-la, não pensaria no futuro, iria se dedicar a aproveitar o tempo que tinham juntos.

Thor tomou outro gole de brandy, e o sabor foi menos desagradável desta vez. Lindsey sairia logo para Renhurst. Thor tinha intenção de segui-la. Procurar informação

sobre um assassino podia ser perigoso. Encontraria uma maneira de estar junto a ela, de protegê-la se suas perguntas a metessem em problemas.

Um dia teria que renunciar a ela, mas não agora, tivessem-no falado ou não. Lindsey lhe pertencia e Thor tinha intenção de protegê-la.

Na terça-feira, Lindsey saiu muito cedo para Renhurst, embora só uma parte dela desejasse ir. A outra parte queria permanecer com Thor em Londres.

Suspirou enquanto a carruagem bamboleava ao longo da estrada enlameada, com as rodas passando de buraco em buraco. E ainda faltava meio-dia de viagem até Renhurst Hall. Pelo menos não chovia.

Reclinando-se contra o assento em um fútil esforço por acomodar-se enquanto sua criada, Kitty, dormia frente a ela, Lindsey pensou nas noites passadas com Thor e desejou uma vez mais não ter que abandonar a cidade. Desejou poder ficar mais tempo na cama de Thor, experimentando mais do incrível prazer que ele tinha lhe ensinado.

Lindsey sorriu em consequência da lembrança de sua maneira de fazer amor na noite anterior, as apaixonadas horas que tinha passado em sua cama, as coisas íntimas que tinham feito. Tinha sido admirável e mesmo assim, quando Thor a tinha deixado na entrada do jardim, ele estava mal-humorado e áspero. Lindsey sabia que o que lhe incomodava era não ser um pretendente bem vindo. Era um homem de honra e, para ele, era seu dever casar-se com ela, embora os dois soubessem que esse matrimônio jamais funcionaria.

A situação não era boa para nenhum dos dois, mas Lindsey se negava a renunciar a ele até que as circunstâncias a obrigassem a isso.

Como agora por exemplo.

Segundo tia Dee, ela tinha finalmente localizado seus pais em Roma. Ela tinha lhes enviado uma carta informando de tudo referente à prisão de Rudy, e que, embora o tivessem posto em liberdade, continuava sendo suspeito dos dois brutais assassinatos. Esperava receber logo uma resposta.

Lindsey suspirou. Uma coisa era manter um idílio escandaloso enquanto sua tia estava vivendo com ela e outra era enganar seus pais. Seu pai ficaria feito um louco se descobrisse. Só Deus sabia que medidas tomaria e não acreditava que casá-la com Thor estivesse entre elas.

Talvez ele cortasse sua mesada. Ou a obrigaria a permanecer em um convento para que refletisse sobre sua pecaminosa atitude. Estremeceu ao pensar em que tudo isso terminaria separando-a de Thor. Embora sempre se considerasse uma mulher independente, o salário que ganhava em *De Coração a Coração* não cobria nem a conta da elegante roupa de baixo que usava muito menos os vestidos e as joias que sempre tinha dado como certos.

Poderia passar sem tudo isso, é claro. Mas poderia realmente ser feliz com um homem que não desfrutava absolutamente do tipo de vida que ela levava? Um homem que jamais seria aceito por sua família nem por seus amigos, um marido com o qual só compartilharia uma intensa atração física?

E seus filhos? Ela iria querer que perdessem todas aquelas coisas que um matrimônio adequado poderia proporcionar? Lindsey suspirou de novo.

Por sorte, não estava apaixonada por Thor, nem ele por ela, e Lindsey tinha intenção de que as coisas seguissem dessa maneira. Eles gostavam de fazer amor. Era a única coisa que tinham em comum, e teria que ser o suficiente.

Enquanto a carruagem seguia seu caminho para Renhurst Hall, Lindsey ignorou a pontada de pesar que se cravou no mais profundo do seu coração.

Thor se deteve diante da porta dos escritórios da Capital Ventures, o grupo que se encarregava, entre outras coisas, de administrar investimentos como as ações que ele tinha comprado da A&H Railway. Com o dinheiro obtido em seus dois trabalhos e seus dividendos na Valhalla Shipping, tinha comprado essas ações fazia quase um ano, quando a ferrovia estava ainda em construção e tinham posto à venda um novo pacote de ações.

Antes de investir, tinha investigado a fundo a companhia que construía a linha; quem administraria o funcionamento e que serviços se demandariam ao longo da rota. Pela informação recolhida, tinha chegado à conclusão de que A&H Railway era um sólido investimento que lhe traria grandes benefícios.

Agora, uns meses mais tarde - e pelo que tinha lido nos jornais - tinha sido um acerto investir. A linha estava acabada e operando, e proporcionava enormes quantidades de dinheiro aos acionistas.

Por esse motivo estava agora diante da porta dos escritórios da empresa. Não entendia por que não tinha recebido ainda notícias da Capital Ventures.

Thor empurrou a porta e entrou em uma sala de espera revestida com elegantes painéis de madeira que parecia muito mais luxuosa do que quando tinha estado ali com seu dinheiro há um ano. Aproximou-se de recepção, onde um jovem loiro escrevia e arquivava papéis.

O moço lhe olhou e sorriu.

-No que posso lhe ajudar senhor?

-Queria ver o senhor Wilkins.

-Poderia me dizer seu nome?

-Thorolf Draugr.

-Qual é o motivo de sua visita, senhor Draugr?

-Quero me informar sobre minhas ações na A&H Railway.

-Muito bem. Se me desculpar, irei ver se o senhor Wilkins pode recebê-lo.

O jovem desapareceu através da ostentosa porta de mogno entalhada que tinha substituído à humilde porta de madeira que havia em seu lugar fazia um ano. Retornou uns minutos mais tarde.

-Lamento muito, senhor. Acreditava que o senhor Wilkins estava em seu escritório, mas parece que tinha uma reunião. -Seu sorriso parecia ligeiramente compungido - Deve ter saído pela porta de trás.

Thor franziu o cenho. Pela expressão do moço pressentia que ali havia algo encerrado.

-Tem certeza de que ele não está aqui?

-Lamento... Mas não, não está. Voltará amanhã. Talvez devesse marcar uma entrevista.

Se Wilkins se foi, devia ter sido bem nesse momento. Thor tinha que estar a caminho de Renhurst no dia seguinte.

-Estarei aqui às oito da manhã. Espero ver o senhor Wilkins então.

O moço se apressou a voltar para sua mesa.

-Me deixe olhar sua agenda.

-Lhe diga que estarei aqui sem falta.

O jovem abriu a boca, mas Thor já se dirigia à porta. Tinha o pressentimento de que Wilkins o estava evitando, e não gostava nem um pouco disso.

No dia seguinte pela manhã falaria com o homem e lhe faria as perguntas que tinha vindo fazer.

E pelo bem de Wilkins, esperava que tivesse as respostas adequadas.

Lindsey chegou a Renhurst na última hora da tarde. Quando atravessou o povoado próximo de Foxgrove, viu a enorme mansão de três andares construída com pedra de Cotswold situada em uma pequena ladeira. A mansão, em estilo georgiano, tinha um telhado de ardósia e duas asas simétricas que se estendiam para a parte traseira.

Lindsey sorriu; sempre a agradava ver a beleza de seu lar. Seu pai havia lhe dito que seu bisavô tinha construído a mansão no princípio do século XVII como presente para sua esposa em seu décimo quinto aniversário de casamento. O casal tinha desfrutado da casa durante trinta anos, antes que o homem, já ancião, falecesse. Seis meses mais tarde, sua esposa o tinha seguido à tumba. A lenda familiar dizia que tinha morrido com o coração destroçado. Era uma história muito romântica, das que faziam Lindsey desejar o tipo de amor que seus bisavôs tinham compartilhado. Mas para ela não ia ser assim, e Lindsey já havia se resignado com esse fato.

Exausta depois da longa viagem, por uma estrada cheia de buracos, enlameada pela chuva da noite anterior, Lindsey se recostou no assento de veludo olhando fixamente a paisagem verde. Um bando de patos passou pelo céu e, em uma colina distante, dois meninos faziam voar um par de pipas com caudas longas. Lindsey sorriu, pensando em quanto tinha sentido falta do campo.

A carruagem avançou até parar diante da elegante mansão e um lacaios se apressou para abrir a porta. Embora soprasse um vento forte, o sol brilhava entre as nuvens, iluminando alguns campos verdes aqui e lá. A folhagem caída sobre o chão formava um manto de vivos e brilhantes tons dourados, vermelhos e laranjas que contrastavam com o verde dos arbustos e a folhagem das árvores. Enquanto Lindsey subia a escadaria da entrada, deu uma olhada aos estábulos. Também tinha sentido falta dos cavalos. Seu pai possuía uma manada de éguas de puro sangue que quase podia rivalizar com os impressionantes cavalos de corrida de seu vizinho, lorde Merrick. Sentiu um calafrio de

antecipação. Montar pelo parque não era comparável a cavalgar para campo, saltando por cima de sebes e cercas e atravessando riachos espumosos.

A porta principal se abriu antes que chegasse a ela. O mordomo, um homem magro com grossas sobrancelhas cinza, dirigiu-lhe um sorriso quando entrou na casa.

-Bem-vinda senhorita.

-Obrigado, Creevey. Alegro-me de estar de volta.

-Seu irmão saiu para montar, mas sua tia está na saleta vermelha. Pediu que se reunisse com ela assim que chegasse.

-Muito bem.

-Eu me encarregarei de que subam sua bagagem.

Lindsey assentiu com a cabeça e atravessou o vestíbulo. Na saleta vermelha, tia Dee estava sentada em uma mesa de estilo francês gravada em ouro, com a cabeça inclinada sobre o tampo de mesa de couro.

Ficou em pé ao ver que Lindsey se aproximava, e sorriu para sua sobrinha.

-Já está aqui sã e salva. Como foi a viagem?

-Úmida e agitada.

Tia Dee riu.

-As estradas estão em mal estado nesta época do ano. - Baixou o olhar ao monte de convites que tinha estado escrevendo - Espero que a chuva não seja um impedimento para nossos convidados.

Lindsey seguiu com o olhar o formidável monte de envelopes com relevos dourados.

-Acreditei que havia dito que convidaria só umas poucas pessoas.

-Em torno de umas quinze mais ou menos. A mansão tem sessenta dormitórios. Não acredito que sejam tantos.

Lindsey sorriu.

-Eu penso que não. - Pegou os convites e começou a ler os endereços - Vejo que o senhor Langtree se encontra entre os convidados.

-Sim.

-Ele parece ser um homem muito agradável.

Delilah afastou o olhar com as bochechas levemente coradas.

-O coronel é uma boa companhia.

Lindsey não respondeu. Ela estava feliz que sua tia tivesse encontrado alguém que pudesse substituir o marido que tinha perdido há dez anos. Seu matrimônio com o conde de Ashford, um homem mais velho, tinha sido acertado por seus pais. Agora, ela merecia um matrimônio por amor.

Lindsey seguiu olhando os nomes.

-Convidou aos condes de Tremaine. Espero que possam vir.

-Grayson é um homem muito interessante. Eu o encontrei em várias ocasiões. Eu gostaria de conhecê-lo melhor.

-Assim como eu. - Lindsey se deteve no convite seguinte. Stephen Camden, Visconde de Merrick - Também convidou lorde Merrick.

-Ele não dormirá na mansão, é claro, já que vive ao lado. Mas me alegrará voltar a vê-lo.

Lindsey assentiu com a cabeça. Assim teria a oportunidade de falar com ele, ver como tinha ido sua vida e se havia alguma razão para que seu nome tivesse sido mencionado naquela nota.

Passou ao convite seguinte.

-Espero que Krista e Leif possam vir. O bebê é ainda muito pequeno e o trabalho os mantém muito ocupados.

Ela não pôde evitar desejar que o nome de Thor estivesse incluído na lista de convidados, mas ele não gostava de reuniões sociais. Lembrou o quão atraente ele estava com a roupa de gala no baile de lorde Kittridge. Podia interpretar o papel de cavalheiro se assim o desejava... Ao menos na aparência.

Mesmo assim, não era bom esperar que ele mudasse só para agradá-la. Thor era um homem muito fiel a seus princípios, e essa era uma das coisas que mais gostava nele.

E, além disso, havia outras. Gostava de sua maneira de protegê-la, embora às vezes pudesse ser muito chato. Gostava de sua sensibilidade e da ternura que havia embaixo daquele formidável exterior. Gostava que fosse um homem - um homem com cabelo no peito - e não um almofadinha pomposo. Lindsey suspirou.

-Se me desculpar, subirei ao meu quarto e desfarei as malas. Estou esgotada da viagem.

-É obvio. - Sua tia voltou a sentar-se atrás da mesa, pegou a pena e a molhou no tinteiro - O jantar será servido às oito. Seu irmão jantará conosco. Eu a verei então.

Lindsey assentiu. Rudy estava ali, a salvo, ao menos no momento. Mesmo assim, a ameaça de prisão pendia sobre ele. Quando subiu as escadas, pensou nas notas que tinha recebido e em como poderia averiguar se havia algo de verdade nelas.

Às oito da manhã seguinte, Thor foi aos escritórios da Capital Ventures e se encontrou com um cartaz de «fechado» na porta. Furioso e ainda mais determinado a descobrir o que estava ocorrendo com as ações que tinha comprado, abandonou os escritórios. Seus negócios teriam que esperar até que retornasse de Renhurst. Com a bolsa de viagem na mão, aproximou-se da estação de carruagens mais próxima para viajar fora da cidade.

Agora tinha coisas mais importantes que fazer do que enfrentar Silas Wilkins, mas logo chegaria o momento.

Já que o interior da carruagem era muito pequeno para um homem de seu tamanho, sentou-se na boleia onde poderia desfrutar do ar livre e da viagem. O veículo avançou em um ritmo constante e chegou ao povoado quinze minutos mais cedo, antes das quatro. Ao ver um letreiro onde se lia Taberna de Foxgrove, entrou e perguntou a uma das garçonetes qual era a direção que devia tomar para dirigir-se a Renhurst Hall. A criada lhe apontou uma colina distante.

-É ali, querido. Há uma boa viagem até o topo da colina.

Ele ofereceu uma moeda à mulher.

-Onde se encontra Merrick Park? Está também nessa direção?

-Merrick está um pouco mais adiante seguindo o mesmo caminho. As terras do visconde fazem fronteira com as de Renhurst.

-Obrigado.

Thor pegou sua bolsa de viagem e começou a andar. O caminho estava ainda cheio de lodo depois das chuvas da noite anterior. Caminhou por uma estrada cheia de curvas e de atoleiros até chegar a um caminho de cascalho em bom estado. Duas enormes pilastras de pedra assinalavam a entrada de Renhurst Hall, embora ainda não pudesse ver a mansão da estrada. Em lugar de tomar aquele caminho, continuou para seu destino, Merrick Park.

Antes de abandonar Londres já tinha decidido investigar um pouco por sua conta. Acreditava que a melhor maneira de verificar algo seria ir diretamente à fonte. Tomando o caminho de cascalho que conduzia ao edifício senhorial de Merrick Park, dobrou uma esquina e viu a mansão de tijolo vermelho e o edifício com seu enorme telhado de madeira que abrigava os estábulos na parte traseira da casa.

Pelo que tinha podido averiguar em Londres, Stephen Camden era criador de cavalos, dono de uma manada de éguas puro sangue. Thor conhecia cavalos e esperava poder utilizar seus conhecimentos para encontrar um emprego temporário. Era possível descobrir muito de um homem através de seus criados. E estaria perto o suficiente de Lindsey para poder vigiá-la. Sua casa estava a menos de um par de quilômetros.

Ao aproximar-se do estábulo, Thor observou admirado que a meia dúzia de cavalos que o visconde tinha no campo eram, certamente, animais extraordinários. Eram da mesma raça de cavalos puro sangue que tinha visto no parque. Ali poderia ir adiante em seu propósito de vigiar Lindsey, assim como estudar os cavalos que esperava possuir algum dia.

Seu sangue fervia de excitação nas veias quando se aproximou de um homem gordinho e careca que dava recomendações a uns moços e que parecia ser o chefe das cavalariças.

-São uns exemplares magníficos - Thor disse com o olhar fixo nos cavalos que galopavam através dos verdes pastos.

O homem careca elevou o olhar, depois seguiu subindo até chegar ao rosto de Thor.

-O que posso fazer por você, senhor?

-Eu tenho muitos anos trabalhando com cavalos. Queria saber se tinha algum emprego para um homem que tem experiência com os cavalos.

O homem careca o estudou com atenção.

-Está procurando trabalho?

-Sim.

-Aqui sempre há trabalho para um homem que sabe lidar com cavalos. De fato, acabamos de perder um dos treinadores. É um trabalho duro. Você acredita que está capacitado para o cargo?

-Sim.

O homem careca inclinou a cabeça.

-Meu nome é Horace Nub.

-Thor Draugr.

-Bem, Draugr. Siga-me.

Dirigiram-se aos estábulos, que estavam tão imaculados que não havia nenhuma fibra de palha no chão. Nas baias, havia cavalos baios, alazões, ou negros do melhor pedigree, todos atendidos pelos moços que traziam baldes de água ou bolsas de aveia. Thor seguiu Horace Nub pela porta traseira do estábulo até um grande recinto cercado que havia em frente.

No fundo do curral havia um enorme garanhão negro empinando.

-Esse diabo é Sabre do Rei, mas deveria chamar-se Satanás. Nenhum homem pôde permanecer no curral com ele mais de dez minutos. O último treinador que tentou, acabou com o braço quebrado.

Thor olhou à magnífica criatura que bufava e escoiceava do outro lado da cerca. Aquele garanhão era maior que o resto dos cavalos que o visconde possuía, mas as linhas de seu corpo eram similares às dos outros: pescoço comprido e lustroso, quartos traseiros com músculos firmes e poderosos e longas patas robustas. As crinas e a cauda se agitavam como estandartes de seda enquanto dava voltas pelo recinto.

Era o cavalo mais bonito que Thor já tinha visto.

-Sua senhoria o comprou para participar das corridas, mas o temperamento não o permite. O bastardo nem sequer serve para procriar. Quase matou a última égua que

montou. O chefe dos treinadores, Harley Burke, aconselhou a sua senhoria que acabasse com ele antes que matasse alguém.

Thor sentiu uma dor no peito ante a ideia.

-Vou dar uma olhada.

-Se ele lhe fizer mal é sob sua responsabilidade. Mas se conseguir que se tranquilize, o posto é seu.

Thor só assentiu com a cabeça. O animal tinha obtido toda sua atenção. Ele não desejava outra coisa que o tocar, sentir a suavidade da pelagem negra do garanhão, o poder de suas longas passadas enquanto dava voltas pelo recinto.

Aproximou-se da porta com passo lento, mas seguro. Tinham que ver-se como iguais desde o começo.

Abriu a porta e ficou parado na entrada.

No meio do curral, o cavalo deteve seus saltos. Ergueu as orelhas e alargou as fossas nasais. Durante vários segundos deu coices e empinou, a seguir soltou um relincho de advertência. Um instante depois se lançou ao ataque com os dentes arreganhados e as orelhas rentes à cabeça.

Thor não se moveu.

O animal seguiu adiante e parou bem diante dele. Elevou-se sobre suas patas traseiras e esperneou no ar. Uma imagem territorial que teria feito correr homem mais ajuizado.

Thor não se moveu.

-Sabre do Rei - ele disse então, com uma voz tão baixa e rouca que só o cavalo pôde escutá-lo - Brandr Fra Dat Konun seria seu nome lá de onde venho. É um bom nome.

O garanhão bufou e voltou a elevar-se sobre suas patas traseiras, depois deixou cair os cascos dianteiros quase em cima de Thor.

-Está zangado, Brandr. Eu percebo isso. Alguém o tem machucado. Não compreenderam o quão forte é, e o quanto precisa se sentir livre.

O cavalo inclinou a cabeça a um lado e o estudou com um olhar selvagem e escuro. Soltou um bufado expressando seu desagrado e agitou suas acetinadas crinas enquanto Thor continuava lhe falando com o mesmo tom baixo. Ele disse ao garanhão, tanto em escandinavo como em inglês, que não lhe faria mal, que em seu devido tempo lhe concederia a liberdade.

O animal retrocedeu e se elevou de novo sobre suas patas traseiras, mas não atacou desta vez. Em vez disso, correu com fúria ao redor do recinto, dando uma volta completa antes de parar diante de Thor, que tinha dado um passo para dentro do recinto. Sabre bufou e deu coices.

Thor não se moveu.

O garanhão se elevou sobre suas patas traseiras e voltou a atacar, mas se deteve a uns metros dele. Thor continuou sem mover-se.

O animal se virou e galopou para o outro extremo do curral. Deu a volta, e permaneceu imóvel sobre suas longas patas com os olhos escuros fixos em Thor que prosseguia sem se mover.

Thor não soube quanto tempo passou, quantas vezes o cavalo avançou contra ele de maneira ameaçadora, virou-se e correu a toda velocidade. Não importava. Se os deuses assim o quieram, encontraria a maneira de chegar ao coração daquela magnífica criatura, encontraria a maneira de obrigá-lo a aceitar o que o destino tinha arranjado para ele.

Pela extremidade do olho divisou o chefe dos estábulos, o senhor Nub, o observando de perto. Dois moços mais se detiveram ao lado dele para observá-lo, com forçados em suas mãos.

-Se não o tivesse visto com meus próprios olhos, não acreditaria.

Ao ouvir o som da voz do outro homem, o cavalo atacou em sua direção como um possesso relinchando grosseiramente, detendo-se em seco diante dos três homens. Thor aproveitou o momento para sair do curral.

Horace Nub retrocedeu, esfregando a careca brilhante com uma mão.

-Este condenado cavalo é um assassino.

-Está zangado. Alguém o tem machucado muito. Por acaso não viu as cicatrizes em seu pescoço e em seus flancos?

-Burke utilizou o chicote com ele. Tentou lhe dobrar dessa maneira, mas não funcionou. O garanhão deveria ser sacrificado.

-Me dê à oportunidade de trabalhar com ele. Com o tempo, conseguirei o que quiser dele.

O chefe das cavaliças o olhou especulativamente. Em seguida voltou a esfregar a careca.

-Suponho que vale a pena tentar. Mas lembre do que lhe disse. Se ele te fizer mal, é sob sua própria responsabilidade.

Thor só assentiu com a cabeça. Desejava começar já. Sabre do Rei era um nome adequado para aquele garanhão. Uma besta tão feroz devia levar sangue de campeões. Levaria tempo, mas um animal tão magnífico como aquele valia à pena. Thor não duvidava de que no final teria êxito.

E, assim que ganhasse a confiança dos moços do estábulo, começaria a fazer as perguntas pertinentes. Verificaria se havia motivos para acreditar que o visconde tinha tido algo a ver com os assassinatos de Covent Garden.

E, além disso, poderia vigiar Lindsey e assegurar-se de que ela estava a salvo.

CAPITULO 16

Lindsey se sentou junto à tia Dee na carruagem de Renhurst. Elas estavam indo fazer uma visita a Stephen Camden em Merrick Park.

-Stephen foi muito amável em nos convidar para almoçar - disse tia Dee.

-Sim, é verdade – Lindsey admitiu que se sentia muito excitada ante a perspectiva de falar com Merrick.

Ela estava impaciente por iniciar algum tipo de conversa que lhe desse alguma pista de por que o nome do visconde tinha sido mencionado em relação aos assassinatos. Não estava certa de como abordaria o tema, mas cedo ou tarde o traria a luz.

A carruagem se deteve diante da enorme mansão de tijolo e um lacaio se aproximou com rapidez para ajudá-las a descer.

-Lady Ashford... Senhorita Graham - o jovem disse - Sua senhoria as está esperando. Mas surgiu um problema nos estábulos. Ele irá reunir-se com as senhoras na saleta em uns minutos. Se forem amáveis em me acompanhar...

-Por que não vamos aos estábulos e vemos o que aconteceu? - Lindsey sugeriu, porque sempre aproveitava qualquer oportunidade para admirar as cavalariças de Merrick.

Tia Dee seguiu a direção de seu olhar. Estava um dia lindo, sem risco de chuva, um dia perfeito para tomar ar fresco.

-De acordo. – Recolhendo as saias, percorreram o caminho de paralelepípedos que conduzia aos estábulos onde Stephen mantinha seus cavalos de corrida.

-Sua senhoria se encontra na parte de trás - um dos moços disse lhes assinalando o caminho que rodeava o estábulo e conduzia à parte posterior do edifício.

-Ali está. - Lindsey apontou um homem alto e loiro que reconheceu como lorde Merrick, sua aparência atraente, refinada e elegante o fazia parecer mais velho do que era. Ao seu lado, um homem da mesma altura, com torso e ombros mais corpulentos e pernas mais grossas, permanecia de pé com as pernas separadas e uma carranca em seu rosto corado.

Foi o terceiro homem, que trabalhava com um magnífico cavalo negro no recinto, que a fez parar em seco.

-Santo Deus - tia Dee disse, seguindo o olhar de Lindsey - Não é aquele seu amigo Thor?

Conhecendo-o, Lindsey não deveria surpreender-se de vê-lo.

-É ele, sem nenhuma dúvida – ela admitiu, já que Thor não era um homem que sua tia pudesse esquecer facilmente.

-O que acha que está fazendo aqui?

Não restou mais remédio do que lhe dizer a verdade, algo que possivelmente deveria ter feito antes. Lindsey olhou ao seu redor para assegurar-se de que ninguém podia escutá-la.

-Está aqui por uma nota que recebi na semana passada. Era similar a anterior, a que acusava um dos amigos de Rudy de ser o assassino de Covent Garden. Nesta última nota se nomeava explicitamente a Stephen Camden.

-Por quê? Que coisa mais absurda. Não é possível que tenha dado crédito a essa nota.

-Não dei, de fato. Essa é a razão pela qual não comentei isso nem com você nem com Rudy. Mas Thor é muito protetor. Acredita que não descansarei até ter absoluta certeza de que Stephen Camden é inocente de qualquer delito. Temia que minhas perguntas pudessem acabar me pondo em um grande perigo. Desconfio que seja por isso que está aqui.

As mulheres se detiveram no caminho, observando ao cavalo e ao cavaleiro que se exercitavam na arena.

-São magníficos - tia Dee disse - Eu não acredito que nunca vi melhor espécime de homem ou de animal.

Era verdade. Lindsey estava atordoada. Tinha o olhar fixo no enorme homem e no poderoso cavalo que se mediam mutuamente no curral. Eles pareciam estar concentrados um no outro; um homem e um cavalo enredados em alguma batalha interior de vontades.

O garanhão era espetacular, tão negro como uma noite sem lua, poderosamente elegante e majestoso. O homem era igualmente impressionante com o espesso cabelo escuro cacheando-se sobre a nuca e um olhar tão azul como o mar. As calças de montar rodeavam as pernas longas e musculosas, os ombros largos e as poderosas costas esticavam o tecido da camisa branca até o limite. Era o homem mais bonito que Lindsey alguma vez viu.

-Se esse homem estiver aqui por você - tia Dee disse - tem um problema muito sério, querida.

Lindsey umedeceu os lábios, que repentinamente estavam tão secos como uma folha de outono.

-Só somos amigos. Já lhe disse isso.

-E eu não acredito - disse sua tia.

Lindsey não discutiu. Inclusive agora enquanto o observava, sentiu-se invadida pelas lembranças da última vez que tinham feito amor; da sensação dele dentro dela, de seu enorme corpo movendo-se sobre o seu. Seus lábios arderam pela lembrança de seus beijos e seu próprio sexo se umedeceu perante a expectativa de voltar a estar com ele. Engoliu a saliva.

-Mesmo que... Mesmo que tenha razão, jamais poderá haver nada mais entre nós. Você sabe tia Dee.

Sua tia cravou os olhos nela sob aquelas arqueadas sobrancelhas negras.

-Espero que se lembre disso quando chegar o momento.

Lindsey não acrescentou mais nada. Rezou para que, quando chegasse esse momento, tivesse a coragem de deixá-lo. Mas a mera ideia se tornava mais dolorosa cada vez que ficava com ele. Forçando um sorriso, aproximou-se de Stephen e do homem de rosto corado que observavam o que ocorria no recinto.

-Espero que seu amigo seja preparado o suficiente para não mencionar que se conhecem - disse tia Dee antes de chegar junto aos dois homens.

-Estou certa de que é. - Thor podia ser muitas coisas, mas ser estúpido não era uma delas. Estava ali para ajudá-la a averiguar a verdade sobre o visconde e faria tudo para consegui-lo.

Stephen avistou às duas mulheres e esboçou um sorriso cordial em resposta ao que apareceu no rosto de tia Dee.

-Minha querida lady Ashford, me alegra vê-la. - Dirigiu esse mesmo sorriso para Lindsey - E a você também, senhorita Graham. Ambas estão lindas, como sempre. Peço-lhes desculpas por não as haver recebido quando chegaram. Tinha um assunto que atender aqui. Parece que perdi a noção do tempo.

-Não se preocupe Stephen - disse tia Dee - nós gostaremos de observar o treino.

O visconde se virou e olhou com cenho franzido ao cavalo e seu cavaleiro.

-Esse garanhão é muito bonito, mas é completamente indomável. O treinador da minha manada de éguas, o senhor Burke, aconselhou-me que o sacrifique antes que faça mal a alguém... Ou algo pior.

Havia cavalos que, simplesmente, não podiam ser domados. Possivelmente algo lhes tinha ocorrido quando eram potros, alguém os tinha maltratado ou simplesmente eram assim desde o nascimento.

-Draugr é tolo - disse o treinador a Stephen - Só está ali falando... Como se esse assassino pudesse compreender realmente o que lhe está dizendo. É só questão de tempo que o tiremos dali feito mingau.

Lindsey olhou para Thor. Embora falasse tão baixo que ela não podia ouvir o que dizia, podia ver seus lábios movendo-se. Atravessou-a um pequeno calafrio ao recordar a noite em que aqueles homens a tinham atacado no beco do Lua Azul, Thor tinha lhe sussurrado palavras que a tinham acalmado mais do que qualquer outra coisa.

Recordou a maneira que a tinha tranquilizado com suas palavras suaves e suas ternas carícias antes de fazer amor com ela à primeira vez. Talvez fosse um louco por esperar que um cavalo respondesse ao mesmo tratamento gentil, mas Lindsey não acreditava.

Enquanto o observava trabalhar com o garanhão, estendendo o braço lentamente para passar a mão pelo reluzente pescoço negro, pensou que Thor era o homem mais assombroso que ela já tinha conhecido. Que nunca conheceria outro homem como ele, e, de repente, seu coração palpitou com desejo.

Lindsey mordeu o lábio inferior, lutando contra aquela indesejada emoção.

A voz de Stephen captou sua atenção.

-Bem, senhoras, eu as convidei para almoçar. Pelo que sei, a cozinheira nos preparou um autêntico banquete. - Ofereceu o braço para Delilah - Por que não deixamos o garanhão com os homens e nos dedicamos a degustar os incríveis manjares que nos prepararam? - Oferecendo o outro braço a Lindsey, conduziu as duas mulheres de volta à mansão.

Só a possibilidade de descobrir alguma pista sobre os assassinatos conteve Lindsey de dar um último olhar por cima do ombro para Thor.

Thor trabalhou com o garanhão até a última hora da tarde. No dia seguinte, levantou-se antes da alvorada e voltou a trabalhar com o animal outra vez. Estava fazendo grandes progressos, ou ao menos isso acreditava.

Mesmo assim, ele tinha ido ali por Lindsey e, depois de vê-la no dia anterior com Merrick, queria assegurar-se de que estava a salvo.

Alguns dos cavalos precisavam fazer exercício. Selou um castrado branco e foi em direção ao oeste, para as terras Renhurst. Acabava de chegar ao topo de uma colina quando avistou sob a pálida luz do amanhecer um cavalo com um cavaleiro cavalgando em uma velocidade vertiginosa através do campo. Thor puxou as rédeas do castrado para detê-lo e observou como cavaleiro e cavalo se aproximavam de uma sebe alta e a saltavam com facilidade. Havia algo familiar no cavaleiro, algo que lhe recordava o moço que tinha montado no parque com tanta facilidade e habilidade.

Cavalo e cavaleiro saltaram sobre um muro alto de pedra e aterrissaram limpamente do outro lado. Thor sorriu perante a habilidade do jovem, diante da maneira atrevida com a qual se aproximava do seguinte obstáculo no caminho, um riacho largo com uma pequena sebe na outra margem, no qual o cavalo quase tinha que voar para pulá-lo.

Sem nenhum esforço eles salvaram o obstáculo, os cascos do animal orvalharam o ar de gotas de água. Estavam já quase fora de vista quando caiu o chapéu do cavaleiro, liberando uma trança grossa de cabelos aloirados. Durante um instante, Thor não pôde acreditar no que via. Não era um jovem! Era uma mulher com calças de montar... Uma mulher que lhe pertencia! Apertando com força a mandíbula, fincou os calcanhares nos flancos do castrado, instigando o animal a persegui-la. O que antes tinha considerado como uma habilidade, agora via como um comportamento selvagem e arriscado que estava determinado a deter antes que Lindsey se machucasse.

Quase a tinha alcançado quando ela o viu. Ao notá-lo, ao invés de puxar as rédeas, Lindsey sorriu amplamente e se inclinou sobre o pescoço do alazão, fazendo o animal galopar mais rápido. Aproximou-se de uma sebe e a saltou limpa, e a fúria de Thor aumentou um grau mais. Lindsey não era um homem embora montasse como se o fosse. Cedo ou tarde ia se dar mal!

Ela atravessou um riacho de um salto e aterrissou limpamente na margem oposta. Thor saltou o arroio atrás dela, com a cólera impulsionando-o a seguir adiante.

Lindsey freou seu cavalo quando Thor a alcançou, mas ele não se deteve. Em vez disso, esticou o braço e tirando-a de sua sela, colocou-a de cabeça para baixo sobre seu colo. A palma de sua mão baixou com dureza um par de vezes. Lindsey gritou ultrajada e começou a lutar para libertar-se. Se não tivesse temido deixá-la cair, Thor lhe teria dado um par de tapas a mais.

Em lugar disso, tranquilizou o castrado e pôs Lindsey no chão, depois desceu de um salto ao seu lado.

-Como se atreve! - Ela gritou parecendo tão zangada quanto à raposa que ele havia dito que era - Eu monto a cavalo desde os três anos! Posso dirigir um cavalo tão bem quanto você, Thorolf Draugr! Não te atreva a me tratar como se fosse uma menina que se comportou mal!

-É uma mulher, não um homem! Poderia acabar morta!

-E você também! E qualquer um que monte a cavalo! - Ela estourou com as bochechas tão avermelhadas quanto ele imaginava que estava seu traseiro - Eu não merecia isso! Sou uma excelente amazona. - Dirigiu-lhe um olhar venenoso - Talvez esteja ciumento. Talvez não queira admitir que uma mulher possa montar tão bem quanto você.

-É minha mulher, Lindsey. Não deixarei que se machuque.

-Não sou sua mulher! Somos amantes... Nada mais! Exijo uma desculpa! Reconheça que estava errado. Agora quero ver se você será homem o suficientemente para admiti-lo.

Thor a olhou fixamente. Mechas douradas de cabelo lhe acariciavam as bochechas e seus lábios cheios e rosados eram uma tentação. Lindsey era linda e, além disso, era uma das melhores amazonas que ele já tinha visto. Era seu dever protegê-la, mas, assim como o garanhão, merecia ser livre.

-Cavalga tão bem como qualquer homem. - Thor sacudiu a cabeça, e corrigiu suas palavras - O certo é que jamais vi alguém melhor que você. Eu temi por você. E deixei que esse temor se convertesse em cólera. Sinto muito.

Lindsey ainda estava zangada. Continuava tendo as bochechas coradas. Assentiu rigidamente com a cabeça.

-Aceito suas desculpas. Penso que poderei te perdoar... Desta vez.

Ele se aproximou dela e estendendo um braço, acariciou sua bochecha com um dedo.

-Não conheço nenhuma mulher como você. É difícil para um homem como eu aceitar que uma mulher seja sua igual.

A surpresa brilhou nos olhos de Lindsey. E alguma outra coisa que ele não pôde definir. Ela deu um passo e se abraçou a ele.

-Eu senti falta de você.

Ele beijou o topo de sua cabeça.

-Sim, eu também senti saudades.

Ela se agarrou a ele durante longos momentos, mas quando quis afastar-se, Thor não a deixou ir.

-É um belo garanhão - ela disse - Merrick nos disse que Burke quer sacrificá-lo.

-Burke é um tolo.

-Pode domá-lo?

Thor elevou seu queixo.

-Você, raposinha, é a única criatura que parece que não posso domar.

Inclinou sua cabeça para trás e a beijou, saboreando a doçura de seus lábios, introduzindo a língua profundamente em sua boca. Ficou duro imediatamente, desejoso de estar dentro dela.

Thor sentiu a pequena mão de Lindsey no peito. Desabotoou-lhe a camisa e afastando o tecido para um lado, acariciou-lhe os músculos do peito com as palmas das mãos. Thor sentiu a tensão na virilha e aprofundou o beijo, inalando o perfume de Lindsey, incapaz de ter o suficiente. Seu membro palpitou e se apertou dolorosamente contra a braguilha. Sentiu a mão feminina ali, tocando-o tentativamente, comprovando sua dureza. Thor conteve o fôlego.

Lindsey rompeu o beijo e o olhou, depois se virou para umas antigas ruínas; os restos de uma velha abadia de pedra.

-Ali... Vamos ali, assim ninguém nos verá. - Quando ela puxou com força sua mão, Thor não resistiu. Agora ela lhe pertencia, e ele tinha intenção de tomar o que era dele.

Nas ruínas de pedra, beijou-a longa e profundamente, enquanto colocava as mãos dentro de sua blusa para segurar seus seios. Eram tão redondos e duros como pêssegos amadurecidos, tão suaves como as pétalas de uma rosa. Thor desejou saboreá-los, desejava sentir como se endurecia o rosado topo contra sua língua.

Abriu-lhe a blusa e cobriu com a boca um tentador montículo, lambendo seus mamilos até que se converteram em picos duros como diamantes, depois abriu os botões da calça e a deslizou pelos quadris.

Pondo-a de costas para ele, inclinou-a para frente até que Lindsey apoiou as mãos em umas pedras.

-O que está fazendo?

-Eu a tomarei assim, como o lobo toma seu par.

Mordeu-lhe o pescoço enquanto com as mãos segurava os formosos globos gêmeos de seu traseiro, sentindo uma pontada de culpa ao ver a marca vermelha deixada pela palma de sua mão. Inclinou-se e apertou a boca ali, depositando uma série de beijos suaves para lhe dizer o quanto sentia, e que de agora em diante lhe concederia o respeito que ela merecia. Lindsey estremeceu sob suas carícias e o corpo de Thor se endureceu dolorosamente.

-Por favor... - ela murmurou, respirando mais rapidamente sob suas minuciosas carícias.

Lindsey estava úmida e preparada. Ele se afundou dentro daquela apertada passagem e empurrou para diante até que a penetrou por completo, depois colocou as mãos na cintura feminina e começou a mover-se lentamente. O desejo e o calor o atravessaram mais forte que nunca. Com cada profunda estacada, ficava mais certo de que ela era dele, mas sabia que não podia tê-la.

Mesmo assim, a tomou com uma necessidade que não parecia poder controlar. Ele a tomou e a possuiu, até que só era consciente de Lindsey, de seu corpo esbelto que era

tão maleável e doce sob suas mãos, de seus suaves gemidos, das ondas de prazer que a atravessavam.

A liberação alcançou Thor, seus músculos se converteram em aço, sua semente se derramou no interior de Lindsey. Perguntou-se se a poção funcionaria, e a preocupação o embargou. Lindsey era muito pequena e magra para gerar e manter um filho dele.

Rezou para que a poção funcionasse e, apesar disso, no mais profundo de seu coração, não queria nada mais que plantar sua semente nela e vê-la crescer, sabendo que a criança que se formaria em seu ventre seria dos dois. Ele ficava mal por sentir isso quando ele sabia que nunca poderia ser o homem que ela necessitava.

Saiu do embriagador calor do corpo de Lindsey e ela se virou e se abraçou a ele. Depois de um momento, Thor a soltou. Esperou em silêncio que ela se limpasse e quando terminou, ajudou-a a vestir-se.

-Tenho que ir - Lindsey disse.

Ele assentiu com a cabeça.

-Eu também. - Thor segurou seu rosto com as mãos - Prometa-me que tomará cuidado... Com o cavalo e com Merrick.

-Não descobri nada quando estive com ele ontem. Parece-me pouco provável que seja um assassino, mas...

-Não tem certeza.

Ela assentiu com a cabeça.

-Stephen irá à festa campestre que minha tia dará. Talvez descubramos algo mais de suas atividades enquanto estiver ali.

-Estarei atento. Os homens falam dele. Tentarei surrupiar algo.

Ela deu a volta e se dirigiu para seu cavalo.

-Poderíamos nos reunir em algum lugar esta noite.

A tentação de aceitar foi quase entristecedora. Thor negou com a cabeça.

-Nem sequer deveríamos ter nos visto aqui. Corremos um grande risco.

-Não me importa.

-Pois deveria.

Lindsey afastou o olhar e brincou com as rédeas do cavalo.

-Leif e Krista chegarão em um par de dias.

-Bom. Pode ser que nós três consigamos que não se meta em confusões. - Girando-a para o cavalo, pegou-a pela cintura e a subiu à sela de couro – Cuide-se, raposinha.

Ela sorriu largamente.

-Eu prometo não fazer nada que não faria um lobo.

Thor negou com a cabeça, tentando conter um sorriso, enquanto ela se afastava a galope.

Cavalo e cavaleiro desapareceram após o topo de uma colina, e seu sorriso se desvaneceu gradualmente. O que faziam estava errado. Se não podia casar-se com ela, deveria deixá-la em paz.

Ele disse a si mesmo que o faria.

Embora no fundo não acreditasse.

CAPITULO 17

Os frios dias de outubro passaram um após o outro. Rudy começava a sentir-se mal-humorado e apático, e só o consolava o fato de que os convidados para a festa campestre que tia Dee ofereceria começariam a chegar à semana seguinte. Delilah tinha um bom número de atividades previstas, desde jogos a excursões vespertinas, inclusive tinha contratado uma companhia de teatro ambulante e convidado numerosos vizinhos à apresentação.

A semana concluiria com o Derby de Foxgrove, um acontecimento local, uma corrida de obstáculos anual que atraía gente de muitos quilômetros na redondeza.

-Vai ser o ponto culminante da festa, não acha tia Dee? - disse Lindsey.

-Eu sei o quanto os homens gostam de apostas. Pensei que este ano um dos cavalos de Renhurst poderia competir, e, é claro, lorde Merrick participará da corrida.

Merrick. Aquele homem jamais abandonava seus pensamentos. No povoado, tinha deixado cair algumas perguntas sobre ele, mas os aldeãos pareciam relutantes em falar do visconde. Era um membro importante da comunidade, sua fazenda e sua manada de éguas proporcionavam muitos postos de trabalho. Ninguém queria arriscar-se a perdê-los.

Embora se sentisse frustrada pelo pouco que tinha averiguado, Lindsey gostava de estar no campo e especialmente de montar a cavalo. Assim o tinha feito todas as manhãs, respirando o ar fresco e úmido e desfrutando do prazer que lhe oferecia estar ao ar livre, longe do ruído e da aglomeração da cidade.

Toda dia, saía para cavalgar esperando ver Thor, mas, se ele tinha estado por perto, não tinha se deixado ver. Ela não havia retornado a vê-lo desde aquele apaixonado encontro nas ruínas.

Sentiu um nó no estômago ante a lembrança daquela manhã, de sua boca em seus seios, da dura longitude de seu membro movendo-se em seu interior. Ela não conseguia evitar desejar que ele viesse a ela de novo, nem evitar perguntar-se que outros prazeres ele poderia lhe mostrar.

Mas, em vez disso, ele a evitava. Thor não era o tipo de homem capaz de manter uma aventura com uma jovem solteira com a qual não podia casar-se. Estava tentada a lhe enviar uma nota e inventar alguma terrível emergência com a esperança de que ele fosse resgatá-la, mas sabia que, se fizesse isso, ele se zangaria e muito. Mesmo assim, Lindsey tinha a sensação de que Thor estava frequentemente em Renhurst, assegurando-se de que ela estava a salvo.

Na semana seguinte começaram a chegar os convidados. A maioria era de conhecidos que ela sabia que afluíam. O resto eram convidados inesperados.

Além do coronel Langtree, tia Dee tinha convidado aos marqueses de Penrose, íntimos amigos de sua tia fazia muito tempo. Os condes de Kittridge e suas duas filhas, Elizabeth e Sarah, estavam também na lista de convidados. Sarah acabava de fazer dezoito anos. Com vinte e um, Elizabeth estava há vários anos no mercado matrimonial, mas corria o rumor de que gostava muito dos cuidados masculinos para aceitar uma proposta.

Na terça-feira chegaram Leif e Krista.

-Alegra-me tanto que tenham podido vir - Lindsey disse, aproximando-se para abraçar seus amigos.

-Foi muito difícil decidir - Leif disse - Esta é a primeira vez que ficamos longe de nosso filho. A primeira vez que estamos fora da cidade.

-Espero que Brandon esteja bem - Krista disse com preocupação.

Leif se inclinou e a beijou na bochecha.

-Ele está bem, querida. A senhora McElroy é um gênio com os bebês.

Krista suspirou.

-Eu sei que tem razão. Vou me esforçar para relaxar e me divertir.

Coralee e seu marido, Gray Forsythe, conde de Tremaine, chegaram, no mesmo dia.

-Está magnífica - disse Lindsey a Corrie - Eu juro que está mais bonita a cada dia que passa.

-Me parece que a vida de casada me faz bem. - aproximou-se dela e murmurou em seu ouvido - Creio que estou grávida, mas ainda não estou certa e ainda não disse ao Gray.

-Ei, senhoras, nada de segredos - disse Gray. Arqueou uma sobrancelha negra, dirigindo-se a sua esposa - Acreditava que já tinha aprendido a lição.

Levava o espesso cabelo negro preso com uma fita. Não era muito elegante, mas lhe ficava muito bem. O fazia parecer um pirata.

-Eu aprendi querido, prometo-lhe isso. - Mas dirigiu a Lindsey um amplo sorriso que esta lhe devolveu e lhe disse em um sussurro - Temos que falar.

Lindsey assentiu a contra gosto, sabia que sua amiga estava preocupada com sua relação com Thor e a poção que Samir tinha lhe dado. Tia Dee se uniu a eles, e o grupo conversou cordialmente durante um momento. Lindsey achava Gray inteligente e interessante. Era um homem muito atraente e obviamente estava perdidamente apaixonado por sua esposa.

Chegaram mais convidados. Rudy tinha convidado Tom Boggs e Edward Winslow, e os homens apareceram juntos em Renhurst. Lindsey tinha esperado que seu irmão

tivesse amadurecido mais que seus ricos e mimados companheiros de correrias, mas parecia que não tinha sido assim.

Pensou em seu irmão e no visconde e desejou ter podido descobrir quem tinha lhe enviado as notas. Prometeu a si mesma que o faria. No dia seguinte decidiu dar uma volta por Merrick Park.

Queria saber se Thor tinha averiguado algo e, por outro lado, era uma boa desculpa para vê-lo.

Montada à inglesa e vestida com um traje de montar de veludo verde e com um chapeuzinho combinando, dirigiu-se pelo caminho que conduzia à casa do visconde, tentando decidir qual seria a melhor maneira de proceder com Thor sem revelar a relação que os unia. Por desgracia, Stephen ia a caminho dos estábulos quando ela chegou com seu cavalo.

Ele lhe dirigiu um sorriso enquanto ela detinha a alta égua baia no caminho de entrada.

-Olá, Lindsey, que agradável surpresa.

A luz do sol se refletiu em seus cabelos loiros arrancando brilhos dourados. Lindsey pensou em quão atraente ele era. Custava-lhe imaginar que um homem com esse encanto e dinheiro se relacionasse com prostitutas e, muito menos, acabasse assassinando-as.

-Bom dia, milord.

Ele negou com a cabeça.

-Stephen, por favor. Somos amigos há muito tempo para tais formalidades. - Voltou a sorrir - A que devo esta agradável surpresa?

-Estava dando uma volta a cavalo e pensei em passar por aqui para ver como ia esse teu treinador com o maravilhoso garanhão negro. - Depois de considerar suas

opções, tinha decidido ser tão fiel à verdade quanto fosse possível. É claro, queria ver o garanhão, mas em particular seu treinador.

-Que coincidência. É exatamente o que eu pensava em fazer. - Esticou os braços e a desceu da sela de amazona, dando as rédeas do cavalo ao criado que se aproximou rapidamente para ajudar.

Percorreram juntos o caminho de paralelepípedos sob a sombra que lançavam os estábulos, até que rodearam o edifício e voltaram para a calor do sol. Lindsey viu Thor imediatamente, trabalhando com o garanhão no recinto. Outro homem observava a pouca distância. Era alto, corpulento e com as bochechas coradas. Lembrou que era o chefe dos treinadores de Stephen, um homem chamado Burke.

-Ele trabalha com o animal há quase duas semanas - Burke estava dizendo a Thor - e pelo que posso ver, o cavalo segue sem ser controlado.

-Estas coisas levam seu tempo. - Thor liberou o garanhão da corda que rodeava seu pescoço e depois se dirigiu para a porta do cercado.

Quando passou junto a Burke, o homem o agarrou pelo braço.

-Lorde Merrick teve já muita paciência.

Thor se endireitou.

-Esse cavalo foi maltratado. Leva tempo reparar o dano.

-E eu digo que está se aproveitando de sua senhoria.

Burke viu Merrick então e voltou sua atenção para ele. Thor percebeu pela primeira vez de que Lindsey estava ali.

Os traços de seu rosto ficaram tensos, mas logo relaxou.

Lindsey conseguiu manter uma expressão igualmente insondável embora seu coração palpitasse muito rápido e sentisse as bochechas ardendo.

-O que está acontecendo aqui? - perguntou Stephen aos dois homens.

-Nada - disse Burke - Esse é o problema... Não ocorre nada. Esse cavalo do demônio continua sendo tão selvagem quanto no dia que chegou. Está claro que não vai mudar.

-Senhor Draugr, tem algo a dizer em defesa do cavalo?

-Sabre vale o tempo que levará para domá-lo.

-Eu não acredito nisso - Burke discordou - Não acredito que esse garanhão valha à pena. – Ele olhou para Merrick com um sorriso ladino lhe curvando os lábios - Ocorreu-me uma ideia. O Derby de Foxgrove é no fim de semana que vem. Acredito que o garanhão deveria corrê-lo ou do contrário ser sacrificado. Chegou o momento de confrontar os fatos e resolver de uma vez.

As pessoas viriam de todas as partes para ver a corrida de obstáculos anual. Nela, participavam tanto os aldeãos como a classe privilegiada, montando todo tipo de cavalos. Stephen sempre tinha algum cavalo entre os premiados; estava há anos sem perder.

-Sabre não está preparado ainda - disse Thor.

-E nunca estará - sustentou Burke - Jamais será mais que o diabo que é agora.

Para provar sua teoria, Sabre captou o aroma do homem bem nesse momento e atacou contra a cerca como uma criatura do inferno. Elevou-se sobre as patas traseiras e soltou um relincho arrepiante, com os dentes arreganhados e as orelhas presas à cabeça. Deixou-se cair sobre a terra, girou e voltou a carga de novo. Por um instante, Lindsey pensou que atacaria a cerca.

-Você não gosta dele - Thor disse a Burke.

-Não faz diferença se eu gosto ou não. Esse filho de Satã deve ser destruído. – Ele levantou o olhar para Lindsey - Sinto muito, senhorita, mas esse cavalo terminará por matar alguém.

Lindsey lhe dirigiu um sorriso.

-Parece se dar bem com seu treinador.

Burke riu.

-Você acha isso? Pois então que participe da corrida.

-Burke tem razão - Stephen disse a Thor - Você tem certeza de que o cavalo pode ser domado?

-Com um pouco de tempo, fará tudo o que deseje.

-Eu o tenho há mais de um ano. Já machucou três treinadores, incluindo o senhor Burke, e não pude me aproximar dele sem me pôr em perigo. Nem sequer podemos assegurar se serve para procriar... É muito rude com as éguas. A meu ver, é tão violento e está tão fora de controle quanto quando chegou. Não quero ter um animal como este em minhas terras. Eu concordo com o senhor Burke. Ou participa da corrida ou ordeno que o sacrifiquem.

Thor olhou brevemente para Lindsey.

-Se essa for sua escolha, participará da corrida. – Ele apertou a mandíbula - Mas se ganhar será meu.

Burke riu.

- Você acredita de verdade que essa besta pode ganhar o Derby? Vai jogá-lo no chão no primeiro obstáculo.

-Pode ser que tenha razão. Mas também não perco nada por tentá-lo.

Stephen sorriu friamente.

-Se ganhar, fica com o cavalo. Mas o que eu obtenho se perder?

Lindsey ouviu o som de passos no caminho. Uma voz feminina e familiar interveio atrás deles.

-Se o garanhão perder - disse Krista - Thor lhe pagará duas mil libras.

O olhar de Stephen se cravou na formosa mulher loira que se aproximou com seu marido, ainda mais alto e loiro que ela. Um casal impressionante, cuja atração poucas vezes passava despercebida.

-Que sejam três mil e aceito a aposta.

Thor abriu a boca para protestar, mas Leif assentiu quase imperceptivelmente com a cabeça.

-Estes são os termos - Krista disse - O ganhão corre... E se ganhar, passará a ser propriedade de Thor.

Thor se afastou do grupo, rodeou o celeiro e se dirigiu para as árvores. Estava furioso consigo mesmo por ter sido tão impulsivo, e ainda mais furioso por seu irmão e sua cunhada terem apostado uma soma tão astronômica. Três mil libras! Se fosse seu dinheiro seria outra coisa, mas arriscar o dinheiro de Leif e Krista era inconcebível.

Teria que ganhar... Ou descobrir uma maneira de pagar a dívida.

O que lhe fez pensar em suas ações da A&H Railway. Inclusive as vendendo não teria o suficiente. Thor suspirou enquanto se deixava cair sobre a grama e apoiava as costas contra o tronco de uma árvore.

Não queria nem imaginar o que Lindsey devia estar pensando. Ela sabia que ele não tinha dinheiro suficiente para manter uma mulher de sua classe, mas não queria que o jogassem na sua cara.

Nesse momento, elevou o olhar e se surpreendeu ao vê-la chegar com a saia do traje de montar de veludo verde farfalhando em torno de suas longas pernas. Lembrou dessas pernas envoltas em umas apertadas calças de montar, recordou-se de deslizar suas mãos por elas até os quadris para depois lhe agarrar a diminuta cintura e montá-la até fazê-la estremecer.

Seu membro se ergueu duro como uma rocha. Por todos os deuses, essa mulher o fazia enlouquecer de luxúria.

-Não deveria estar aqui – ele disse, ficando em pé e ignorando a ardente onda de desejo que lhe atravessou o sangue a toda velocidade - O que Merrick vai pensar?

-Pois pensará que é o irmão de Leif, e que, portanto é um amigo. Sua identidade ficou clara assim que Leif apareceu, os dois possuem uma constituição e estatura incomuns, e, embora diferente de seu irmão, pois é moreno, parece-se muitíssimo com ele.

-O que meu irmão está fazendo em Merrick Park?

-Krista conhece lorde Merrick há tempo. Como acaba de demonstrar, Stephen gosta das apostas. Aparentemente, Leif o conhecia de seus dias de jogo. O caso é que Leif e Krista saíram para dar uma volta de carruagem e decidiram o visitar.

-De todas as formas, isso já não tem importância. Não descobri nada que vinculasse Merrick com os assassinatos.

-Nunca acreditei que estivesse envolvido.

-Os cavaleiros não gostam dele. Trata mal os cavalos, mas paga bem e necessitam do trabalho.

Lindsey olhou para os estábulos e viu Sabre empinando no pasto.

-O que acha da corrida?

Thor deu de ombros.

-Foi uma aposta tola. Não há maneira de que Sabre possa ganhar.

-Mas ele o deixou montá-lo?

Thor assentiu com a cabeça.

-Pela manhã, quando estou sozinho. Gosta de correr e é rápido como o vento. Salta as cercas como se tivesse asas. Se ele se comporta dessa maneira é pelo trato que recebeu.

-Você acha que foi Burke?

-Burke e outros homens antes que ele. Sabre está zangado. Quer machucar aqueles que lhe fizeram mal.

Lindsey lhe dirigiu um sorriso malicioso.

- Ele falou contigo?

Thor sorriu largamente. Aquele sorriso o fez parecer tão bonito que ela conteve o fôlego.

-Não, eu o averigui falando com os rapazes. Burke convenceu Merrick de que comprasse o garanhão. Vangloriava-se de que poderia montá-lo, embora outros não tivessem podido fazê-lo. Sabre o jogou no chão, fazendo-o ficar como um estúpido diante do visconde. Burke pegou o cavalo e ficou ainda mais difícil lidar com ele.

-E, se é tão rápido, por que não pode ganhar?

-A corrida de obstáculos só pode ser ganha com um cavaleiro pequeno e leve. Sabre teria uma grande desvantagem em levar um cavaleiro do meu tamanho.

Lindsey considerou o problema, reconhecendo que Thor tinha razão. Logo lhe acelerou o pulso quando uma ideia abriu caminho em sua mente.

-Você acha que ele deixaria alguém que não fosse você o montasse?

Thor olhou para a cerca onde Sabre bufava e corria.

-Talvez com o tempo, se alguém ganhasse sua confiança. Mas mesmo assim, não conheço ninguém que queria arriscar-se.

-Eu sim.

Uns ferozes olhos azuis se cravaram no rosto de Lindsey.

-Nem pensar.

-Eu poderia fazê-lo. Se conseguisse que Sabre me reconhecesse, poderia montá-lo. E poderia ganhar.

Thor negou com a cabeça.

-É muito perigoso, Lindsey. Não deixarei que o faça.

-Você sabe o quanto eu monto bem. Se Sabre me permitir montá-lo e se for tão rápido como diz, poderia ganhar... Sabe. E nesse caso o garanhão te pertenceria. Não é isso o que deseja? Não quer ser o proprietário de Sabre do Rei?

Ela podia ver como a ideia o tentava, o entristecedor desejo que sentia ao pensar em possuir um animal tão magnífico.

Thor suspirou.

-Por mais que o deseje, não posso arriscar sua vida.

-Não deveríamos ao menos experimentar e tentar que Sabre me aceite? Se o fizesse, não seria mais arriscado que montar qualquer outro cavalo.

-Não pode me pedir isto.

-Não estou pedindo isso por mim, Thor. Peço-lhe isso por Sabre. Irão matá-lo se não ganhar essa corrida. Está disposto a deixar que isso ocorra?

-Talvez pudesse encontrar uma maneira de comprá-lo.

-Não acredito que Merrick o vendesse, e muito menos para você.

Thor se virou com a mandíbula tensa. Afastou-se uns passos da árvore e se deteve a uns metros com as longas pernas separadas. Lindsey se conteve para não aproximar-se dele e tentar convencê-lo de novo.

Thor deu a volta e retornou para junto de Lindsey. Ela pôde observar a confusão em seu rosto.

-Como vou permiti-lo?

-Uma vez me disse que eu era sua igual. Se o falava a sério, não tem alternativa. -
Thor lhe sustentou o olhar - Deixe-me fazê-lo, Thor. Por você e por Sabre.

Um suspiro resignado escapou dos lábios de Thor.

-Veremos o que Sabre tem a dizer.

Lindsey sorriu amplamente. Entusiasmada ante a perspectiva da corrida, mal foi capaz de conter um grito de alegria. Não importava que tivesse que vestir-se de moço e que, se ganhasse, ninguém nunca soubesse que ela tinha sido o cavaleiro.

-Quando quer que provemos?

Thor voltou o olhar o magnífico cavalo.

-Esta noite vá às ruínas. Sabre terá a última palavra.

Lindsey entrou em casa acompanhada de Leif e Krista. Tinham almoçado com lorde Merrick, que tinha resultado ser um anfitrião cortês e encantador. Logo tinham retornado juntos para casa, com o cavalo de Lindsey preso à parte posterior da carruagem. Durante o breve trajeto, tinham falado da corrida que se celebraria no fim de semana e dos planos de Thor para competir com o enorme garanhão negro, embora Lindsey tivesse guardado para si sua intenção de participar do acontecimento.

Tanto Leif como Krista eram excelentes cavaleiros, mas podiam não estar de acordo com seu plano e tentar detê-la.

Chegaram em casa e entraram.

-Ouço risadas na saleta - ela disse enquanto passavam pela soleira - Imagino que minha tia está com algum dos convidados no terraço.

Leif dirigiu a sua esposa um olhar ardente.

-Acho que subiremos e tiraremos uma sesta antes do jantar. - Seu olhar ardente dizia que dormir era a última coisa que tinha em mente.

Krista corou.

-É uma boa ideia. Um pouco de descanso nos viria bem.

Lindsey conteve um sorriso. Se Leif era tão viril como seu ferozmente apaixonado irmão, Krista não pregaria o olho.

Leif pegou Krista pela mão, e o casal se dirigiu às escadas. Lindsey se dispôs a segui-los, pois tinha intenção de descansar um momento, mas observou que o mordomo estava esperando-a no vestíbulo.

-Aconteceu algo, senhor Creevey?

O homem de cabelo prateado e ligeiramente curvado se aproximou dela.

-Chegou uma mensagem para você, senhorita. Um dos meninos do povoado a trouxe faz uma hora.

Ela baixou o olhar à bandeja de prata que o mordomo lhe estendia, e viu seu nome escrito sobre o envelope com a mesma letra das notas que tinha recebido em Londres. Sentiu um calafrio.

Irritada, pegou bruscamente a mensagem da bandeja, perguntando-se se o remetente continuaria difamando o visconde, ou se, pelo contrário, tinha alguma nova travessura em mente.

Se afastando uns metros abriu o selo de lacre vermelho e leu as palavras escritas com tinta azul.

Se agora está no campo, é porque começa a acreditar. Pergunte por uma jovem chamada Penélope Barker. Encontre-a e descobrirá a verdade sobre Merrick.

Lindsey amassou a nota em sua mão. Graças a seu irmão, tanto Tom Boggs como Edward Winslow eram convidados em Renhurst para a festa. O mais provável era que algum deles fosse o responsável pela nota. Se assim era, Lindsey ia dizer-lhe umas boas.

Enquanto subia as escadas, lembrou das palavras da mensagem. Lindsey tinha visitado a fazenda de Merrick várias vezes e feito todas as perguntas que lhe ocorreram, mas Stephen era um homem de uma reputação impecável, amigo da família há muito tempo, e ela jamais tinha considerado seriamente a ideia de que fosse o responsável pelos dois brutais assassinatos.

Tinha ido a Renhurst para tirar seu irmão de Londres e desfrutar de sua estadia ali. Ou acaso tinha sido a viagem uma simples desculpa para averiguar se o que diziam as notas era verdade?

Fosse pelo motivo que fosse, tinham formulado outra acusação contra Stephen, e esta era ainda mais específica.

Lindsey suspirou enquanto entrava em seu quarto e puxava a campainha para chamar sua criada para que a ajudasse a trocar de roupa. Quem quer que tenha escrito a nota não lhe tinha deixado outra escolha além de averiguar quem era Penélope Barker e localizar seu paradeiro.

Lindsey tentou não pensar no que poderia descobrir se de verdade existisse uma mulher chamada Penélope Barker, e, se assim fosse, o que poderia ter acontecido com ela.

CAPITULO 18

Após o elegante jantar, consistido de faisão assado acompanhado por robalo com um creme leve de limão, ter chegado ao seu fim os convidados à reunião campestre se dedicaram a desfrutar das diversas atividades da noite.

O coronel Langtree se sentou ao lado de tia Dee no sofá de brocado dourado da saleta de dia. Perto da lareira, o conde de Kittridge degustava uma taça de brandy e conversava sobre a Índia com o conde de Tremaine enquanto outros convidados jogavam cartas na sala de jogos.

Lindsey e Coralee estavam sentadas frente ao coronel Langtree e tia Delilah. Lindsey tentava não olhar o relógio de ouro do suporte da lareira de mármore. Levava quase uma hora tentando encontrar uma maneira educada de escapulir, mas tudo em vão.

-Pelo que me disse sua tia, senhorita Graham, é você uma excelente amazona. - O coronel Langtree sorriu, dirigindo a conversa para um tema que gostava.

Lindsey lhe devolveu o sorriso.

-Não vou pecar pela modéstia e negá-lo. Monto a cavalo desde que era uma menina. Para mim é um prazer estar aqui em Renhurst, onde posso dispor dos puros sangues de meu pai.

-É uma magnífica amazona - Coralee concordou - Um talento do qual eu careço por completo, mas Gray me assegurou que melhorarei com o tempo.

-Na verdade é só questão de prática - Lindsey disse. Voltou a olhar para o coronel e depois para tia Dee, que estava radiante com um vestido de seda cor vinho adornado com um cós pêssego pálido - Minha tia também monta muito bem. Eu penso que ela não se importará de lhe mostrar a fazenda a cavalo.

Delilah esboçou um sorriso radiante.

-Uma ideia maravilhosa, querida. - Olhou para o coronel - Se quiser, poderíamos ir uma manhã.

-De fato, eu gostaria muito. - O coronel levou mais do que ditava o decoro para afastar a vista dos preciosos olhos cinza de tia Dee. Limpou a garganta e devolveu sua atenção para Lindsey. - O que você acha do Derby do fim de semana? Imagino que disporá de um tempo indo vê-lo.

-Só posso lhe dizer que é um evento e, certamente, muito divertido. Será um digno final para a reunião campestre.

-Eu ouvi que um dos cavalos puro sangue de Renhurst participará - disse Coralee à tia Dee.

-Sim. Embora ainda não decidíssemos que cavalo correrá.

-Espero que escolham bem - disse o coronel com um olhar malicioso nos olhos - Eu penso em apostar no animal de Renhurst e espero ganhar.

-O cavalo de lorde Merrick é um adversário difícil de bater - advertiu Coralee - Pelo que ouvi, o visconde treina sua manada de éguas durante todo o ano para este acontecimento.

-Mesmo assim, nossos cavalos são também de primeira classe - disse tia Dee - e temos muito bons treinadores. Pode estar certo de que poremos todo nosso esforço na corrida.

Lindsey pensou no belo garanhão negro, Sabre do Rei. Com sorte, seria ela quem ganharia a corrida. O coronel faria bem em apostar no cavalo negro, pois Lindsey estava determina a ganhar.

Lindsey ocultou um bocejo com a mão.

-Está ficando tarde. Receio que esteja muito cansada. Se me desculparem, acho que vou me retirar.

-É claro, querida - disse tia Delilah.

-Espero que durma bem - disse o coronel, levantando-se quando ela deixou o assento para dirigir-se à porta. Certamente, ele estava esperando que todos os convidados se retirassem logo, todos, menos Delilah.

O coronel e sua tia faziam um belo casal, pensou Lindsey quando o homem voltou para seu assento junto a tia Dee, diferente de Thor e ela, que eram completamente incompatíveis. Ignorou uma pontada de pesar. Algumas coisas, simplesmente, não podiam ser, e não havia nada que se pudesse fazer a respeito.

Entretanto, não pôde evitar que o pulso se acelerasse ao pensar em seu encontro dessa noite. Lindsey subiu as escadas a toda velocidade para seu quarto.

Thor andava nervoso de um lado para outro no limite das ruínas. Se Lindsey não chegasse logo, iria procurá-la.

Jurou baixinho. Jamais deveria ter deixado que fosse ali de noite, de fato não deveria ter marcado esse encontro. Sabia que ela tinha estado fazendo perguntas no povoado. Se houvesse algo de certo nas notas, Merrick bem poderia começar a inquietar-se por aquele repentino interesse em seus assuntos e ter enviado alguém para vigiá-la. Pode ser que inclusive estivesse seguindo-a agora.

Tentou não pensar nos homens do beco e no que tinham tentado fazer. Inspirou profunda e estremecidamente. Cinco minutos mais e iria procurá-la. Passeou o olhar pelo prado onde o garanhão pastava alegremente, feliz de estar fora do curral. Hoje tinha feito muitos avanços com o cavalo, tinha-o convencido a ficar imóvel sob a sela. Segundo Horace Nub, antes que Sabre tivesse sido maltratado tinha sido adestrado para levar a sela e o freio.

Em seguida, o tinham vendido para um homem que tratava com crueldade os cavalos. Depois disso, tinha havido uma longa lista de treinadores que acreditavam que nada era melhor que a força bruta para manter o garanhão sob controle, e três deles tinham ficado gravemente feridos.

Thor tinha ganhado a confiança do cavalo, mas isso não significava que Sabre fosse deixar que Lindsey o montasse... Ou inclusive se o fazia, que Thor o permitiria. E se o garanhão a jogava no chão? E se ela acabasse ferida ou morta? A preocupação o impulsionou a andar de novo de um lado para o outro. Estava a ponto de recolher o garanhão e ir procurar Lindsey quando ouviu o suave galope de um cavalo aproximando-se. Sentiu-se alagado pelo alívio. E um doce desejo por vê-la que não tinha direito a sentir.

Thor se esticou. Quantas vezes ele se prometeu que a deixaria em paz? O que ela tinha que fazia quase impossível cumprir essa promessa?

Lindsey cavalgou para onde ele estava e Thor esticou os braços para ajudá-la a descer da sela. Estava com o traje de montar de veludo verde que vestia pela manhã. Ele notou que o suave tecido tinha absorvido o calor de seu corpo quando rodeou sua estreita cintura com as mãos. Thor inalou seu perfume, a fragrância de flores e de mulher, e seu corpo se retesou em resposta. Seu membro começou a crescer dentro das calças. Ela não era como aquelas mulheres voluptuosas que tinha desejado no passado, e, mesmo assim, nenhuma mulher o tinha excitado tanto quanto ela o fazia.

-A casa está infestada de gente - ela disse com um sorriso - Pensei que Sabre e eu poderíamos levar parte da noite para nos conhecer, assim me vesti desta maneira para o caso de alguém me ver ao voltar para o estábulo.

A espessa cabeleira cacheada caía por suas costas e estava afastada do rosto por uns pequenos pentes de tartaruga marinha para prender cabelos. Thor não desejava outra coisa que deslizar os dedos por aquela massa alourada e atrair a boca dela para a sua e lhe dar um beijo profundo e ardente.

Mas se conformou pegando sua mão.

-Venha. Vamos ver se Sabre gosta de você tanto quanto de mim.

Lindsey riu e o seguiu até o garanhão, que pastava preso com uma corda. O cavalo elevou a cabeça quando a viu aproximar-se e alargou as fossas nasais.

-Não tão rápido - Thor advertiu-a, segurando sua mão para que se detivesse - Dê-lhe tempo para que se acostume com a sua presença.

Sabre soprou e deu coices, com todos os seus sentidos em alerta.

-Tranquilo, menino - disse-lhe Lindsey com suavidade enquanto se aproximava lentamente - Não vou te machucar.

O animal se moveu intranquilo durante um momento, em seguida levantou as patas dianteiras e relinchou.

-Continue falando - disse-lhe Thor.

-Como você é bonito. Espero que me deixe montá-lo. Eu gostaria muito de fazê-lo.

-Ela permaneceu imóvel, falando suavemente o tempo todo. Thor se colocou ao seu lado disposto a interpor-se entre ambos se o garanhão decidisse atacá-la - Aposto o que for que sabe correr - Lindsey disse - Thor diz que é tão rápido quanto o vento.

O cavalo começou a tranquilizar-se. Elevou as orelhas e centrou sua atenção no som da voz de Lindsey.

-Jamais vi um cavalo como você - ela disse - Poderia gerar os melhores puros sangues da Inglaterra.

Para grande espanto de Thor, o cavalo relinchou moderadamente e, baixando à cabeça, aproximou-se trotando dela como se fossem velhos amigos. Por todos os deuses, isso era o último que tinha esperado. Não havia animosidade no garanhão, nada que indicasse que o cavalo a considerava um perigo.

-Não posso acreditar nisso.

Então, Thor percebeu o suave perfume de Lindsey. Sua voz era também suave e imensamente feminina, e se deu conta de que aí arraigava a diferença.

Lindsey estendeu a mão e arranhou as orelhas do garanhão, recebendo em troca um suave relincho de gratidão.

-É uma mulher - disse Thor - Ele não gosta dos homens, mas você... É uma mulher. Deve ter conhecido alguma no passado, uma que se preocupava com ele.

Lindsey apertou a bochecha contra a de Sabre, e colocou os dedos entre as grossas e sedosas crinas para acariciar sua brilhante pelagem.

-Assim vamos ser grandes amigos, você e eu, verdade, querido? - voltou-se para Thor - Não parece sentir-se ameaçado como o faz com os homens.

-Isso parece.

-Você vai deixar que o monte, eu sei.

-É muito cedo para saber com certeza.

Embora essa possibilidade estivesse cada vez mais perto. Lindsey se aproximou para depositar um beijo no focinho do garanhão.

-Vamos correr essa corrida, Sabre, e vamos ganhar.

Thor não discutiu. Durante todo o tempo, havia sentido como se estabelecia o vínculo entre Lindsey e o garanhão. Não havia hostilidade entre eles. De fato, o

garanhão parecia ansioso por agradá-la. O coração de Thor se acelerou. Se Lindsey montava Sabre, não só poderiam ganhar a corrida, mas também, além disso, o cavalo se salvaria e seria dele. Thor estava há anos vagando, tentando encontrar seu lugar no mundo. Pela primeira vez soube o que era e o que queria fazer. Encontraria uma maneira de conseguir as terras com as quais sonhava. Esse garanhão seria a base para fundar um criadouro de cavalos puro-sangue similar ao que lorde Merrick possuía ou outros muitos fazendeiros. Se Sabre ganhasse...

Thor olhou Lindsey e se sentiu preocupado. Por melhor amazona que ela fosse, as corridas de obstáculos eram sempre perigosas. Como podia deixar que corresse tal risco?

-Tem outra vez aquele olhar - ela disse-lhe, que começava a conhecê-lo como a palma de sua mão.

-Que olhar?

-Esse olhar de macho que diz «você é uma mulher frágil e meu dever é te proteger».

Ele quase sorriu.

-Não deveria deixar que o fizesse.

-Já o discutimos antes e sabe que estou decidida. Se não me deixa montar Sabre, participarei com um dos cavalos de meu pai. Vou correr essa corrida com ou sem sua permissão. Prefere que seja com Sabre ou com algum outro cavalo que não conhece?

-Juro-lhe isso, Lindsey, é a mais...

-Rabugenta criatura. Eu sei.

Então Thor sorriu.

-Bem. Se Sabre permitir, montará o garanhão. Não tentarei detê-la outra vez.

E passou às quatro horas seguintes trabalhando com Sabre e Lindsey, que caminhou com o animal levando-o pelas rédeas, alimentou-o com torrões de açúcar, falou-lhe e o acariciou.

-Por que não tentamos ver se ele me deixa montá-lo? - sugeriu Lindsey.

Thor só se sentiu um pouco intranquilo ante a ideia. O garanhão parecia mais relaxado quando estava com ela. Quando Sabre pareceu estar preparado, Thor elevou Lindsey de lado e a colocou sobre a garupa nua do animal sem soltar as rédeas. Os fez riscar um pequeno círculo e logo outro maior.

Nenhuma só vez Sabre se mostrou ameaçado. Ao contrário, parecia feliz de levá-la na garupa.

Thor negou com a cabeça. Aquela mulher sabia como ganhar o afeto de um homem. E aparentemente o garanhão também não era imune aos seus encantos.

Já era madrugada avançada, a menos de duas horas do amanhecer, quando decidiram deixá-lo por essa noite.

-Virei de novo amanhã de noite... Um pouco antes se puder.

Thor assentiu com a cabeça.

-Eu não gosto que cavalgue sozinha até aqui. Eu a esperarei no bosque a leste dos estábulos.

Lindsey abriu a boca para protestar, mas viu o olhar de advertência de Thor e inclinou a cabeça.

-De acordo.

Thor a acompanhou até onde ela tinha prendido o cavalo.

-Há algo que tenho que te contar antes de ir - ela disse - Quando retornei para casa esta tarde, havia outra nota me esperando com a mesma letra que as anteriores. Um menino do povo a trouxe.

-O que dizia?

-Que procurasse uma mulher chamada Penélope Barker. Se o fizer, descobrirei a verdade sobre lorde Merrick.

-Perguntarei por aí, para ver o que posso descobrir.

-Os homens com os quais trabalha... Não lhe deram nenhum problema por ser irmão de Leif?

-Disse-lhes que eu não era rico como Leif, que tinha que trabalhar como qualquer outro homem.

Ela assentiu com a cabeça.

-Há algo mais.

-Sim?

-Necessito que me beije antes de ir. Estou toda a noite pensando nisso.

-Lindsey...

-Você deseja fazê-lo tanto quanto eu.

Thor sacudiu a cabeça. Morria de desejo por ela. Estava o dia todo duro como uma pedra.

- Eu não gostaria de nada mais do que a beijar. Morro por estar dentro de você, Lindsey... E você sabe. Mas não estamos casados, e jamais estaremos. Não podemos...

Ela ficou nas pontas dos pés e cobriu sua boca com a dela, interrompendo suas palavras. Thor gemeu em consequência da sensação daqueles suaves seios pressionando contra seu peito, diante dos voluptuosos lábios que se abriram sob os seus, convidando sua língua a saboreá-los. Rodeou-a com os braços, apertando-a contra seu corpo, e sua ereção adquiriu grandes proporções.

Por todos os deuses, não podia resistir, não podia rechaçar aqueles suaves e tentadores beijos que ela deixava em sua boca, em seu nariz, em suas bochechas, não podia negar a sensação desses provocadores seios contra seu tórax.

-Vá, Lindsey, antes que seja muito tarde.

-Não quero ir, Thor. Ainda não.

E colocou as mãos dentro da jaqueta de Thor, deslizando-a pelos ombros com brutalidade. Com um suspiro, ele cedeu ao seu desejo, esticando os braços para desabotoar seu traje de montar, afastando o tecido para um lado e enchendo as mãos com esses pálidos e formosos seios. Roçou-lhe brandamente os mamilos, excitando-os até que estiveram duros, depois deslizou a jaqueta do traje de montar pelos ombros e inclinou a cabeça para saboreá-los.

Em uns minutos, ela jazia embaixo dele sobre a terra, com a roupa de um lado e as mãos de Thor dentro de seus calções. Estava incrivelmente úmida e escorregadia quando a acariciou e separou as dobras de sua carne para tomá-la e deslizar-se profundamente em seu interior.

Com a mente nublada pelo desejo, Thor começou a mover-se, conduzindo-os grosseiramente a liberação, quase incapaz de manter o controle apesar de estar determinado a lhe dar o mesmo prazer ardente que ela lhe proporcionava. Lindsey alcançou o êxtase e gritou seu nome. Uns minutos depois, ele permitiu-se segui-la.

Quando se deixou cair na suave grama ao seu lado, tentou convencer a si mesmo de que aquela seria a última vez que a tocava. Mas, nesta ocasião, negou-se a prometer algo que não podia cumprir.

CAPITULO 19

Dando como pretexto uma dor de cabeça, Lindsey passou quase toda a tarde dormindo, preparando-se para outra noite de treinamento com o garanhão. Enquanto estava deitada no meio do fofo colchão de plumas, não pôde evitar sorrir ao pensar em Thor e na maneira que tinham feito amor. Era como se ele não pudesse ter o suficiente dela, como se ela fora alguma droga da qual, simplesmente, não pudesse prescindir.

Lindsey sentia o mesmo por ele, mas sem sofrer os remorsos que pareciam angustiar Thor. Tinha a intenção de fazer amor com ele cada vez que surgisse a oportunidade. Tomava firmemente a poção que Samir lhe tinha preparado e que parecia funcionar tão bem. Não restava muito tempo antes que seus pais chegassem a Londres, e sua aventura com Thor chegasse a seu fim. Mas até então, tinha a intenção de desfrutar de cada momento que tivessem juntos. O sol do meio da tarde se infiltrava pelas janelas, esquentando-a enquanto jazia vestida com a camisola e sonhava com Thor e seu encontro dessa noite.

Então sua criada, Kitty, entrou bruscamente no quarto.

-Tem visita, senhorita. O atraente irmão do marido da senhora Draugr está aqui. Diz que precisa vê-la.

-Santo Deus, Thor está aqui?

-Sim, senhorita. - Esboçou um amplo sorriso e revirou os olhos - Não se pode confundi-lo com ninguém.

Lindsey riu.

-Não, claro que não. - Saltando da cama pegou o robe que Kitty lhe estendia - Traga-me o vestido de seda damasco, Kitty. Se apresse, não tenho tempo a perder.

Vestiu-se tão rápido como pôde e esperou impaciente que Kitty lhe prendesse o cabelo.

-Você pode cachear meu cabelo antes do jantar – ela disse - agora não tenho tempo para isso.

Se Thor estava ali, devia ter descoberto algo importante. Lindsey pegou seu xale com franjas de uma cadeira, no caso de irem para fora da casa, e saiu disparada, ansiosa por vê-lo.

O encontrou esperando-a na saleta vermelha. Quando entrou, ele ficou de pé; seus incríveis olhos azuis procuraram os dela, lhe provocando um comichão no estômago.

-O que aconteceu, Thor? Você descobriu algo?

Ele lançou um olhar fugaz à porta e ela se aproximou desta e a empurrou até quase fechá-la, deixando-a aberta o suficientemente para evitar falasões.

-Diga-me.

Ele segurou sua mão e a conduziu até o sofá, esperou que ela sentasse e depois se sentou ao seu lado.

-É aquela garota, Penélope Barker.

Lindsey sentiu um calafrio de inquietação.

-O que... O que lhe aconteceu?

-Era uma empregada em Merrick Park.

A inquietação de Lindsey se aumentou.

-O que quer dizer com «era»?

-Esteve trabalhando ali por vários anos. Mas um dia desapareceu. Ninguém sabe para onde foi. Os cavaleiros suspeitam que estivesse grávida. E o chefe, Horace Nub, diz que o bebê que ia ter era de lorde Merrick.

Durante um momento, Lindsey só permaneceu ali sentada.

-Talvez Stephen lhe tenha dado dinheiro e a enviou a algum lugar para ter a criança.

Thor olhou para os pés.

-O que? Há algo mais?

-Houve rumores... As pessoas do povoado acham... Pensam que a assassinaram.

Lindsey conteve o fôlego.

-Não. Não pode ser certo.

-Como você bem mencionou, provavelmente ele lhe deu dinheiro, e ela partiu.

-Mas você não acha isso.

-Não sei no que acreditar. Tenho conhecimento de que o nome de Merrick foi vinculado com os assassinatos. Agora vem a tona o caso de um possível assassinato em Merrick Park. Parece uma estranha coincidência.

Lindsey mordeu os lábios.

-É com certeza. Precisamos descobrir quem enviou essas mensagens. Alguém sabe a verdade. Temos que descobrir quem é esse alguém.

Thor se levantou do sofá, grande e moreno, e completamente fora de lugar entre os delicados floreiros de porcelana, os prismas de cristal e os guardanapos de renda.

-Verei se posso descobrir algo mais.

Lindsey se levantou também.

-Eu penso que, de qualquer maneira, iremos nos ver esta noite.

Com intensa relutância, ele concordou com a cabeça.

-Estarei a esperando entre as árvores.

Ela lançou um olhar à porta e se aproximou dele. Ficou nas pontas dos pés e o beijou. Cheirava a cavalo e a homem, uma combinação masculina que a fez sentir um calor no ventre.

Lindsey separou um pouco os lábios e a língua de Thor se introduziu entre eles com rapidez. Isso acelerou seu coração e pôde sentir seus batimentos nos ouvidos. Durante um instante, esqueceu-se de que estava na saleta, onde qualquer um poderia aparecer de um momento a outro.

Foi Thor quem pôs fim ao beijo. Seus olhos estavam escuros e ardiam de desejo, e Lindsey soube que essa noite não teria que o persuadir para que fizesse amor com ela.

Lindsey ignorou o pequeno estremecimento de advertência que lhe dizia que, finalmente, tinha soltado o lobo, e que ela já não era a única que tinha o controle.

Já era tarde quando Lindsey pôde desculpar-se com os convidados e subir para seu dormitório. A lua crescente se elevava sobre a paisagem, iluminando o caminho para os estábulos. Os cavaleiros estavam dormindo em seus quartos no andar superior. Todos, exceto um.

Um sonolento Tobías Darei a abordou com um cenho franzido em sua jovem cara.

-Senhorita Graham! Não estava seguro de quem era.

-Só sou eu, Tobias. Tenho que me ocupar de uns assuntos. Espero que não diga a ninguém que estive aqui.

-É obvio senhorita. - O moço já estava acostumado a vê-la com suas roupas de montar masculinas; usava-as muito frequentemente - Selarei Buddy para você.

Uns minutos mais tarde, Lindsey montava Buddy e atravessava a porta dos estábulos para o bosque que limitava com a ala leste da mansão.

Como ela sabia, Thor a estava esperando nas escuras sombras do arvoredor. Não disse nada quando ela se aproximou a cavalo até ele, só fez virar seu garanhão, e ambos seguiram rumo às ruínas. Lindsey jamais o tinha visto montado sobre o poderoso garanhão, e não pôde menos que pensar no maravilhoso par que faziam. Thor montava sem sela, usando só os freios, dirigindo o cavalo com tanta facilidade que pareciam fundidos em um só ser.

Sabre deveria ser de Thor, ela pensou, e em silêncio se prometeu que faria tudo o que estivesse ao seu alcance para que assim fosse. Alcançaram as ruínas e Thor deteve o garanhão. Deslizou-se do lombo do animal e, depois de aproximar-se de Lindsey, ajudou-a a descer da sela.

-Não estava certa se devia por calças masculinas, mas queria tentar montar escarranchada. Espero que assim mesmo Sabre continue pensando que sou uma mulher.

Thor a observou dos pés a cabeça, e ela não pôde ignorar o ardor em seus olhos.

-É uma mulher, querida, disso não há dúvida.

O desejo estava ali, embora ele tentasse ocultá-lo. Lindsey se perguntou se essa noite agiria de acordo com o que tinha imaginado na saleta, ou se, pelo contrário, iria mostra-se reservado como tinha feito antes.

Sabre relinchou como saudação. Thor pegou Lindsey pela mão e caminhou com ela até onde estava o cavalo. Lindsey lhe falou brandamente, acariciou-lhe as orelhas e lhe ofereceu um torrão de açúcar; a seguir, Thor a ergueu à garupa nua do animal.

Sabre elevou a cabeça. Pôs as orelhas em alerta por um instante antes de as baixar e morder a grama. Durante as duas horas seguintes, Lindsey treinou com o cavalo, subindo e descendo dele, lhe acariciando os flancos e o dorso, fazendo-o caminhar em círculos e depois o montando de novo, a passo e a trote até que finalmente aumentou o ritmo e o pôs a meio galope.

-Inclusive com a lua tão brilhante, está muito escuro para correr ou saltar - Thor disse - Você acha que amanhã poderá escapar durante o dia?

-Não será fácil com tantos convidados, mas encontrarei uma maneira. Podemos nos encontrar aqui ao meio dia.

Thor assentiu com a cabeça.

-Suponho que à luz do dia estará a salvo. Você viu algo? Ou alguém que não conhecesse e que chamasse sua atenção?

-Não, é claro que não.

-Estamos falando de assassinatos, Lindsey. Tem que tomar cuidado.

Thor tinha toda razão. Pelo menos duas mulheres já tinham morrido. Possivelmente três, se a donzela da nota tinha sido assassinada também.

Observou que Thor conduzia Sabre ao prado para que pastasse. Ele manteve-se a uma distância prudente dela, embora Lindsey não teria podido ignorar seus entusiasmados olhares, o desejo ardente que brilhava em seus olhos quando pensava que ela não podia vê-lo. Ela se perguntou se tinha se equivocado, se o lobo permanecia sob controle e teria que animá-lo de novo para que fizesse amor com ela.

Tentou determinar qual seria a melhor maneira de abordá-lo enquanto ele prendia o garanhão. Assim que terminou, ele se dirigiu direto para ela. Não se deteve quando a alcançou, só se inclinou e a pegou nos braços.

-Deus Santo! - ofegou Lindsey.

Os olhos de Thor se cravaram nos seus, ardendo com a chama da paixão que ele já não tentava esconder.

-Já acabamos de treinar por hoje. O resto da noite é nosso.

O coração de Lindsey deu um salto e logo pulsou com força. O lobo tinha sido liberado. A excitação a atravessou enquanto Thor a levava para o interior das ruínas e a

deixava de pé no meio delas. A luz da lua se refletia na dura linha de sua mandíbula e arrancava brilhos do cabelo escuro e ondulado que se cacheava na poderosa nuca.

Com movimentos eficientes, mas suaves, soltou-lhe a trança e estendeu a pesada cabeleira sobre os ombros de Lindsey, e depois começou a despi-la.

-Esta noite tomaremos o tempo que necessitamos - disse-lhe, beijando cada centímetro de pele que ia deixando descoberta - Faremos amor como deveríamos tê-lo feito antes.

«Como deveriam tê-lo feito antes?» Santo Deus, cada vez tinha sido melhor que a anterior. Não podia nem imaginar como podia lhe dar ainda mais prazer.

Girou-a e a beijou lenta e profundamente. Seus lábios eram como seda úmida e quente quando se moveram sobre os dela, mordiscando, brincando, acariciando, afundando a língua em sua boca e saboreando-a com beijos cada vez mais profundos, até que Lindsey virou a cabeça e começou a estremecer.

Ela gemeu ante a sensação da boca de Thor movendo-se sobre seus ombros, riscando uma linha de beijos quentes e úmidos até os seios nus. Posou a boca sobre um deles, lambendo-o e sugando-o até que Lindsey sentiu as pernas muito fracas para sustentá-la.

Aparentemente, Thor percebeu, pois a levantou nos braços e a levou a um leito de ramos cobertos por uma manta de lã suave. Ele o tinha planejado. Não teria tido que seduzi-lo essa noite.

Permaneceu nua e languida sobre a manta e o observou despir-se sob a luz da lua. Thor tirou a camisa e o pulso de Lindsey disparou diante da imagem dos poderosos músculos de seu tronco. Conteve o fôlego ao ver o ventre plano e os quadris estreitos que ficaram expostos quando tirou as calças. As pernas eram longas e flexíveis, e seu membro... Santo Deus, aquele homem estava tão bem dotado quanto um garanhão!

Thor se dirigiu com determinação para ela, beijou-a longa e profundamente e depois se ajoelhou entre suas pernas. Lindsey se remexeu inquieta, ansiosa por sentir essa dura longitude dentro de seu corpo, desejando com ardor a selvagem liberação que só ele podia lhe dar.

Mas Thor não parecia ter pressa, só se inclinou e apertou a boca contra o interior da coxa feminina, dobrou-lhe o joelho e beijou a sensível pele de baixo.

-Thor... Por favor...

-Ainda não, querida. Quero te saborear primeiro. - E embora no princípio ela não compreendesse o significado, não demorou a descobri-lo assim que sentiu a boca de Thor na parte mais feminina de seu corpo. Santo Deus!

As sensações se derramaram sobre ela. As aveludadas garras do desejo se cravaram nela, aprisionando-a e convertendo-a em sua escrava. Thor a saboreou e a lambeu, utilizou suas mãos e sua boca para lhe dar um prazer que ela jamais tinha imaginado. O corpo de Lindsey se esticou, pendeu de um fio trêmulo e finalmente caiu. Arqueou-se para cima, gritando o nome de Thor, mas ele não se deteve. Não até que um segundo clímax a sacudiu com intensos estremecimentos de prazer.

Lindsey ainda estremecia quando ele a penetrou, afundando-se profundamente nela, enchendo-a por completo com sua dura longitude. Thor deslizou as mãos pelo cabelo dela, e se obrigou a ficar quieto quando a beijou, e em seguida começou a mover-se lentamente.

Lindsey ouviu o rouco sussurro de sua voz.

-Pelos deuses, Lindsey, você me pertence. Não me importa o que nos proporcione o destino, esta noite é minha e vou assegurar-me de que saiba.

Quando a paixão cresceu de novo, quando o prazer a assolou, e seu corpo se esticou em torno da dura longitude, Lindsey soube o que ele tinha querido dizer. Quando a penetrou mais profundamente, quando a tomou com mais ímpeto, quando a

excitou até alcançar o clímax, Lindsey compreendeu que nenhum outro homem poderia jamais ocupar seu lugar, que ninguém poderia satisfazê-la tanto quanto ele.

A dura verdade caiu sobre ela com o impacto de um murro. «Santo Deus, eu me apaixonei por ele!»

Lindsey pensou no que isso significava, em toda a dor, a aflição e a angústia que suportaria. Quando alcançou outro trêmulo orgasmo, fez todo o possível para não chorar.

Como tinha prometido, Lindsey saiu para as ruínas no dia seguinte pouco depois do almoço. Tinha passado a noite acordada, dando voltas na cama sem poder tirar da cabeça Thor e a terrível situação em que se encontrava. Desde o momento que o tinha deixado, tinha tentado convencer-se de que estava enganada, de que era luxúria e não amor o que sentia por ele. Mas não importava o quanto tentasse, em seu íntimo sabia que era mentira.

Estava apaixonada por Thor e o perder ia quebrar seu coração. Amava-o e, por isso, queria lhe oferecer como presente aquele lindo cavalo.

Como Thor a tinha advertido, observou com atenção ao seu redor para assegurar-se de que não tinha desconhecidos vigiando os estábulos ou a casa. Poderia ser uma estupidez, mas algumas vezes era melhor ir com cautela. Tal e qual esperava, Thor a aguardava no bosque ao leste da casa e se dirigiram juntos para as ruínas.

Lindsey lutou contra as turbulentas emoções que sentiu quando ele a desceu da sela e tentou controlar o batimento amalucado de seu coração. Desejou poder dar a volta e afastar-se a cavalo, não o ver nunca mais, pôr fim a aqueles dolorosos sentimentos que só lhe dariam mais dor.

-Está preparada para praticar saltos? – ele perguntou sem mencionar a ardente noite de paixão que tinham compartilhado.

Lindsey agradeceu. Podia consegui-lo, podia fingir que nada tinha mudado entre eles. Mas teria que lutar contra os poderosos sentimentos que, agora sabia, nutria por ele.

-Estou mais do que preparada. - aproximou-se de onde Sabre pastava tranquilamente e seus olhos aumentaram pela surpresa - Você o selou!

Thor assentiu com a cabeça.

-Já o tinham selado antes. Não foi tão difícil como pensava.

Ela lhe dirigiu um alegre sorriso.

-Eu suponho que, simplesmente, perguntou-lhe e ele se mostrou de acordo.

Thor curvou a boca.

-Foi um pouco mais difícil que isso.

Lindsey se aproximou do garanhão sem afastar a vista dele e esperando que o vínculo que se formou entre eles seguisse ali. Sabre elevou a cabeça bruscamente ao vê-la vestida com as roupas masculinas, mas se acalmou perante o som de sua voz. Repetiram o procedimento que tinham utilizado nas noites anteriores, permitindo que se acostumassem a ela, montando-o suavemente e logo incrementando o ritmo, exercitando-se no prado durante mais de uma hora.

-Acredito que está preparado - Lindsey disse depois de aproximar-se de onde Thor a esperava.

-Horace Nub diz que Sabre participou de corridas em algum momento. Foi uma das razões pela qual Burke quis que Merrick o comprasse. Eu pratiquei saltos de obstáculos com ele, mas lhe será mais fácil com você em cima da garupa.

Lindsey se dedicou ao trabalho, lhe fazendo atravessar o prado, primeiro a passo, depois a trote e finalmente a galope. A excitação a invadiu enquanto voltava a pô-lo a meio galope e se dirigia para o primeiro obstáculo, uma cerca baixa com terreno plano

de ambos os lados; era um salto fácil, para começar a ganhar confiança. Sabre saltou o obstáculo com facilidade, e ela não pôde conter um amplo sorriso.

Dirigiram-se então para um objetivo mais difícil, uma sebe que tinha uma inclinação do outro lado. Depois saltaram um largo riacho, sob mureta de pedra e por último um muro mais alto.

Ao final da tarde, Lindsey estava eufórica. O cavalo tinha um talento natural, era o tipo de animal que focava a atenção no obstáculo que tinha adiante e que desfrutava em superar qualquer desafio. Lindsey se asseguraria de que o garanhão desse o melhor de si na corrida que podia lhe salvar a vida.

Sabre brilhava pelo suor, e a Lindsey doíam todos os músculos quando se aproximou de Thor com o cavalo. Sorrindo amplamente, desceu da sela antes que ele tivesse tempo de ajudá-la a descer, e lhe estendeu as rédeas.

-É um cavalo maravilhoso... Um verdadeiro campeão, Thor. É tudo o que achei que seria.

Thor assentiu com a cabeça com um amplo sorriso no rosto.

-Quer te agradecer. Ele entregou seu coração, Lindsey.

Ela deslizou a mão pelo pescoço suado do animal.

-Voltaremos a treinar amanhã, e depois de amanhã. Eu disse em casa que no povoado havia um menino doente cuja mãe conheço e que necessitava minha ajuda. Até agora parece estar funcionando.

Thor só assentiu com a cabeça.

Durante toda a tarde, Lindsey tinha conseguido manter a distância. Thor deve ter notado seus esforços de pôr um espaço entre eles, pois não fez nenhuma tentativa de aproximar-se dela. Desde o começo, ele tinha tentado que ela compreendesse que

jamais poderia haver nada entre eles. Talvez pensasse que ela, finalmente, deu-se conta de que ele tinha razão.

-Gostaria de poder ficar um momento mais - Lindsey disse sem ser totalmente sincera, uma parte dela desejava escapar daqueles indesejados sentimentos por ele - mas tenho que retornar antes que minha tia comece a preocupar-se.

Thor afastou o olhar. Quando a olhou de novo, seus perspicazes olhos azuis eram cautelosos.

-Eu agradeço o que você está fazendo.

Ela só assentiu com a cabeça, deu-lhe as costas com o coração pesado e se dirigiu a seu cavalo. Thor a ajudou a subir à sela e ela ignorou o pequeno estremecimento de desejo.

Limpou a garganta.

-Não mencionou Penélope Barker. Não investigou mais nada?

-Ainda não. Vai se lembrar de tomar cuidado?

-Lembrarei.

Ela desejava tocá-lo, inclinar-se sobre a sela e o beijar, mas sabia o que aconteceria se o fazia. Depois da noite anterior, Lindsey entendia a situação como nunca tinha feito antes. Tinha um futuro diferente ante ela, uma vida diferente que não incluía Thor. Tinha chegado o momento de acabar com aquela aventura.

-Tenho que ir - ela disse, com a voz rouca.

Thor percorreu seu rosto com aqueles formosos olhos azuis, mas não tentou detê-la.

Lindsey afastou a vista, incapaz de olhá-lo um momento mais. Fazendo virar seu cavalo, afastou-se pelo prado.

«Lembrará de tomar cuidado?», havia-lhe dito Thor. Gostaria que tivesse se lembrado antes de apaixonar-se por ele.

CAPITULO 20

Agarrando as rédeas de Sabre, Thor permanecia de pé, longe da multidão, esperando com impaciência a chegada de Lindsey. Os cavaleiros já ocupavam seus postos na linha de saída.

Mas ela ainda não tinha chegado.

Talvez fosse melhor, disse a si mesmo. Logo sentiu uma onda de alívio que não deveria ter sentido quando a divisou correndo para ele com roupa de montar masculina e o cabelo preso sob uma boina de caça negra.

-Lamento o atraso - ela disse ofegante - tive que esperar que todos se fossem de casa.

-Então não mudou de ideia.

Ela negou com a cabeça e sorriu.

-Eu disse-lhes que me encontrava um pouco indisposta. Que me reuniria com eles mais tarde se me sentisse melhor.

-E sua tia e os outros acreditaram?

-Eles sabem que eu adoro o Derby. Que não o perderia a menos que estivesse doente. Krista se ofereceu para ficar comigo, mas eu lhe disse que pensava em me deitar e que Leif e ela deviam vir e se divertir.

Thor a olhou com o cenho franzido.

-Não sei se eu gosto que seja tão boa mentirosa.

Lindsey sorriu amplamente.

-Valerá à pena se eu ganhar a corrida.

Ocultando-se atrás do largo tronco de uma árvore, Thor segurou seu rosto entre as mãos.

-Me prometa que não correrá nenhum risco.

-É obvio que não – ele disse-lhe com rabugice, o fazendo sentir inclusive mais apavorado.

Deu-lhe um beijo rápido e duro e a subiu no cavalo. Caminhou ao seu lado um momento enquanto Lindsey acariciava e falava com o cavalo.

Logo a observou com o coração pesado quando se despediu dele com a mão e se dirigiu à linha de saída para tomar posição entre os outros participantes que pareciam surpreendidos em ver o enorme garanhão negro entre os concorrentes. Deu-se o ponta pé de saída antes que Sabre tivesse tempo de ficar nervoso, e Lindsey e o garanhão se puseram em movimento, saindo disparados para adiante, tentando deixar para trás o resto dos competidores e antes deles chegarem à primeira curva.

Thor observou como cavalo e cavaleiro chegavam a primeira cerca na terceira posição, com Sabre concentrado no obstáculo que tinha adiante, e Lindsey dando ao garanhão as ordens corretas para saltar e aterrissar limpamente do outro lado. Alguns saltos mais e o casal desapareceu de sua vista, deixando Thor com o olhar cravado no ponto onde tinham desaparecido e apavorado de que algo pudesse acontecer.

Os cavalos seguiram correndo o Derby, instigados pelos gritos do público que enchia o improvisado hipódromo que se armou para o acontecimento. O coração de Thor martelava no peito, e ele elevou uma silenciosa prece para que Lindsey retornasse ilesa.

Thor olhou à inquieta multidão que o rodeava. Todo o povoado e pessoas de todas as partes se encontravam na corrida. A tia de Lindsey e seus amigos observavam o acontecimento a uns metros dele, enquanto Leif e Krista, e Coralee e seu marido, Gray,

permaneciam ao lado de Thor. A tensão e a excitação se apalpavam no ambiente. Apostou-se muito dinheiro na corrida, a maior parte no cavalo campeão de Merrick, Viajante Veloz.

Thor prestou atenção em seu irmão e em Krista, mas sua preocupação por Lindsey, agora que estava fora de sua vista, ia aumentando. Por que tinha lhe permitido montar o garanhão? No que tinha estado pensando? Para não falar daquela imensa quantidade de dinheiro que seu irmão e Krista tinham apostado.

-Se perdermos – ele disse ao Leif, sem afastar o olhar do lugar onde os cavalos voltariam a aparecer - encontrarei uma maneira de te devolver o dinheiro.

-É uma aposta - Leif disse - Às vezes se ganha, às vezes se perde. Esse é o risco que se corre. Além disso, Sabre fez uma saída excelente. A corrida não termina até que o primeiro cavalo cruze a linha de chegada. - Observou a expressão preocupada de Thor - Assim me conte quem é esse jovem que convenceu a montar em seu lugar.

Thor afastou o olhar, odiando mentir a seu irmão. Jamais deveria ter aceitado o plano insensato de Lindsey. Inclusive agora, podia ter caído, podia estar ferida ou... Interrompeu seus pensamentos, tragou saliva lutando contra uma imagem de Lindsey jazendo ao lado de um muro de pedra com seu formoso corpo machucado e ferido.

-É um amigo.

Leif continuou avaliando sua expressão.

-Quem quer que seja, é uma excelente escolha. Um bom cavaleiro, hábil e sagaz, e Sabre parece havê-lo aceito sem problemas.

Thor se limitou a assentir com a cabeça. Não era o momento de revelar o segredo de Lindsey. Era decisão dela dizer a seus amigos se assim o quisesse.

-Você os vê?

-Ainda não, mas não demorarão. Devem apontar na colina a qualquer momento.

Thor ficou olhando fixamente naquela direção. Dentro de seu peito, o coração palpitava sombriamente. A preocupação lhe tinha dado um nó no estômago.

«O que fiz?»

Ante o som de uma zombadora voz masculina, Thor levantou a vista e viu Harley Burke aproximando-se dele sem pressa.

-Você acredita de verdade que esse diabo negro alcançará a linha de chegada?

Thor endureceu a mandíbula.

-Sim.

-Eu aposto com você o que quiser que esse louco que convenceu a montar já comeu poeira. E então? Você se atreve a apostar?

Thor sentiu que lhe revolia o estômago. Nesse momento, Lindsey podia estar ferida ou morta. Não podia suportá-lo. Além disso, não podia apostar um dinheiro que não podia se permitir o luxo de perder.

Mesmo assim, não suportava a expressão arrogante no rosto de Harley Burke.

-Estou disposto a...

-Aí vêm!

As palavras puseram fim à conversa, e Thor cravou o olhar no grupo de cavaleiros e cavalos que agora apareciam no topo da colina; eram menos da metade dos que tinham começado a corrida. Tentou localizar Sabre e Lindsey, mas não os viu e suas vísceras se retorceram.

Os corredores estavam cada vez mais perto e o coração deu um salto. O enorme garanhão negro e seu magro cavaleiro apareceram de repente diante de sua vista, lutando por colocar-se à cabeça do grupo que incluía o cavalo de Renhurst, um alazão chamado Doce Vingança, e a Viajante Veloz, o apreciado cavalo puro sangue do visconde.

-É ela, verdade? - Disse Krista, dando saltos de alegria - É Lindsey! - sorriu amplamente, como se desejasse estar em seu lugar.

Thor lhe lançou um olhar fugaz.

-Temia que tentasse detê-la.

-Você está brincando? Gostar-me-ia de poder...

-Nem pense - Leif disse.

O garanhão começou a tomar à dianteira, e Thor escutou a maldição de Burke.

-Está ganhando! - Exclamou Krista - Vai ganhar Sabre para você!

Thor não podia respirar. Jamais tinha visto nada tão belo como o magnífico garanhão negro e a mulher que se arriscava por ele, correndo a toda velocidade para a linha de chegada. Os dois eram campeões de pura cepa, e ele nunca havia se sentido mais orgulhoso.

Nesse momento, cavalo e cavaleiro cruzaram a meta a toda velocidade, e Krista deixou escapar um grito.

-Conseguiu! Ganhou!

E o tinha feito tirando mais de um corpo de vantagem do cavalo de Merrick, Viajante Veloz, que tinha entrado em segundo lugar, seguido do exemplar de Renhurst. Dois cavalos dos moradores do povoado disputaram o quarto lugar.

Lindsey se aproximou de Thor. Sabre suava e escoiceava embaixo dela, ainda cheio de brio apesar da vitória. O sorriso feminino era o mais amplo que Thor já tinha visto.

-Conseguimos!

-Não, você conseguiu. Eu a desceria do cavalo para te beijar, mas não acredito que fosse bem visto que um homem beijassem seu jóquei.

Ela riu, e aquele som encheu o coração de Thor.

-Sabre precisa esfriar, mas eu tenho que sair daqui antes que alguém me veja e descubra quem sou.

-Eu me encarregarei de esfriá-lo.

Lindsey passou uma perna sobre o pescoço de Sabre e desceu de um salto como um homem, sorrindo para Thor antes de soltar um grito de alegria. Todos queriam aproximar-se deles, e começaram a formar um círculo em torno do garanhão negro, que não deixava de escoicear. Sabre viu a multidão e soprou em sinal de protesto, relinchou e se elevou sobre as patas traseiras.

-Retrocedam - Thor os advertiu - Não está acostumado com pessoas.

Um furioso olhar do garanhão, e todos retrocederam vários passos. Lindsey aproveitou a ocasião para escapulir, detendo-se só quando Krista a puxou pela mão.

-Você esteve maravilhosa! Os dois estiveram!

Lindsey sorriu largamente.

-Ganhar é muito bom! – Ela deu uma olhada ao redor e viu várias pessoas aproximando-se dela - Retornarei assim que troque de roupa.

Desapareceu no bosque, e Thor fez com que o garanhão andasse em círculos um momento, a seguir o levou a uma distância segura e atou as rédeas a uma árvore. Quando retornou junto à multidão, as pessoas começaram a lhe dar palmadas nas costas e a lhe felicitar por ganhar a corrida. Sorria quando divisou Harley Burke olhando em sua direção. Thor se ergueu tão alto quanto era.

-Reclamo o cavalo, como é meu direito.

-Isso não vai ocorrer já que usou de artifícios. Não foi você quem montou o cavalo, a não ser outra pessoa.

Leif se colocou ao lado de Thor.

-A aposta era se o cavalo ganhasse ou não, e ele o fez. O garanhão pertence a meu irmão.

-E eu digo que segue sendo de Merrick, e que vamos nos desfazer desse bastardo.

Toda a multidão se afastou, e Stephen Camden, visconde de Merrick, apareceu no centro do círculo tão impecavelmente vestido como sempre, com o cabelo loiro perfeitamente penteado, sem uma mecha fora do lugar, apesar da ligeira brisa que soprava naquela tarde.

-Esse homem ganhou limpamente - Merrick disse - Apostei e perdi.

Thor sentiu um relutante respeito, inclusive sabendo que o visconde podia ser um assassino.

-Obrigado - disse Thor.

Merrick fulminou Burke com um olhar que dizia: «Ele pôde domar o garanhão, por que você não?» Em seguida se virou e desapareceu entre a multidão.

Thor se sentiu exultante. Sabre era dele. Seu sonho se fez realidade, e tudo graças a Lindsey.

Rodearam-no mais admiradores, entre eles lady Ashford, a tia de Lindsey, que lutou para abrir caminho até ele.

-Felicidades. Seu garanhão é assombroso, senhor Draugr. Embora é obvio, minha sobrinha seja uma amazona excelente.

Thor elevou o olhar surpreso, mas não pôde evitar sorrir.

-Eu penso que ela não é uma mentirosa tão boa como acha. Eu agradeço por isso.

-Sim, bem, sempre foi uma amazona fora de série, e eu já a tinha visto antes vestida de homem. Pelo bem de todos, espero que esta seja a última vez.

-Temo que isso terá que discutir com Lindsey. Sua sobrinha sempre se sai com a sua.

Lady Ashford suspirou.

-Não entendo que satisfação encontra nestas coisas.

Mas ficou claro pelo olhar que dirigiu a seu acompanhante, o coronel, que lady Ashford pecava do mesmo atrevimento que sua sobrinha.

Thor inspirou fundo. A vitória era muito boa, mas o certo é que ele só queria estar com Lindsey.

Mas também não era um tolo. Nos últimos dias, ela tinha começado a levantar barreiras. Finalmente, precaveu-se do pouco compatíveis que eram. Tinha chegado o momento de acabar com sua aventura, e, embora isso fosse à última coisa que ele queria fazer, tinha sabido desde o começo que esse dia chegaria. E tudo que podia fazer era respeitar seu desejo.

Mesmo assim, tinha que falar com ela. Tinha descoberto uma informação interessante no povoado essa manhã, um rumor que dizia respeito à lorde Merrick. Thor rezou para que o que tinha averiguado não fosse verdade.

Lindsey não voltou a ver Thor até o meio da tarde. Embora ardesse de desejo de celebrar a vitória com ele, fazia um extraordinário esforço para evitá-lo. Thor parecia ter adivinhado a razão. Embora ele não pudesse saber que ela estava apaixonada por ele, sempre parecia capaz de ler seu pensamento.

Por isso se sentiu tão surpresa quando ele a buscou no final da celebração.

-Tenho que falar com você antes que se vá.

Lindsey afastou o olhar, mas logo cravou os olhos nele com o coração palpitando dolorosamente.

-O que aconteceu?

-Fui ao povoado antes da corrida, e um homem se aproximou de mim. Eu nunca o tinha visto antes e ele não me deu seu nome. Disse-me que deveria ir ao povoado de Alsbury, que devia procurar por uma mulher chamada Martha Barker, a mãe de Penélope Barker. Disse-me que lhe perguntasse o que sabia do desaparecimento de sua filha.

-Você acha que foi ele quem escreveu as notas?

-Não sei. Estive fazendo perguntas sobre a garota. Pode ser que o homem tenha me ouvido, e queria me dar à informação que possuía.

-Devemos ir a Alsbury imediatamente.

-Posso ir sozinho se...

-Eu também quero ir. - Ele assentiu com a cabeça. - Alguns dos convidados voltaram para a cidade. Os que ficaram irão amanhã cedo. Podemos nos encontrar no limite do povoado, no caminho que leva a Alsbury amanhã às dez da manhã.

Thor se mostrou de acordo com ela, mas não disse nada mais, embora ela soubesse que queria fazê-lo. Thor entendia o que estava ocorrendo, entendia que ela queria acabar com a relação. Lindsey sabia que ele não a pressionaria para continuar com essa aventura... Não a não ser que ela quisesse. Santo Deus, ela desejava-o tanto... Entretanto, recolheu as saias e se apressou a retornar com seus amigos, sua tia e seus convidados.

O povoado de Alsbury se encontrava oculto nas colinas a três horas de viagem. Lindsey chegou ao ponto de encontro nos subúrbios de Foxgrove na carruagem de Renhurst. Thor subiu em silêncio e se sentou em frente a ela. Só uns dias antes, teria se sentado ao seu lado e possivelmente a teria tomado entre seus braços.

O tempo passaria. Lindsey ignorou a afiada apunhalada de dor e ordenou ao condutor que seguisse para seu destino. Durante a viagem, mal se falaram. Lindsey passou o tempo tentando concentrar-se no livro de poesias que estava lendo com pequenos resultados. Thor se dedicou a observar a paisagem que passava pela janela. Algumas folhas outonais seguiam penduradas dos ramos das árvores, e o vento do dia anterior tinha dispersado as nuvens, assim que esse dia brilhava o sol. Finalmente, chegaram ao povoado de Alsbury, que era muito menor do que Lindsey tinha imaginado, a maioria das edificações era de pedra, com uma pequena praça de mercado, uma igreja em uma ladeira próxima e um riacho que dividia o povoado em dois. Pararam na rua principal e perguntaram pela casa de Martha Barker, que acabou por ser uma estrutura com telhado de palha, e paredes caiadas que se encontrava do outro lado do povo.

-Espero que a senhora Barker esteja em casa - Lindsey disse, começando a sentir-se nervosa quando a carruagem se aproximou até a parte dianteira da casa.

-Há alguém lá dentro, observe o movimento do outro lado da janela.

A carruagem se deteve e Thor desceu de um salto. Virou-se e ajudou Lindsey a descer. Juntos se dirigiram ao alpendre. Depois de chamar várias vezes à porta, uma mulher encurvada que ocultava a maior parte do cabelo grisalho sob uma touca a abriu.

-Senhora Barker? -perguntou Thor.

-Sim.

-Viemos falar com você sobre sua filha - Lindsey disse - Esperávamos que pudesse nos contar algumas coisas sobre ela.

Os olhos da mulher se encheram de lágrimas.

- Vocês são amigos de Penny?

Lindsey esboçou um sorriso.

-Poderia dizer que de algum jeito somos.

A senhora Barker deu um passo para trás, e Lindsey tomou o gesto como um convite para entrar.

-Gostariam de tomar uma xícara de chá? - perguntou a mulher, agradecendo a companhia. Lindsey imaginou que a mulher desejava falar com alguém sobre sua filha - Pus água para esquentar na cozinha.

-Obrigado, será um prazer.

A mulher preparou o chá e o serviu. Tomaram sentados diante da mesa de madeira da cozinha. Durante um momento falaram sobre banalidades, depois a conversa retornou a filha da senhora Barker.

-Perguntávamos... -disse Lindsey calmamente - nós gostaríamos de saber se teve alguma notícia de Penny. Talvez a tenha visto ou recebesse alguma carta dela depois que abandonou Merrick Park.

A mulher pareceu desmoronar-se perante seus olhos.

-Penny era uma boa garota. Mas ele é tão bonito, tão elegante. Ela era jovem e doce, e ele a desejava. - Os lábios da senhora Barker tremeram - E a pobre tola se apaixonou perdidamente por ele. Pensou que ele se casaria com ela.

-Por quem Penélope estava apaixonada, senhora Barker?

-Por quem? Por sua senhoria... Lorde Merrick.

Um calafrio desceu pelas costas de Lindsey. Olhou para Thor e viu que ele franzia o cenho.

-Sabemos que Penny deixou de trabalhar para ele - Lindsey disse - Nós gostaríamos de apurar para onde foi depois de abandonar Merrick Park.

A anciã negou com a cabeça com uma expressão sombria no rosto.

-Eu achava que voltaria para casa. Enviou-me uma carta... Dizia que queria ter seu bebê em casa. Era esperado que saísse numa segunda-feira na última hora da tarde, mas jamais chegou aqui. - A mulher levantou a cabeça e seus olhos pareceram olhar o vazio - Ninguém sabe o que aconteceu, mas eu sim. Esse visconde pervertido a matou.

Lindsey ficou rígida. Thor se inclinou para diante.

-Por que pensa isso, senhora Barker?

-Porque depois de deixá-la grávida mudou a maneira de tratá-la. Penny tinha medo dele... Ela mesma me disse isso. - Levantou a xícara de chá cada vez mais frio, mas a devolveu à mesa sem ter tomado um gole - Uma semana depois da data em que tinha de ter voltado para casa, recebi uma carta dela. Ela deve tê-la enviado antes de sair para cá. Dizia-me que ele a tinha ameaçado, que ele havia dito que mantivesse a boca fechada e que não contasse a ninguém sobre o bebê. Disse-lhe que se não o fizesse, ele se asseguraria de calá-la para sempre.

-A senhora guardou a carta? - perguntou Thor.

A mulher levantou o olhar.

-O que?

-A senhora conserva a carta que sua filha lhe enviou.

Ela pareceu se recolher em si mesma e negou lentamente com a cabeça.

-Queimei-a. Sabia que no final ele tinha completado sua ameaça, e me dava medo tê-la em casa. Pensei em levá-la à polícia, mas, como na carta não mencionava o nome de Merrick, era impossível que alguém acreditasse em mim. Pensariam que Penny só tinha fugido para ter seu bebê.

Lindsey refletiu sobre suas palavras, pensando que a mulher tinha razão. Não tinha sido encontrado nenhum corpo, nenhuma prova de um crime. Penélope era simplesmente uma jovem que tinha caído em desgraça. Mas alguém sabia o que tinha

acontecido. A pessoa que tinha escrito as notas. Lindsey estava certa de que era a mesma pessoa que se aproximou de Thor na aldeia.

-Há algo mais que se lembre? - Thor perguntou.

A mulher levantou o olhar, seus olhos azuis estavam apagados e sem vida.

-Ela era tudo o que eu tinha... Tudo o que eu tinha.

Estava claro que não havia nada mais a dizer e, murmurando seu agradecimento, abandonaram a casa. Dentro da carruagem, Lindsey ficou em silêncio. Nem Thor nem ela disseram nenhuma palavra em todo o caminho de volta a Foxgrove.

-Você acredita que ele o fez? - Lindsey finalmente perguntou.

-Isso é o que a senhora Barker acha. E quem enviou a nota também acredita que ele é o culpado.

-Merrick retornou a Londres. Disse para minha tia que iria pela manhã. - voltou-se para o Thor, que, aparentemente, continuava tendo a intenção de ajudá-la - Temos que verificar onde, exatamente, estava Stephen Camden nas noites dos crimes de Covent Garden.

CAPITULO 21

Um céu desolador cobria as abarrotadas ruas londrinas. Nuvens cinza prometiam chuva. Um vento frio agitava as folhas e os papéis que flutuavam no ar quando Thor saiu do veículo de aluguel diante da Capital Ventures. Virou-se e pagou o condutor; em seguida, começou a subir os degraus de tijolo que conduziam a impressionante porta principal.

Fazia três dias que tinha retornado à cidade, deixando Lindsey com sua tia e seu irmão. Ela estava resolvida a descobrir mais sobre Stephen Camden ainda que seguisse correndo perigo. Apesar de Lindsey ter posto um fim em sua relação, Thor continuava preocupado com ela. Significava muito para ele e só queria que ficasse bem.

Enquanto isso, encontrar um lugar para alojar Sabre não tinha sido nada fácil, pois ao garanhão não gostava de gente e ainda mantinha distância. Uma cavaliça grande em um dos estábulos no limite do Green Park tinha sido a melhor opção no momento. Por uma sorte, também tinha podido contratar um rapaz chamado Tommy Booker, que parecia saber tratar de cavalos.

Depois de uma longa apresentação e algumas horas trabalhando com o moço e o cavalo, Thor havia se sentido satisfeito de que o moço pudesse encarregar-se das necessidades básicas de Sabre.

Planejava continuar com sua rotina diária, trabalhando com o cavalo pelas manhãs cedo. Com o tempo, o garanhão seria tão obediente como tinha sido antes que o maltratassem. Thor pensou no cavalo e nos planos que tinha para o formoso puro sangue. A maioria desses planos dependia das ações que tinha comprado e que a Capital Ventures administrava.

Seus pensamentos se desviaram por um instante para Lindsey e o visconde, mas sacudiu a cabeça para desprezá-los. Agora tinha nas mãos assuntos que não incluíam assassinato... Pelo menos, no momento.

Acionando o pesado trinco de latão, abriu a porta dos escritórios e entrou lentamente no elegante vestíbulo de Capital Ventures. Estava ali para falar com Silas Wilkins sobre as ações da A&H Railway. Queria respostas e, dessa vez, tinha intenção de obtê-las.

O jovem sentado atrás da mesa levantou o olhar para ele, reconheceu-o da vez anterior, e um sorriso apareceu em seu rosto.

-Posso lhe ajudar?

-Vim a falar com o Silas Wilkins.

-Senhor Draugr, verdade?

Thor assentiu com a cabeça.

- Ele está aqui?

-Espere um momento e irei ver se...

-Não é necessário. Irei eu mesmo.

-Mas... Mas você não pode...

-Sim posso.

Thor se dirigiu à porta pela qual o secretário tinha passado na última vez que tinha estado nos escritórios. Girou a maçaneta e entrou com truculência para ver um homem com um escasso cabelo castanho e dividido ao meio, ficando de pé atrás da mesa.

-Senhor Wilkins - Thor disse.

Wilkins lhe dirigiu um sorriso.

-Senhor Draugr. Alegro-me em vê-lo. O que posso fazer por você?

-Vim me informar sobre minhas ações da A&H Railway. Estive lendo o jornal. A ferrovia parece ter um grande êxito, mas não tive notícias de minhas ações.

O sorriso de Wilkins se transformou em uma careta.

-Suas ações do A&H Railway? Não estará se referindo a Alberton & Hollis Railway?

-Sim. Se por acaso esqueceu, investi uma grande quantidade de dinheiro nessa companhia.

Wilkins pigarreou com nervosismo.

-Sim, bem, isso não é de todo exato. A companhia em que você investiu seu dinheiro era uma filial da A&H Railway em Chillingwood. Temo que essa companhia na verdade vai muito mal. De fato, sinto lhe dizer que suas ações quase não têm valor.

A cólera invadiu Thor.

-Eu lhe dei meu dinheiro para comprar ações da A&H Railway, não sei nada dessa filial em Chillingwood.

Wilkins riu nervosamente.

-Bom, possivelmente eu me equivoque. Deveria ir para casa a verificar seus certificados. Se forem originais da A&H Railway...

Thor o imobilizou com um olhar.

-Deveriam ser. Você me vendeu essas ações. Sabia exatamente o que queria comprar quando vim aqui.

Wilkins ocultou uma tossinha com a mão, passeando o olhar entre Thor e a porta, como se desejasse escapar.

-Como já lhe disse, antes de continuarmos discutindo, vá verificar suas ações. Assegure-se de que são as corretas.

-Eu farei isso... Não duvide. E depois voltarei.

Wilkins tentou esboçar um sorriso, mas fracassou miseravelmente. Thor girou sobre seus calcanhares e saiu do escritório. Tinha investido quase todas as suas economias na Alberton & Hollis Railway Line. Quando tinha ido a Capital Ventures não tinha duvidado de qual ações comprar.

Segundo seus cálculos, deveriam ter produzido uma grande quantidade de dinheiro. Não sabia quanto, mas esperava que fosse o suficiente para comprar a propriedade que quisesse. Um terreno grande o suficientemente onde pôr em marcha sua criação de cavalos. Agora que já possuía Sabre, necessitaria de capital para comprar matrizes, para construir estábulos adequados e fazer todos os acertos necessários para que seu negócio tivesse êxito.

Thor fechou o punho. Pelo bem de Wilkins, esperava que as ações que o homem tinha lhe vendido fossem as corretas.

Santo Deus, como sentia falta dele. Apesar de tentar com todas suas forças, Lindsey não podia expulsar Thor de sua mente, ele estava firmemente enraizado ali, e ela não conseguia esquecê-lo.

Queria estar com ele. Jamais tinha querido algo com tanto afinho. Queria ouvir a cadência lenta e profunda de sua voz, deleitar-se com seu suave sorriso, sentir a força de seus poderosos braços ao redor de seu corpo. Jamais havia se sentido tão segura e protegida como quando estava com ele.

Não deixava de dizer a si mesma que era melhor assim, que tinha chegado o momento de seguir com sua vida. Seus pais tinham chegado no dia anterior a Londres, depois de finalizar sua viagem pelo Continente, frenéticos de preocupação por Rudy. Estavam aterrorizados por seu único filho varão, que ainda era suspeito dos assassinatos. Estavam encantados de ver sua filha, é claro, mas como era lógico, Rudy era sua preocupação principal.

Até o momento não se encontrou o assassino de Covent Garden, e Lindsey queria saber onde tinha estado Stephen Camden nas noites dos crimes, mas com exceção de lhe perguntar diretamente, não lhe ocorria outra maneira de averiguá-lo.

Sentou-se diante de sua mesa em *De Coração a Coração*, feliz de estar de volta ao trabalho depois de três semanas no campo. Tinha escrito vários artigos antes de ir. Coralee também tinha escrito alguns em seu lugar enquanto esteve ausente, e Lindsey tinha enviado um artigo sobre a reunião campestre oferecida pela condessa de Ashford em Renhurst Hall.

Por fim estava em casa, de volta ao escritório, escutando o familiar som da enorme imprensa Stanhope que estralava no meio da sala, inalando o aroma de papel e a tinta, escutando Bessie Briggs, que protestava pela perda de uma das peças tipográficas que necessitava para a próxima edição. Alegrava-se de estar de volta, mas depois de tudo o que ocorreu era difícil concentrar-se no trabalho.

Em lugar disso, pensava no visconde e nos assassinatos, enquanto dizia a si mesma que a polícia deveria a essas alturas haver-se dado conta de que Rudy era inocente de qualquer crime, por isso ela podia despreocupar-se de todo esse assunto.

Entretanto, não podia afastar Martha Barker e sua filha desaparecida, Penélope, de seus pensamentos. Simplesmente, não podia deixar as coisas tal como estavam. Tinha que saber se Stephen estava envolvido, se era um assassino, como as notas davam a entender.

Mordeu o lábio inferior, considerando várias maneiras de abordar o assunto. Em seguida lhe ocorreu uma ideia.

O valete de Stephen! O homem que se ocupava das roupas do visconde todas as noites estaria a par de seus movimentos ou, pelo menos, teria alguma ideia.

-Eu posso ver como você vira a cabeça. - Krista estava de pé ao seu lado. Lindsey não a tinha ouvido aproximar-se. - O que aconteceu agora?

-Estava pensando em lorde Merrick e nas notas que recebi. Não posso tirar Penélope Barker e a sua mãe da cabeça.

Lindsey tinha falado a Krista sobre a mensagem que tinha recebido em Renhurst Hall, as acusações contra o visconde e o encontro com Martha Barker.

-E...? - perguntou Krista.

-Bom, me ocorreu que o valete do visconde poderia saber algo sobre seu paradeiro nas noites dos assassinatos. Nem sequer sabemos se Stephen estava em Londres. Provavelmente estava no campo quando se cometeram os assassinatos ou tenha algum álibi que assegure sua inocência. Se pudesse falar com seu valete, pode ser que...

-Então ainda segue indagando, ainda está resolvida a se pôr em perigo.

Seu coração deu um salto, depois palpitou a toda velocidade ante o som da profunda e familiar voz de Thor. Olhou fixamente para aqueles olhos tão azuis e se perguntou se ele saberia quanto tinha sentido falta dele, se saberia o quão profundamente se apaixonou por ele. Seus olhares se encontraram. Durante um instante, as fossas nasais de Thor se alargaram, e ela teve um vislumbre da paixão e do desejo que sempre existiam entre eles.

Imediatamente ele adotou uma expressão neutra e centrou sua atenção em Krista.

-Esta mulher sempre está procurando problemas – ele queixou-se.

Lindsey se dirigiu a Krista seguindo a mesma maneira de proceder de Thor: falar como se ele não estivesse ali.

-Isso não parecia o incomodar quando corri na competição.

Ele apertou a mandíbula. Voltavam a comportar-se da mesma maneira que sempre faziam, discutindo; era a única maneira na qual podiam estar juntos sem tocar-se. Algo que Lindsey agradecia.

-Foi uma estupidez deixar que participasse da corrida - ele disse - É uma mulher e podia ter ficado ferida. Não deveria haver...

-Mas saí ilesa e agora é proprietário de um cavalo muito valioso!

-É a mais...

-Parem. - A voz de Krista destilava autoridade.

Antes de tudo, ela era sua patroa além de sua amiga.

-Discutir não soluciona nada. E não tolerarei que o façam aqui.

Virando-se, dirigiu-se ao seu escritório. Esperou que eles a seguissem para dentro e fechou firmemente a porta.

-Vejam... Lindsey teve uma grande ideia. Por que não enviamos uma nota ao valete de lorde Merrick? Pediremos que se reúna conosco e lhe compensaremos por seu tempo. Diremos que o encontro é de caráter privado e que o mantenha em segredo.

-Se for leal a Merrick, não nos dirá nada - Thor disse.

-Talvez sim - Lindsey concordou - Ou talvez não. Você disse que a maioria dos empregados não gostavam do visconde. - Thor não discutiu. - Também pensei que podíamos falar com o cocheiro. Pode saber algo sobre os movimentos de Merrick nas noites dos crimes.

-Uma ideia excelente - Krista concordou.

Durante os minutos seguintes, bolaram o plano a seguir. Estavam escolhendo o lugar para estabelecer o encontro com o valete quando soou um ligeiro golpe na porta.

Um segundo homem, alto e muito bonito, entrou na sala. Krista dirigiu um sorriso a seu marido e era evidente quão contente estava em vê-lo.

-Pensei que hoje estaria nos cais.

-Um dos homens me disse que meu irmão estava me procurando. Sabia que ele trabalharia aqui hoje. Pensei que seria por causa de algo importante.

Lindsey levantou o olhar para Thor. Pelo movimento de sua mandíbula, podia jurar que o assunto era, certamente, importante.

-Tenho que falar com você de um assunto.

Leif assentiu e apontou com a cabeça as escadas que havia fora do escritório de Krista.

-Vamos ao escritório do professor. Podemos falar ali.

Lindsey observou os dois homens enormes dirigirem-se à porta. Perguntou-se o que Thor queria discutir com seu irmão e desejou que tivessem continuado sendo amigos o suficientemente para que ele não tivesse hesitado em confiar nela.

-O que aconteceu? – Leif perguntou a Thor depois de entrar no escritório do professor e fechar a porta.

-Antes de vir para cá, fui ver Silas Wilkins da Capital Ventures. É o homem que comprou para mim as ações da A&H Railway.

-Sim, eu me lembro.

-Wilkins afirma que as ações que comprei eram de uma filial diferente que não teve tanto êxito. Diz que as ações eram da A&H Railway de Chillingwood. E que quase não tem valor.

Leif endureceu a mandíbula.

-Eu o ajudei com a compra dessas ações. Tudo era completamente legal. Não se mencionava nenhuma filial, nenhuma da qual tivesse comprado ações.

-Fui para casa e examinei os certificados. Parecem os mesmos, mas têm pequenas diferenças, e a palavra Chillingwood aparece no papel. Acho que alguém pegou os certificados originais e pôs uns diferentes em seu lugar.

-Onde você os guardava?

-Em um busto nos pés da minha cama. - Na ilha de onde provinham Leif e ele, os certificados estariam seguros. Deveria haver lhe ocorrido que as coisas seriam diferentes em Londres. Leif amaldiçoou entre os dentes.

-Enfrentou Silas Wilkins?

-Voltei a seu escritório esta manhã. Wilkins não se encontrava ali. Seu secretário me disse que não sabia exatamente quando retornaria.

-É claro. - Leif se dirigiu lentamente à janela - Por Odin, esse homem não vai extorquir seu dinheiro. Trabalhou muito duro para consegui-lo.

Thor apertou os dentes.

-Não tenho a intenção de permitir que me estorça. Vim vê-lo porque você é homem de negócios melhor do que eu. Queria estar seguro de que não me equivoquei.

Leif se aproximou e pôs a mão sobre o ombro de Thor.

-Não se equivocou, irmão. Encontraremos uma maneira de recuperar o dinheiro que investiu e o que ganhou.

Thor só assentiu com a cabeça. Estava furioso com Wilkins e não suportava a traição, mas solucionariam esse problema.

Perder Lindsey era o que mais lhe preocupava.

-Há mais - Leif disse - Eu o vejo em seu olhar. O que aconteceu?

Thor suspirou.

-É Lindsey. Ela terminou tudo entre nós. Finalmente, recuperou a prudência.

-E por que pensa que o que ela quer é o certo para vocês?

Thor se aproximou lentamente da lareira de carvão, embora ali não ardesse nenhum fogo.

-Porque eu também acho, no mais profundo de meu ser, eu sei que ela tem razão. Jamais poderia lhe dar as coisas que ela merece. Não sou o homem que ela necessita, e nunca poderia fazê-la feliz. Mesmo assim... Eu...

-Eu encontrei-me na mesma situação que você, irmão. Perder a mulher que ama não é nada fácil.

Thor voltou a olhar para Leif.

-Eu não disse que a amo.

Leif esboçou um sorriso triste.

-Não tem que fazê-lo. Está em seus olhos cada vez que a olha.

Thor cravou o olhar nos carvões frios da lareira.

-Não é mais que um problema. Eu tenho sorte de haver me livrado dela.

Leif não respondeu, mas quando Thor levantou o olhar para ele, observou em seus olhos um ar de piedade.

Thor não disse mais nada. Nem ele acreditava nessa mentira. Queria Lindsey e sempre iria querê-la, mas já não lhe pertencia e jamais voltaria a ser dele.

Como também sabia que a dor que sentia não desapareceria.

Estiveram com o valete de Stephen, Simón Beale, no bar a Pluma e a Adaga, a só duas quadras da elegante residência do visconde em Grosvenor Square. A promessa de receber dinheiro parecia ter convencido o criado a ir à reunião.

Lindsey se sentou junto de Thor em uma mesa não muito longe da porta, esperando com impaciência, perguntando-se se no final o homem se retrataria e não apareceria. Krista e Leif se sentaram em uma mesa próxima, embora não o suficiente

para levantar suspeitas no homem, e de passagem faziam companhia para Lindsey, agora que seus pais tinham retornado.

É claro que seus pais não tinham ideia de que Thor também estaria com ela. Ficaram horrorizados em pensar que se relacionaria com um homem que não fosse de sua classe social.

Não tinham por que ter se preocupado. Thor se mantinha cuidadosamente distante, exercendo o papel do cavalheiro que não era. Cada minuto que Lindsey passava com ele era uma agonia só superada pelas horas que passava sem ele.

Tentou afastar seus pensamentos dele e centrar-se no assunto que traziam nas mãos.

-Você acredita que Beale virá?

-Você lhe ofereceu uma boa soma de dinheiro - disse Thor - é provável que isso o convença.

-Ainda não sabemos que aspecto tem.

Ela observou o bar sob a tênue luz. Não estava cheio de gente. Situado em um bairro de classe alta, o lugar se encontrava muito limpo, com tetos baixos e as paredes revestidas com brilhantes painéis de carvalho escuro. Só o débil aroma de tabaco indicava que era um lugar frequentado sobretudo por homens.

-Aí está - disse Thor com o olhar cravado em um homem magro e de cabelo negro que nesse momento entrava pela porta principal, que tinha um vitral na parte superior.

Lindsey se inclinou para Thor, olhando fixamente o desconhecido.

-Como você sabe que é ele?

-Porque é o homem que se aproximou de mim em Foxgrove... Que nos enviou para falar com Martha Barker.

-Pensei que poderia ser ele mesmo.

Thor se levantou da cadeira quando o homem de cabelo negro se aproximou. À luz da vela que cintilava no centro da mesa, Lindsey pôde observar os finos fios prateados de suas têmporas.

-Senhor Beale? - Thor perguntou.

O homem deu uma rápida olhada ao redor.

-Simón Beale. - Tinha o rosto magro e um nariz grande, mas seus traços eram agradáveis - Acredito que já nos vimos antes.

Thor curvou ligeiramente a boca, e essa simples careta fez com que Lindsey sentisse um comichão no estômago.

-Sim, já.

Beale se sentou e se fizeram as apresentações pertinentes.

-Seguindo seu conselho, falamos com a senhora Barker - Thor disse - Foi uma conversa interessante.

-Ah, então começaram a dar-se conta do tipo de homem que é Merrick.

-É muito cedo para sabê-lo.

-Possivelmente - disse Beale - Mas acredito que lorde Merrick pode ser o responsável pelos assassinatos dessas mulheres em Covent Garden e pelo desaparecimento de Penélope Barker. Não tenho provas. Esperava que quando lessem as notas, e, considerando que seu irmão se encontra sob suspeita, começariam a indagar por sua conta.

-Como se inteirou de meu irmão?

O homem se remexeu na cadeira e olhou com nervosismo à porta.

-Os rumores se propagam com rapidez entre o pessoal doméstico. Tudo acaba por saber-se.

Uma das garçonetes se aproximou bem nesse momento. Thor pediu uma jarra de cerveja para Beale, e ela a trouxe com rapidez, dirigindo a Thor um sorriso enquanto colocava a jarra sobre a mesa. Lindsey ignorou a pontada de ciúmes que a atravessou. Thor era um homem muito viril. Cedo ou tarde estaria com outra mulher. Tinha que resignar-se com isso, mas, Santo Deus, não queria fazê-lo.

-Estivemos investigando - disse Thor - E até agora não descobrimos nada que relacione Merrick com os fatos.

-Se pensa que ele é o culpado - Lindsey disse - é porque sabe que Stephen estava em Londres nas noites dos assassinatos. Ele saiu de casa em ambas as noites?

-Ele sai frequentemente. - Beale tomou um gole de cerveja - Nessas noites em particular, disse-me que ia ao clube. Ajudei-o a vestir-se da maneira apropriada.

-Deveria nos dizer por que pensa que o visconde é o assassino - ela disse - Está claro que não é só pelo desaparecimento de Penélope Barker.

-Trabalho para lorde Merrick desde que ele era um jovem. Conheço seus hábitos, suas inclinações, melhor que ninguém. Eu sei que frequentou casas de má reputação, embora não estou seguro se ainda o segue fazendo. Sei que, no passado, quando ele retornava para casa depois dessas saídas noturnas, em algumas ocasiões havia sangue em suas roupas.

Lindsey conteve o fôlego. Esse não era o Stephen Camden que ela conhecia!

-Continue - urgiu-o Thor.

-Sei o que fez com Penélope Barker depois que ela comunicou que estava grávida: maltratou-a com o chicote dos cavalos e poderia tê-la matado se nesse momento não tivesse por acaso aparecido um dos criados. Sei que menospreza as mulheres sem princípios, que sente repulsão pelas prostitutas, embora, ao mesmo tempo, sente-se atraído por elas. Uma vez me contou o castigo que tinha infligido a uma prostituta que

ele considerava especialmente pervertida na Red Door. Acredito que o visconde não está em seu juízo, e que em algum momento pode ver-se estimulado a matar.

-Por que não conta tudo isto à polícia? - Thor perguntou.

Beale zombou.

-Sou um criado. Você acredita de verdade que a polícia aceitaria minha palavra contra a de um visconde? E, como já lhes disse, não tenho nenhuma prova que afiance minha história.

-Se acredita que é um assassino, por que continua trabalhando para ele? - Lindsey perguntou.

-Sigo com ele porque quero ver como se faz justiça para Penny. É só o que espero.

Lindsey dirigiu um olhar a Thor e adivinhou os pensamentos que lhe rondavam a cabeça.

-Thor falou com o cocheiro de Merrick. O condutor disse que tinha levado o visconde ao White's nas noites dos dois assassinatos.

-O cocheiro se inteirou das mortes das mulheres no dia seguinte - acrescentou Thor - e se lembrava por esse motivo.

Lindsey se endireitou na cadeira, recordando algo de repente.

-Rudy é membro do White's! Eu lhe direi que pergunte lá, para ver se ele pode descobrir se Stephen esteve ali e se esteve a que hora deixou o clube.

Embora convencer seu irmão não seria uma tarefa fácil. Stephen e ele tinham ido juntos a Oxford. Stephen era quatro anos mais velho e Rudy sempre o tinha admirado. Não havia maneira de que acreditasse que o visconde fosse o assassino.

-Passaram seis meses desde que morreu a primeira mulher - Beale recordou-lhes - duvido muito que lembrem algo disso.

-Pode ser - Lindsey disse - mas não podemos descartar a possibilidade. E não passou muito tempo desde que assassinaram à segunda mulher.

Falaram um pouco mais, misturando diversas possibilidades, analisando algo que pudesse ser de valor para sua busca de provas. No final da reunião, Lindsey deslizou uma bolsa de moedas por cima da mesa para Beale.

Ele esticou uma mão de dedos alargados e a devolveu.

-Eu estava apaixonado por Penélope Barker. Eu penso que era muito velho para ela, mas a amava de qualquer forma. Quero que se faça justiça por ela e pelas demais. Se averiguar alguma coisa mais, me perei em contato com vocês. - Com um último olhar ao seu redor, levantou-se da mesa.

Lindsey o observou atravessar a sala e desaparecer pela porta do bar, tentando encaixar as peças de sua conversa, perguntando-se se realmente era possível que Stephen fosse culpado dos assassinatos. Quando se voltou de novo, sentiu os ferozes olhos azuis de Thor sobre ela, e qualquer pensamento sobre Merrick desapareceu de sua cabeça.

-Thor... - Ante o som de seu nome, a expressão de Thor se tornou reservada, embora não pudesse ocultar um indício de desejo. O coração de Lindsey transbordava de amor por ele - Obrigada... Por vir - ela disse, só para romper o embaraçoso silêncio.

Ele negou com a cabeça, passando uma mão pelo ondulado cabelo escuro.

-Não deveríamos estar juntos, Lindsey. Cada vez que nos vemos eu lembro como era fazer amor contigo. A sensação de seu lindo corpo movendo-se sob o meu, e só posso pensar em tê-la dessa maneira de novo.

Lindsey soltou um gemido afogado. Depois tragou saliva.

-Possivelmente... Possivelmente poderíamos nos encontrar... Só uma vez mais. Possivelmente...

Thor apertou a mandíbula.

-Sabe que nosso tempo junto acabou Lindsey.

Os olhos dela se encheram de lágrimas, e ela afastou o olhar. Acabou-se. Ela mesma tinha posto um ponto final. Fazia o correto ou assim acreditava.

Viu que Leif e Krista se levantavam de sua mesa a uns metros e que se aproximavam deles.

-Vão querer saber o que descobrimos - disse Thor.

-Sim... Claro.

Lindsey disse a si mesma que devia estar agradecida quando seus amigos se sentaram com eles, e Thor começou a lhes informar o que o valete tinha lhes contado. Mas sabia que estava se enganando.

CAPITULO 22

Lindsey dormiu mal essa noite. Seus sonhos estiveram cheios de imagens de Thor, lembranças dos dois rindo juntos, dele montando aquele magnífico garanhão, abraçando-a, beijando-a, fazendo amor com ela.

-É hora de levantar, senhorita.

Ela gemeu incapaz de acreditar que já era de dia. Abriu os olhos lentamente e viu sua jovem criada, Kitty, entrando no quarto.

-Está se sentindo mal, senhorita?

Lindsey raramente dormia até tarde, aquele dia era uma exceção por causa da noite mal dormida.

-Eu estou bem. - Afastou os lençóis e lentamente passou as pernas por cima da borda da cama.

-Sua mãe deseja vê-la. Quer que se reúna com ela assim que termine de tomar o café da manhã, na saleta azul.

-Ela disse o por quê?

-Não, senhorita.

Ela se alongou para aliviar as dores do pescoço, Lindsey se dirigiu para a penteadeira. Depois de derramar um pouco de água da jarra na bacia, lavou o rosto. Sentindo-se um pouco melhor, terminou o chocolate e os pãezinhos que Kitty havia lhe trazido, depois escolheu um vestido de veludo marrom para se proteger do frio do clima de outubro, e já arrumada desceu as escadas.

Sua mãe estava sentada, esperando-a na saleta azul. Com as saias do vestido de seda rosa estendidas ao seu redor e um bastidor para bordar entre as mãos. Deixou-o de lado quando Lindsey se aproximou.

-Bom dia, querida.

-Bom dia, mamãe.

-Dormiu bem? Parece cansada.

-Eu estou bem – ela mentiu.

-Gostaria de tomar uma xícara de chá?

-Sim, obrigado.

Lady Renhurst era uma mulher atraente que rondava os quarenta, com um espesso cabelo mais escuro que o de Lindsey, ligeiramente salpicado de cinza. Elas tinham uma constituição similar, ambas eram altas e magras, embora sua mãe parecesse ter engordado um pouco durante sua estadia no Continente. Lady Renhurst despejou um pouco de chá de canela em duas xícaras de porcelana com bordas douradas e em seguida colocou uma xícara com seu respectivo pires na mesa diante de Lindsey. Sua mãe parecia não ter pressa para começar a debater aquilo tão importante que queria falar com ela, mas Lindsey jamais tinha sido das que perdia o tempo.

-A senhora queria me ver. Tem algo a ver com Rudy? - Segurou uma pinça de prata, pegou um torrão de açúcar e o jogou em sua xícara.

-Seu irmão tem um monte de problemas. Mas isto não tem nada a ver com ele, querida, a não ser contigo, trata-se de você e de futuro.

Lindsey sentiu uma pontada de alarme. Nervosa, esquivou o olhar de sua mãe, acrescentando um torrão a mais de açúcar e mexendo-o sem pausa até que se dissolveu por completo.

Sua mãe a observou fixamente com um olhar perspicaz.

-Já vejo que ainda segue querendo evitar o tema. Infelizmente, seu pai e eu abandonamos nossa responsabilidade por mais tempo do que deveríamos. Assim, agora vamos tomar medidas sobre o assunto.

Lindsey tomou um gole de chá.

-Eu receio não estar entendendo.

-Bem, mas eu acho que sim, mas apenas no caso, não virei com rodeios. Chegou o momento de que se case querida. Tem vinte e dois anos. Usufruiu por muito tempo de sua juventude. É o momento de pensar no futuro.

Lindsey sentiu um golpe no estômago. Não estava preparada para essa conversa.

-Eu gosto das coisas tal como estão, mamãe. Tenho um trabalho que eu gosto. Tenho meus amigos, e uma vida própria.

-Ainda vive em nossa casa, querida. É tempo de que isso mude.

-Papai e você quase nunca estão em Londres. Eu não acredito que os incomode.

-É claro que não nos incomoda! Esta é sua casa. Mas as coisas não podem seguir assim para sempre. Por acaso não deseja ter filhos? Você não gostaria de ter sua própria família?

Tinha havido um tempo em que ela não teria certeza. Mas agora tudo tinha mudado. Desde que conheceu Thor, tinha descoberto um monte de coisas sobre si mesma. Queria casar-se e ter filhos. Mas em sua cabeça só aparecia o formoso rosto de Thor.

Ela gostaria que ele pudesse ser o homem de sua vida.

Sentiu um nó na garganta.

-É evidente que quero ter essas coisas... Algum dia.

-Esse é a essência da questão, querida. Se esperar mais, pode perder todas essas coisas que deseja. Agora está na flor da vida. Agora é o momento de agir. Seu pai e eu

discutimos muito sobre isso. Acreditamos que chegou o momento de que aceite uma proposta matrimonial e que comece a pensar no futuro.

-Isso está muito bem, mamãe, mas se por acaso não se deu conta, não recebi nenhuma proposta de matrimônio.

Sua mãe sorriu.

-Não se preocupe querida. Seu pai e eu estivemos fazendo algumas averiguações e encontramos alguns pretendentes interessados. Só tem que escolher o que você goste mais.

Lindsey sentiu um nó no estômago.

-Não posso acreditar nisso. Você está dizendo que escolheram o homem com o qual devo me casar.

-É claro que não. Só elaboramos uma lista de homens adequados, todos os quais expressaram seu interesse em arrumar umas bodas.

Isso não podia estar ocorrendo.

-Quantos há?

-Três até o momento. É provável que possamos incluir mais um par deles se não se sentir interessada por nenhum destes três jovens, mas eu acho que não terá nenhum problema com os candidatos escolhidos.

Isso era uma loucura. Lindsey era uma mulher independente... Quase sempre. Não necessitava que seus pais escolhessem seu futuro marido.

-Eu aprecio seu interesse, de verdade. -Tentou sorrir, mas tinha os lábios rígidos e insensíveis - Mas ainda não estou preparada para me casar.

Sua mãe colocou o pires sobre a mesa com força suficiente para fazer vibrar sua própria xícara.

-Talvez eu não tenha me expressado com suficiente clareza. Como é nossa filha, é nossa obrigação nos preocupar com seu bem-estar, e acreditamos que agora é o melhor momento para que se case. Embora saibamos que nunca se aproveitou de nossa generosidade, se optar por não se casar com nenhum dos homens que escolhemos para você teremos que te pedir que deixe esta casa, e já não será bem recebida em nosso lar.

Lindsey só ficou sentada ali em silêncio.

-Eu percebo que isto a pegou de surpresa, mas possivelmente, quando apreciar quem escolhemos... – ela interrompeu-se, esticou o braço, e pegou uma folha de papel que tinha deixado do lado dela, no sofá - Estes são os nomes dos homens com os quais seu pai entrevistou. Todos se mostraram entusiasmados perante a ideia de convertê-la em sua esposa.

Nesse momento Lindsey se sentiu invadida por uma mistura de vergonha e cólera.

-Não posso acreditar que papai tenha feito tal coisa! Esses homens devem pensar que estou desesperada. Devem achar que não sou capaz de encontrar um marido por mim mesma!

-Não, é claro que não - sua mãe tranquilizou-a - É uma jovem preciosa e filha de um barão. Todos se sentiram lisonjeados de que os tivéssemos em conta como seu futuro marido.

A mão Lindsey tremeu quando estendeu o braço para pegar a lista. Baixou a vista e leu os nomes.

«William Johnston, Conde de Vardon.» Lindsey tinha dançado com o conde em numerosas ocasiões. Sempre tinha se mostrado atento e encantador, embora jamais tivesse captado seu interesse. Sua inclinação por ela era de esperar. Aquele homem tinha dinheiro e posição social. Mas Lindsey não sentia o menor interesse nele.

-Vardon seria um excelente partido - sua mãe disse - embora sua tia parecesse pensar que talvez preferisse Michael Harvey.

O olhar resignado de Lindsey caiu sobre o segundo nome da lista. Santo Céu, seu pai tinha falado com o tenente Harvey? Tinha alardeado sua linhagem diante dele, com a segurança de que o matrimônio com a filha de um aristocrata ajudaria sua carreira? Tendo em conta que Rudy continuava sendo um suspeito, era assombroso que Michael tivesse sequer considerado a ideia do matrimônio, sem se importar com os benefícios que isso pudesse lhe trazer.

-O senhor Harvey não tem nem a fortuna nem o título de Vardon, mas está muito bem relacionado sendo seu tio um duque e tudo isso.

-Seu tio-avô – ela a corrigiu.

-Sim, e pelo que averiguamos, está muito bem situado economicamente. Seu pai herdou uma grande quantidade de dinheiro e Michael é o herdeiro da fortuna. Poderá te proporcionar uma boa posição e se, como diz sua tia, é mais de seu agrado...

Os olhos de Lindsey arregalaram em consequência do terceiro nome da lista.

-Stephen Camden? Ele falou com Stephen sobre um futuro matrimônio comigo?

-Ele é solteiro. Necessita um herdeiro e os dois se dão bem. Suas propriedades limitam com as nossas, e nossas famílias são amigas há muito tempo. Foi Stephen quem falou conosco. É óbvio, que nenhum destes homens sabe que falamos com os outros, assim devemos ser precavidos na hora de lidar com todo este assunto.

Lindsey ficou olhando fixamente a lista.

-Não posso... Não posso acreditar nisso.

-Talvez não, mas como vê, seu pai e eu falamos realmente a sério. Você pode tomar seu tempo, é claro. Queremos que seja feliz seja qual for sua escolha. E, como disse, acreditamos que podemos acrescentar mais um par de nomes à lista no caso de que esses três sejam inaceitáveis.

Lindsey não disse nada. Não podia acreditar que seus pais a vendessem como se fosse uma cabeça de gado, uma esposa com a linhagem adequada de acordo com os desejos de seu futuro marido.

Lindsey elevou a cabeça e olhou sua mãe diretamente nos olhos.

-Isto é muito inesperado. Necessito de um tempo para considerar a ideia.

-Isso era de se esperar.

Lindsey deixou a xícara e o pires sobre a mesa e ficou de pé.

-Eu tenho algumas coisas para fazer. Se me desculpar, mãe.

-É óbvio, querida.

Lindsey abandonou a saleta como se tivesse as pernas de madeira. Subiu as escadas, entrou em seu dormitório e fechou a porta.

Seus pais estavam decididos em casá-la. Não deveria ter lhe surpreendido, mas mesmo assim tinha. Mas também sabia que esse dia chegaria, que não poderia viver para sempre com seus pais, que se quisesse continuar com o tipo de vida com o qual estava acostumada teria que casar-se.

Era estranho, mas a ideia do matrimônio já não lhe parecia tão desagradável. Já fazia alguns meses, que a ideia de formar uma família, de ter filhos e uma casa própria, tinha rondado sua mente. O problema era que o homem com o qual desejava casar-se não estava na lista de seus pais. Não tinha fortuna. Não tinha um lugar na sociedade em que seus pais e ela viviam.

Lindsey tentou se ver casada com o corado lorde Vardon; ele não só era pouco atraente, mas também era vinte anos mais velho e estava gorducho.

Pensou no tenente Harvey. Michael era um homem atraente e encantador, mas seu trabalho sempre viria em primeiro lugar; além disso, não estava apaixonada por ele nem nunca estaria.

Pela primeira vez, deu-se conta de que só havia um homem que queria. De que nunca iria querer outro que não fosse ele.

Amava Thor Draugr e não se importava que não tivesse dinheiro nem que fosse diferente dos outros homens. Queria que ele fosse seu marido, que fosse o pai de seus filhos.

Em lugar da preocupação ou do temor que esperava sentir ao olhar a lista de seus pais, Lindsey sentiu um arrebatamento de alegria. Jamais tinha sido boa cumprindo ordens... Entretanto, agora acabava de decidir que aceitaria o decreto de seus pais.

Queriam que se casasse... Pois então, casaria!

Mas seria com o homem que ela queria.

Na manhã seguinte, os pensamentos de Lindsey giravam em torno de Thor... Assim como tinha sido a maior parte da noite. Tinha tentado uma e outra vez conceber a melhor maneira de aproximar-se dele. Estava certa de que ele concordaria em casar com ela. A consciência dele doía por fazer amor com ela sem estarem casados. Sem dúvida, para ele seria um dever.

Ela ponderou essa ideia. E se ele se casasse com ela por obrigação? E se realmente não a amasse?

Enquanto descia as escadas para a sala do café da manhã, Lindsey afastou essa ideia de sua mente. Thor a amava. Ela estava segura... Bem, quase segura. E se não a amasse, assim que estivessem casados perceberia o quanto ela o amava, e certamente lhe devolveria esse amor.

E ela tinha descoberto que - contra tudo o que acreditava- os dois se entendiam muito bem. O caráter suave e prudente de Thor se complementava com sua natureza mais impulsiva. Os dois gostavam dos cavalos e do campo. Ele podia ser teimoso e

exigente, sim, mas ela sempre tinha tido a tendência de subjugar e espantar os homens de seu ambiente social. Thor jamais permitiria tal coisa.

Ela sorriu para si mesma enquanto percorria o comprido corredor e abria a porta da sala do café da manhã; uma sala ensolarada que dava para o jardim. A sala só contava com a presença de Rudy, que estava sentado em uma cadeira de encosto alto, comendo ovos com salsichas que se serviu das fumegantes travessas prateadas dispostas no aparador.

-Bom dia, irmãzinha.

Sorriu-lhe, mas seu nariz seguiu enterrado na edição matutina do London Time.

-Bom dia.

Lindsey se encaminhou ao aparador, levantou a tampa prateada de uma das travessas e se serviu de uma colherada de ovos em um prato.

Pensando que esse era um bom momento para falar com seu irmão sobre Stephen Camden, sentou-se com ele à mesa. Um lacaios lhe serviu uma xícara de chá e bebeu um gole com o olhar fixo no jovem imerso na leitura do jornal. Tinha o cabelo loiro despenteado e parecia um pouco cansado, mas não desalinhado nem com olheiras como normalmente ficava depois de uma noite de farra.

-Saiu ontem de noite? – ela perguntou-lhe, mordiscando um pãozinho.

Rudy deu de ombros.

-Sim, mas não até muito tarde. Fui um pouco ao clube, e depois passei pelo Faisão Dourado para jogar umas mãos de cartas.

Ela se deteve quando levava a xícara de chá à boca. O Faisão Dourado.

Já imaginava que não ia poder mantê-lo afastado de Covent Garden para sempre. Era, depois de tudo, um dos principais centros de entretenimento de Londres.

-Eu achava que tinha decidido deixar os jogos de azar.

Desde a detenção e nos dias que tinha passado na prisão, parecia um pouco mais amadurecido e menos inclinado à autodestruição. Esperava que a volta à cidade não tivesse mudado isso.

-Não se preocupe irmãzinha. Joguei um pouco, mas só por diversão. Não sou tão estúpido como pensa. Sei que tenho responsabilidades, não vou fugir.

Ela lhe dirigiu um sorriso cheio de alívio e aprovação.

-Muito bom. - Ela deu umas poucas mordidas em seu café da manhã e bebeu um pouco mais de chá, pensando que ele tinha preparado o caminho para abordar a questão - mencionou o clube. Acredito que Stephen Camden é sócio. Viu-o alguma vez lá?

Rudy engoliu um pedaço de salsicha.

-Ele geralmente vai muito lá. É uma espécie de segunda casa para ele quando está na cidade.

-Eu acredito que ele agora está em Londres. Disse que retornaria quando estivermos em Merrick Park.

-Está aqui. Eu o vi ontem à noite.

Ela tentou dissimular seu interesse, brincou com os ovos no prato e a seguir comeu um bocado.

-Você consegue se lembrar se foi no clube na noite em que assassinaram Phoebe Carter?

Ele levantou o olhar.

-Eu estive ali... Um pouco. Mal me recordo de algo daquela noite.

-Lembra se Stephen estava no White's essa noite?

Ele elevou a cabeça de repente e a observou atentamente.

-Sim, estava ali. Eu o vi naquela noite. Mas como já disse mal me lembro de algo, mas sei sim que ele esteve no clube.

-Sabe por acaso a que hora saiu, ou para onde poderia ter ido depois de deixar o clube?

O olhar de Rudy se aguçou ante a suspeita.

-Por que esse repentino interesse em Merrick? E o que tem tudo isto a ver com Phoebe Carter?

Lindsey exalou um suspiro.

-Existe a possibilidade de que Stephen esteja envolvido de algum jeito nos assassinatos de Covent Garden.

-Do que está falando?

-Quando estivemos em Renhurst ouvi rumores, intrigas que vinculavam Stephen com o assassinato de uma jovem chamada Penélope Barker. Os rumores também o relacionam com as mulheres assassinadas em Covent Garden.

Rudy tirou bruscamente o guardanapo de linho branco do colo e o deixou de repente sobre a mesa.

-Rumores. Fofocas, isso é o que são. Merrick é o herdeiro de um marquês, pelo amor de Deus, e, além disso, visconde. É meu amigo e sei que seria incapaz de assassinar alguém. O que está acontecendo, irmãzinha? Viu o nome de Stephen na lista de mamãe e está tentando desprestigiá-lo?

-Isto não tem nada a ver com a lista de mamãe.

Rudy empurrou a cadeira para trás e ficou de pé.

-Stephen e eu fomos juntos à universidade. Somos amigos há anos. Sei que tipo de homem ele é e você também sabe. Deveria ter vergonha.

Fulminando-a com o olhar, voltou-se e saiu da sala, deixando o café da manhã quase intacto.

Maldição. Deveria ter imaginado que seu irmão defenderia Merrick. Sempre tinha admirado Stephen. Ao menos, agora sabia que o visconde tinha ido ao clube, como havia dito o cocheiro, na noite do último assassinato.

Mas a que hora tinha saído dali? Aonde tinha ido após deixar o clube?

CAPITULO 23

O escritório fervia de atividades. O fim de semana se aproximava, a imprensa Stanhope estralava, imprimindo as cópias da edição seguinte. Lindsey estava sentada em sua mesa e se remexia nervosa na cadeira, embora já tivesse entregado seu artigo semanal. Estava ali para ver Thor. Precisava falar com ele, lhe contar à conversa que tinha tido com sua mãe e convencê-lo a se casar com ela.

A porta principal se abriu, deixando passar um brilho de luz solar acompanhado do som de umas botas pesadas no chão de madeira. Seu coração deu um salto ante a imagem de Thor enchendo a soleira, seu cabelo quase negro estava ligeiramente despenteado pela brisa. Curvou a cabeça e entrou no escritório, e Lindsey se levantou de sua cadeira como se asas invisíveis a elevassem. Dirigiu-se para ele, detendo-se no meio do caminho.

O olhar de Thor procurou o dela, e Lindsey sentiu um rombo no estômago e um calafrio provocado pelos nervos.

-Krista me disse que você trabalharia aqui hoje. Esperava... Humm esperava... Queria falar com você sobre um assunto.

-Como quiser. Vamos lá em cima.

Ela desviou o olhar. Estava difícil sustentar seu olhar e ele parecia ter a intenção de manter a distância. Como ela pode imaginar que aquilo seria fácil?

-Eu falei com Krista. Perguntei-lhe se podíamos sair um pouco mais cedo. Pensei que poderíamos dar um passeio pelo parque.

O Green Park não estava longe. Fazia um dia surpreendentemente quente para o final do ano, e ela não acreditava que fosse conveniente discutir esse assunto no escritório, e muito menos em um restaurante ou uma cafeteria.

Além disso, o apartamento de Thor não ficava muito longe do parque. Se ele aceitasse casar-se com ela, possivelmente poderiam selar o pacto fazendo amor. O mero pensamento a fez sentir um formigamento no estômago.

Thor a olhou fixamente.

-Você tem notícias de Merrick?

-Não, eu... Eu quero falar sobre nós, Thor.

Ele negou com a cabeça.

-Eu não acredito que seja uma boa ideia que fiquemos juntos. Já lhe disse isso antes.

-Talvez você mude de ideia se ouvir o que tenho a lhe dizer.

Depois de ter tomado a decisão, Lindsey tinha tido muito tempo para pensar. O dinheiro não era tão importante. Thor trabalhava duro; Lindsey também trabalharia em *De Coração a Coração*, e, além disso, dispunha de um modesto pagamento mensal que tinha herdado de sua avó. Poderiam arrumar-se.

A sociedade tampouco era tão importante. Poderiam economizar o suficiente para comprar uma pequena propriedade no campo. Thor gostava de viver no campo, e ela também. Thor possuía um magnífico garanhão. Uma vez que o cavalo estivesse completamente domado, Sabre se converteria em um garanhão muito valioso, e com o tempo poderia gerar seus próprios potros. Lindsey não necessitava dos eventos sociais para ser feliz. Uma vez que estivesse com Thor, o resto não tinha importância.

-Sairei as quatro e a esperarei na esquina - disse ele - Então escutarei o que tenha para me dizer. Isso será tudo.

Lindsey assentiu com a cabeça.

Thor estava cansado dessa relação ilícita assim como ela. Mal podia esperar para ver qual seria sua reação quando lhe pedisse que se casasse com ela.

Lindsey trabalhou em seu escritório toda a tarde, transcrevendo as notas que tinha tomado para seu seguinte artigo de sua coluna «O batimento de seu coração», tornava difícil concentrar-se. Os ponteiros do relógio pareciam congelados em seu lugar e cada vez que os olhava, as horas pareciam passar com muita lentidão.

Quando por fim deram as quatro, Thor abandonou silenciosamente o escritório e desapareceu pela porta. Lindsey deixou Bessie preparando o layout e Gerald Bonner e ao seu jovem aprendiz, Freddie Wilkes, trabalhando na seguinte edição. Depois de despedir-se de Krista, Lindsey pegou sua capa de lã do cabideiro de latão e se dirigiu à porta.

Estava um bom dia para dar um passeio. O sol brilhava no céu e a temperatura era agradável apesar da brisa fresca que agitava a parte de baixo da capa e das nuvens que começavam a apinhar-se no horizonte.

-Aproxima-se uma tormenta - Thor disse, caminhando ao seu lado - Talvez devêssemos falar outro dia.

-Tenho que falar com você hoje. Além disso, a tormenta ainda está longe. O que tenho para te dizer é importante, e não me levará muito tempo.

Ele assentiu com a cabeça, estendeu a mão e lhe pôs o capuz para protegê-la da brisa, depois pegou sua mão e a guiou para o parque. Chegaram a um bonito lugar ao lado de um lago pequeno e tranquilo e se sentaram no banco de madeira que havia na frente.

Thor se virou para ela e Lindsey observou que a sombra da barba começava a escurecer sua mandíbula. Queria passar os dedos sobre a superfície áspera, queria inclinar a cabeça e pressionar os lábios contra a covinha de seu queixo.

-Do que queria falar?

Lindsey banuiu aqueles pensamentos de sua mente e respirou fundo para tranquilizar-se.

-Faz uns dias, minha mãe veio falar comigo. Meus pais acreditam que chegou o momento para que eu me case. - Thor esticou os ombros, mas não fez comentário algum. - Meus pais falaram com vários homens que consideram adequados para mim e...

-Eles vão escolher um marido para você?

-É uma prática comum nas classes altas.

Ele assentiu com a cabeça.

-Também o é onde eu nasci.

-Nunca tive certeza se desejava me casar, ao menos até que o conheci. - Lindsey desejou que ele dissesse algo que facilitasse as coisas, mas não o fez - O que tento dizer é que não quero me casar com nenhum cavalheiro adequado que meus pais tenham escolhido para mim. Quero me casar com você, Thor. Estou apaixonada por você.

Os olhos masculinos se arregalaram pela surpresa. Cravou o olhar nela como se Lindsey tivesse perdido o juízo.

-Como te ocorreu pensar que poderia se casar comigo? Não tenho fortuna, nem título. Meu futuro é tão incerto que não posso ter uma esposa... Nenhuma esposa... E especialmente uma como você.

-O dinheiro não é tão importante quando se ama alguém...

-Não diga que me ama.

-Por que não? Você sabe muito bem que é verdade.

-Sei que não pensa com clareza. Não podemos nos casar. É algo que sabíamos desde o começo.

O coração de Lindsey começou a pulsar com força. Tinha pensado que ele resistiria à ideia no princípio, mas só até que entendesse seu raciocínio. Tinha pensado que, assim que o fizesse, desejaria casar-se com ela. Ergueu-se rigidamente sobre o banco de madeira.

-Temos que nos casar Thor. Tomou minha inocência. É seu dever se casar comigo.

Ela examinou o rosto de Thor, mas sua expressão era insondável.

-Me escute, Lindsey. Você sabe que não podemos nos casar. Não sou o homem adequado para você. Nunca fui.

-Mas...

-Não nos faça isto. Não faça as coisas mais difíceis do que já são.

Ela tragou saliva, começando a preocupar-se de verdade.

-Pensei que queria se casar comigo. Pensei que queria me converter em sua esposa.

Thor afastou o olhar. Quando voltou a pousá-lo sobre ela, seus olhos estavam escuros e turbulentos, cheios de uma emoção que ela não podia definir. Levantando do banco, Thor se aproximou do lago e parou de costas para ela, com as pernas separadas enquanto olhava sem ver a água. Um par de patos sulcava a superfície, a cabeça verde do macho brilhava sob os últimos raios de sol, mas Thor não parecia vê-los.

Lindsey conteve o fôlego, rezando para que ele se desse conta de que ela tinha razão, de que pertenciam um ao outro sem se importar com quais obstáculos pudessem encontrar no caminho.

Mas, quando ele se virou e voltou para onde ela estava, suas feições pareciam estar esculpidas em granito.

-Você pensa que tenho obrigação de me casar contigo, mas você mesma me disse que não era virgem. Só tomei o que você me entregou por vontade própria. Agora o nega?

Lindsey sentiu como se tenazes ardentes retorcessem seu coração.

-Não, não posso negá-lo. Não era... Não era virgem. Você mesmo disse que não importava.

A mandíbula de Thor se endureceu ainda mais.

-Não sou o homem adequado para você. Necessita outro tipo de homem, um cavalheiro, algo que eu nunca serei.

O pânico a deixou sem respiração.

-Isso não importa, Thor. Eu te amo. Quero que fiquemos juntos.

Thor se inclinou para ela, com um ar feroz em seus olhos azuis.

-Será que não entende? Eu já a possuí. Eu gostei de poder desfrutar de seu corpo formoso, mas já me cansei de você. Não sou homem de uma só mulher. Sabe. Faça o que sua família ache mais conveniente para você. Se case com o homem que seu pai escolheu.

Lindsey não podia respirar. Seus olhos se encheram de lágrimas.

-Thor... Não fala sério. Só diz isso porque acha que é o melhor para mim.

-E é o melhor para você. O melhor para nós dois.

Ajudou-a a se levantar do banco para levá-la de volta ao escritório. A carruagem estava esperando. Lindsey lutava por conter as lágrimas quando Thor abriu a portinhola e a empurrou para o interior.

-Seu futuro está claro. O meu ainda não está resolvido.

Ela cravou os olhos nele através da janela.

-Preciso saber a verdade... Seriamente deseja outras mulheres?

Thor encolheu os ombros.

-O nosso relacionamento foi bom. Ambos desfrutamos. Mas sou um homem com fortes apetites. Você sabe, Lindsey.

Ela se reclinou no assento, fechando os olhos para não vê-lo. Doía-lhe o coração; ele o tinha quebrado em mil pedaços. Quando a carruagem se colocou em marcha, suas lágrimas escorregavam pelas bochechas. Como podia haver se equivocado tanto? Como não se deu conta antes?

Uma nova dor lhe cravou no coração... Pelo amor que nunca tinha tido de verdade e pelos sonhos que tinha perdido. Lindsey começou a chorar.

Dois dias mais tarde, Thor se encontrava diante dos escritórios da Capital Ventures, golpeando a porta com ferocidade. A dor e a fúria o percorriam dos pés a cabeça, inflamando seu temperamento até que mal podia ver. Wilkins o tinha extorquido...

Mas não tinha sido só o dinheiro o que o tinha obrigado a rechaçar Lindsey. Havia-lhe dito a verdade. Não era o homem que ela necessitava e jamais o seria.

Seus punhos voltaram a bater contra a porta até que, finalmente, abriu-se. O jovem secretário loiro apareceu na soleira com os olhos cheios de medo.

-Onde está? - Inquiriu Thor - Onde está Wilkins?

O moço tragou saliva.

-Lamento lhe dizer que não está aqui. Não sei quando retorna.

Thor estendeu a mão e agarrando ao jovem pelas lapelas da jaqueta marrom de tweed, elevou-o no ar.

-Onde está?

-Não posso... Não posso dizer-lhe. - Thor o sacudiu com força. - Tem uma casa em Kent. Foi para lá um dia depois de que você veio da última vez.

-Me diga onde se encontra esse lugar.

O jovem soltou a queima roupa o endereço de uma casa de campo nos limites de um povoado chamado Westerly. Thor o soltou, e o jovem secretário caiu sobre seu traseiro.

-Por favor, não lhe diga que eu falei.

Thor grunhiu.

-Não tenho intenção de conversar com ele. - Só ia recuperar seu dinheiro e ir-se.

-Se não necessitasse do trabalho, eu o deixaria - disse o moço - Wilkins não é um homem honrado.

Thor só assentiu com a cabeça. Wilkins era um enganador. Tinha roubado umas ações valiosas e as tinha substituído por papéis sem valor.

Depois de se virar, desceu as escadas e desapareceu rua abaixo. Desde a conversa com Lindsey, a fúria era sua companheira constante. Tinha-lhe mentido, desdenhado o amor que ela acreditava sentir por ele e lhe feito mal de propósito. Aquilo era o último que queria fazer.

À medida que se aproximava de seu apartamento, sua cólera foi desvanecendo-se lentamente, deixando-o emocionalmente esgotado. Conseguiria seu dinheiro - disso não tinha dúvida - mas jamais teria Lindsey.

Subir as escadas lhe pareceu uma tarefa hercúlea; abrir a porta lhe custou cada grama de força. Tinha destruído qualquer sentimento que Lindsey tinha acreditado ter por ele, e ao fazê-lo, tinha destruído parte de si mesmo. O coração doía como nunca o tinha feito antes. Seu irmão tinha razão. Estava apaixonado por ela.

Olhando em retrospectiva, deu-se conta de que a tinha amado inclusive antes de vê-la nos caminhos e colinas de Renhurst, saltando obstáculos com a mesma habilidade

que um homem, como uma Valquíria, uma poderosa e forte guerreira viking, a mulher perfeita para um chefe viking.

Com muito prazer, daria a vida por ela, e, ao dizer às coisas que havia lhe dito, isso era exatamente o que tinha feito.

Havia uma luz trêmula na saleta de seu apartamento.

-Como pode?

Voltou à cabeça para a voz feminina que o espreitava nas sombras. Em uma cadeira ao lado do sofá, Krista se inclinou para frente, seu belo rosto ficou iluminado pela débil luz da luz do canto.

-Como pode lhe dizer essas coisas tão terríveis?

Ele se deixou cair no sofá em frente a ela.

-Não tive alternativa.

Krista se levantou da cadeira.

-Como não teve alternativa? Como não teve alternativa! Destroçou-a, Thor. Você partiu seu coração em mil pedaços e não acredito que volte a ser a mesma jamais.

-Ela irá se casar com o cavalheiro adequado. Terá a vida que merece.

-É um tolo, Thor Draugr. Nunca imaginei quão tolo podia chegar a ser.

Thor sentiu um nó na garganta. Havia dito a si mesmo essas mesmas palavras.

-Jamais poderia fazê-la feliz. Somos muito diferentes.

Krista se precipitou sobre ele do outro extremo do quarto.

-Por acaso você acha que se casar com outro homem a fará feliz? Ela o ama. Jamais será feliz com outro homem. Nunca o faria, e você tampouco. Está tão cego que não o vê?

-Está dizendo que deveria me casar com ela?

-É claro! - deixou-se cair de joelhos diante dele e pegou sua mão. A de Krista estava quente, a dele gelada, igual ao nó que sentia no peito e que não era outra coisa a não ser seu coração - Sei que a ama - Krista disse – E, precisamente por isso, encontrará a maneira de fazê-la feliz.

Durante um instante, a esperança renasceu no interior de Thor. Poderiam as coisas funcionar entre eles? Ele poderia fazê-la realmente feliz?

Mas esse sopro de esperança se desvaneceu com a mesma rapidez que chegou. Lindsey necessitava um cavalheiro, um homem de sua classe social.

-Você pensou no que poderia ocorrer se eu a deixasse grávida? A poção que ela toma a protegeu até agora, mas se estivéssemos casados, cedo ou tarde minha semente enraizaria em seu ventre.

-E...?

-Lindsey é muito miúda para poder ter um bebê de um homem de meu tamanho.

Krista riu dele.

-Não seja ridículo. O corpo de uma mulher se adapta para manter um bebê em seu interior. E se por acaso não o notou, Lindsey tem quadris femininos e arredondados, não são tão estreitos para causar problemas. Além disso, essas decisões correspondem a Deus, não a você.

Ele sentiu um alívio instantâneo. Ao menos sua relação não a tinha posto em perigo.

-Eu a magoei - ele disse - não sei o que posso fazer.

-Bom, pois eu sim. Pode falar com ela, lhe dizer que não queria falar essas coisas. Diga-lhe que a ama e que quer se casar com ela.

Thor levantou o olhar para Krista, desejando poder fazer o que dizia, mas sabia que não podia.

-Devo fazer o que acredito que é mais conveniente para Lindsey. Não sou o homem adequado para ela.

-É sua alma gêmea! Pertence-te! Por acaso é capaz de negá-lo?

Thor não disse nada.

Krista soltou um bufo de frustração, deu-lhe as costas e se dirigiu à porta.

-Reflita sobre o que te disse. E não espere muito tempo. Lindsey acha que não a quer. Eu acredito que se casará com quem seus pais escolham para ela. - Abriu a porta de um puxão. - Um deles é Stephen Camden. Talvez ache que ele a fará mais feliz que você.

Krista saiu dando uma portada, deixando-o a sós com seu sofrimento.

«Camden.»

Sabia que Lindsey jamais se casaria com um homem que poderia ser um assassino, um homem conhecido por sua crueldade com as mulheres. Mesmo assim, algo estava claro. Quem podia dizer quem faria Lindsey mais feliz? Só estava seguro de que ele daria o melhor de si mesmo.

Mas mesmo que quisesse desfazer a confusão que tinha causado, não estava certo de poder fazê-lo.

Conhecia Lindsey muito bem. Depois do que havia lhe dito e de como a tinha machucado, Lindsey nunca voltaria a confiar nele. E jamais o perdoaria.

CAPITULO 24

Com a desculpa de não encontrar-se bem, Lindsey permaneceu em sua casa assim como tinha estado fazendo no dia anterior e nos anteriores a este.

Preocupada com sua amiga, Krista tinha passado em sua casa no primeiro dia e foi quando Lindsey lhe tinha contado os admiráveis acontecimentos.

-Pensei... Acreditei que quereria casar-se comigo - Lindsey tinha-lhe contado contendo a vontade de chorar - Meu Deus, que tola eu fui.

-Ele te ama, Lindsey, não importa o que disse. Mas ele acredita que um matrimônio entre vocês não funcionaria.

-Você não viu seu rosto. Ele deseja outras mulheres, quer que elas o façam feliz. Isso é o que me disse. E Thor não mente.

Krista não a tinha pressionado mais. Não tinha sentido discutir algo que não podia mudar.

Thor não pensava em casar-se com ela.

Para piorar, sua mãe a pressionava para que escolhesse entre os homens da lista.

O golpe na porta anunciou a chegada de sua mãe, que voltava a visitá-la essa manhã. Sorriu-lhe enquanto se dirigia a sua cama.

-Como se encontra, querida?

Lindsey afastou o olhar com ar de culpa. Era uma covarde e sabia. Mesmo assim, não estava preparada para abandonar a segurança de seu dormitório.

-Estou certa de que ficarei bem em uns dias.

Sua mãe pôs a mão na testa para ver se tinha febre.

-Não está quente.

-Eu já disse que ficarei bem. O mais provável é que seja uma febre passageira.

Em lugar de ir, sua mãe se sentou em uma cadeira ao lado da cama.

-Você está há vários dias metida em casa, tomou alguma decisão com respeito ao tema do matrimônio?

Lindsey deu de ombros. Agora que conhecia os verdadeiros sentimentos de Thor, não lhe importava com quem se casasse.

-Inclino-me mais pelo tenente Harvey. Parece-me um homem muito agradável.

Os olhos de sua mãe se arregalaram de alegria.

-Estupendo! O tenente me parece uma escolha excelente. Farão um bom par. Tanto seu pai como eu nos sentimos muito impressionados com ele.

Lindsey sentiu uma pressão no peito.

-Primeiro preciso conhecê-lo melhor, mamãe. Tenho que passar mais tempo com ele para estar certa.

-É claro, querida... Isso se subentende.

-Infelizmente, neste momento não me encontro bem o suficientemente para circular na sociedade.

Sua mãe lhe sorriu e deu um tapinha na bochecha.

-É óbvio que não. Não faremos planos até que esteja recuperada por completo. O tenente Harvey deverá vê-la em seu melhor momento.

Com um sorriso triunfal no rosto, sua mãe abandonou o dormitório, tão emocionada com que Lindsey aceitasse finalmente casar-se, que estava disposta a não tocar mais no tema no momento.

Lindsey se sentiu agradecida. Estava disposta a seguir com sua vida, mas ainda estava ferida, ainda lhe doía o coração. Com o tempo, assimilaria o horrível golpe que Thor lhe tinha dado, mas ainda não.

Ainda não.

Ela tentou odiá-lo pelo que tinha feito, mas tinha sido ela quem tinha começado a relação, ela que sempre o tinha pressionado para continuar... E não era justo. Quando pensava nessas ocasiões se sentia envergonhada. Comportou-se como uma depravada. Recordou às mulheres da Red Door. Não era de se admirar que Thor houvesse se sentido atraído por ela. Era um homem que gostava das prostitutas.

Deitada na cama, Lindsey se disse que já tinha chorado o bastante, mas quando Kitty lhe trouxe uma bandeja com chocolate e pãezinhos e a deixou sobre o criado mudo, o coração de Lindsey pareceu romper-se em pedaços uma vez mais. Virou-se sobre si mesma e, afundando a cabeça no travesseiro, chorou.

Thor golpeou a porta do enorme solar de telhado de ardósia situado nos limites do povoado de Westerly. Tinha exigido muito de seu garanhão para chegar ali o quanto antes. Queria que lhe devolvessem os certificados de suas ações. Queria resolver as coisas de uma vez por todas.

Voltou a chamar e um ancião capengando lhe abriu a porta. O mordomo se inclinou diante ele, olhando-o através de um monóculo que elevou ante um olho turvo.

-O que posso fazer por você?

-Quero ver Silas Wilkins.

O ancião arqueou uma sobrancelha branca.

-O senhor Wilkins está trabalhando em seu escritório. A quem devo anunciar?

-Thorolf Draugr, mas eu me anunciarei. - Thor atravessou a porta, procurando não derrubar o ancião ao passar ao seu lado. - Por onde? - perguntou.

Cravando uns olhos assombrados nele, o mordomo assinalou o corredor com um de seus ossudos dedos.

-Obrigado.

Thor se dirigiu nessa direção, olhando em várias salas antes de dar com o escritório. A porta estava aberta. Wilkins estava sentado atrás de uma enorme mesa de carvalho. Arregalou os olhos de surpresa ao ver Thor dirigindo-se para ele com decisão.

-O que está fazendo aqui?

-Vim recuperar meu dinheiro. E o quero já.

-Eu já disse... As ações que comprou não têm...

Wilkins soltou um guincho quando Thor se inclinou sobre ele, agarrou-o pela lapela do paletó e o sacudiu com força por cima do mesa.

-Você roubou meus certificados, e nós dois sabemos. Quero que me devolva isso. - Sacudiu outra vez ao homem, depois o soltou, rodeou a mesa e se inclinou sobre a cadeira de Wilkins - Tem-nos aqui, certo? Não os teria deixado em Londres.

-Mas... Isso não é verdade! Estão na caixa forte de meu escritório. Teremos que retornar para recuperá-los.

-Assim admite havê-los roubado.

-Não, é obvio que não, mas...

Thor fechou a mão em torno do magro pescoço do homem e o levantou da cadeira.

-Quero ouvi-lo dizer. Diga-me a verdade.

Wilkins pigarreou e tentou falar, mas as palavras saíram roucas enquanto os dedos de Thor lhe apertaram a garganta.

-Sol... te-me - ofegou e tentou liberar-se, mas não conseguiu.

-A verdade.

-Está bem... Eu... Paguei a... Um homem para que os pegasse.

Thor o jogou no assento, mas não o soltou.

-Se deseja seguir vivendo, irá me devolvê-los. Agora.

Wilkins assentiu com a cabeça, e depois inclinou o pescoço para trás e cravou os olhos no rosto feroz de Thor.

-Solte-me... E os darei.

Thor o soltou e Wilkins se levantou ofegando. Quando o viking novamente pairou sobre ele, o homem se afastou da cadeira, cambaleou e retrocedeu. Tremendo, voltou-se e se dirigiu para um quadro que estava pendurado na parede revestida de painéis de carvalho atrás da mesa. Retirou o retrato para revelar um cofre oculto.

-Abra-a.

-Sim, sim... Está bem, já abro. Mas, antes que cometa alguma loucura, talvez pudéssemos arrumar isto de algum jeito conveniente para...

-Não vou repetir. Abra a caixa forte e me devolva o que me pertence.

Os desbotados olhos azuis de Wilkins percorreram a sala em busca de ajuda, mas estava claro que seu mordomo, um velho ancião, era a única ajuda disponível, e sequer estava perto. Voltou-se e abriu a caixa forte. Tirou um monte de ações e as depositou sobre a mesa.

-Vou conseguir que o prendam por isso. Ninguém acreditará em sua história. A polícia irá atrás de você.

Thor o ignorou, verificou os certificados para assegurar-se de que eram os corretos, e separou do monte os que lhe pertenciam, deixando sobre a mesa todos os outros.

-Não chamará à polícia. Se o fizer, começarão a investigar. Não acredito que tenha roubado só a mim. A menos que deseje passar o resto de sua miserável vida na prisão, manterá a boca fechada.

Wilkins abriu a boca para discutir, mas só emitiu um som afogado. Como se suas pernas tivessem falhado de repente, deixou-se cair na cadeira.

Thor atravessou a casa e fechou a porta principal em um estrondo. Sabre, que estava preso a um poste no pátio dianteiro, elevou a cabeça quando Thor se aproximou dele. Relinchou como saudação enquanto ele colocava os certificados nos alforjes. Logo o viking tomou as rédeas e subiu de um salto à sela.

-Retornemos para casa, companheiro – ele disse ao cavalo, inclinando-se para dar tapinhas no brilhante pescoço negro do animal.

Fez o garanhão virar e voltou para Londres, mas desta vez sem pressa. Ele tinha completado sua missão, tinha as ações em lugar seguro. Ele tinha alcançado seu objetivo e assegurado seu futuro. Mas nada podia encher o vazio de seu coração.

Já tinha escurecido quando Thor chegou a Londres. Levou Sabre para seu estábulo perto do Green Park, deixando-o sob os cuidados do jovem Tommy Booker. O garanhão relinchou suavemente quando o menino pegou as rédeas, mostrando seu apreço pelo desengonçado jovem loiro.

-Lhe dê uma ração extra de aveia - indicou-lhe Thor - e escove-o bem antes de colocá-lo no estábulo.

-Sim, senhor.

Thor abandonou o estábulo. Na esquina chamou uma carruagem e se dirigiu diretamente à casa de seu irmão. Era tarde, mas ainda podiam se ver luzes acesas através das janelas da formosa residência de três andares de tijolo. O mordomo lhe

comunicou, enquanto o guiava pelo corredor para a sala, que tanto Leif como Krista estavam em casa. Viu Krista no sofá, amparando entre seus braços seu filho, o pequeno Brandon Thomas; em seguida viu Leif, que se levantou da cadeira onde tinha estado lendo.

-Boa noite, irmão - Leif sorriu - O que o traz aqui a estas horas da noite?

Thor se dirigiu ao sofá e desceu o olhar para o bebê dormindo nos braços de sua cunhada, um robusto menino de cabelo loiro que prometia se converter no retrato vivo de seu pai.

-Como meu sobrinho está? - perguntou, lutando para ignorar uma pontada de desejo.

Krista lhe dirigiu um olhar irado.

-Está bem, embora não podemos negar que tenha bons pulmões.

Estava profundamente adormecido nesse momento. Krista se levantou do sofá, mostrou a Thor o menino envolto em uma manta a seguir levou o bebê para sua babá, uma jovem de enormes olhos verdes e cabelo escuro que esperava na porta.

-Iremos vê-lo antes de ir dormir - Krista disse-lhe depositando um beijo na bochecha do bebê.

A jovem assentiu com a cabeça e desapareceu pelo corredor. Thor se voltou para Leif.

-Acabo de retornar do campo. Fui fazer uma visita a Silas Wilkins. Já recuperei as ações que me roubou.

-Recuperou-as? - Krista disse - Soa como se tivesse sido fácil, mas eu acho que não foi assim. Como o conseguiu?

-Honing, é melhor para você não saber - Leif disse.

Honing era a palavra que significava «querida» em escandinavo antigo. Eles trocaram um olhar afetuoso.

-Por que nós não nos sentamos? - Sugeriu Krista - Você gostaria de tomar um brandy, Thor? Talvez outra coisa?

Ele se limitou a negar com a cabeça. Dirigindo-se de novo para o sofá, deixou-se cair nele.

-Foi uma viagem exaustiva.

-Mesmo assim - Leif falou - me alegro que tenha passado por aqui. Depois de nossa última conversa, fiz algumas averiguações. Disse que recuperou as ações, são os certificados originais?

-Sim.

-Tem uma ideia de quanto valem esses certificados?

Thor exalou um suspiro.

-Espero que o suficiente para comprar uma granja no campo.

Leif sorriu amplamente.

-É um homem rico, irmão. Essas ações duplicaram seu valor, em seguida duplicaram umas quantas vezes mais. Valem cem vezes o que pagou por elas. Se acrescentar a isso seus interesses na Valhalla Shipping, encontra-te em uma situação financeira muito boa.

Krista sorriu.

-Tem o futuro assegurado, Thor.

-Suponho que são boas notícias.

-São excelentes notícias - disse Krista - Quer dizer que se quisesse, poderia se casar com Lindsey.

O coração dele deu um salto. Desde o momento em que tinha recuperado suas ações, só podia pensar em casar-se com Lindsey. Agora que Leif tinha descoberto o quanto elas valiam, soube que poderia cuidar dela como merecia. Mas isso não era o suficiente.

Estudou os arabescos no tapete persa que tinha aos pés.

-Dizem que tenho dinheiro de sobra, que posso mantê-la, mas isso não é o suficiente. Não sou um cavalheiro, e isso é o que Lindsey necessita.

-Poderia aprender a ser - Leif disse em voz baixa.

-Não é tão difícil - acrescentou Krista - Se a ama de verdade, o preço valerá à pena.

Thor cravou os olhos em seus irmãos e um raio de esperança lhe alagou o peito.

-De verdade vocês acham que poderei fazê-lo?

-Meu pai já te ensinou o básico - recordou-lhe Krista.

-Já sabe quase tudo o que necessita, e nós poderíamos o ajudar com o resto - Leif acrescentou.

Sir Paxton Hart tinha feito um bom trabalho, tinha lhe ensinado o suficiente para mover-se livremente por esse país que agora considerava seu lar. Em troca de sua ajuda, o professor tinha pedido a Leif que o levasse a ilha Draugr. Agora se encontrava naquele lugar, estudando as pessoas e o estilo de vida viking. Sir Paxton ficaria um ano mais antes que Leif retornasse para buscá-lo e levá-lo de volta a Londres. Thor sorriu para si mesmo ao imaginar o professor tentando converter sua irmã... Runa, em uma dama.

Ele direcionou um olhar para Krista.

-Quanto tempo levaria... Para me converter em um cavalheiro?

Krista dirigiu a Leif um olhar, que o devolveu com a mesma intensidade.

-Teríamos que trabalhar rápido. A mãe de Lindsey a pressiona muito. Se realmente quer fazê-lo, poderíamos começar amanhã na primeira hora.

Thor afastou o olhar.

-Mesmo que eu conseguisse aprender o necessário, tenho outro problema.

-Qual? - perguntou Leif.

-Lindsey não se casará comigo.

-Meu querido amigo, nisso tem razão - Krista surpreendeu-lhe - Isso significa que terá que ganhar sua confiança e seu amor de novo.

Thor não disse nada. O coração pulsava com força, o peito quase transbordava de esperança. Nunca lhe tinha sido difícil aprender. Podia falar inglês tão bem quanto seu irmão, que estava a mais tempo que ele vivendo na Inglaterra. Absorvia a informação como uma esponja quando se esforçava a isso. Sem dúvida alguma, poderia aprender a se vestir na moda, memorizar algumas regras absurdas... E aprender a dançar.

Mas poderia convencer Lindsey que o perdoasse? Poderia convencê-la para que se casasse com ele? Não tinha respostas para isso.

-Eu virei amanhã cedo. Irei primeiro ao banco. Venderei a metade das ações e guardarei esse dinheiro e o resto dos certificados em uma caixa de segurança.

Leif sorriu largamente.

-Boa ideia. Está aprendendo, irmão.

-Começarei a procurar uma fazenda, uma propriedade no campo. Sabre merece poder correr ao ar livre. Ele precisa viver no campo tanto quanto eu.

-E Lindsey? - perguntou Krista.

Thor sentiu uma pressão no peito.

-É minha alma gêmea. Se me aceitar... Irei me casar com ela.

Krista sorriu.

-Até manhã, então.

Thor se limitou a concordar com a cabeça. Se não tivesse sido tão teimoso, já teria aprendido todas essas coisas que precisava saber.

E poderia estar casado com Lindsey nesse momento.

Em vez disso, tinha que procurar uma maneira de conquistar seu coração de novo.

CAPITULO 25

Às escuras sombras cobriam os becos e as esquinas desertas. A tênue luz de uma lâmpada distante não podia penetrar naquela escuridão envolvente. Diante dele, caminhava uma mulher que se apressava para sua casa, deixando o rastro de sua capa ondulante atrás de si. A cada poucos passos, a mulher parava e olhava por cima do ombro, comprovando que ninguém a seguia.

O homem sorriu para si mesmo. Sua reputação o precedia. A mulher era cautelosa como um gato, mas não serviria de nada. Era um caçador perito, sabia como espreitar sua presa. Qualquer que fosse seu destino, ela nunca chegaria até ele. Logo seria dele, assim que decidisse atacá-la. Observou-a dobrar uma esquina um pouco mais adiante e ele entrou no seguinte beco para cortar o caminho, procurando andar pelo centro da rua para não sujar os sapatos novos de couro com o lixo e os fedorentos restos de animais que se empilhavam junto às paredes dos velhos edifícios de madeira. Saiu do beco e avistou a mulher diante dele, introduzindo-se nas sombras, retomando seu caminho mortal.

Ele a tinha seguido desde o Faisão Dourado, onde tinha estado jogando e bebendo com homens muito ricos e poderosos. Usava um vestido de seda azul que algum deles lhe teria comprado. Era uma prostituta de classe alta, mas nem por isso deixava de ser uma puta.

Os homens eram uns tolos quando se tratava de mulheres, em especial de uma amante experimentada como esta. Chamava-se Rose McCleary. Chamavam-na Red por

seu fogo cabelo avermelhado. Desejavam-na e se rebaixavam para fazer amor com ela.

O homem esboçou um desagradável sorriso. Uma prostituta era uma prostituta, se chamasse como se chamasse.

Depois dessa noite, haveria uma a menos nas ruas de Londres, que fazia mais escuro o rosto da humanidade.

E ao mesmo tempo estaria cobrando uma velha dívida. Um dos homens com os quais ela tinha estado essa tarde era um antigo amigo dele, Rudolph Graham. A polícia estava convencida de que o homem que tinha estado com cada uma das vítimas na noite dos assassinatos tinha que ser seu assassino.

E dessa vez, ele tinha a intenção de lhes dar razões suficientes para terem certeza.

Lindsey se sentou na saleta do café da manhã e cravou os olhos na manchete do London Time:

O ASSASSINO De Covent Garden reclama SUA TERCEIRA VÍTIMA

Seu pai estava sentado na cabeceira da mesa, com o jornal diante dele. Sua mãe se sentava no outro extremo. Em frente de Lindsey, Rudy, muito pálido, tinha os olhos fixos em seu prato.

-Ocorreu anteontem de noite - seu pai disse - Mas não apareceu nos jornais até hoje.

Rudy levantou a vista, com rugas de preocupação na testa.

-Não posso acreditar que tenha matado outra mulher.

-Eles conseguirão apanhá-lo - Lindsey disse - Certamente desta vez a polícia encontrará alguma pista.

Rudy engoliu com tanta força que Lindsey ouviu.

-Eu... Humm... Eu a conhecia.

Sua mãe levantou a cabeça.

-À mulher da qual o jornal fala? - Sua voz soou cortante - À mulher conhecida como Red Rose?

Rudy assentiu com a cabeça.

-Era uma... Era uma...

-Uma prostituta - o barão disse a sua mulher - Essa garota era uma prostituta, querida. Um homem tem suas necessidades.

-Não estive com ela por isso. Fui ao Faisão Dourado com Tom Boggs. Red apareceu mais tarde com Martin Finch. Jogamos algumas partidas de cartas. Finch tinha deixado Red na mesa da roleta, mas ela se cansou de perder e quis partir. Ele queria levá-la para casa, mas nós insistimos para que ficasse jogando. Quando Marty foi procurá-la, Rose já tinha ido.

A mão de sua mãe tremia ao lado do prato.

-Santo Deus, a polícia fará perguntas. Com certeza descobrirão que estive com ela naquela noite.

-Eu não disse que estivesse com ela. Rose estava com Martin Finch.

-Mesmo assim, não deixa de ser preocupante - seu pai disse.

Para Lindsey era algo mais que preocupante. A polícia estava certa de que seu irmão estava envolvido. No mínimo fariam perguntas. Centrou sua atenção em Rudy.

-Aonde foi depois de sair do Faisão Dourado?

-Voltei para casa.

-A que horas?

-Não tenho certeza... Eu acho que seria perto das quatro.

-O que fez desde que saiu do Faisão Dourado até que chegou em casa?

-Sentia-me um pouco inquieto, assim dei uma volta. Pode ser que tenha sido um passeio longo, possivelmente estive andando uma hora ou uma hora e meia.

«Oh, Rudy.» Já não bebia da maneira que o fazia antes, tampouco jogava tanto. Mas estava claro que isto só podia lhe criar mais problemas.

Ocorreu-lhe algo de repente.

-Esteve ontem à noite no clube?

-Estive ali um momento.

- Lorde Merrick estava ali?

Os traços de Rudy ficaram tensos.

-Stephen vai ali frequentemente, assim como eu. Mas isso não quer dizer nada.

-Estava ali ou não? - ela pressionou-o.

-Sim, estava ali. E continuava ali quando saí. Por quê?

-Viu-o no Faisão Dourado?

-Não - ele disse com brutalidade.

-Por que pergunta tanto por lorde Merrick? - seu pai perguntou.

-Por nada... Ao menos por enquanto.

Lindsey não tinha ideia se Stephen estava realmente envolvido, mas começava a pensar que quem quer que estivesse cometendo os assassinatos, queria que Rudy parecesse culpado. Talvez Stephen o tivesse seguido ao sair do clube e o tenha visto entrar no Faisão Dourado. E possivelmente também poderia ter visto a mulher entrar. Pode ser que tivesse esperado, que tivesse visto a mulher sair sozinha, que a tivesse seguido... E que a tivesse matado.

Mas por quê?

-Se me desculparem... - Empurrou a cadeira para trás e ficou de pé - Tenho que ir. Tenho trabalho atrasado. - Tinha chegado o momento de retornar ao escritório. O momento de que enfrentasse seus demônios... Neste caso, ao seu demônio particular. Embora esperasse que Thor não estivesse ali. Além disso, queria investigar um pouco, ver o que podia averiguar antes que a polícia fosse até sua casa, algo que, estava certa, faria logo. Deteve-se na porta da saleta do café da manhã e deu a volta. - Uma coisa mais. Rudy: ainda pensa em ir ao baile que Lady Paisley oferece amanhã de noite?

-Essa era minha intenção.

-Bom. Eu acho que deveria ir para manter as aparências. Nós o discutiremos mais tarde. - Depois partiu.

Ela iria ao baile. E sua mãe também iria em companhia de Emma Harvey. Seu filho, Michael, também estaria ali. Os pais de Lindsey estavam a favor de que se relacionasse com o tenente e essa era uma boa ocasião para fazê-lo.

Lindsey sentiu um nó no estômago.

Não queria confraternizar com Michael. Não queria casar-se com ele. Mas o tenente poderia ter alguma informação útil. E, se tinha que casar-se com alguém, preferia Michael a qualquer outro homem que seus pais escolhessem para ela.

Uma imagem de Thor apareceu em sua mente, alto e dolorosamente bonito, com os olhos azuis como o mar. Sorria-lhe com tal doçura que, por um momento, esqueceu de respirar. Sentiu uma pontada no coração, mas a ignorou. Apertando os dentes reprimiu a dor e as lembranças.

Michael queria casar-se com ela. Era nele em quem deveria estar pensando. E o faria, disse a si mesma.

Na noite seguinte daria o primeiro passo nessa direção.

Krista estendeu a mão e segurou a de Thor, que repousava em sua cintura.

-Agora a outra. - eles entrelaçaram seus dedos - Preparado? - ela perguntou.

Thor assentiu com a cabeça. Krista olhou para um lado. Havia um homem com o cabelo prateado sentado diante do piano, o senhor Pendergast, que tinha sido seu professor de música quando era uma menina. Fez-lhe um sinal com a cabeça, e este começou a tocar uma valsa. Enquanto seu marido observava do sofá, Krista e Thor se moveram ao compasso hipnótico da música.

Krista não estava muito surpreendida com a agilidade de seu enorme e robusto cunhado. Ele era sólido e forte, mas os dois irmãos possuíam um ar de confiança que se transmitia aos graciosos movimentos da dança.

-Um, dois, três. Um, dois, três. Ai!

Um leve rubor cobriu as maçãs do rosto de Thor.

-Sinto muito.

Krista sorriu.

-Você está fazendo melhor que seu irmão no princípio. Eu tenho certeza de que será um bom bailarino.

Thor tinha estado trabalhando duramente para aprender os pequenos rituais que realizavam os cavalheiros. Como tinham pouco tempo, Thor se instalara agora na casa de seu irmão. O alfaiate o tinha visitado no dia anterior, e tinha tomado suas medidas para ajustar a sua medida algumas coisas do extenso vestuário que Leif tinha utilizado quando ia à casa de jogos. E Krista tinha sido quem tinha fiscalizado tudo.

Tinha vindo também um barbeiro e ele tinha cortado seu espesso cabelo escuro. Embora sempre tivesse levado as unhas curtas, as tinham lixado e polido. Thor apenas se queixou.

Com tão pouco tempo, estava resolvido a agir com rapidez. Quando Krista tinha falado com Lindsey no escritório da gazeta, ela tinha mencionado que essa noite tinha programado ir ao baile de lady Paisley. O tenente Harvey também iria, e, depois do último assassinato em Covent Garden, Lindsey estava preocupada com seu irmão. Essa noite tinha intenção de falar com o tenente e ver se podia averiguar algo interessante. Lindsey também havia dito a Krista que Michael Harvey era o homem que tinha mais possibilidades de converter-se em seu marido, embora nada tivesse se decidido ainda.

O tempo estava acabando para Thor, e não havia um momento melhor que essa noite para começar sua campanha.

Thor deu um passo em falso, desequilibrou Krista e se obrigou a abandonar seus pensamentos e concentrar-se na tarefa que trazia entre as mãos. O senhor Pendergast acabou de tocar a valsa e Thor exalou um suspiro.

-Dançar não é tão fácil como parece.

Sorrindo amplamente, Leif ficou de pé.

-Fica mais fácil com a prática. Além disso, acredito que desfrutará mais se a mulher que levar em seus braços te pertencer.

Os olhos azuis de Thor se escureceram. Krista nunca o tinha visto tão decidido a conseguir algo. Assim que tinha se dado conta de que realmente era possível que Lindsey e ele pudessem ter um futuro juntos, ele se propôs a alcançar essa meta como um homem açoitado por seus demônios.

-Aprenderei a dançar - ele disse - É o resto o que me preocupa. Só espero saber o que dizer a Lindsey quando o momento chegar.

Krista esperava isso também. Dizer a uma mulher que a ama e lhe pedir perdão não era algo que ela pudesse lhe ensinar. Thor tinha que fazê-lo por si mesmo.

CAPITULO 26

O baile da condessa de Paisley se celebraria nos salões Arunedale, um local muito na moda situado em Arunedale Street. O edifício era uma estrutura elegante que anteriormente tinha sido a residência do conde Du Lac, que tinha sido quem havia devolvido ao edifício sua opulência original. O local havia sido inaugurado dois anos antes, e se podia alugá-lo para celebrar eventos particularmente lotados.

Aquele salão de baile era grande o suficientemente para receber quatrocentos convidados. Era um local enorme com uma longa fileira de lustres de cristal brilhando sob a abóbada central e espelhos nas paredes onde se refletiam as luzes dos candelabros dourados. Trouxeram enormes palmeiras em vasos de barro e havia uma orquestra de doze músicos tocando no fundo do salão.

Quando Lindsey e seu irmão chegaram acompanhados de sua mãe e de Emma Harvey, o baile já tinha começado. Um garçom com peruca prateada e libré de cetim se aproximou momentos depois que Lindsey tirou sua capa forrada de pele e entrou no salão de baile com os outros.

Lindsey pegou uma taça de champanha da bandeja de prata que o garçom servia, e Rudy a imitou.

-Esperemos que não ocorra da polícia vir por mim - seu irmão disse-lhe com tom preocupado.

-Rezemos para que tenham outro suspeito.

E, se assim fosse, Lindsey esperava que Michael Harvey o dissesse. Embelezada com um vestido de seda verde esmeralda decotado, que deixava os ombros

descobertos e se prendia na cintura, e com o cabelo castanho avermelhado penteado em cachos que caíam sobre seus ombros, Lindsey caminhou agarrada ao braço de Rudy enquanto se misturavam com os convidados. Michael ainda não tinha chegado, e Lindsey agradecia ter tempo para acalmar-se.

Segundo sua mãe, o tenente tinha deixado muito claro suas intenções. Ele havia dito a seus pais que estava interessado no enlace. Lindsey necessitava de um marido - ou isso acreditava seus pais -, e ela se mostrou de acordo com eles. Essa noite, queria oferecer a Michael toda sua atenção e descobrir se poderia ter algum tipo de futuro com ele.

Assegurar-se de que poderia ser feliz como sua esposa.

Começou a encher sua cartela de dança. Em primeiro lugar, dançou com lorde Vardon, e se obrigou a sorrir ante sua conversa inútil e pouco interessante, confirmando dessa maneira as razões pelas quais tinha tido para riscá-lo da lista de sua mãe.

Tia Dee dançava ao seu lado com o coronel Langtree. Faziam um belo casal, pensou Lindsey. O coronel depois pediu a Lindsey uma dança, e ela o achou tão encantador e agradável como tinha sido no campo. E ficou muito evidente o interesse que sentia por sua tia.

-Ela não está preciosa esta noite?

Um rubor apareceu nas maçãs do rosto do coronel ao dar-se conta de que estava cravando os olhos na mulher vestida de roxo e negro, que estava de pé na borda da pista de dança.

-Não é que você não esteja também, senhorita Graham. Porque a acho bonita.

Lindsey sorriu.

-Obrigado, coronel. E não posso deixar de concordar com você. Tia Dee é uma mulher muito bela.

O homem voltou a dirigir o olhar naquela direção.

-Uma mulher como lady Ashford possui um grande número de admiradores.

-Com certeza.

-Eu me pergunto o que ela faria se eu lhe propuser deixar de lado essa longa lista de admiradores e aceitar ficar só com um. - Baixou o olhar para Lindsey, esperando uma resposta a sua nada sutil pergunta.

-Eu sei que ela desfruta muito de sua companhia. Eu acho que terá que descobrir a resposta você mesmo.

Ele assentiu com a cabeça, sem acrescentar mais nada quando a devolveu ao grupo. Ela cutucou Rudy quando viu o conde de Fulcroft vindo em sua direção; era o homem cujas infidelidades ela tinha exposto em sua coluna. Ele lhe dirigiu um olhar fulminante e passou ao seu lado sem dizer nada.

-Ele não gosta de mim.

-Isso parece - respondeu-lhe seu irmão com secura.

Lindsey viu Krista e Leif não muito longe deles. Permaneciam de pé, um ao lado do outro e se olhavam nos olhos como se não houvesse mais ninguém na sala.

Sentiu uma pressão no peito. Sempre pareciam felizes. Gostaria de não os ter visto, pois quando o fazia não podia evitar pensar em Thor.

Começava a dar volta quando um homem do mesmo tamanho de Leif apareceu em seu campo de visão. Com um traje negro sob medida e o cabelo escuro cortado e muito bem penteado, quase não o reconheceu. Seus olhares se cruzaram e não pôde afastar a vista, como um coelho fascinado por uma cobra.

Ele se aproximou dela e se deteve bem a sua frente.

-Boa noite, senhorita Graham.

Ela umedeceu os lábios, que notava tão secos como a engomada e impecável gravata masculina.

-O que... O que está fazendo aqui?

-Sabia que estaria aqui. Queria falar com você.

Lindsey sentiu um nó nas vísceras. A última coisa que queria era falar com Thor.

-Já falamos. Você disse o que tinha que dizer e foi mais que suficiente.

Thor não afastou os olhos de seu rosto.

-Eu menti. Preciso te dizer a verdade.

Lindsey engoliu seco. Ela disse a si mesma que deveria ignorá-lo, mas isso era impossível.

-Você não mente.

-Naquele dia, eu o fiz. Por você.

O estômago de Lindsey embrulhou.

-Não quero falar com você, Thor. Nem agora nem nunca, e muito menos aqui.

-Devemos falar. Agora.

Respirou fundo; se ela se negasse, ele faria uma cena. Pode ser que por fora parecesse um cavalheiro, mas por dentro era um guerreiro, um homem que estava acostumado a ser obedecido.

-De acordo, mas seja breve. - Ignorou o braço que ele lhe oferecia e se dirigiu com as costas rígidas para uma das altas palmeiras. Proporcionava-lhes um pouco de privacidade, mas não o suficiente para que alguém os pudesse ouvir sem querer - O que é o que quer me dizer?

Thor esticou a mão para tocá-la, mas Lindsey a afastou.

-O dia que falamos... Eu menti sobre o que te disse das demais mulheres. Desde que a conheci, jamais desejei outra.

-Eu não acredito.

-Menti porque queria te proteger. Eu acreditei que não era o homem adequado para você, que não poderia te fazer feliz. Mas já não penso assim.

Ela ignorou a leve pontada de dor que sentiu e se moveu para partir.

-Tenho que ir. - Tentou passar pelo seu lado, mas ele bloqueou a passagem e foi como se tivesse se chocado contra uma parede.

-De repente, eu converti-me em um homem com recursos, Lindsey. Tenho o suficiente para poder cuidar de você como merece.

-Eu disse que o dinheiro não era importante.

-Eu não quero que se case com o homem que seus pais escolheram para você. Eu quero que se case comigo.

A dor a atravessou. As lágrimas lhe arderam nos olhos, mas ela se negou a deixá-las cair. Escapou-lhe um risinho quebrado.

-Você acredita de verdade que vou sequer considerá-lo depois de como me tratou?

Os olhos azuis de Thor se tornaram intensos e escuros.

-Eu não espero que me perdoe. Eu não espero que confie em mim da maneira como fazia antes. Não até que eu prove que sou merecedor disso. Mas eu prometo isto... Se você se casar comigo, farei tudo o que estiver ao meu alcance para te fazer feliz. Serei o homem que merece.

Ela só ficou olhando, com o coração pulsando a tal velocidade que chegou a pensar que estouraria em pedaços.

-Até que chegue o dia em que possa acreditar em mim de novo, só te peço uma coisa.

Lindsey arqueou uma sobrancelha, tentando fingir indiferença, disposta a dizer não a tudo que lhe pedisse.

-Dance comigo.

Lindsey conteve o fôlego. De todas as coisas que esperava, essa não era uma delas. Thor não dançava. Não era um cavalheiro e não queria ser. E mesmo assim, estava ali, com suas roupas de gala, tão atraente que arrancava um suspiro de cada mulher da sala, e pensou que estava fazendo um bom trabalho como pretendente.

-Quer dançar comigo?

-Sim, senhora. Mais do que pode imaginar.

Ela dirigiu o olhar à multidão engalanada, aos casais que se moviam em perfeita harmonia com a música e arqueou uma sobrancelha, não muito convencida.

-Aí, na pista de dança junto com os outros?

-Sim.

Um sombrio sorriso curvou os lábios de Lindsey. Ele ia deixar os dois em uma situação ridícula, mas não podia resistir.

-Bem. Então dancemos.

Ela se virou e pôs-se a andar diante dele. Olhou por cima do ombro para assegurar-se de que ele não estava tirando o sarro e o encontrou bem atrás. Atravessou-a uma sensação de satisfação que não queria sentir.

Chegaram à pista de dança onde nesse preciso momento começou a soar uma valsa. Ela viu Leif afastando-se dos músicos e percebeu que Thor tinha um aliado para sua causa.

Conduziu-a entre os outros bailarinos e a fez dar volta de frente para ele. Uma de suas enormes mãos posou em sua cintura. Com a outra capturou a dela. Sentia os dedos quentes através da luva de algodão, e Lindsey tentou não estremecer quando ocupou seu lugar diante dele, mas ainda lhe custava acreditar que aquilo fosse realmente certo.

Lindsey fixou o olhar no peito de Thor em vez de em seu rosto e conteve o fôlego, quando Thor começou a dançar como se tivesse medo de que ela pudesse escapar. Lindsey tropeçou. Por um instante ele pareceu aflito, mas não a soltou, só corrigiu o passo e manteve o movimento, guiando-a com o ritmo que ele marcava.

Ao compasso da música abriram caminho ao redor da pista de baile. Pode ser que ele não fosse tão bom bailarino quanto Michael Harvey ou como muitos outros homens com os quais tinha dançado, mas tampouco podia dizer-se que fosse ruim.

-Pensei que não sabia dançar- ela disse secamente - Ou isso também era mentira?

-Eu acabo de aprender.

Pela primeira vez, ela se deu conta de que ele ia contando os passos para não errar.

-Por quê?

O intenso olhar azul de Thor capturou o seu.

-Eu queria te agradecer. E também queria te ter em meus braços de novo.

Lindsey engoliu e se encontrou incapaz de afastar o olhar. Thor tinha aprendido a dançar e o tinha feito para agradá-la. Lindsey o achava encantador, e tão doce que por um instante cedeu à maravilhosa sensação de estar de novo em seus braços.

Mas aprender a dançar não era o suficiente para compensar as horríveis coisas que ele havia dito. E, depois da maneira que a tinha tratado, como podia acreditar que ele realmente queria casar-se com ela? Antes que a valsa acabasse, ela o deixou ali, na pista de dança, voltou-se e retornou para onde sua mãe conversava com Emma Harvey. Tinha o coração disparado, marcando um doloroso ritmo em seu peito. Santo Deus, por que tinha que ter aparecido agora? Por que não podia deixá-la em paz?

Lindsey teve tempo de lançar um único olhar por cima do ombro para encontrá-lo com os olhos cravados nela ao lado de seu irmão, exatamente antes que Michael

Harvey se aproximasse dela. Estava perfeitamente penteado e relaxado, era um homem interessante e atraente que seus pais aprovaram o par perfeito para ela. Ela gostaria de poder apaixonar-se por ele.

-Senhorita Graham, está linda esta noite. – ele levou sua mão enluvada aos lábios e depositou um beijo nela - Como sempre.

Ela obrigou-se a sorrir e se negou a deixar que seu olhar procurasse o de Thor, assim se centrou no alto e esbelto Michael, com seu cabelo castanho claro e seus traços elegantes, e não pôde evitar pensar em quão atraente era.

-Obrigado, tenente.

Mantiveram uma agradável conversa sobre o clima, quão elegante tinha sido à noite, sua viagem ao campo... Lindsey tentou imaginar o que diria Michael se lhe dissesse que se vestiu de homem, que tinha montado um magnífico garanhão negro no Derby de Foxgrove, e que tinha ganhado. Estava certa de que não aprovaria, mas quantos homens ao seu redor o fariam?

Michael lhe pediu um dança, mas ela declinou. Tinha ido à festa com a intenção de lhe surrupiar informação sobre os assassinatos. Negava-se a permitir que a presença de Thor a distraísse.

-Acredito que, se não se importar, prefiro experimentar o ponche de frutas.

-Essa é uma ideia ainda melhor. - Ele esboçou um sorriso e lhe ofereceu o braço. Depois se dirigiram à mesa dos refrescos.

Michael serviu duas taças de cristal com ponche de frutas e como fazia muito frio para sair ao terraço, levaram as taças para uma larga galeria. Havia vários casais falando no outro extremo do elegante, mas escassamente mobiliado corredor onde penduravam quadros de heróis de guerra. Reconheceu ao general Cornwallis e, é obvio, ao duque de Wellington. Não havia sinais de Thor, e Lindsey começou a relaxar e a centrar seus pensamentos para os problemas que tinha nas mãos.

Tomou um gole de ponche.

-Eu acredito que está investigando o último assassinato.

Michael assentiu com a cabeça.

-Dedicamos-lhe longas horas.

-Não posso acreditar que esse monstro tenha matado outra mulher.

Michael franziu o cenho.

-Não deveríamos discutir este tema.

-Por que não? - perguntou ela com inocência.

-Já sabe por que.

Ela tomou outro gole de ponche.

-Na verdade, esperava que a estas horas tivessem outro suspeito que não fosse meu irmão.

-Seu irmão esteve com a última vítima na noite em que a mataram... Com certeza você que já sabe. Por isso eu temo que continue encabeçando a lista de suspeitos.

Lindsey sentiu que revolia o estômago.

-Rudy não esteve com Rose MacLeary. Só esteve no mesmo lugar que ela.

-Mesmo assim, as coisas não estão boas para ele.

-Eu entendo que não tem liberdade para falar sobre o caso, especialmente comigo, mas eu lhe peço que, se sentir por mim algo mais que amizade, diga-me tudo o que possa sobre o ocorrido.

Michael suspirou. Depositou sua taça vazia sobre uma mesinha de pau-rosa que estava localizada contra a parede do lado de um busto da rainha.

-Posso lhe dizer que já sabemos como as mulheres foram assassinadas. No princípio acreditávamos que o assassino as tinha estrangulado com suas mãos, e que, provavelmente, usava luvas nesse momento. Mas a zona arroxeadas dos pescoços das

vítimas era muito larga e não havia marca de dedos. Chegamos à conclusão de que possivelmente o assassino utilizasse um cachecol. Isso concordaria com a largura e a ausência de marcas.

-Com um cachecol?

-É o mais provável.

-Esta vez... Também não abusaram fisicamente da vítima?

-Não. Acreditam que o assassino desfruta do ato do assassinato em si.

Ela estremeceu.

-Você crê que escolhe suas vítimas ao azar ou que tem em mente uma mulher em particular?

-Não estou certo. – ele voltou-se para ela e a segurou pelos ombros nus - Sei que ama seu irmão e gostaria de poder poupá-la disto, mas a verdade é que a polícia está convencida de que Rudolph Graham é o assassino. Temos provas que o confirmam. Só espero que, quando tudo isto terminar, possa considerar meu papel na investigação à parte de meus sentimentos por você.

E em seguida, inclinou a cabeça e a beijou.

Lindsey se esticou, mas só um instante. Tinha beijado Michael antes e a suave pressão de seus lábios era algo familiar e agradável. Entretanto, não sentia paixão em seu interior, nem nenhuma ardente necessidade que alagasse seu corpo. Tentou não pensar em Thor, mas sentia sua presença como se estivesse parado ao seu lado.

Michael terminou o beijo, que também não tinha durado muito, já que não desejava dar lugar às falações.

-Não podemos levar adiante uma relação até que tudo isto termine, mas pensarei em você, Lindsey. Espero que também pense em mim.

Lindsey conseguiu esboçar um sorriso. Nesse momento, só podia pensar que muito em breve a polícia apareceria para prender seu irmão. Pelo que Michael havia dito, deviam ter encontrado algum tipo de prova que implicaria Rudy sem nenhum gênero de dúvida. Pensou em mencionar Stephen e sua possível implicação, mas não tinha nenhuma prova tangível... E nem sequer estava certa de que fosse ele. Tinha que encontrar o verdadeiro assassino.

E tinha que descobrir quem podia ter motivos para querer que seu irmão carregasse a culpa de um crime que não tinha cometido.

-As coisas acabaram bem, não acha? - Krista tinha parado ao lado de uma palmeira para falar com Thor - Inclusive a convenceu que dançasse com você.

As pessoas começavam a partir; a festa quase chegava ao seu fim.

Thor negou com a cabeça.

-Eu não acredito que ela me perdoe.

-Com o tempo ela o fará. Ela te ama. Tudo o que tem a fazer é conseguir que lembre o quanto.

Thor pensou na última vez que tinha feito amor com Lindsey. Tinha utilizado as habilidades que tinha aprendido na Red Door para lhe dar o máximo prazer. Ao fazê-lo, ele também tinha desfrutado de um enorme prazer.

-Ela deixou que ele a beijasse. Eu os vi na galeria.

-Ela não ama Michael Harvey, ama você. Depois do que lhe disse, está confusa.

Thor voltou o olhar para o fundo do salão de baile, onde Lindsey permanecia de pé ao lado de seu irmão e sua família. O tenente de polícia se foi. Desconfiou que isso significasse algo. Perguntou-se o que aconteceria se pedisse a Lindsey que dançasse de novo com ele.

Krista o agarrou pelo braço.

-Não pode se dar por vencido, Thor, não ainda.

Thor endureceu a expressão.

-Não me darei por vencido. Pode ser que antes me comportasse como um tolo, mas Lindsey é minha e tenho intenção de reclamá-la.

Krista relaxou os ombros e sorriu.

-É obvio que o fará. - Olhou para seu marido, tão parecido com seu irmão caçula, em seguida voltou a olhar a Thor - Ela te pertence... É obvio que vai reclamá-la. Não sei no que estava pensando.

CAPITULO 27

Lindsey andou de um lado para o outro pelo escritório de Krista. A ampla saia de seu vestido de lã cinza revoava em torno de seus tornozelos. Deteve-se e olhou por cima do ombro.

-Tenho que retornar à Red Door.

-O que?

-Não sei como não me ocorreu antes. Na noite em que falamos com Simón Beale, o valete de Stephen, disse que estava habituado a frequentar as casas de má reputação. Inclusive mencionou a Red Door. Tenho que voltar ali e ver se alguma das mulheres lembra-se de algo, se podem nos dar alguma pista que possa demonstrar que Stephen é o assassino.

-Não pode ir a... Um prostíbulo, Lindsey. E muito menos sozinha.

-Eu sei, eu sei. - aproximou-se da mesa de Krista - Talvez Leif esteja disposto a me acompanhar.

-Leif está viajando. - As loiras sobranceiras de Krista se franziram pensativamente - Mas acredito que tem razão em ir. – ela sorriu - Leif ficará furioso, mas não há alternativa. Eu irei com você. Iremos esta noite.

-Oh, Krista, você é a melhor! - Lindsey se inclinou e a abraçou - Usarei o vestido de cetim laranja. Será uma boa desculpa para voltar.

-Deveríamos ir cedo. Quanto mais tarde for, mais perigosa será a zona.

-A que horas você acha melhor?

-Eu a pegarei em minha carruagem por volta das oito. Nessa hora já estará aberto e é mais difícil que nos metamos em problemas.

-Perfeito.

Lindsey saiu do escritório de Krista e retornou para o seu escritório. Thor trabalhava nos cais naquele dia, e Lindsey disse a si mesma que era o melhor. Não queria vê-lo, não lhe importava o que ele houvesse dito na noite anterior. Não importava que agora estivesse disposto a casar-se com ela.

Apesar disso, não podia tirá-lo da cabeça. Santo Deus, por que razão Thor tinha mudado de ideia?

Ela gostaria de saber a resposta a essa pergunta, mas não pensava em lhe perguntar. Ainda se sentia humilhada cada vez que recordava seu duro olhar quando lhe tinha lembrado que não era virgem e que, já havendo a possuído, não tinha nenhum interesse por ela.

Seu coração pulsou com força debaixo do esterno. Era muito tarde para retroceder, para esquecer-se daquelas palavras odiosas.

Saiu dos escritórios cedo, e preferiu voltar para casa de carruagem em vez de caminhar. Assim que chegou, foi diretamente para seu quarto, não desceu para jantar e pediu que subissem uma bandeja mais tarde. Vestida com o simples vestido de lã cinza, andou nervosa pelo dormitório esperando que o relógio marcasse as oito. Seus pais tinham saído essa noite, deste modo não teria problemas para sair de casa. Guardou o chamativo vestido laranja em uma velha chapeleira e assim que o relógio começou a marcar as oito, desceu as escadas.

-Quer sua capa, senhorita? -perguntou o mordomo.

-Sim, a de lã negra, por favor.

Ela aceitou a capa de lã que ele pôs sobre os ombros.

-Obrigado, Benders. - Depois retrocedeu um passo para que o mordomo pudesse lhe abrir a porta.

Como tinha prometido, a carruagem de Krista estava esperando-a diante da casa. O cocheiro a ajudou a subir no interior escuro. Lindsey soltou um chiado de surpresa quando ao sentar em frente a Krista se encontrou sentada sobre as duras coxas de um homem. Os braços de Thor se fecharam em torno de sua cintura.

-Eu adoro que se sente em cima de mim, querida. Senti sua falta.

E aparentemente era verdade. Lindsey sentiu que suas bochechas acendiam quando notou a masculinidade de Thor endurecendo-se sob suas saias.

-Maldito seja, Thor, me solte!

Quando a carruagem começou a andar, ela se libertou, virou-se e se deixou cair pesadamente no assento ao lado de Krista.

Dirigiu a sua amiga um olhar irado ante sua traição, embora o interior do veículo estivesse muito escuro para que Krista a visse.

-O que ele está fazendo aqui?

-Thor passou na minha casa em busca de Leif exatamente quando eu saía. Ele me perguntou aonde eu ia e não pude mentir.

Lindsey arqueou uma sobrancelha.

-Por que não? Ele mente muito bem. - Thor só grunhiu. Lindsey se endireitou no assento. - Mudei de ideia. Por favor, me levem para casa. Irei ao Red Door em outra noite.

Sob a luz de uma lâmpada da rua, Lindsey viu como Thor se inclinava para frente e apoiava os cotovelos nos joelhos.

-Esperarei do lado de fora se for o que deseja. Mas já estamos a caminho e tem razão em querer ir. Talvez... Talvez uma das mulheres saiba algo sobre lorde Merrick que ajude seu irmão.

Lindsey conteve o desejo de escapar. Thor tinha razão. Não podia perder mais tempo. Inclusive nesse momento a polícia podia estar indo a sua casa para prender Rudy.

-Está bem, eu irei.

-É melhor poder contar com a companhia de Thor quando se vai a um lugar como esse - Krista acrescentou.

-Oh, é o guarda-costas perfeito - Lindsey respondeu acidamente - Desde que o corpo que proteja não seja o meu.

Thor cruzou os braços sobre seu enorme peito.

-Já veremos – ele resmungou entre clientes.

Lindsey notou que a atitude arrependida de Thor já tinha desaparecido. O velho Thor tinha retornado. O macho dominante e exigente que pretendia encarregar-se dela, gostasse ou não.

Santo Deus, por que lhe era tão atraente nessa atitude?

Lindsey se esticou no assento, tentando não roçar suas pernas nas dele, tentando não sentir seu ardente olhar na escuridão, sabendo que era impossível, mas tentando de todas as maneiras.

Fizeram o resto da viagem em silêncio. O condutor realizou um trabalho elogiável ao contornar o tráfico que abarrotava as ruas de paralelepípedos. Finalmente, chegaram a uma rua tranquila de Covent Garden, e a carruagem parou diante do Red Door. Thor desceu de um salto e se voltou para ajudar Lindsey e Krista a descer.

-Não se preocupe - disse-lhe Krista - Não demoraremos.

-Não demorem mais de quinze minutos - ele disse - se não entrarei e as tirarei daí.

Lindsey revirou os olhos ante sua prepotência, mas, ao mesmo tempo, sentiu-se aliviada em saber que Thor estaria ali para o caso de o necessitarem. Subiram as escadas da enorme casa de tijolo com a porta principal pintada de vermelho. Krista chamou uma vez, depois outra, e a porta se abriu.

Lindsey dirigiu um sorriso ao homem forte que apareceu na soleira.

-Boa noite. Nós gostaríamos de falar com madame Fortier, por favor. Queremos lhe devolver uma coisa. - Sustentou no alto a caixa e sorriu como se estar ali fosse à coisa mais natural do mundo.

O porteiro deu um passo atrás, convidando Krista e Lindsey a entrar.

-A quem devo anunciar?

Lindsey olhou para Krista, logo devolveu o olhar ao homem forte.

-A umas amigas de Thor Draugr.

O porteiro assentiu com a cabeça e deu a volta. Chegou até Lindsey o som de um piano acompanhado pelas suaves cordas de uma harpa. De uma sala, saíam vozes masculinas misturadas com estridentes risadas femininas.

-Um lugar interessante - disse Krista, observando a meticulosa decoração, os espelhos dourados, os abajures de cristal e o papel vermelho das paredes.

-Você acha? Possivelmente as mulheres deveriam ter um lugar similar para fugir cada vez que necessitem.

Krista arregalou os olhos.

-Eu estou brincando... Embora acredite que não seria uma ideia tão má.

Krista riu.

Madame Fortier apareceu perante elas balançando os quadris e fazendo revoar as saias de seda de cor açafrão. O corpete do vestido era extremamente decotado e exibia

à perfeição os montes daqueles voluptuosos seios. Quando reconheceu Lindsey como a mulher que tinha estado ali com Thor, arqueou as sobrancelhas escuras.

-Surpreende-me vê-la de novo – ela disse-lhe com seu falso acento francês. Deu uma olhada ao redor procurando por Thor.

-Thor não está aqui neste momento. - Lindsey lhe entregou a caixa - É o vestido laranja que me emprestou. Eu vim devolvê-lo.

A madame a olhou com ar de suspeita.

-Vocês vieram aqui só para devolver um vestido que já me pagaram?

-E por algumas razões a mais.

-E que razões são essas?

-Minha amiga e eu estamos tentando encontrar o homem conhecido como o assassino de Covent Garden.

A madame fez o sinal da cruz.

-*Mon Dieu.*

-Queríamos lhe fazer umas perguntas sobre um homem que acreditamos que poderia ser um cliente seu. Chama-se Stephen Camden.

-Não dou nenhuma informação sobre meus clientes.

-Eu compreendo. Mas isto é diferente. Estão assassinando mulheres aqui mesmo, em seu bairro. Já morreram três. Temos motivos para acreditar que lorde Merrick possa estar envolvido.

A madame dirigiu um olhar para os salões onde suas garotas entretinham os clientes.

-Se forem amáveis de me seguir.

As saias de seu vestido arquearam com cada um de seus passos enquanto as conduzia a sua sala privada e fechava a porta. Seu sotaque quase tinha desaparecido quando começou a falar.

-Lorde Merrick leva algum tempo sem vir.

-Já vejo.

-Dissemos-lhe que não era bem recebido.

-Por quê? - perguntou Lindsey.

-Ele se enfureceu com algumas de minhas garotas. Maltratou-as, inclusive bateu nelas. Há homens que desfrutam em fazer essas coisas, mas Merrick se excedeu. Minhas garotas tinham medo dele. No final, tive que lhe pedir que não voltasse mais.

Krista interveio nesse momento.

-Alguma de suas garotas estaria disposta a nos falar sobre ele? Provavelmente saiba de algo que nos pudesse ser útil.

A madame pareceu indecisa, depois exalou um suspiro.

-Chamarei Silky. Era sua favorita. - A mulher desapareceu e reapareceu uns minutos depois com uma ruiva que Lindsey reconheceu da vez anterior que esteve ali - Esta é Silky Jameson - disse a madame, voltando a fazer uso de seu sotaque - Ela lhes dirá o que lembra.

Silky era uma garota muito bonita, com grandes olhos azuis e o tipo de corpo que os homens costumavam gostar. Estudou Lindsey e Krista com o olhar.

-Assim são necessárias duas para agradá-lo. Não me surpreende.

As bochechas de Lindsey arderam de vergonha. Abriu a boca para dizer à ruiva que nenhuma delas era a mulher de Thor - ou ao menos já não era - mas considerou que tendo utilizado seu nome para entrar, era melhor engolir o orgulho e sorrir.

-Nós gostaríamos de saber o que nos pode contar sobre Stephen Camden. Temos motivos para acreditar que o visconde possa estar envolvido nos assassinatos de Covent Garden.

Silky fez um som de asco.

-Merrick. Paga bem, mas é um desses homens que só obtêm prazer com a crueldade. Gostava de me amarrar e em seguida me dar chicotadas com uma pequena vara. No princípio era puro teatro, mas depois foi se tornando cada vez mais brutal. Ele não apreciava somente me fazer chorar. Acabei por me esconder cada vez que vinha, e, no final, a madame lhe pediu que não retornasse.

Lindsey lançou um olhar significativo a Krista, ambas tinham pensado o mesmo.

-Amarrou-a?

Silky assentiu com a cabeça.

-Amarrou-me nos postes da cama. Utilizou um desses cachecóis rosa que sempre leva consigo. - Jogou a cabeça para trás, elevando o cabelo avermelhado por cima do ombro - Como lhes disse, no começo não me importou. Não é o único homem que gosta desse tipo de jogos. Mas Merrick é diferente. Quanto mais dano faz, mais gosta. - Arqueou as sobrancelhas avermelhadas - Há outra coisa peculiar nele.

-O que?

-Um par de vezes me chamou de Tilly. Estava acostumado a dizer «agora é sua vez Tilly. Você gosta?». Acho que na realidade imaginava que castigava a ela.

-Tilly. Ele mencionou algum sobrenome?

-Não. E só disse um par de vezes se não engano.

-Obrigado, Silky - Lindsey disse - Agradecemos sua sinceridade.

A garota encolheu os ombros que ficavam ao descoberto pelo decote do vestido.

-É um assassino de mulheres. Alguém tem que detê-lo.

-Provavelmente o que nos disse nos sirva de ajuda - disse Krista.

Lindsey saiu da Red Door cheia de alegria. Tinham obtido uma informação que podia ser muito valiosa, assim como uma pista para seguir. Na verdade, a viagem tinha valido a pena.

Mas logo viu Thor esperando de pé junto à carruagem, com as longas pernas separadas e olhando-a de uma maneira quente e possessiva, e já não esteve tão segura.

Na manhã seguinte, Rudy foi detido. O agente Bertram apareceu em sua casa com outros três policiais e o tirou dali algemado. A mãe de Lindsey quase ficou histérica.

-Faça algo, William! Não pode permitir que entrem em nossa casa e levem nosso filho dessa maneira!

-Mantenha a calma, querida. Isto é simplesmente um terrível engano. – Ele aceitou o chapéu e o casaco que Benders lhe ofereceu - Vou ver Jonas Marvin. Ele saberá o que fazer. Teremos nosso filho em casa antes que anoiteça.

Mas enquanto o observava sair, Lindsey soube que não seria tão fácil. Pelo que Michael Harvey lhe havia dito, a polícia tinha provas para declarar culpado de assassinato seu irmão.

«Michael!»

Iria ver Michael, e faria que ele lhe dissesse o que a polícia tinha descoberto. Michael tinha as respostas que ela necessitava.

Ignorando o lacrimogêneo drama que se desenvolvia na saleta, Lindsey pegou sua capa e saiu pela porta tão depressa que esqueceu o chapéu. Não tinha tempo de pedir que lhe preparassem uma carruagem e a levassem, assim se aproximou da parada de carruagens de aluguel da esquina e subiu no desgastado assento de couro de um cabriolé.

-Ao quartel da polícia, por favor.

-Sim, senhorita.

O cavalo pôs-se a andar a passo lento e as rodas ricochetearam nos paralelepípedos enquanto o cabriolé serpenteava entre o tráfico. Para Lindsey pareceu que se passavam horas, mas finalmente chegaram. Pagou a tarifa e, depois de deixar uma generosa gorjeta, desceu da carruagem. Infelizmente, depois de subir a longa escadaria da delegacia de polícia, descobriu que Michael não se encontrava ali.

-Sinto muitíssimo, senhorita...

-Graham – ela disse ao corpulento sargento que atendia na recepção - Se não se importar, eu gostaria de esperá-lo.

-Pode demorar um pouco, senhorita Graham.

-Não me importa. Sentarei-me ali.

Apontou um comprido banco de madeira junto à parede e se sentou ao lado de uma mulher vestida de negro com cara de poucos amigos para esperar a chegada do tenente. Passaram quase duas horas antes que Michael entrasse na delegacia de polícia, com a expressão cansada e o cabelo despenteado pelo vento. Extenuada pela preocupação, Lindsey se levantou assim que o viu e se apressou a aproximar-se dele.

-Michael!

Ele se deteve e se voltou para ela.

-Tenho que falar com você. É importante.

O tenente assentiu com a cabeça, mas não parecia feliz em vê-la. Estava claro que sabia por que ela estava ali, e também era óbvio que desejava que não tivesse vindo. Queria permanecer tão neutro no assunto de seu irmão como fosse possível, e sua aparição na delegacia de polícia não seria vista com bons olhos.

Michael a conduziu por um comprido e estreito corredor até uma sala provida com uma mesa e quatro cadeiras de madeira.

-Gostaria de poder ajudá-la, Lindsey. Mas sabe que não posso.

Ela apertou as mãos para evitar que tremessem.

-Não vim lhe pedir ajuda. Vim lhe dizer que acredito ter descoberto o homem que matou essas mulheres.

Michael arqueou uma de suas sobrancelhas castanhas.

-Não foi meu irmão... Foi Stephen Camden, o visconde de Merrick.

Michael pareceu surpreso.

-Merrick? Por que demônio pensa que lorde Merrick as matou?

-É uma longa história, Michael. Rogo-lhe que me deixe explicar.

Ele apontou a mesa com a cabeça, lhe indicando que sentasse, e os dois se sentaram.

Durante a meia hora seguinte, Lindsey compartilhou toda a informação que tinha, começando com as notas que tinha recebido e que a tinham conduzido a Merrick Park, e mais tarde a Penélope Barker. Contou-lhe que a jovem tinha desaparecido e que sua mãe estava convencida de que lorde Merrick a tinha matado.

Quando terminou, Michael suspirou.

-Escute-me, Lindsey. Suas provas não são mais que fofocas. Essa garota, Penélope Barker, parece acreditar que foi assassinada, mas seu corpo não apareceu. Nem sequer se sabe se está realmente morta.

-Sua mãe acredita nisso. - Depois começou a lhe falar sobre Silky Jameson e da crueldade que Merrick tinha demonstrado com as mulheres do Red Door - Silky nos disse que Merrick gosta de fazer mal às mulheres, que as amarra com cachecóis. Cachecóis... Michael. Isso tem que significar algo.

-Significa que esse homem é um perverso sexual. - Cravou o olhar no rosto de Lindsey - Me diga que não foi pessoalmente ao Red Door.

Ela afastou o olhar.

-Fui com uma de minhas amigas.

Ela pôde ler a desaprovação no rosto de Michael.

-Esse não é um comportamento apropriado para uma jovem solteira, Lindsey, em especial uma que pode acabar convertendo-se em minha esposa.

Ela sentiu uma carga no peito. Apesar do atraente que Michael era, Lindsey não podia imaginar-se casada com um homem tão preocupado pelos ditados da sociedade.

-A vida de meu irmão corre perigo. Isso é mais importante que qualquer escândalo que possam causar minhas ações. Além disso, fui muito cuidadosa. Ninguém conhece meu nome ali.

Ele se recostou na cadeira.

-Bom, suponho que isso é algo. - Soltou o ar muito lentamente - Lamento muito dizer isto, Lindsey, mas a informação que me deu não serve de grande coisa. A polícia tem várias provas irrefutáveis de que Rudy é o homem que matou essas mulheres.

Ela se levantou da cadeira.

-Isso é impossível. Meu irmão não é um assassino.

-Desta vez descobrimos uma pista na cena do crime. O agente Bertram encontrou um botão que corresponde a um casaco de um cavalheiro. Esta manhã, quando a polícia irrompeu em sua casa, encontraram um casaco com os mesmos botões e faltava um. Esse casaco pertence a seu irmão, Lindsey. Sinto muito.

-Não... - Começaram a lhe tremer as pernas - não é possível.

-Temo que sim. Como já lhe disse, sinto muito.

-Stephen deve tê-lo deixado ali. Rudy o viu naquela mesma noite. Deve ter pegado o botão de algum jeito. Deve tê-lo deixado na cena do crime.

-E por que iria fazer isso? - Perguntou Michael com suavidade - Que motivo teria o visconde para fazer isso?

-Não sei. - Lindsey reuniu forças e acrescentou com determinação - Mas lhe asseguro que vou descobrir.

Lindsey abandonou a delegacia de polícia e se dirigiu diretamente à prisão de Newgate. Seu irmão já tinha sido registrado na ala dos nobres. Deu uma bolsa de moedas a um dos guardas e depois o seguiu por um estreito corredor que conduzia ao interior das deprimentes muralhas de pedra. Ao chegar a uma curva, escutou o som de água. O aroma de esgoto alagou suas fossas nasais, e conteve uma onda de náuseas.

Santo Deus, pobre Rudy! Ao chegar a sua cela, o encontrou sentado na beira de um estreito catre, sem barbear e vestido com as mesmas calças e camisa - agora enrugadas e manchadas - que estava usando quando o prenderam nesse mesmo dia. Parecia pálido e indisposto e totalmente aflito. Levantou o olhar quando ela entrou na sombria estadia, mas não se incomodou em levantar-se.

-Não acredita que eu o fiz, verdade, irmãzinha?

Ela se apressou a aproximar-se dele, ajoelhou-se a seus pés e pegou suas mãos pálidas e geladas.

-É obvio que não! Sei que jamais faria mal a alguém, em especial a uma mulher.

Ele engoliu, seu pomo de Adão se moveu de cima a baixo.

-O que vou fazer?

Ela ficou em pé e o obrigou a levantar-se da cama, conduziu-o à mesa grosseiramente lavrada e o obrigou a sentar-se em uma das cadeiras. Lindsey se sentou de frente a ele.

-O primeiro que vai fazer é escutar o que tenho a dizer. Vai manter uma mentalidade aberta e em seguida vai me contar tudo o que sabe de Stephen Camden.

-Mas...

-Nada de mas, Rudy. Sua vida está em jogo.

Rudy assentiu com a cabeça, apoiou os cotovelos na mesa e esfregou a rosto sem barbear com uma mão.

-Está bem, escutarei.

Lindsey começou desde o começo, lhe contando das notas, do que tinha descoberto em Foxgrove sobre Penélope Barker, e o que Silky Jameson tinha lhe contado.

-Pelo amor de Deus! Silky do Red Door? Diga-me que não foi ali.

-Eu soube que Stephen frequentava o lugar... Ou estava acostumado a fazê-lo. Queria perguntar às garotas sobre ele.

-Pelo amor de Deus! Há algo que não faça? Não é a toa que não encontre um marido.

Por um instante se sentiu ferida, depois irritada. Estava muito cansada da prepotência masculina.

-Na verdade, neste momento tenho mais maridos em potencial dos que posso administrar.

Ele exalou um suspiro.

-Sinto muito, irmãzinha, eu não queria dizer... Não foi minha intenção... - negou com a cabeça, incapaz de expressar em palavras seu desespero.

-Está bem. Imagino como deve se sentir.

Rudy inspirou profundamente e se sentou mais reto na cadeira.

-O que Silky te disse?

Lindsey se centrou na razão que a havia levado ali.

-Silky disse que Merrick gosta de fazer mal às mulheres. Disse que gosta de açoitar. Contou-me que a amarrou com cachecóis, e a polícia pensa que isso é o que o assassino usou para matar as mulheres.

-Não posso acreditar que esteja falando do Merrick que conheço. Stephen sempre me pareceu resistente a qualquer tipo de violência. Tentei obrigá-lo a boxear um par de vezes, mas não se mostrou interessado.

-Bom, pode ser que lhe interesse outro tipo de violência. Quero que me dele fale, me conte algo que lembre.

Rudy deu de ombros.

-Não há muito que dizer. Stephen sempre foi um solitário. Como sabe, é mais velho quatro anos. Comecei a universidade quando ele estava no último ano.

-Você discutiu alguma vez com ele? Jogou-lhe na cara algo que o tenha incomodado o suficiente para querer vingar-se de você?

Rudy negou com a cabeça.

-Quando éramos meninos, brincávamos juntos cada vez que estávamos em Renhurst, mas jamais ficava por muito tempo. Estava acostumado a sentir pena dele. - Levantou o olhar - Eu devo lhe dizer isso, irmãzinha. Acredito que se equivocou de homem.

-Você o viu no White's na noite do último assassinato, certo?

Ele assentiu com a cabeça.

-Ele estava no clube, como é normal para ele.

-Há alguma possibilidade de que tenha lhe tirado um botão de sua jaqueta?

-O que?

-A polícia encontrou um botão na cena do crime. Encontraram o botão que faltava de seu casaco.

Rudy pareceu ainda mais derrotado.

-Deixei o casaco no guarda-roupa. Qualquer um poderia ter pegado o botão.

-Foi diretamente ao Faisão Dourado depois de sair do White's?

-Sim.

-E em seguida? Disse que tinha passeado durante um tempo antes de voltar para casa, mas parou em algum lugar? - Ele negou com a cabeça. - Quer dizer que alguém no clube ou no Faisão Dourado teve que pegar o botão.

-Não tirei o casaco no Faisão. Não tinha intenção de ficar muito tempo.

-Então teve que ser Stephen, ou alguém no White'S.

Rudy refletiu sobre isso.

-Merrick não é um assassino.

-Pode ser que sim, pode ser que não. Agora mesmo me inclino a pensar que sim. - Lindsey ficou em pé - Tenho que ir. Enquanto isso, eu quero que volte a pensar sobre o assunto, que tente recordar de algo que pudesse ter feito para que Stephen queira que você pareça culpado de assassinato.

CAPITULO 28

Thor golpeou a porta principal da enorme mansão de pedra do barão de Renhurst, que ocupava meia quadra de Moon Street. Voltou a chamar várias vezes mais até que a porta se abriu e apareceu um mordomo magro e de cabelo prateado ainda ofegante em sua pressa por abrir a porta.

-No que posso lhe ajudar? -perguntou-lhe, jogando a cabeça para trás para olhar Thor de cima a baixo.

-Tenho que falar com a senhorita Graham. Diga-lhe que Thor Draugr está aqui por um assunto relacionado com seu irmão.

-Sim, senhor. Eu a avisarei agora mesmo. Se for amável em me seguir, poderia esperar na saleta...

-Por todos os céus... Thor!

Lindsey se encontrava no final das escadas, magra e feminina, tão elegante como sempre e tão formosa que o peito de Thor doeu. Começou a descer as escadas e as amplas saias deixaram à vista os delicados tornozelos femininos; o viking sentiu uma aguda onda de desejo na virilha.

Pelos deuses, essa necessidade dela teria que esperar. Conteve a onda de luxúria e se aproximou com rapidez dela. Ainda não a tinha alcançado quando um homem alto com o cabelo avermelhado muito parecido com Lindsey entrou em seu campo de visão.

-E quem é você, posso saber?

Thor olhou para Lindsey, que tinha se detido no meio das escadas. Sentiu uma onda de possessividade tão forte que teve que conter o desejo de colocá-la sobre o ombro e raptá-la, como teriam feito os homens de sua ilha.

-É você o pai de Lindsey?

-Sim.

-Meu nome é Thor Draugr... Sou o homem que se casará com sua filha.

-O que!?

-Não é o momento para tratar desse assunto, mas depois o discutiremos. Agora tenho que falar com Lindsey. Averigüei algumas coisas que poderiam ajudar seu filho.

O barão se limitou a olhá-lo fixamente, com os olhos aumentados pela surpresa. Quando Lindsey acabou de descer a escada, pareceu recuperar a fala.

-Quem é este homem, Lindsey? E de que demônios ele está falando?

-Não estou certa, papai, mas se está aqui, deve tratar-se de algo importante.

-Não estou disposto a deixar que este homem se aproxime...

-Devo falar com Lindsey agora, barão - disse Thor.

Lindsey apoiou a mão sobre o braço de seu pai.

-Não importa, papai. Conheço o senhor Draugr há um tempo. Trabalhamos juntos na *De Coração a Coração*. Ele esteve me ajudando a encontrar o assassino de Covent Garden.

-Meu Deus! Você perdeu o juízo, menina? Um assassinato não é coisa para mulheres.

Lindsey lhe dirigiu um olhar que dizia que tinha ouvido muitas vezes essas palavras.

-Nos dê um momento, papai. É necessário que eu ouça o que ele tem a dizer.

O barão dirigiu a Thor um olhar severo.

-Está bem, mas só um par de minutos na saleta. E com as portas abertas.

Thor assentiu levemente com a cabeça.

-Como desejar, milord.

Ele seguiu Lindsey a uma elegante saleta e ambos se sentaram no sofá, procurando manter uma distância aceitável entre eles.

-Se o que tiver a me dizer não tem nada a ver com meu irmão...

-Eu sei que ainda não me perdoou. Mas averigui algumas coisas que poderiam te ajudar.

Ela lhe dirigiu um olhar desconfiado.

-O que você descobriu?

-Eu fui visitar Simon Beale. Pensei que ele poderia conhecer a mulher sobre a qual Silky Jameson falou Tilly.

Na carruagem a caminho de casa, ele tinha lhes exigido que contassem o que Krista e ela tinham averiguado das garotas do Red Door, e elas o tinham feito a contra gosto.

-O que Beale disse? -perguntou-lhe Lindsey.

-Que a única Tilly que conhecia era Tilly Coote, a babá de Stephen. Disse que já não trabalhava para o marquês quando ele começou a trabalhar como valete do jovem visconde.

-Ele se lembrou de alguma outra coisa?

-Só que não acreditava que Merrick gostasse dessa mulher. Durante os anos que Beale esteve trabalhando como valete, o visconde lhe contou muito poucas coisas boas de sua infância.

Lindsey ficou em pé.

-Tenho que falar com essa mulher. Tenho que encontrá-la.

Thor sentiu uma onda de triunfo. Ele sabia o que Lindsey iria querer fazer, e a primeira parte de seu plano tinha saído perfeita.

-Eu já a encontrei. Eu a levarei até ela.

Lindsey começou a negar com a cabeça.

-Só quero que me diga onde posso localizá-la.

-Não o farei, Lindsey. É muito perigoso. Se desejar ir, eu irei com você.

-Maldito seja!

-Assim é como me sinto desde o dia que disse aquelas horríveis palavras. Venha, eu a levarei até lá.

Thor lhe estendeu uma mão e a manteve ali, esperando que ela pegasse. Lindsey lhe dirigiu um longo e vacilante olhar. Mas no fim, pegou a mão e permitiu que a conduzisse para a porta.

-Eu pedi emprestada a carruagem de meu irmão, mas logo terei a minha própria.

Ela o olhou de esguelha e soltou sua mão assim que entraram no vestíbulo. Seu pai ainda estava ali, com as pernas separadas e as mãos agarradas às costas.

-Estava a ponto de ir te buscar - disse a Lindsey - O tempo já passou e seu amigo deve partir.

-Ele vai, papai. Mas tenho que acompanhá-lo. Thor pode ter encontrado a prova que precisamos para salvar Rudy.

-Thor? Chama-o pelo seu nome de batismo? - Mas Lindsey já saía pela porta principal, e descia as escadas para a carruagem. - Volte aqui, Lindsey! - o barão gritou, correndo atrás dela.

-Não se preocupe papai – ela respondeu-lhe pela janela aberta da carruagem - Retornarei logo.

Thor se acomodou no assento de frente a ela, e o condutor agitou as rédeas fazendo que os cavalos andassem a trote. Afastaram-se da mansão, e Lindsey o observou no assento em frente.

-Você disse a meu pai que vai se casar comigo. Como pode fazê-lo?

-Porque é a verdade. Você me pertence. E no mais profundo de seu ser você sabe disso também, Lindsey.

Ela elevou o queixo.

-Não pertenço a nenhum homem, muito menos a você!

Thor não disse nada. Lindsey estava ali com ele, e isso era um começo. Estava resolvida a falar com a babá chamada Tilly Coote, e ele tinha intenção de ajudá-la. Lindsey estava certa de que seu irmão era inocente, e Thor tinha aprendido a confiar nos instintos de sua mulher.

Talvez... Talvez conseguissem a evidência que precisavam para provar a inocência de Rudy Graham. Depois ele se encarregaria do assunto de convertê-la em sua esposa.

Tilly Coote vivia em uma casa de madeira caindo aos pedaços no subúrbio da cidade. A grama cobria as tábuas do alpendre, e os degraus de madeira se encontravam em um estado ruinoso. Tilly abriu a porta vestida com um desgastado vestido de musselina estampado sob uma jaqueta ruída. Era uma mulher mais velha com o cabelo loiro quase todo coberto de cinza e os dentes amarelos. Pode ser que tivesse sido uma mulher bonita em outro tempo, quando tinha sido a babá de Stephen. Mas já não o era.

-Boa tarde, senhora Coote - disse Lindsey educadamente.

-Boa tarde. O que posso fazer por vocês?

-Meu nome é Lindsey Graham. Este é Thor Draugr. Viemos falar com você sobre os anos que trabalhou como babá do marquês de Wexford. Poderia nos dedicar um momento?

-É senhorita Coote, e suponho que, sim, tenho tempo. Tenho muito pouco o que fazer nestes dias.

Deu um passo para trás para lhes deixar entrar na casa, que estava cheia de cacarecos recolhidos ao longo dos anos, um monte de jornais amarelados e muitos móveis para tão pouco espaço.

A senhorita Coote lhes ofereceu uma xícara de chá que Lindsey e Thor rechaçaram, e acabaram todos sentados na saleta.

-Eu trabalhei para o marquês por quase treze anos - disse a senhorita Coote com ar orgulhoso - É um bom homem, sempre tratava bem aos seus empregados. Mas quando o pequeno Stevie completou treze anos, o senhor marquês pensou que meu trabalho de babá tinha chegado ao seu fim.

-Ele a despediu?

-Aposentei-me. Deu-me uma gratificação por ter feito um bom trabalho. Isso é o que disse... «você fez um bom trabalho educando meu filho, senhorita Coote». Disse-me que tinha ensinado ao pequeno Stevie maneiras impecáveis.

- Stephen foi um menino difícil? - perguntou Lindsey.

-Não foi muito difícil depois que chegamos a um acordo. - Meneou a cabeça - Mas no princípio era um pequeno diabo. Não prestava atenção a nada do que eu lhe dizia, sempre queria brincar em vez de fazer as tarefas que seu tutor, o senhor Barnes, mandava.

-E o que fez você a respeito?

Ela riu.

-Encarreguei-me desse maroto. Eu o amarrava. Tomei emprestado um par de cachecóis de seda de sua mãe para não lhe machucar. Amarrava-o à cama quando não se comportava bem.

O coração de Lindsey se acelerou.

-Amarrava-o?

Tilly sorriu, deixando à vista os dentes amarelos.

-Ele se tranquilizava imediatamente.

-Sua mãe sabia o que você fazia?

-Lady Wexford me deu sua bênção. Não sei se souberem que Stevie não era filho dela. Era filho da primeira lady Wexford, que morreu. A marquesa e o pequeno Stevie não se davam bem.

-Como você se dava com Stephen? - Thor perguntou em tom ameaçador, algo que atraiu a atenção de Lindsey imediatamente.

-Dávamo-nos bem. Eu tinha uma vara de bétula negra. Eu a guardava no quarto dos meninos. Açoitava-lhe o pequeno traseiro quando ele se comportava mal. Não demorou muito tempo para perceber que era melhor fazer o que eu lhe dizia.

-O que aconteceu quando ficou mais velho? – perguntou - O que você lhe fazia então?

Lindsey se voltou para Thor, sem estar segura do que ele que queria dizer exatamente com isso. Quando voltou a olhar à mulher, esta suave.

-Não fiz nada incorreto. Estava crescendo. Precisava aprender as coisas das mulheres. Só as ensinei.

Lindsey ficou ali sentada tentando assimilar o que queria dizer a babá de Stephen. Não era possível que estivesse insinuando que se aproximou do menino de uma maneira tão íntima. Mas pelo escuro olhar de Thor, precaveu-se de que assim era.

Ela levantou-se do sofá com as pernas trêmulas.

-Acredito que chegou o momento de irmos, senhorita Coote. Obrigado pela informação.

-Como já disse, só lhe ensinei tudo aquilo que precisava saber.

-Estou certa de que foi assim - Lindsey disse.

Mas para si mesma pensou que era normal que Stephen odiasse Tilly Coote. Agora sabia por que Merrick tinha assassinado essas mulheres.

-Encontra-se bem? - disse-lhe Thor de seu assento na carruagem.

-Sim. - Lindsey levantou o olhar - Como soube o que ela tinha feito ao Stephen?

Thor endureceu a mandíbula.

-Havia algo em seu rosto... Esse tipo de necessidade que um homem reconhece em uma mulher, sem importar a idade que esta tenha. Não tem um homem agora nem o tinha então. Era lógico que satisfizesse sua necessidade com o menino.

Assim tinha sido mais por instinto do que por outra coisa, pensou Lindsey. Se tinha aprendido algo com Thor, era que ele era um homem muito astuto.

Suspirou.

-Entristece-me pensar o que Stephen deve ter sofrido quando menino.

-Existem muitas pessoas que tem problemas na infância. Mas essa não é uma desculpa para converter-se em um assassino.

Houve algo em sua voz que colocou Lindsey em alerta. Ela sempre tinha sentido curiosidade pelo passado de Thor.

-E quanto a você? Teve uma infância difícil?

Thor encolheu aqueles poderosos ombros sob o tecido escuro da jaqueta. Também levava um elegante colete e uma gravata perfeitamente enlaçada. Se não o conhecesse bem, Lindsey teria acreditado que era um cavalheiro de alta classe.

-Minha mãe morreu quando eu tinha oito anos - ele disse surpreendendo-a já que poucas vezes falava de sua vida antes de chegar à Inglaterra - Ela é apenas uma lembrança. Leif é mais velho, assim estava mais unido com nosso pai. Mas penso que de algum jeito isso foi bom. Obrigou-me a amadurecer antes, a aprender a cuidar de mim mesmo. É algo bom para um jovem.

Mas Lindsey pensou que Thor deve ter sentido falta do amor de uma mãe. Olhando para trás, lembrou do caráter independente de Thor e a distância que mantinha dos outros. Deu-se conta de que possivelmente era porque Thor tinha necessitado sempre o amor de uma mulher.

Sentiu que lhe oprimia o coração. Houve um tempo em que ela queria lhe dar esse amor mais que tudo no mundo.

-Faz muito tempo que não penso em minha mãe - ele disse - Meu pai estava acostumado a dizer que eu tinha herdado o caráter terno que ela possuía. Não sei.

Mas Lindsey sabia que era verdade. Embora Thor fosse o homem mais viril que conhecia, havia nele uma faceta sensível e compassiva. Uma combinação mortífera. Era a razão pela qual ela se apaixonou por ele.

A pressão no coração de Lindsey aumentou. Agora as coisas eram diferentes. Ou não?

Lindsey olhou pela janela da carruagem, viu um gato meter-se em um beco e logo escutou o som de um balde de lixo cair.

-Deveria me levar para casa. Tenho que falar com o tenente Harvey e lhe dar esta nova informação. Meu pai se perguntará onde estou.

-Eu a levarei de volta, mas ainda não.

Ela o olhou.

- Então me diga aonde vamos.

-Nós temos que falar. Vamos ao meu apartamento.

Lindsey recordou da última vez que tinha estado ali, da maneira apaixonada que fizeram amor, e suas bochechas se acenderam.

-Não penso ir a sua casa, Thor. Nem agora nem nunca. Eu peço que me leve para casa.

Ele cruzou os braços sobre o peito.

-Ainda não.

-Eu não vou, Thor. - Este simplesmente a ignorou. - Pare a carruagem agora mesmo, ou eu prometo que me porei a gritar.

Thor não fez um gesto de aceitar suas exigências, e ela abriu a boca, mas antes que pudesse emitir algum som, ele a atraiu para seu colo e afogou o grito com um beijo.

Os lábios de Thor eram quentes, possessivos e familiares, E... Oh, tão sedutores... Era um beijo duro e tentador; um beijo que lhe recordava a maneira em que a tinha beijado tantas vezes.

Thor lhe abriu os lábios com a língua, e o sabor dele inundou seus sentidos. O aroma masculino misturado com alguma colônia a envolveu. Disse a si mesma que devia libertar-se, mas se sentia rodeada pelo calor do enorme e duro corpo do homem. Os músculos de seu tórax lhe roçaram os seios e seus mamilos se contraíram e começaram a palpitar.

Thor pegou o rosto dela entre as palmas das mãos e a beijou com ternura e ferocidade ao mesmo tempo.

-Eu senti falta de você – ele disse-lhe com suavidade, lhe mordiscando suavemente os lábios - Eu não sou feliz sem você. - E lhe deu outro beijo longo e profundo que a deixou sem sentido.

Lindsey não podia pensar, mal podia respirar. Sabia que devia detê-lo, mas seu corpo respondia aos seus beijos, derretendo-se, rendendo-se a ele, e o último pensamento de resistir desvaneceu. Recordando tudo o que tinham compartilhado, Lindsey respondeu ao seu beijo com toda a ardente necessidade que fervia dentro dela. O calor do desejo a fazia arder, e, quando ele afastou os lábios dos seus para beijá-la no pescoço, Lindsey inclinou a cabeça para trás para lhe dar um melhor acesso.

-Amou-me uma vez - ele murmurou em seu ouvido - Disse-me isso, por acaso pode negá-lo? - Reclamou sua boca com um embriagador beijo que a deixou sem fôlego - Pode...? - De novo a beijou e de novo ela estremeceu. - Pode negá-lo?

-Eu... Amava.

Thor lhe percorreu com a língua o trêmulo lábio inferior.

-Queria se casar comigo.

-Sim...

Ele acariciou sua bochecha com um dedo e lhe inclinou a cabeça para trás para poder olhá-la diretamente nos olhos.

-Então se casará comigo.

Ela negou com a cabeça, mas ele sustentou seu rosto entre as mãos e a beijou de novo, profunda e longamente; um aviso e uma promessa ao mesmo tempo. Ela estava relaxada e dócil em seus braços quando terminou. De repente, ela percebeu que ele tinha baixado as persianas das janelas. Vagamente, ouviu-o ordenar ao condutor que não parasse até que lhe dissesse o contrário.

Lindsey não resistiu quando ele abriu os botões das costas do vestido e o deslizou pelos ombros. Não se negou quando ele deslizou a mão dentro de uma das taças do espartilho para lhe acariciar um seio até que o tenso mamilo pulsou sob seus dedos. Não o deteve quando inclinou sua escura cabeça para saboreá-lo, chupá-lo e lambê-lo até que Lindsey se retorceu em seu colo, contendo-se para não suplicar por mais.

-Nós vamos nos casar - ele disse entre pequenas dentadas - como deveríamos ter feito antes.

Lindsey engoliu. Ela estava ardente, ansiosa e faminta dele. Desejava tocá-lo por toda parte, desejava senti-lo dentro dela.

-Diga - ele rogou com suavidade – Diga-me que se casará comigo.

Lindsey sentiu as mãos masculinas sob as saias, acariciando-a suave e habilmente, cada vez com mais insistência. O prazer a atravessou selvagem e doce. Estava já a beira do clímax quando ele parou.

-Diga-o.

Lindsey gemeu, tentando articular as palavras. Diria o que ele quisesse desde que continuasse.

-Diga-o! - Thor exigiu-lhe, acariciando-a profundamente outra vez.

-Eu o farei... Casarei-me com você.

Mas em lugar de lhe dar o que ela mais desejava, retirou a mão de debaixo das saias de Lindsey, levantou-a e a deixou escarranchada sobre suas coxas. Lindsey gemeu quando ele abriu a braguilha das calças liberando seu membro, voltou a elevá-la e a empalou até o fundo.

Lindsey jogou a cabeça para trás e fechou os olhos.

-Santo Deus.

Envolveu-lhe o pescoço com os braços quando a recostou no assento da carruagem e começou a investir no interior do corpo de Lindsey. Suas estocadas longas e profundas fizeram suas entranhas arder, lhe provocando um prazer tão intenso que estremeceu dos pés a cabeça. Nunca havia sentido nada tão bom nem tão completo.

Nesse momento, Lindsey se deu conta de que, sem importar com as coisas terríveis que ele havia lhe dito, sem importar se Thor a amava ou não, era a ele quem ela queria.

E fosse qual fosse à razão de Thor para querer casar-se com ela, ia casar-se com ele.

-Lindsey... Meu amor... - ele murmurou, beijando-a de novo, levando-a a aquele lugar que parecia tão fácil de alcançar quando estava com ele.

Lindsey gritou quando chegou ao clímax e voou livre para as estrelas. Thor a seguiu uns minutos mais tarde, com os músculos do peito tensos e as coxas rígidas contra os dela, que se abriam para o receber. Em algum canto de sua mente, Lindsey raciocinou que não estava tomando a poção de Samir, mas não se importou. A verdade era que queria ter um filho de Thor.

Baixaram flutuando juntos e finalmente voltaram a tomar contato com a realidade.

Thor afastou um cacho de sua bochecha, inclinou a cabeça e a beijou muito suavemente.

-Eu falarei com seu pai.

A doce lassidão se esfumou. Lindsey mordeu os lábios quando imaginou a cena com seu pai.

-Ainda não. Eu tenho que... O preparar um pouco.

Como se isso fosse possível. Santo céu, seus pais iriam ficar muito furiosos. Queriam que ela se casasse com um cavalheiro, com um homem de classe alta. Queriam que se casasse com Michael Harvey ou qualquer um dos outros homens da lista. Mas Lindsey não amava Michael, amava Thor e tinha tomado uma decisão. Não sabia por que Thor estava tão resolvido a casar-se com ela. Talvez fosse a luxúria, talvez fosse algo mais. Com o tempo, ela descobriria a verdade.

Passou-lhe uma mão pela bochecha e sentiu a aspereza da barba que cobria sua mandíbula. Gostaria de poder falar, poder começar a planejar o futuro, mas teriam tempo mais adiante. Agora, era o momento de pensar em Rudy e de encontrar uma maneira de salvá-lo.

Lindsey se sentou no assento e começou a arrumar a roupa.

-Tenho que falar com Michael – ela disse-lhe - Tenho que lhe dizer o que descobrimos sobre Tilly Coote.

Lindsey observou o profundo semblante carrancudo de Thor e se deu conta muito tarde que ao chamar o tenente por seu nome de batismo tinha cometido um grave engano. Em lugar de fazer voltar à carruagem para levá-la pra casa, Thor começou a beijá-la de novo. Em seguida a recostou no assento, embaixo dele, e a penetrou uma segunda vez.

Uma doce onda de prazer arrancou qualquer outro homem dos pensamentos de Lindsey.

CAPITULO 29

Deveria haver-lhe dito. Deveria ter dito às palavras que ele sabia que qualquer mulher queria escutar. Deveria haver dito a Lindsey que a amava.

Thor se amaldiçoou enquanto subia no lombo de Sabre e saía dos estábulos para os espaços abertos e cobertos de grama do Green Park. Por ser ainda cedo, não havia ninguém ali que o incomodasse. Fracos raios de sol logo iluminavam os caminhos de cascalho que rodeavam o parque.

Thor vinha todo o dia ao amanhecer trabalhar com o garanhão. Montava-o, domava-o e ganhava a confiança do animal. Embora o jovem Tommy Booker fosse um jovem excelente, Thor passava à tarde sempre que podia. Sabre era seu futuro, os alicerces da criação de cavalos que tinha intenção de estabelecer no campo. Um futuro que tinha intenção de compartilhar com Lindsey.

Enquanto percorria todo o parque com o cavalo ao meio galope, pensou no muito que ainda tinha que fazer. Uma vez que tivesse terminado de exercitar Sabre, iria à casa de seu irmão para as lições diárias sobre como converter-se em um cavalheiro.

Pensou que nesse aspecto estava indo muito bem. Trabalhava muito duro para aprender as pequenas e sutis regras que precisava saber se queria ser aceito pela família de Lindsey. Thor não tinha muitas ilusões a respeito. Poderia passar anos antes que o aceitassem como marido de sua filha. Não importava. Lindsey era dele e nada mudaria esse fato. Nem ele permitiria.

Inclinou-se para frente e deslizou uma mão pelo comprido e sedoso pescoço de Sabre. O vento estava se levantando e agitava a grama coberta de gelo da última geada.

Instigou o garanhão a acelerar o passo, inclinando-se sobre sua cabeça, e o cavalo galopou rapidamente.

Thor se sentiu completamente cheio pelo orgulho, admirado uma vez mais pela magnificência do animal. Sabia que nunca em sua vida poderia agradecer o suficiente a Lindsey pelo precioso presente que ela tinha lhe dado.

Seus pensamentos voltaram para o começo.

Deveria haver-lhe dito. Não deveria ter se calado.

Deveria lhe ter dito que a amava, pois era a verdade. Ela era tudo para ele. Tudo. Sem ela, a vida não tinha sentido.

Mas, de onde ele vinha, de um mundo dominado pelos guerreiros, as mulheres só serviam para satisfazer os desejos dos homens. Ali os homens não falavam de amor. Era muito raro que um homem sentisse esse tipo de emoção e, se o fazia, raramente o admitia.

Ele sabia que seu irmão amava sua esposa.

Provavelmente seu pai tinha amado sua mãe também. Provavelmente aquele olhar longínquo e distante que tinha vislumbrado em algumas ocasiões nos olhos de seu pai era o desejo que sentia pela mulher que tinha amado e perdido.

Thor puxou as rédeas e freou o cavalo até que este seguiu um trote lento, depois continuaram pela estrada de cascalho que beirava o parque. Logo diria a Lindsey o que sentia por ela, que a amava mais que tudo no mundo. Ele o diria assim que surgisse o momento adequado.

Thor suspirou enquanto fazia virar o garanhão para o estábulo. Não sabia por que, mas este lhe parecia o desafio mais difícil que enfrentou. Inclusive as brigas com os berserkers de sua ilha, os guerreiros renegados que atacavam os povoados, parecia uma tarefa muito menos temível.

Deveria dizer-lhe, ele disse-se a si mesmo, e logo.

Mas ele ainda não sabia quando.

Começava a brilhar o sol da primeira hora da manhã, quando Lindsey foi em busca de Thor no estábulo onde alojava o enorme cavalo negro. Sabia que ele passava ali tanto tempo como podia, fosse pela manhã ou pela tarde. O garanhão era sua posse mais valiosa, e Lindsey sabia o quanto significava o cavalo para ele.

Quase tinha chegado ao estábulo quando o viu cavalgando pelo caminho em direção a ela. Quando ele elevou o olhar, surpreendeu-se ao vê-la, em seguida seus olhos azuis se escureceram e arderam com aquele fogo familiar que ela sempre via quando ele a olhava. Lindsey sorriu quando ele se dirigiu para ela, oferecendo uma imagem impressionante em cima do garanhão, com as calças negras de montar, a camisa branca e uns ombros tão largos que bloqueavam a luz do sol.

Thor parou sabre.

-Bom dia - ele disse em um inglês perfeito com um sorriso tão doce que Lindsey sentiu cócegas no estômago.

-Bom dia - ela respondeu.

-O que faz aqui? – ele perguntou enquanto passava uma longa perna sobre a garupa do cavalo e desmontava.

Nesse momento, Sabre captou o aroma de Lindsey, levantou as orelhas e sacudiu o nariz como uma saudação; parecia muito contente de vê-la.

Tirando um torrão de açúcar do bolso da saia, Lindsey se aproximou do animal e o ofereceu na palma da mão. Depois o coçou atrás das orelhas.

-É um belo animal.

Sabre sacudiu a cabeça como se estivesse de acordo com ela. Lindsey se voltou para Thor.

-Vim falar com você. Esperava o encontrar antes que fosse para o cais. Eu acho que este é um bom lugar para conversar.

-Eu senti falta de você. - Thor inclinou a cabeça e lhe deu um beijo suave. Lindsey abriu os lábios e permitiu que a língua masculina entrasse em sua boca. Thor gemeu e se endireitou, inspirando profundamente - Do que quer falar?

Conhecendo como conhecia cada canto desse magnífico corpo, Lindsey se obrigou a tirar de sua mente a imagem dele nu entre as rochas das ruínas. Ela limpou a garganta.

-Estive pensando em Tilly Coote. Esta tarde vou à delegacia de polícia. - Dirigiu-lhe um olhar penetrante, pensando na sua acalorada maneira de fazer amor na carruagem e tentando não corar. - Como tinha tido a intenção de fazer ontem.

Ele lhe respondeu com um olhar ardente, que Lindsey firmemente ignorou.

-Tenho que contar ao agente Bertram o que Tilly Coote nos disse sobre Stephen.

-Você acha que isso o convencerá de que Merrick é o culpado dos assassinatos?

Lindsey afastou o olhar.

-Na verdade, não. Esse homem colocou na cabeça que Rudy é culpado e até que tenhamos provas fidedignas ninguém na polícia acreditará no contrário.

Thor lhe dirigiu um olhar suspeito.

-O que tem a ver Tilly Coote com a razão de você estar aqui?

-Não se trata exatamente de Tilly, mas sim de algo que nos disse: os cachecóis. Se Stephen for realmente o assassino de Covent Garden, o cachecol ou cachecóis que utilizou para matar as mulheres devem estar em sua casa. Ou possivelmente poderíamos encontrar outro tipo de prova. Acredito que se pudessemos entrar...

-Não.

-Temos que tentar, Thor. Precisamos de alguma prova física.

-Mesmo que tivesse a sorte de encontrar os cachecóis, teria que provar que pertencem a Merrick.

Ela avaliou essa questão cuidadosamente. A polícia se negava a acreditar em qualquer coisa que ela dissesse. Tinham que ser eles que encontrassem as provas. Mas como convencê-los que revistassem a casa do visconde? E o que ocorreria se não encontravam nada?

-Tem razão. Temos que falar com Simón Beale. Talvez ele tenha visto os cachecóis. Quero dizer, não é normal que um homem tenha esse tipo de objeto. Beale poderia saber onde Stephen os guarda. Poderia ajudar à polícia a encontrar.

Thor conduziu a Sabre ao interior do estábulo, e Lindsey o acompanhou caminhando ao seu lado.

-Eu também estive pensando em Beale e no que poderia saber. Ontem lhe enviei uma mensagem. Recebi uma resposta da governanta de Merrick. Dizia que Simón Beale já não trabalha para lorde Merrick.

Lindsey arregalou os olhos.

-O senhor Beale estava a anos trabalhando para Stephen. Por que o terá deixado? E, por que justo agora, que está tentando que se faça justiça?

Thor negou com a cabeça.

-Eu não gosto de pensar isto, mas temo que possa ter lhe acontecido algo. Depois de receber a nota, passei pela casa do visconde. Segundo a senhora Woodruff, a governanta, Merrick lhe disse que o senhor Beale tinha tido que abandonar a cidade de maneira inesperada por um problema familiar. Beale tinha lamentado partir de maneira tão brusca, mas não lhe tinha restado mais remédio.

Lindsey mordiscou os lábios.

-Deus bendito, não acredita... Não acredita que Merrick o assassinou?

-Se o visconde descobriu que seu valete nos deu informação pessoal, é muito possível que o tenha feito.

Lindsey cambaleou, e Thor rodeou sua cintura com um braço para sustentá-la.

-Você sabe que ele é um homem perigoso, Lindsey.

Ela concordou com a cabeça. Mas continuava pensando que, agora mais que nunca, era importante entrar na casa de Merrick. Talvez desta vez Michael ou Bertram a escutassem.

O tempo de Rudy estava acabando, tinha que fazer algo.

Embora não fosse muito tarde, nessa época do ano escurecia cedo. Havia uma lâmpada de gás em uma esquina, mas, a uns poucos passos dela, o círculo de luz perdia intensidade e diminuía.

Stephen estava oculto nas sombras, fora dos escritórios de Coração a Coração. Através das janelas, viu que ainda havia luzes no interior, embora logo se apagassem. A jornada de trabalho tinha terminado, os empregados saíam um a um. A carruagem de Lindsey a esperava na calçada em frente para levá-la de Piccadilly a Mount Street, onde estava localizada a residência de seus pais.

«Lindsey.» Saboreou o nome com os lábios. Quando seu pai tinha ido lhe perguntar se estaria interessado em casar-se com sua filha, Stephen havia se sentido intrigado. Não a conhecia muito bem, mas, por serem vizinhos, mantinham uma relação amigável há anos. Seu pai estava ficando velho, Stephen logo seria o marquês de Wexford. Ele necessitaria um herdeiro, e Lindsey, filha de um barão muito respeitado, serviria para tal propósito.

Sabia que era uma mulher independente, mas, para sua surpresa, isso o satisfazia. Demandaria pouca atenção, possivelmente só a necessária para deixá-la grávida. Acreditava que poderia dirigi-la, apesar de a ideia de deitar-se com ela o atraía muito. A menos, claro, que demonstrasse ser inclusive mais indócil do que ele tinha imaginado. Gostava que as mulheres se opusessem a ele. Ele encontrava prazer em dominá-las.

Voltou a olhar pelas janelas dos escritórios. Só restava um abajur aceso. Lindsey ainda estava dentro, mas sairia em questão de minutos. Stephen tinha intenção de segui-la como tinha estado fazendo já por várias noites, desde que descobriu que seu valete o tinha traído.

Desde que descobriu que Lindsey Graham estava tentando demonstrar que ele era culpado de assassinato.

Stephen pensou em tudo o que tinha descoberto desde aquele dia. Inteirou-se de que a mulher com a qual tinha pensado em casar não era virgem. Que era uma prostituta que compartilhava seu corpo descaradamente com o enorme homem de cabelo escuro que tinha trabalhado em seus estábulos.

A bÍlis lhe subiu à garganta. O desejo de apertar sua garganta com suas mãos foi tão intenso que quase pôde saboreá-lo. Tinha-o enganado... Tinha enganado a todos. Era uma puta, e queria que fosse sua. Queria ser o homem que a matasse.

Mas se o fazia, se tirava sua vida daquela maneira que tanto lhe agradava, se satisfazia essa enorme necessidade que sentia, Rudy Graham ficaria livre. Estava claro que, se aparecesse outra mulher morta enquanto ele permanecia na prisão, saberiam que outro homem era o responsável pelos assassinatos das prostitutas de Covent Garden.

Stephen queria que Rudy pagasse, assim ficaria quitada uma velha dívida e, por fim, poderia tirar de sua mente aquele momento humilhante. No começo, havia se dito

que uma vez que Rudy estivesse morto, pararia. Ninguém saberia jamais a verdade, e nunca suspeitariam dele.

Depois de tudo, não tinha sido sua intenção assassinar alguém. A primeira mulher que tinha matado tinha sido Penny Barker, aquela prostituta que tinha deixado grávida. Não queria matá-la, mas quando ela tinha falado sobre o bebê e lhe havia dito que esperava que ele se casasse com ela, ou do contrário falaria com seu pai, algo em seu interior tinha explodido. Ele a tinha estrangulado no bosque e a tinha enterrado sob uma velha árvore.

Também não tinha sido sua intenção continuar, mas, depois de Penny, a luxúria tinha continuado crescendo. A necessidade de limpar o mundo das repugnantes criaturas que induziam os homens a cometer pecados tinha sido, simplesmente, muito forte.

Olhou para o escritório e viu que saía outro empregado. Pensou na prostituta com a qual poderia ter acabado casado e em como se sentiria ao deslizar o cachecol por sua garganta e apertar. Teria que esperar para isso, mas não muito.

Assim que Rudy estivesse morto, poderia começar de novo. Nunca suspeitariam dele.

Observou como a porta voltava a abrir e como Lindsey saía dos escritórios, descia as escadas e cruzava a rua de paralelepípedos para sua carruagem. Depois de subir a escada, fechou a porta. Para Rudy Graham, restava pouco tempo. Iam considerá-lo culpado e o enforcariam. Stephen disse a si mesmo que devia esperar, que quase tinha acabado.

Mas enquanto a carruagem se afastava, o desejo de poder observar como a vida abandonava o corpo traidor daquela prostituta foi quase insuportável. O suor lhe cobriu a testa, e inconscientemente fechou os punhos enluvados.

Começou a andar pela rua escura; o frio ar da noite fazia revoar a capa a suas costas. Seguiu as luzes da carruagem até a casa onde ela vivia. Cedo ou tarde, chegaria um momento no qual estaria sozinha e desprotegida.

Então teria que tomar uma decisão.

Suas palmas das mãos picaram. Não era uma decisão difícil.

Outro dia chegou ao seu fim. Lindsey saiu cedo dos escritórios e retornou para casa. Thor estava trabalhando nos cais, assim não tinha podido vê-lo. Não o via desde a manhã que tinha ido aos estábulos, embora tivesse sonhado com ele todas as noites, sonhos úmidos nos quais havia sentido como ele acariciava seus seios, como o enorme corpo de Thor a pressionava contra o colchão, e como sua dura longitude se movia em seu interior.

Enquanto percorria o corredor para a saleta, abanou o rosto com a mão para esfriar suas bochechas repentinamente quentes. Deus Bendito, ele podia fazer que enlouquecesse de luxúria sem nem sequer estar ali!

Exalou um suspiro. Seus pais estavam na saleta. Tinha que falar com eles, os informar de sua decisão de casar-se com um homem que não estava, definitivamente, incluído em sua lista. Gostaria de poder adiá-lo. Sua mãe estava morta de preocupação por Rudy, e seu pai andava para cima e para baixo invadido por uma fúria impotente por não ter podido limpar o nome de seu filho. Não queria os contrariar mais do que já estavam, mas sabia que Thor não podia esperar.

Estava resolvido a que se casassem o quanto antes possível, e era provável que tivesse razão. Já que não tomava mais a poção de Samir, existia a possibilidade de que nesse momento levasse em seu ventre o bebê de Thor. A ideia deveria havê-la assustado, mas a fazia sorrir. Queria ter um filho de Thor. E embora ele fosse um

homem grande e pudesse ter problemas no parto, também era certo que havia muitos homens grandes em sua família, e suas esposas pareciam não ter tido problemas.

Apesar de não poderem casar-se enquanto Rudy corresse o risco de ser enforcado, o tema do matrimônio deveria ficar resolvido. Se fosse necessário, casaria com Thor contra os desejos de seus pais, mas esperava que, com o tempo, aceitassem sua decisão.

Lindsey se preparou para enfrentá-los e percorreu o comprido corredor até a saleta. Sua mãe, embelezada com um vestido de seda cor de rosa, estava sentada no sofá de brocado, enquanto seu pai estava sentado em uma poltrona ao seu lado. A baronesa segurava um bastidor de bordado no colo, mas a agulha que tinha na mão não se movia. Seu pai tentava ler, mas cravava os olhos no fogo da lareira em vez de nas páginas do livro.

Sabendo como estavam preocupados, o coração de Lindsey sofreu por eles. Mas mesmo assim, o que tinha que lhes dizer era muito importante.

Obrigou-se a sorrir.

-Boa noite, papai, mamãe. Alegro-me de encontrar aqui aos dois.

Seu pai deixou o livro encadernado em couro sobre a mesinha ao lado da poltrona.

-Queria falar conosco?

-Sim.

Ele sorriu, parecia feliz.

-Você tomou alguma decisão com respeito ao matrimônio?

Ela assentiu com a cabeça.

-Eu sei que não é o momento oportuno. Sei que é algo que não ocorrerá até que a situação de Rudy... Solucione-se, mas queria que soubessem qual foi minha decisão.

Um pouco de cor apareceu nas bochechas de sua mãe.

-Será bom ter boas notícias. – ela sorriu - Eu penso que terá escolhido ao atraente tenente Harvey, não é?

Lindsey mordeu o lábio.

-Não exatamente. O que quero dizer é que, se não fosse por um problema particular, provavelmente teria elegido Michael.

Seu pai franziu o cenho.

-Que problema particular?

-Não estou apaixonada por Michael. De fato, estou total e profundamente apaixonada por outra pessoa.

Sua mãe sorriu enquanto se levantava do sofá e se aproximava dela.

-Lorde Merrick! Escolheu se casar com o visconde! Uma excelente escolha, querida.

Lindsey levantou uma mão para deter sua mãe.

-Sinto muito, mamãe. Não é Stephen. Lorde Merrick seria o último pretendente que escolheria. O homem que amo é Thor Draugr.

Seu pai entrecerrou os olhos.

-Não estará falando daquele homem tão arrogante que veio aqui outro dia?

-Thor é o homem mais amável, cortês e maravilhoso que eu já conheci. Assim que o conheça, verá que é verdade. Eu o amo e vou me casar com ele.

-Mas... Quais são suas circunstâncias? - Perguntou sua mãe - Esse homem não tem título, nem posição social...

-Como se manterá? - inquiriu seu pai, levantando-se da cadeira.

-Thor não está na miséria, mas me casaria com ele mesmo que assim fosse. Quer falar com você deste assunto, papai. Só queria que estivesse preparado.

-Se acha que por um momento vou permitir que...

-Tenho vinte e dois anos, papai. Com ou sem sua permissão, Thor é o homem com o qual me casarei. - aproximou-se dele e pegou sua mão, sentindo a tensão que o invadia - Mas espero que lhe dê uma oportunidade. Acredito que se o fizer, verá por que o amo. Verá as mesmas boas qualidades que eu vejo, e ambos se darão conta de que é o único homem que poderia me fazer feliz.

Sua mãe voltou de novo para o sofá e se deixou cair pesadamente nele. Seu pai ficou olhando-a fixamente.

-Como já disse antes, não é o momento adequado. Agora, devemos centrar toda a nossa atenção em Rudy. O mais importante é provar sua inocência.

Seu pai limpou a garganta.

-Rudy... Sim. Discutiremos o assunto de seu matrimônio assim que seu irmão fique em liberdade.

Lindsey não acrescentou mais nada, só se virou e saiu da saleta. Rezou para que seu irmão não demorasse a sair da prisão. E para que Thor a amasse do mais profundo de seu coração.

CAPITULO 30

Lindsey abandonou a saleta com os pensamentos divididos entre a preocupação com Rudy e o futuro que tinha escolhido junto a Thor. Enquanto percorria o vestíbulo para as escadas, viu que o mordomo se aproximava dela rapidamente com uma careta em sua magra e enrugada cara.

-O que aconteceu, Benders?

-Recebeu uma nota, senhorita. O menino que a trouxe disse que era importante.

Um tremor de aflição a percorreu dos pés a cabeça. Perguntou-se se a nota poderia ser de Simón Beale, mas ficou surpresa ao ver que estava escrita com a familiar letra de Rudy. Lindsey pegou a mensagem e rompeu o selo de lacre.

Irmãzinha:

Recordei de algo que poderia ser importante. Venha assim que possa.

Afetuosamente, seu irmão

RUDY

Sentiu uma pressão no peito, a seguir seu coração começou a pulsar a toda velocidade. Rudy tinha lembrado algo sobre Stephen. Possivelmente fosse a informação que necessitavam para provar sua inocência.

-Por favor, diga a meus pais que surgiu algo importante e que não me esperem para jantar.

-Sim, senhorita. Ordeno que lhe preparem a carruagem?

-Não tenho tempo. Pegarei uma carruagem de aluguel na esquina.

Acostumado a suas maneiras independentes, o mordomo assentiu com a cabeça, estendeu-lhe a capa forrada de pele e a pôs sobre os ombros.

-Obrigado, Benders.

Deixou o mordomo na entrada, desceu as escadas a toda velocidade e percorreu a rua até a esquina. Não demorou a subir em um cabriolé.

-Para a prisão de Newgate – ela ordenou ao condutor, um homem barbudo que lhe dirigiu um olhar desinteressado antes de agitar as rédeas contra a garupa de um velho cavalo ossudo.

O trajeto parecia eterno. Finalmente, a carruagem parou em frente da prisão e Lindsey desceu.

-Eu pagarei o dobro se esperar até que eu saia.

Ele esfregou a barba e assentiu com a cabeça.

-Aqui estarei.

Apressando-se para a entrada, dirigiu-se ao guarda, deu-lhe um punhado de moedas e este abriu a porta que dava ao pátio, guiando-a ao interior da horripilante prisão.

O som de seus passos ressonou com o passar do corredor de pedra, e Lindsey sentiu um calafrio subir pelas costas. A pena que sentia de Rudy encheu seus olhos de lágrimas. Lindsey piscou para eliminá-las quando chegavam à cela que seu irmão ocupava no final do corredor. A porta chiou ao abrir. Rudy se levantou sobre o colchão encaroçado do estreito catre.

-Irmãzinha! Como me alegro em te ver.

Ela correu para seu lado e lhe deu um abraço. Rudy, coisa incomum nele, o devolveu, aferrando-se a ela como se fosse sua única esperança.

Lindsey engoliu e esboçou um sorriso.

-Pensei que o senhor Marvin estaria aqui.

-Esteve aqui antes, acompanhado pelo detetive que contratou.

-Mansfield? Ele descobriu algo de útil?

-Eu expus o que você comentou sobre Merrick e a garota desaparecida, assim saíram direto para Foxgrove. Aparentemente, falaram com um homem do povoado que afirma ter estado ali na noite que Penélope Barker desapareceu. Disse que viu Merrick levando a garota nos braços para fora dos estábulos. Merrick parecia furioso e chateado, suponho que porque a garota estava grávida. Não voltaram a vê-la.

-Isso prova que ele esteve com ela na noite que desapareceu.

-Mas isso não prova que a tenha matado.

Lindsey desabotoou a capa e a tirou. Depois a deixou sobre o encosto de uma frágil cadeira de madeira.

-Você disse na nota que tinha lembrado algo. Quer me dizer do que se trata?

Rudy inspirou fundo.

-Não sei se significa algo. Na época não me pareceu importante. E mais, tinha-me esquecido disso por completo até que me falou da Red Door e de que Merrick gostava de amarrar as mulheres.

-Continue.

-Aconteceu numa noite um pouco depois de começar a universidade. Alguns de nós fugíamos e íamos ao povoado. Ali existia uma taberna, um lugar que frequentávamos bastante. E havia mulheres... Já sabe, dessas que cobram por seus favores.

-Prostitutas. - Ele corou. - Assim que seus companheiros e você foram ao bar. Stephen ia com vocês?

Rudy negou com a cabeça.

-Ele era mais velho. Não saíamos juntos.

-O que aconteceu naquela noite?

Rudy ficou olhando fixamente o chão de madeira nua.

-Não sei se lhe posso seguir contando isso, Lindsey. Este não é o tipo de conversa que um homem tem com sua irmã.

-Eu tenho que saber Rudy. Imagine que sou um homem.

Ele levantou o olhar e curvou os lábios.

-Eu a vi vestida como um menino toda vez que escapulia para ir montar a cavalo. Acho que posso fazê-lo.

Lindsey quase riu.

-Dizia que foram a um bar.

-Um lugar chamado o Ganso. Havia ali uma empregada chamada Molly. Ou ao menos acredito que se chamava assim. Era um pouco mais velha com muito busto e muito formosa. Corria o rumor de que ela sabia como agradar um homem. Meus amigos me pressionaram para que pagasse por seus favores, apostando que eu não me atreveria a fazê-lo. Pensei que ela estaria sozinha no andar de cima e subi para falar com ela.

-O que aconteceu?

-O quarto ficava no final do corredor. Virei o trinco e não estava fechado com chave. Abri a porta e ali estava Stephen, nu e com as extremidades estendidas completamente sobre a cama. Tinha os pés e as mãos atados aos postes da cama. Estava tão surpreso que fiquei ali olhando. Molly o apontava, ria e burlava dele porque não podia... Não podia... - Rudy afastou o olhar com o rosto avermelhado.

-Continue Rudy. Conte-me o resto.

O jovem passou a mão pelo cabelo castanho claro e lhe caíram várias mechas sobre a testa.

-Eu também comecei a rir. Pareceu-me que estava muito engraçado... Assim preso e tudo isso. É o tipo de coisas que um jovem pode gostar de experimentar, já sabe. Quer dizer, quando deixa que uma mulher... - interrompeu-se, e seu rosto ficou ainda mais corado - A coisa é que me pareceu muito engraçado. Possivelmente para o Stephen não o fosse.

-Você disse para os outros meninos?

-Acho que não. Mas quem sabe? Estava um pouco bêbado.

Lindsey lhe deu as costas e caminhou para a mesa. Um homem podia guardar rancor durante tantos anos por um incidente assim? A verdade é que Stephen deve ter se sentido muito humilhado. Possivelmente o relacionava de algum jeito com o que tinha sofrido quando menino. Mas era o suficiente para levar um homem a tais extremos?

-O que pensa? - perguntou Rudy.

-Não acredito que tenha assassinado essas mulheres porque o pegou com as calças abaixadas, mas acredito que quando começou a cometer os crimes, pôde ter lhe ocorrido devolver a humilhação te fazendo levar a culpa.

-É uma boa teoria.

-E tudo isso dos cachecóis e de estar amarrado... Não acredito que seja uma coincidência. - A seguir contou a Rudy sobre a babá de Stephen e de como Tilly Coote o tinha castigado e utilizado para sua satisfação pessoal quando era só um menino.

-Eu me lembro. Jamais gostei dela e sempre me pareceu que Stephen também não gostava. - ele levantou o olhar - Se tiver razão, como vamos prová-lo? Meu julgamento acontecerá em uns dias. Como podemos provar que foi ele quem cometeu os crimes?

Lindsey negou com a cabeça, com um nó na garganta. Em só uns dias, Rudy poderia ser sentenciado à morte.

-Não sei. - aproximou-se dele e segurou sua mão, sentindo que tremia sob seus dedos - Não sei Rudy, mas Deus é testemunha de que encontraremos uma maneira.

Já tinha escurecido quando Lindsey abandonou a prisão. Apesar disso, o cocheiro a esperava com a carruagem de aluguel diante do edifício. O homem dormia na parte traseira quando se aproximou.

Roncava tão forte que despertou a si mesmo e se endireitou no assento, piscando como uma coruja.

-Eu esperava que retornasse.

-Obrigado por esperar.

O homem desceu do assento traseiro e ela subiu ao interior da carruagem, acomodou-se no assento de couro rachado enquanto o cocheiro se instalava no assento do condutor e tomava as rédeas.

-Me leve a Half Moon Street – ela disse-lhe - Eu direi onde parar quando chegarmos.

-Sim, senhorita. - Fez estalar as rédeas, e o velho cavalo baio, que parecia tão sonolento como o condutor, começou a andar com um passo lento. Lindsey queria falar com Thor para lhe dizer o que Rudy tinha lhe contado e ver se juntos podiam resolver o que fazer.

Além disso, queria vê-lo. O cabriolé chegou finalmente ao seu destino e Lindsey pagou ao condutor. Estava a ponto de sair quando levantou o olhar para a janela do apartamento de Thor e se deu conta de que não havia luz no interior. Não fazia muito

que o sol se pôs, e não era muito tarde. Se ele não estava em casa, o mais provável era que estivesse com Sabre.

-Há uns estábulos ao lado de Green Park. Eu gostaria que me levasse ali. Está a só umas quadras daqui.

O homem assentiu com a cabeça, feliz pelo dinheiro extra. Lindsey se remexeu inquieta no assento, impaciente por contar a Thor o incidente ocorrido entre Stephen e Rudy no Ganso.

O cabriolé chegou uns minutos mais tarde, e ela sentiu um profundo alívio ao ver uma lâmpada acesa através da janela dos estábulos. Não havia muita luz, mas estava certa de que Thor estava lá dentro. Inclusive se não fosse assim, a distância era pequena até a casa dela, por isso poderia ir sozinha.

-Obrigado de novo – ela disse ao condutor, lhe oferecendo algumas moedas mais.

Dando a volta, se apressou pelo caminho de cascalho para o enorme edifício de madeira que limitava com o parque, não muito longe de onde seu pai guardava seus próprios cavalos.

Entrou e procurou por Thor com o olhar, mas o edifício estava vazio e se sentiu decepcionada. Logo o garanhão a saudou com um relincho e ela sorriu. Recolhendo as saias, Lindsey se aproximou dele.

-Olá, bonito. Onde se encontra seu amo? Esperava poder encontrá-lo aqui.

Sabre relinchou suavemente.

-Suponho que terei que esperar até amanhã.

Passeou o olhar pelo estábulo. Outros cavalos permaneciam tranquilos em suas baias, mas não havia mais ninguém ali, nem sequer o jovem cavaleiro, Tommy Booker. Estava sozinha no estábulo e, pela primeira vez, sentiu uma pontada de inquietação.

Sem saber como, a angústia a envolveu. Havia muitas mulheres mortas. Simón Beale poderia ter sido assassinado também. Pensou o quanto Thor ficaria zangado quando soubesse que tinha ido ali sozinha. Deveria haver pedido ao condutor que esperasse, mas já era muito tarde.

Entretanto, aquele era o bairro mais seguro de Londres e não tinha que caminhar muito para chegar em casa. Recolheu as saias para não as sujar com a terra do chão e se dirigiu à porta. Estava a meio caminho desta quando a luz se apagou e o interior dos estábulos ficou perdido na escuridão.

Lindsey ficou paralisada. O coração pulsou pesadamente contra as costelas e o medo fez que lhe subissem calafrios pelas costas. Disse a si mesma que o vento tinha apagado a chama da lâmpada, que não havia razão para ter medo. Mas não havia brisa essa noite, as folhas das árvores permaneciam imóveis.

Algo se moveu na escuridão. Um camundongo, disse-se, ou o gato dos estábulos mantendo no limite a população de ratos. Ignorou o irregular batimento de seu coração e avançou para a porta enquanto seus olhos se acostumavam com a escuridão. Através da entrada, pôde ver a luz da lua que aparecia por cima da fila de edifícios ao leste e que lhe dava luz suficiente para poder voltar para a porta pela qual tinha entrado.

Mas nesse momento, Lindsey viu a silhueta de um homem.

Lindsey conteve o fôlego e reprimiu um grito. A sombra era muito pequena para pertencer a Thor e muito grande para ser do jovem Tommy.

-Quem está aí? - gritou, rezando para que sua voz não tremesse, esperando que quem quer que fosse se identificasse para poder rir de si mesma.

-Você me conhece... - disse o homem com uma voz que a fez estremecer dos pés à cabeça - poderia ter sido seu marido... Se não tivesse acabado por ser uma prostituta.

CAPITULO 31

De repente, a boca de Lindsey secou, e ficou difícil respirar. A noite parecia inquietantemente silenciosa. A escuridão dentro do estábulo parecia envolvê-la. Sabia a quem pertencia essa voz... A Stephen. Ele a tinha seguido até os estábulos. Estava claro que tinha descoberto sua relação com Thor. E pode ser que também se inteirou - não sabia se através de Simón Beale ou de Tilly Coote - que estava tentando declará-lo culpado de assassinato.

Só podia haver uma razão para que ele estivesse nos estábulos.

Stephen tinha a intenção de matá-la.

Lindsey estremeceu quando ele emergiu das sombras. Um homem alto, loiro, atraente, um homem com riqueza e posição que tinha escolhido o mal em vez do bem. Tilly Coote poderia tê-lo empurrado nessa direção, mas, como Thor havia dito, a escolha tinha sido dele.

Lindsey o observou quando se aproximou mais dela, e um raio de luar iluminou seu rosto. A malícia distorcia seus traços. O mal cintilava em seus olhos. Quase não reconheceu o homem que bloqueava seu caminho para a liberdade.

-O que quer? – ela perguntou-lhe, com o estômago em um punho, tentando ganhar tempo enquanto repassava suas opções mentalmente.

As venezianas do estábulo estavam fechadas para proteger o lugar do frio, exceto a janela onde tinha estado acesa a lâmpada e que estava muito perto da porta principal. Não havia mais que uma entrada, só uma maneira de sair dali. E Stephen fechava seu caminho.

Lindsey olhou a seu redor, tentando controlar suas pernas trêmulas, procurando algum tipo de arma, alguma maneira de defender-se. Nos estábulos, os cavalos começaram a remexer-se. Sabre devia ter escutado a tensão em sua voz, pois soprou e começou a escoicear.

-Já sabe o que quero - Stephen finalmente respondeu, soando bastante perto - Quero liberar o mundo de outra prostituta desprezível.

Lindsey engoliu em seco, tentando armar-se de coragem.

-É Tilly, Stephen? É por culpa de Tilly que assassinou todas essas mulheres?

Ele soltou um risinho rouco.

-Esta noite será você a quem matarei.

Stephen desapareceu na escuridão, e o pulso de Lindsey disparou. Não poderia chegar à porta. Stephen não permitiria. Avistou uma fileira de ferramentas em um cabideiro na parede, correu para ali e agarrou um ancinho. Com as costas grudadas na parede, firmou os pés sobre o chão e esperou. Aguçou o ouvido na escuridão, tentando ouvir os sons que denunciassem a posição de Stephen.

Tudo que ouviu foi o selvagem pulsar de seu coração e os coices dos cavalos que, inquietos, não paravam de mover-se em suas baias. Surgiu um ruído no canto e ela voltou à cabeça de repente nessa direção.

-Aqui - Stephen disse com suavidade - Quer lutar comigo? Eu gostarei disso. Por que não vem para mim?

Por que não o fazia? Se ele ia matá-la, não deveria facilitar. Afastando-se da parede, moveu-se para a voz. Talvez pudesse rodeá-lo, alcançar a porta e fugir. Segurando o ancinho firmemente com as mãos, sendo isso cada vez um pouco mais difícil já que o cabo de madeira escorregava entre suas palmas suadas, virou-se rapidamente ao sentir que a voz de Stephen agora veio de trás dela.

-Solte a arma - ele ordenou-lhe com suavidade - Não vai querer que isto seja mais difícil do que já vai ser não é?

No outro extremo do estábulo, Sabre começou a empinar, a soprar e a chutar as tábuas de sua baia. Relinchos agudos encheram o estábulo.

-Não vou permitir que me mate, Stephen – ela disse, apertando com os dedos o cabo do ancinho - Se aproxime um pouco mais e verá qual dos dois morre.

Ele riu, uma risada que ressoou como um trovão na escuridão.

-Por acaso você pensa que vou estrangulá-la? Lamento, mas desta vez eu devo me privar de tal prazer.

Os cascos de Sabre golpeavam contra as tábuas de sua baia, mas Stephen não parecia ouvi-lo. Emergiu das sombras, ficando iluminado por um raio de luar, e o ódio que fulgurava em suas feições provocou um calafrio nas costas de Lindsey.

- Eu adoraria rodear esse seu belo e pálido pescoço com as mãos e a estrangular até que seu corpo ficasse inerte. Mas então Rudy ficaria livre e estragaria meus planos.

-E você quer se vingar pelo que aconteceu no Ganso?

-Então ele lhe contou? Rudy jamais soube manter a boca fechada. - Levantou a mão e ela conteve o fôlego ao ver uma pistola sob a luz que entrava pela porta aberta dos estábulos - Você satisfaria muito bem as minhas necessidades, puta, mas infelizmente o destino tem outros planos.

Embora o ar estivesse gelado, uma gota de suor escorreu entre os seios de Lindsey. Stephen se aproximou ainda mais, levantou a pistola e apontou para seu coração. Em uns segundos estaria morta.

Agarrando o ancinho, Lindsey gritou e se jogou contra ele, arremetendo com o ancinho, com todas as suas forças. O eco do disparo ecoou nos estábulos e Stephen soprou de dor quando os dentes do ancinho se cravaram na lateral de seu corpo.

Soltando um violento juramento, e ofegando, livrou-se do ancinho, e um instante depois apareceu outra pistola em sua mão. De novo, voltou a apontar para Lindsey.

-Deveria ter pensado melhor. – ele tocou o sangue que emanava da ferida de seu corpo, que não tinha sido profunda o suficientemente para matá-lo - Acabemos com tudo isto. - aproximou-se mais e apontou para o peito dela com a arma.

-Lindsey, está aqui? - A profunda voz de Thor invadiu a escuridão, e sua silhueta alta se recortou contra a luz da lua que entrava pela porta do estábulo.

-É Stephen! - Lindsey gritou - Ele tem uma arma!

-Fique onde está! - Stephen ordenou a Thor sem deixar de apontar para Lindsey. Thor parou de repente - Mova um só músculo e eu a mato.

Thor captou a cena imediatamente, e, à luz da lua, Lindsey viu como ele endurecia a mandíbula.

-Você pensa que deixarei que a mate? Só tem um disparo, o que fará depois?

Ele virou a arma para Thor.

-Bom, dispararei primeiro em você e em seguida me ocuparei de sua prostituta.

Stephen apontou com cuidado e logo ficou paralisado quando ouviu um forte estrondo, e Sabre saiu como um raio negro de seu estábulo. O garanhão foi direto para Stephen, que apontou a arma em sua direção e apertou o gatilho às cegas. Sabre se elevou sobre suas patas traseiras e com uma fúria mortífera golpeou Stephen com seus cascos dianteiros, jogando-o violentamente contra o chão. Os cascos do garanhão golpearam uma e outra vez a Stephen.

-Sabre, pare! - Thor correu para ele - Sabre!

Mas quando conseguiu controlar o animal, Stephen Camden, visconde de Merrick, só era um vulto ensanguentado e sem vida no chão dos estábulos. O garanhão retrocedeu, soprando, com sua pelagem negra brilhando de suor.

-Thor! - Lindsey correu para ele, que a agarrou em seus braços.

-Por todos os deuses, Lindsey!

Ela enterrou o rosto em seu ombro e sentiu que ele a apertava contra seu corpo.

-Está bem? Lindsey... Está ferida?

Tommy Booker entrou correndo nos estábulos bem nesse momento.

-Santo Deus!

-Stephen me seguiu até aqui - Lindsey tentou lhes explicar com a voz trêmula - Ele tentou me matar e eu... Cravei-lhe o ancinho. Ele teria matado a você também... Se não fosse por Sabre.

Então se pôs a chorar, com profundos soluços que não podia conter. Thor a estreitou ainda mais entre seus braços. Tommy Booker recuperou a lâmpada, acendeu o pavio e os estábulos se encheram de uma luz dourada.

-Calma, menino - Tommy disse, se aproximando de Sabre e levantando uma mão para o acariciar. Imediatamente deu um salto cheio de horror.

-Atiraram nele! Sabre está ferido!

Lindsey soltou um grito, e tanto Thor como ela correram para o animal. Lindsey conteve um soluço ao chegar ao lugar onde o garanhão permanecia em pé tremendo. O sangue emanava de uma ferida em seu peito. O animal relinchou suavemente, deu um empurrãozinho em Lindsey com o focinho, e depois caiu pesadamente sobre os joelhos como se ele se rendesse diante dela.

-Sabre! - As lágrimas brotaram dos olhos de Lindsey quando Thor se ajoelhou ao lado de seu amado cavalo - Oh, meu Deus, Oh meu Deus! – ela mordeu o lábio inferior, tentando recuperar a compostura, sabendo que não era o momento de ter um colapso - Temos que encontrar ajuda. Temos que fazer algo!

O sangue do garanhão escureceu sua saia quando se ajoelhou ao lado de Thor, cujas mãos tremiam enquanto se ocupava do cavalo.

-Conheço um veterinário - ela disse, lutando para que a voz não tremesse - Ele cuida da manada de éguas que meu pai tem na cidade. Chama-se Carlton e vive aqui perto... Em Kinsey Street... No final da quadra de Richman Lane.

Thor olhou para o rapaz.

-Vá buscá-lo, Tommy, e no caminho avise a polícia.

-Mencione o nome de meu pai - Lindsey acrescentou - Diga ao veterinário que o barão de Renhurst pede que venha.

-Eu já o trarei senhorita!

-Vá depressa, Tommy!

O menino saiu correndo do estábulo, deixando-os cuidando do garanhão. Sabre soprou com suavidade e tentou levantar a cabeça, mas não tinha força.

-Temos que conseguir que pare de sangrar - Thor disse.

Lindsey correu ao quarto de ferramentas para procurar uma manta, preocupada tanto com Thor quanto com Sabre. Ajoelhando-se ao lado do viking, deu-lhe a manta, que ele rasgou em tiras as dobrando e as pressionando contra o buraco pelo qual tinha entrado a bala. Dobrando outra tira a apertou contra a ferida aberta.

-Não pode morrer - Lindsey disse, com as lágrimas escorregando pelas bochechas - Ele salvou nossas vidas.

Thor não respondeu, mas apertou os dentes com uma fúria impotente. Lindsey olhou para Sabre. Era evidente que a ferida era grave, provavelmente mortal. Lindsey sabia que Thor estava sofrendo quase tanto quanto Sabre.

Acariciou o pescoço do garanhão e alisou o pelo da testa.

-Tem que ficar bom, menino. Tem um trabalho a fazer para Thor.

O cavalo emitiu um suave som e Lindsey sentiu apertar seu coração. O animal tinha aveludados olhos castanhos que pareciam estar despedindo-se.

-Não deixarei que morra - murmurou ela - eu não permitirei.

Santo Deus, não sabia o que mais podia fazer, o que poderia alguém fazer para salvar aquele magnífico cavalo.

Thor acariciou o pescoço do garanhão e lhe sussurrou palavras tranquilizantes em sua língua materna. Enquanto Lindsey pressionava o pano sobre a ferida sangrando do cavalo, Thor se afastou um momento, pegou outra manta e se dirigiu para onde Stephen estava estirado no chão. Observou o ancinho ensanguentado ao seu lado e dando uma rápida olhada a Lindsey, desdobrou a manta e cobriu o corpo sem vida do homem.

-Não merecia uma morte tão rápida – ele disse com fúria - Inclusive a força teria sido muito boa para ele.

Lindsey pensou nas mulheres que Stephen tinha assassinado, pensou no belo cavalo que respirava com dificuldade e concordou com Thor. Merrick tinha merecido algo pior.

Thor retornou para junto dela e trocou de lugar com Lindsey, pressionando sua enorme mão sobre o pano que cobria a ferida. Durante todo o tempo ele falou com o garanhão de maneira suave, chamando o cavalo Brandr Fra Dat Konungr, Sabre do Rei, tranquilizando-o e lhe prometendo que logo chegaria ajuda, pedindo que lutasse como o campeão que era e que não se rendesse.

-Não pode permitir que um homem assim tire sua vida - ele disse suavemente, acariciando o cavalo - Tem sangue de campeões nas veias. Tem que gerar filhos que reinem durante gerações.

Sua voz falhou, e ele afastou o olhar, enquanto seu pomo de Adão se movia de cima para baixo. Engoliu em seco.

-Onde está o veterinário? - Thor falou com truculência depois do que pareceram horas.

-Ele virá logo - Lindsey disse, estendendo a mão para reconfortá-lo, sofrendo por ele em silêncio - Não podemos pensar outra coisa. Sabre só tem que resistir até que ele venha.

Quinze minutos depois o som de passos fez com que Lindsey olhasse para a porta. Tommy Booker apareceu sob a luz da lâmpada, ofegante e suando. Atrás dele vinha o veterinário de cabelo grisalho, e Lindsey se sentiu cheia de esperança.

-Doutor Carlton! - ficou de pé e se dirigiu para ele - Graças a Deus que veio. Sabre tomou um tiro. Necessita urgentemente sua ajuda.

Carlton era um cinquentão que usava uma roupa enrugada, e o olhar sonolento de quem acabava de ser obrigado a sair da cama.

Ajoelhou-se junto ao garanhão, levantou o pano ensanguentado e franziu o cenho. Examinou com cuidado a ferida e Sabre não tentou o deter.

-O que pode nos dizer, doutor? - Thor perguntou com preocupação.

O veterinário continuou trabalhando e depois olhou para Thor.

-Da ferida não sai sangue espumoso, o que quer dizer que o disparo não atingiu o pulmão.

O veterinário auscultou ao cavalo, tentando descobrir o ângulo que a bala tinha seguido. Sabre ergueu a cabeça, evitando o contato do doutor, mas em seguida se deixou cair de novo, muito fraco pela perda de sangue.

-Não consigo verificar se a bala ainda está dentro ou se saiu por algum lado.

Como o cavalo era muito pesado para movê-lo, Thor apalpou com suavidade por debaixo dele, tentando procurar algum indício de sangue. Sabre estremeceu com força quando o viking tocou o orifício de saída pela qual também emanava sangue.

-Acabo de encontrar o orifício de saída - disse Thor - Isso é bom, não é?

O veterinário assentiu com a cabeça.

-Exceto pela perda de sangue. Mas ao menos não teremos que pinçar procurando a bala.

-O que podemos fazer? - Lindsey perguntou.

-Se conseguimos deter a hemorragia, o cavalo pode ter alguma chance. Entretanto, existe o risco de infecção.

Lindsey tentou conter a onda de desespero que a invadiu. As coisas pareciam fadadas a dar errado. Mas não podiam render-se.

-Podemos costurar as feridas? Isso deteria a hemorragia?

-O tiro não atravessou nenhuma artéria, se não já estaria morto a esta altura. Mas temos que encontrar uma maneira de levantá-lo para poder nos ocupar da outra ferida assim como da do peito.

-Posso improvisar uma tipoia - Thor falou - Mas necessitarei que me deem uma mão. - Olhou para Tommy, que tinha os olhos úmidos e o rosto pálido. Estava claro que o jovem tinha chegado a se afeiçoar pelo garanhão tanto quanto eles - Vá procurar meu irmão – ele acrescentou - Conte a ele o que aconteceu e diga para vir depressa.

Thor deu ao garoto o endereço da casa de Leif em Berkeley Square, e Tommy saiu disparado do estábulo naquela direção.

Passando longos cabos de cordas grossas pelas vigas do teto, Thor começou a construir um dispositivo que levantasse ao cavalo o suficiente para poder costurar suas feridas e colocar uma bandagem. Mesmo assim, tinham que ter muito cuidado em movê-lo, já que o sangue poderia sair com mais força.

Lindsey observou Thor trabalhar com o coração cheio de amor por ele. Sabia a dor que ele estava sentindo e que mal conseguia se manter sob controle. Sabre significava muito para ele... Muitíssimo.

«Por favor, meu Deus, o ajude a salvar esta formosa criatura...»

Mesmo não conseguindo acabar a oração, esperou de todo coração que Ele a tivesse escutado. Nesse momento a vida do garanhão estava nas mãos de Deus.

Era mais de meia-noite. Embora a luz não estivesse longe, e eles tinham acendido outra, só um brilho tênue esquentava o interior dos estábulos. Thor levantou o olhar ante o som de fortes pisadas e se sentiu embargado pela emoção ao ver seu irmão se aproximar.

Quando ficou em pé e se aproximou para lhe agradecer, Leif rodeou seus ombros com um braço e lhe deu um forte abraço.

-Lamento, irmão. No que posso ajudar?

Thor suspirou. Seu irmão sempre tinha estado disponível quando ele necessitava. Não tinha duvidado em nenhum momento que Leif ajudaria essa noite. E isso significava muito para ele.

-Temos que levantá-lo - Thor disse - A bala entrou pelo peito e saiu pelo lado. Temos que costurar tanto o orifício de saída como o de entrada. Improvisei uma tipoia, mas necessito de sua ajuda para que funcione.

Leif só assentiu com a cabeça. Apertou os dentes ao descer o olhar para o garanhão. Thor apresentou seu irmão ao veterinário, Leif saudou Lindsey, e, em seguida, os dois irmãos começaram a agir. Levantaram Sabre com muito cuidado, um pouco de cada vez, para poder colocar a tipoia sob seu ventre. Depois, Leif segurou a corda, enquanto Thor controlava o garanhão, e puseram o animal lentamente em pé.

Sabre lutou, mas só por um momento. Ele parou quando Thor lhe falou com suavidade, e Leif seguiu puxando a corda até que os cascos do animal ficaram sobre o chão. Amarraram a ponta da corda em um suporte de madeira para manter a tipoia em seu lugar.

Assim que acabaram, chamaram o veterinário para que examinasse as duas feridas.

Riscando uma linha imaginária entre o orifício de entrada e o de saída, ele disse:

-É bem possível que a bala não tenha afetado nenhum órgão interno. A hemorragia quase parou. Agora o problema que nós enfrentamos é a infecção, que é muitas vezes a causa da morte e não a própria ferida.

-Há alguma maneira de evitá-la? - Lindsey perguntou.

-Não, a ciência médica não chegou tão longe.

Trabalhando com silenciosa eficácia, o veterinário preparou a agulha com a qual fecharia as feridas, sobre tudo o orifício de saída, onde a bala tinha estilhaçado mais a pele.

Sabre abaixou a cabeça e tinha os olhos frágeis. Estava fraco pela perda de sangue, e por isso o médico suspeitava que logo aparecesse uma infecção.

Thor passou uma mão pelo rosto em um gesto de desespero e sentiu que Lindsey agarrava a outra mão. Ela entrelaçou seus dedos com os dele.

-Ele vai conseguir - ela disse - Não deixaremos que morra.

Mas ele sabia que o garanhão estava sofrendo e sentia sua dor em suas próprias vísceras.

-Vejamos o que ocorre - disse o médico - vamos descê-lo e deixar que descanse por um momento para que recupere um pouco de força.

Soou um ruído na porta. Thor levantou a vista e viu Krista entrando nos estábulos, com a saia azul de lã revoando enquanto corria para eles.

-Espere um momento, doutor!

Carlson se deteve.

-O que aconteceu? - perguntou Thor.

Krista lançou um olhar suplicante ao veterinário, lhe rogando em silêncio que esperasse.

-Eu fui ver Corrie e Gray. contei-lhes que Stephen tinha tentado matar Lindsey e que Sabre tinha recebido um tiro ao salvá-la. Pensamos que Samir poderia ajudar.

Então viram as outras três pessoas que corriam atrás dela, o conde de Tremaine e sua esposa, Coralee, e com eles um homenzinho miúdo e de pele bronzeada como os habitantes da Índia, que era o valete de Tremaine.

Thor podia ler a preocupação em seus rostos, preocupação por ele e pelo cavalo que sabiam que amava. Engoliu para desfazer o nó que sentiu na garganta.

-Sou um homem afortunado por ter tais amigos – ele disse bruscamente.

Gray lhe dirigiu um olhar de simpatia, a seguir olhou brevemente para o corpo coberto por uma manta que estava nas sombras antes de conduzir sua esposa até o doutor de cabelo grisalho.

-Como vai, doutor?

-Ele ficará bem? - perguntou Coralee com preocupação, com o cabelo avermelhado, enredado pelo sono, preso atrás das orelhas.

-A hemorragia parou e me preparo para fechar as feridas. Já comentei com o senhor Draugr que nosso maior inimigo agora é a infecção. - voltou-se para Thor - Vou necessitar que segure o cavalo enquanto o costuro.

Mas antes que pudesse mover-se, Samir se adiantou arrastando os pés, com os ombros levemente encurvados. Vestido de branco dos pés a cabeça, sua magra silhueta escura ficou recortada contra a luz da lâmpada quando parou diante de Thor.

-Eu trouxe uma poção. É necessário aplicá-la antes de costurar a ferida.

O veterinário franziu o cenho.

-Que tipo de poção? Este cavalo foi gravemente ferido. Estou fazendo todo o possível por salvá-lo. Não deixarei que meu trabalho seja destruído por algum tipo de... Feiticeiro estrangeiro.

Thor deu um passo para frente. O mesmo fizeram Lindsey, Corrie e Gray.

-Samir é um grande curandeiro - disse Thor, recordando o dia que tinha salvado a vida de Coralee - Já o demonstrou antes.

-Se alguém pode salvar este cavalo - Corrie acrescentou - é Samir. Por favor, doutor Carlton, deixe que ele tente.

-Minha esposa tem razão, Carlton - Gray disse - Este homem pode fazer milagres.

-De acordo - o doutor disse com óbvia desaprovação - Mas não me considero responsável pelo que possa ocorrer.

Samir se aproximou do cavalo e derramou a poção na ferida do peito, arrancando só um suave relincho de Sabre, em seguida fez o mesmo com a ferida no lado.

-Obrigado, amigo - disse Thor a Samir.

O homenzinho fez uma reverência.

-Eu rezarei por seu formoso cavalo.

Os olhos de Thor arderam.

-Obrigado.

Prometendo retornar, o miúdo hindu desapareceu nas sombras como se jamais tivesse estado ali. Enquanto isso, Thor acalmou o garanhão enquanto o veterinário

fechava as feridas, exercendo seu trabalho com rapidez e eficácia. Enfaixou as feridas e depois colocou seu instrumental na maleta de couro que havia trazido consigo.

-Agradeço tudo o que tem feito por ele - disse-lhe Thor, colocando as mãos nos bolsos, esperando ter dinheiro suficiente para pagar os honorários do homem.

-Não se preocupe por isso esta noite. Amanhã voltarei para ver como está. - Thor assentiu com a cabeça - As próximas horas são cruciais - continuou o doutor Carlton - se ainda estiver vivo pela manhã... - Deixou a frase em suspense porque não era necessário acrescentar mais nada.

Carlton deixou o estábulo com Sabre ainda suspenso pela rudimentar tipoia. Thor e Leif desataram a corda que o sustentava e o cavalo, que tinha as pernas muito fracas para manter-se em pé, deixou-se cair sobre o colchão de palha que tinha debaixo dele. Apoiou-se sobre um lado e baixou a cabeça. Olhou para Thor e fechou lentamente seus enormes olhos castanhos. Thor sentiu o coração oprimido.

Como se soubesse o que Thor sentia, Lindsey se aproximou dele. Deslizou os braços pelo seu pescoço, apertou sua bochecha contra a dele e, simplesmente, abraçou-o. Thor jamais a tinha querido tanto.

Assim que o doutor partiu, chegou à polícia. Entraram dois agentes uniformizados, um jovem e loiro e o outro de mais idade, com a pele corada e curtida.

-Bem, que diabos ocorre aqui? - O jovem polícia examinou o caos dos estábulos, passando o olhar entre o cavalo ferido e a manta que cobria o corpo sem vida a uns metros.

-Acredito que deveriam explicar-se - disse o policial de mais idade.

Thor se separou de Sabre, aproximou-se do corpo sem vida e levantou a manta.

-Este homem é o assassino que estão procurando. O assassino de Covent Garden.

-É verdade - confirmou Lindsey - Chama-se Stephen Camden, é o visconde de Merrick. Matou essas três mulheres do distrito de Covent Garden, e a uma mulher em Foxgrove.

Leif, Gray, Krista e Coralee se aproximaram para confirmar a história do que tinha ocorrido no estábulo; como o visconde tinha seguido Lindsey para tentar matá-la. O policial mais velho se aproximou e examinou o corpo, viu o ancinho que Lindsey tinha utilizado e uma das pistolas do visconde.

-Acredito que será melhor trazer o agente Bertram - disse ao jovem policial - É ele quem está a cargo da investigação desses assassinatos. - Voltou a cobrir o corpo de Stephen - Enviarei uma carruagem para recolher o corpo.

Os homens partiram em busca de seu superior e não retornaram durante várias horas. Depois de que saíram, Krista, Leif, Corrie e o conde foram para casa. Krista e Leif prometeram passar pela casa de Lindsey para contar o ocorrido a seus pais, para que soubessem onde ela estava e que estava a salvo.

Lindsey acreditava que o mais provável era que nem sequer perceberam que ela tinha saído, mas certamente se alegrariam em saber que seu filho logo seria posto em liberdade.

Stephen estava morto, e o caso dos crimes de Covent Garden por fim se resolveu.

E, conforme Lindsey descobriu na manhã seguinte, Simón Beale estava vivo. Quando retornou para sua casa para assear-se e trocar de roupa, recebeu uma nota do senhor Beale na qual ele dizia que Stephen tinha ouvido por acaso sua conversa com Thor e o tinha afrontado. Temendo por sua vida, Beale tinha fugido da casa do visconde e se ocultado. Lindsey tinha lhe respondido com uma mensagem direta na qual lhe informava que Stephen estava morto e ele a salvo.

Depois de tomar as declarações de Lindsey, de Thor e de Beale, o agente Bertram não teve mais remédio que revistar a casa de Stephen. Simón Beale não teve nenhum

problema em mostrar à polícia a gaveta onde Stephen guardava seus cachecóis, longos tecidos de seda rosa que certamente não eram apropriados para um cavalheiro. Encontraram sangue em um deles.

Os cachecóis por si só não eram prova suficiente, mas junto com o ataque a Lindsey e a informação fornecida pelo investigador Harrison Mansfield, que tinha estado fazendo averiguações sobre o desaparecimento de Penélope Barker, havia provas suficientes para obter a libertação de Rudy e retirar as acusações contra ele.

Resolvido o assunto dos assassinatos de Covent Garden, só restava pendente a luta entre a vida e a morte do magnífico garanhão de Thor.

Lindsey, embelezada com um simples vestido de lã marrom, acomodou-se sobre a palha ao lado de Sabre. Não tinha dormido em três dias, desde que tinham atirado no belo cavalo.

Tampouco Thor.

Lindsey abaixou o olhar para o cavalo, acariciando seu comprido e suave pescoço, lhe sussurrando palavras de ânimo e tentando lhe transmitir algo de sua força. Sabre reagiu com um suave relincho e fechando lentamente seus aveludados olhos castanhos. Em seguida exalou um longo suspiro.

-Sabre! - Lindsey tinha o coração apertado. O cavalo estava muito fraco e parecia estar sofrendo muito. Sua mão tremeu quando a esticou para tocá-lo e sentiu a suave pelagem negra sob os dedos - Está bem, menino. Tudo acabará bem.

Mas seu coração se encolheu ao pensar que aquele suspiro que o cavalo tinha dado podia ser o último. Em seguida, o garanhão tomou uma larga baforada de ar, e Lindsey sentiu um alívio tão grande que ficou tonta. Levantou o olhar ao ouvir passos e viu Thor aproximando-se dela, com os olhos azuis cheios de dor e angústia. Quando a olhou depois de sentar-se na palha ao lado de seu precioso cavalo, viu algo em seu rosto que jamais tinha visto antes.

-Como ele está? - perguntou Thor.

-Não sei. Eu pensei que havia... Pensei...

Justo nesse momento, Sabre soprou. Olhou para Thor, levantou a cabeça com orgulho e tentou ficar de pé. Thor se aproximou da corda que segurava a tipoia e puxou com força para oferecer ao garanhão a ajuda que necessitava, e Sabre conseguiu manter-se em pé de maneira instável.

-Ele ficou de pé! - Lindsey gritou enquanto Thor prendia a corda no poste de maneira apertada o bastante para oferecer ao cavalo o suporte que ele necessitava - Você acha que ele... Acha que ficará bem?

Thor se virou depressa para Sabre. Examinou rapidamente as feridas e depois as pupilas dos dois olhos.

-Está melhor, não é? - ela perguntou-lhe - Ele não pode morrer, tem que ficar bom.

Thor sorriu, e havia tal felicidade em seu rosto que o coração de Lindsey deu um salto.

-Sim, acredito que ficará bem.

E enquanto o animal se mantinha em pé cambaleante, mas garantido sobre as quatro patas, observaram que respirava de maneira regular e que já não tinha os olhos frágeis. Ia sobreviver. Sabre soltou um bufo, relinchou e elevou sua magnífica cabeça, agitando sua espessa crina. Lançou outro comprido e profundo relincho e o som soou tão doce aos ouvidos de Lindsey que não pôde reprimir as lágrimas.

Thor a atraiu para seus braços.

-Vai ficar bem. Você me ajudou a salvá-lo, querida. Jamais esquecerei o que tem feito.

-É que eu... Também o amo, Thor.

Thor inspirou fundo, como se tivesse algo importante para dizer, mas não pudesse encontrar as palavras adequadas. Afastando um passo, pegou-a pela mão e a levou sob os brilhantes raios de sol. De pé, sob um brilhante céu azul, Thor parecia incrivelmente alto e atraente, e o coração de Lindsey se encheu de desejo. Seus olhares se cruzaram e onde só havia dor uns minutos antes, agora havia uma ardente necessidade e de algo mais profundo, mais intenso.

Lindsey tentou sorrir, mas estava muito nervosa e cheia de esperança pelo que ele podia dizer.

-Estou... Estou tão feliz por você, Thor.

Em lugar de dizer algo, ele segurou seu rosto com aquelas mãos grandes e morenas, e inclinou a cabeça para beijá-la com suavidade.

-É você quem me faz feliz, Lindsey. Você e ninguém mais além de você.

Essas palavras envolveram o coração de Lindsey, e a esperança cresceu ainda mais.

-Chegou o momento de eu falar com seu pai. Aconteceram muitas coisas. Temos que discutir sobre alguns assuntos. Depois nos casaremos, e tudo será como tem que ser.

Lindsey só assentiu com a cabeça. Iriam se casar como ele havia dito. Pode ser que seus pais não aprovassem, mas ainda não conheciam Thor.

-Eu penso que chegou sim o momento. Em um par de dias, poderemos...

-Hoje - ele disse com firmeza - Tommy cuidará de Sabre. Irei até em casa e me vestirei da maneira adequada. Encontraremos-nos na casa de seus pais. Falarei com seu pai como deveria ter feito muito antes.

-Mas...

O feroz olhar de Thor a fez interromper-se.

-Eu quero te ter em minha cama, Lindsey. Estou cansado de andar me ocultando como se o que fazemos quando estamos juntos fosse algo errado. Estou cansado de esconder o que sinto por você.

Ela o olhou com um nó na garganta.

-E o que é o que sente por mim, Thor?

Ele olhou-a de uma maneira terna e intensa.

-Eu te amo, Lindsey Graham. Mais do que a minha vida.

E assim foi como, uma vez que tinha encontrado a maneira de dizer o que sentia, a tensão desapareceu do enorme corpo de Thor, e sua boca se curvou em um sorriso tão cheio de amor que o coração de Lindsey simplesmente derreteu.

-É doce e tem um coração terno - disse ele - É inteligente e empreendedora. É a mulher mais valente que conheci e mesmo que algumas vezes seja muito teimosa, nem por isso deixa de ter razão. É minha alma gêmea, a mulher que os deuses escolheram para mim, e a amarei agora e sempre.

Os olhos de Lindsey se encheram de lágrimas.

-Thor... - As lágrimas rolaram por suas bochechas quando ele a tomou em seus braços e a beijou apaixonadamente - Eu te amo - ela disse em voz baixa - Eu te amo tanto.

Tinham muitas coisas que resolver. Lindsey estremeceu ao pensar no confronto com seus pais que os esperava. Rogou para que com o tempo eles aceitassem Thor como membro da família, mas a verdade era que não se importava. Thor a amava e ela a ele e isso era o que verdadeiramente importava.

Thor lhe mordiscou um lado do pescoço.

-Houve um tempo no qual não tinha coragem para te dizer o que sinto, mas isso se acabou. Eu te amo, Lindsey, e te juro que serei o marido que você merece.

Lindsey levantou o olhar para ele, para esses melancólicos olhos azuis e soube que esse homem, ao qual ela queria com toda sua alma, cumpriria com sua palavra.

EPILOGO

Dois meses mais tarde.

Na casa ressoava o eco dos brindes, das risadas e das felicitações. Depois das bodas, um simples serviço litúrgico, ao qual só tinham comparecido os mais chegados à família, na capela da igreja de St. Mary, os pais de Lindsey tinham dado uma pequena celebração em sua casa.

Seu pai ainda seguia resmungando, mas finalmente tinha aceitado seu matrimônio com Thor. Sua mãe estava sucumbindo lentamente ao encanto não tão sutil daquele que agora era seu marido. Thor era, depois de tudo, um homem muito bonito e muito viril, e sua mãe não conseguiu permanecer imune por muito tempo. A sua maneira, Thor era doce, compassivo e... Era evidente o muito que amava sua filha.

E quanto a Rudy, seu irmão virtualmente o adorava. Thor tinha ajudado a provar sua inocência. Sem essa ajuda, poderia ter sido executado.

Também haviam se resolvido os outros problemas. Lindsey tinha explicado a situação a Michael, desculpou-se com ele e tinha lhe pedido que a perdoasse algo que, surpreendentemente, tinha feito. Também tinha ajudado Krista a encontrar um novo editor para a coluna de Coração a Coração, embora esperasse continuar escrevendo artigos de vez em quando.

Lindsey notou que seu marido – há apenas quatro horas - puxava sua mão.

-Eu esperei muito tempo. Chegou o momento de ir.

Lindsey voltou o olhar para o grupo de pessoas que falavam e riam na saleta.

-Ao menos, me deixe me despedir.

Ele acessou a contra gosto.

-Eu esperarei aqui, mas não demore.

Ela deu-lhe um olhar de soslaio. Thor ainda não gostava de reuniões sociais, mas não se importava muito. Ela lhe ofereceu um sorriso cálido e cruzou a sala para o círculo onde se encontravam seus amigos.

Foi até Krista e Leif.

-Obrigado por tudo. São os melhores amigos do mundo.

Krista apertou sua mão.

-Eu estou tão feliz por você.

Leif se inclinou e a beijou na bochecha.

-Meu irmão é um homem muito afortunado. Bem-vinda à família.

Os olhos de Lindsey se ofuscaram.

-Obrigado.

Olhou para Corrie e Gray.

- Digam a Samir que sempre lhe seremos gratos pelo que fez por Sabre.

-Nós o diremos - prometeu Corrie.

-Também queremos que saibam quão agradecidos estamos de poder tê-los como amigos.

Gray levantou a taça de champanha. Deu um olhar carinhoso a sua esposa, que fazia duas semanas tinha descoberto que finalmente estava grávida. Gray tinha ficado encantado com a notícia, o que era evidente pela maneira com a qual se preocupava com Coralee.

-Casou-se com um bom homem, Lindsey - disse Gray - embora eu negue categoricamente se lhe disser que eu disse isso.

Lindsey riu e desviou a vista para onde seu marido a esperava com impaciência, com um olhar faminto nos olhos. Sabia que Thor estava impaciente para começar sua noite de núpcias, e sentiu um comichão de antecipação no estômago.

-Tenho que ir. Eu os verei de novo em um par de semanas.

Leif riu.

-Terá sorte se meu irmão a deixa sair da cama antes do fim do mês.

Lindsey corou.

Thor se uniu a ela para as despedidas finais, que incluíram um breve adeus a seus pais e a sua tia Delilah, que tinha retornado a Londres para o casamento.

-O que eu havia dito? - Sussurrou tia Dee dirigindo a Thor um olhar conspirador - Sabia que seria impossível ser só amiga de um homem com essa aparência.

Lindsey sorriu amplamente.

O par de tia Dee, o coronel Langtree, arqueou uma de suas sobrancelhas prateadas.

-Querida, também acha ser difícil ser só minha amiga? – ele deu a Delilah um olhar possessivo que deixava muito claro suas intenções; tia Dee enrubesceu, e Lindsey soube que não demoraria muito em celebrar-se outras bodas.

Thor pegou Lindsey pela mão, e os dois se afastaram sorrindo. Uns minutos mais tarde puderam por fim escapar.

-Ainda há quase uma hora de viagem até em casa - queixou-se Thor - e tenho intenção de consumir este matrimônio em nossa própria cama.

Para Lindsey não passou despercebido o brilho ardente nos olhos de Thor, e seu corpo ardeu em consequência da promessa do que estava por vir.

Estavam há semanas sem fazer amor, pois Thor tinha insistido em que não reclamaria seus direitos maritais até que estivessem casados.

Lindsey se perguntou se ele realmente aguentaria até chegar em casa.

Mas Thor permaneceu impassível enquanto a carruagem avançava para Greenbriar, a propriedade que tinha comprado no campo para estabelecer sua própria criação de cavalos puro sangue. Seu controle foi admirável, embora, é claro, não se privou de tocá-la, beijá-la e acariciá-la durante todo o trajeto, e quando chegaram à propriedade, Lindsey se achava consumida pela luxúria.

-Não é justo - ela resmungou enquanto tentava inutilmente o envolver para fazer amor no luxuoso assento de veludo da carruagem.

-Logo, querida - ele prometeu, beijando-a profundamente outra vez - Esta será uma noite que recordará por toda sua vida.

Lindsey gemeu para si mesma. Jamais tinha sofrido uma tortura assim. Com cada olhar ardente, com cada apaixonada carícia, Thor lhe prometia um prazer que nunca esqueceria.

Assim, quando finalmente a carruagem parou diante da bela mansão, e ele a conduziu ao interior, Lindsey só notou as pétalas de rosa espalhadas pelo chão de madeira polida enquanto subiam as escadas para a suíte do senhor da casa, nem percebeu as suaves pétalas que cobriam os lençóis brancos de linho da cama de colunas, nem o fragrante perfume de lilás que desprendiam os travesseiros.

Assim que Thor cruzou a soleira do dormitório iluminado por velas, com ela nos braços, Lindsey esticou a mão para segurar sua cabeça e atrair sua boca a dela para lhe dar um beijo profundo e ardente. Thor emitiu um gemido rouco e lhe respondeu de maneira febril. Em uns minutos, a tinha despido e a tinha depositado sobre a enorme cama que compartilhariam a partir dessa noite.

-Minha intenção era despi-la lentamente – ele disse-lhe entre beijos ardentes - mas, mesmo que tenha uma vontade de ferro, minha esposa, só sou um homem.

Lindsey riu quando os lábios masculinos deslizaram desde sua boca a seus seios. Depositou-lhe beijos ardentes no umbigo antes de seguir descendo para brincar com o interior de suas coxas. Passou-lhe um dedo pelo pêlo encaracolado de seu sexo, e Lindsey ofegou quando a boca de Thor encontrou seu lugar mais íntimo e começou a saboreá-la.

O prazer a atravessou. Lindsey alcançou o orgasmo imediatamente, agarrou-se aos poderosos ombros de Thor e gritou seu nome enquanto estremecia violentamente. Thor não parou. Ele tinha lhe prometido uma noite que lembraria e estava claro que tinha intenção de cumprir sua palavra, assim continuou com seu assalto até que ela alcançou um novo clímax.

Lindsey estava relaxada e saciada quando ele se colocou em cima dela, beijou-a apaixonadamente, procurou sua carne mais suave e a penetrou. O corpo feminino respondeu à vontade masculina, e o desejo ressurgiu nela novamente.

-Por favor... - ela gemeu, começando a contorcer embaixo dele - Thor... Por favor...

Um som de triunfo retumbou sob os poderosos músculos do peito de Thor. Ele inclinou a cabeça e lhe sugou os seios, em seguida começou a mover-se, possuindo-a com profundas estocadas que a fizeram ofegar. O prazer a envolveu de novo de uma maneira selvagem e intensa. As profundas investidas a levaram mais e mais alto, conduzindo-a para um clímax doce e glorioso.

-Thor! - ela gritou ao alcançar o zênite, rodeando-o com as pernas, e deixando cair à cabeça para trás quando umas agudas sensações a atravessaram.

Thor alcançou a liberação uns momentos mais tarde; seus músculos se esticaram e apertou os dentes com força quando as ondas de prazer alcançaram também a ele.

Durante longos momentos pareceram ficar suspensos em um mundo atemporal. Depois ele rodou para um lado e a segurou entre seus braços.

-Lindsey, você me pertence. É meu destino, meu coração. - Seus olhos se encontraram com os dela sob a oscilante luz das velas - Esta noite, se os deuses o desejarem, eu te darei um bebê.

Lindsey pensou na poção de Samir que estava guardada sem usar em uma gaveta, e no período que, fazia semanas, não tinha.

Um sorriso suave e secreto lhe curvou os lábios.

-Há muitas possibilidades, meu amor, de que isso já tenha ocorrido.

FIM

Nota da Autora

Espero que tenha gostado de Coração Audaz, o terceiro e último livro da trilogia Coração, que começou com Coração Leal, a história de Leif e Krista, e continuou com Coração Ardente, a história de Gray e Coralee. Se não pode lê-los ainda, espero que o faça logo e os aproveite tanto como eu.

Em breve publicarei Royal's Bride, a primeira parte de uma nova trilogia que narra à história de três atraentes irmãos e das apaixonadas mulheres que conquistarão seus corações.

Espero que também goste de Royal's Bride!

Enquanto isso, eu lhe desejo uma feliz leitura.

Trilogia Coração

- 1 – Coração Leal
- 2 – Coração Ardente
- 3 – Coração Audaz

GRH

Grupo de Romances Históricos

Para entrar neste grupo, enviar e-mail para
moderacaogrh@yahoo.com.br

